COLEÇÃO ÁGUA FRIA

CÔNEGO FRANCISCO LIMA

Ex-Presidente do IHGP, da APL
e professor emérito da UFPB

D. ADAUTO
SUBSÍDIOS BIOGRÁFICOS

Apresentação do monsenhor Marcos Augusto Trindade
e prefácio do acadêmico Manuel Batista de Medeiros

1º Volume / 2ª Edição
1855 – 1915

João Pessoa – PB
2007

REVISÃO TÉCNICA E ORTOGRÁFICA:
- *Félix de Carvalho*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:
- *Idris José Batista de Oliveira*

CAPA:
- *Milton Nóbrega*

IMPRESSÃO:
- *Nelson Farias de Souza Júnior*
- *Newton Lamarck Farias de Souza*
- *Ermira Limeira Ferreira*

PROGRAMAÇÃO VISUAL:
- *Nelson Farias de Souza*

Ficha Catalográfica

L732d Lima, Cônego Francisco
D. Adauto: subsídios biográficos. 1855 - 1915 / 2 ed. Cônego Francisco Lima. – João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.
390p. V.1 (Coleção Água Fria)

1. Biografia. I. Título.

UNIPÊ / BC CDU - 92

CÔNEGO FRANCISCO LIMA

D. ADAUTO
SUBSÍDIOS BIOGRÁFICOS

JOÃO PESSOA – PB
2007

I

"Fez da fé a iluminação da alma para as miradas do invisível. Foi na ação o obreiro de Deus num mundo que ainda não se acabou de criar, nutriu os espíritos do ideal da eternidade, das ânsias da vida eterna; tornou sua vida a salvação de todas as vidas que se acolheram à sua sombra, como as árvores pródigas que agasalham os transviados e matam a fome aos peregrinos sem alforges..."

(José Américo de Almeida – Discurso na comemoração do centenário de D. Adauto – 30 de agosto de 1955).

"Apóstolo inconfundível de operosidade e fé cristã, os fatores humanos e os segredos da morte não conseguirão apagar-lhe a obra de quase meio século que edificou para Deus"

(Argemiro de Figueiredo. Palavras por ocasião da morte de D. Adauto – 15 de agosto de 1935).

II

À memória augusta de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, 1º Bispo e 1º Arcebispo da Paraíba.

NIHIL OBSTAT

III

Parahybae 30 augusti 1955

Mons. Antonius Alphonsus
Censor Diocesanus

IMPRIMATUR
† Moysés Archiepiscopus Parahybensis.

SUMÁRIO

CAPÍTULO III
O primeiro Seminário

Três datas que muito resumem. Um caráter positivo. Nostalgia. O flagelo da imaginação. Uma vitória aos pés da Virgem de Loreto. A crisma. Uma caderneta preciosa. Resoluções que retratam uma personalidade.

CAPÍTULO IV
No Colégio Pio Latino e na Gregoriana

Roma e seu sentido eterno. Um estudante de teologia com ótimas intenções. Sem esquecer o vernáculo. A Companhia de Jesus e seus educandários. Um grande diretor de consciência. Sai mais um clérico das mãos de D. Vital. Sentimentos de D. Adauto ao ingressar nas ordens sacras. Propósitos renovados. Elevações espirituais. Santas recordações ao receber o presbiterato. Notas para uma carta. A tradução do "time is money" na prática. Desejando ficar em Roma por mais algum tempo. Doutor em direito canônico. Com a saúde abalada. Os conselhos de um facultativo. Regresso da Europa.

CAPÍTULO V
De volta ao Novo Mundo

O "Britannia da Pacific Steam Navigation". Um velho porto. O Recife em 1882. Duas cidades irmãs. Chegada à casa paterna. As primeiras impressões. Lágrimas de alegria. O jantar e as danças. Visitas e comentários. Alforria de uma escrava. Um programa de férias.

CAPÍTULO VI
O decênio 1882–1892 (I)

O Seminário de Olinda: sua história. D. Adauto catedrático de retórica e eloqüência. Grandes professores do Seminário no passado. Lentes do Seminário no decênio 1882 – 1892. D. Adauto, cônego efetivo do Cabido de Olinda. O direito do padroado. D. Adauto, diretor espiritual do Seminário de Olinda. O Orfanato de Santa Teresa e um dos seus antigos capelães. D. Adauto pregador. Sermões e prédicas.

CAPÍTULO VII
O decênio 1882-1892 (II)

Sentido humano de uma biografia. O ambiente familiar de D. Adauto. Tristezas e alegrias de umas férias. O primeiro casamento. Américo Novais, humorista e filósofo. Alegrias e tristezas de umas núpcias. Uma campanha contra o espiritismo. O abolicionismo em Areia. Os vigários Bastos e Odilon, amigos de D. Adauto. Como a República foi recebida em Areia. Uma reunião secreta, mas benéfica. As últimas grandes férias. Demarches dolorosas de um episcopado. Rumo ao Velho Mundo.

CAPÍTULO VIII
Da sagração ao findar do século (1894-1899)

A 1ª volta ao Velho Mundo. Recordações de uma viagem. Sagração episcopal. 1ª. audiência com Leão XIII. A "Pastoral de Saudação". Um conselho do Geral dos Jesuítas. Regresso de Roma. A posse na diocese. Aspecto da Paraíba no qüinqüênio 1894-1899. Primeiros atos no governo da diocese. Os fatos do Juazeiro. A 1ª ordenação. Primeiras efemérides de um episcopado (1895, 1896, 1897). Um conflito social-religioso: o célebre caso da Festa das Neves (1898-1899).

CAPÍTULO IX
O qüinqüênio 1900-1905

Conseqüência da Festa das Neves de 1899. Recrudesce a campanha anticlerical. O clímax da clerofobia indígena. Júlio Maria na Paraíba. O 1° decênio da diocese.

CAPÍTULO X
O qüinqüênio 1905-1910

A visita *ad limina* de 1905. A 1ª sagração episcopal na Paraíba. Eleição e sagração de D. Santino Coutinho, Arcebispo de Belém do Pará. As conferências do Pe. Levignani, S J. A pastoral "Deus e a Pátria".

CAPÍTULO XI
O qüinqüênio 1910–1915

O caso de Bananeiras. O 3° bispo saído do clero paraibano. As conferências de Fr. Eduardo Herberhold. A reposição da imagem de Cristo no tribunal do júri. A Paraíba elevada a arquidiocese.

APRESENTAÇÃO

Biografado e biógrafo em um grande livro

Marcos Augusto Trindade (*)

É com prazer que faço a apresentação dos subsídios da vida de Dom Adauto escritos, com muita precisão, pelo Pe. Lima. O que caracteriza este livro não é somente a vida de Dom Adauto, mas principalmente a cultura, a maneira de viver da Paraíba nos anos de Dom Adauto.

Tive o prazer de homenagear o Cônego Francisco Gomes Lima em seu centenário, com discurso que, convertido em livro, relata um pouco da biografia sobre Dom Adauto que ora lançamos pela Editora do UNIPÊ. É que os fundadores do IPÊ foram alunos do padre Lima, como o chamávamos.

A Paraíba precisa homenagear e conhecer o grande arcebispo da Paraíba, seu primeiro antístite. Paraibano de Areia, filho de senhor de engenho, foi um grande evangelizador. Fundou o Seminário Arquidiocesano e o Colégio Diocesano. Estudou no Seminário de Olinda. Depois foi para a Europa, tendo estudado no Santo Sulpício, na França, e no Colégio Latino-Americano, em Roma. O Pe. Lima soube descrever, com muita fidelidade, o brilhante aluno Adauto Aurélio de Miranda Henriques.

Voltando de Roma, já ordenado na Basílica São João de Latrão, foi nomeado professor no Seminário de Olinda. Fez parte do Cabido da Arquidiocese de Olinda e Recife, sempre brilhante no apostolado. Em seguida foi eleito bispo da Diocese da Paraíba. Em 1894 toma posse no bispado da nova Diocese.

Reeditar o livro sobre Dom Adauto representa uma homenagem justa. É fazer conhecer a história da Paraíba eclesiástica. É também fazer conhecer a história da Paraíba cultural, educacional, a vida simples, os festejos, a maneira de ser da Província e Estado da Paraíba.

É significativo que do Seminário da Imaculada Conceição saíram mais de treze bispos. Eram padres da Arquidiocese com muito valor espiritual. A capacidade de Dom Adauto era imensa. Não podemos esquecer que ele foi fundador de "A Imprensa", órgão de divulgação do pensamento católico da época. Seria como a televisão hoje. Grandes debates, grandes idéias foram difundidos pelo órgão de imprensa diocesano. Vários padres fizeram o jornal como defensores da fé, no estilo apologético da época. Nele Cônego Pedro Anísio, Cônego Florentino e muitos leigos escreveram artigos candentes.

A personalidade de Dom Adauto não seria conhecida sem esses subsídios de sua vida. Humildemente, Pe. Lima os chama de subsídios, mas creio que se trata de obra completa. Ela sintetiza a vida do nosso primeiro bispo que, durante quase quarenta anos, dirigiu com coragem, santidade, sabedoria e senso administrativo a Diocese da Paraíba. Em 1914 Dom Adauto foi elevado ao título de Arcebispo por Pio X. Conseqüentemente, ele se tornou arcebispo da Paraíba.

Enfatizemos a seguir a figura do autor dos *Subsídios sobre Dom Adauto*, com quem o Pe. Francisco Lima conviveu bastante. Um dia, na Catedral, o Bispo Adauto encontrou-se com um soldado: era Francisco Lima. Perguntou-lhe se desejava ser padre. Lima entrou no Seminário sob apelo de Dom Adauto.

Nasceu padre Lima no dia 20 de agosto de 1903, no Município de Caiçara. Ao tempo de seminarista, foi chamado para ser secretário particular de D. Adauto. Dessa convivência é que conheceu, profundamente, o arcebispo.

Seus pais, Gabriel Gomes de Lima e Francisca de Jesus, tiveram nove filhos: seis homens e três mulheres. O futuro padre Lima batizou-se em Caiçara no dia 25 de dezembro do mesmo ano. Seus padrinhos foram Antônio Madruga e Maria de Oliveira Madruga, primos de Francisco Lima. Era de família pobre. Foi criado pelo inesquecível Dom Filipe Francisco Gomes de Lima e fez o curso primário em Caiçara, com o professor José Soares de Carvalho.

Concluída sua primeira formação, Francisco Lima vai para a capital onde prossegue estudos no Seminário da Paraíba. Ainda no

Seminário concluiu brilhantemente os cursos de Filosofia e Teologia. Na Universidade Católica do Recife/Pe, formou-se em Letras. Ordenou-se sacerdote em março de 1932, pelas mãos de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Seu apostolado verificou-se como educador, professor, historiador, escritor, biógrafo, filólogo e latinista. Padre Lima viria depois a destacar-se como escritor e historiador, além de biógrafo.

Exerceu atividades pastorais como pároco de Areia e Alagoa Grande. Apoiou as irmãs franciscanas no colégio dirigido por estas irmãs. Lecionou no Colégio Pio XI de Campina Grande. Depois, foi transferido para a capital, onde foi diretor do Colégio Pio X. Tive a honra de ser aluno deste colégio no tempo de Padre Lima, sempre austero e brilhante intelectualmente. Ensinou Apologética no Seminário Arquidiocesano. Os jovens seminaristas, seus alunos, não se esqueceram das aulas de padre Lima. Fui aluno desta disciplina. As recordações do mestre são imensas.

Eis o currículo de padre Lima:

- Diretor do Ginásio Pio XI de Campina Grande, desde o dia 18 de janeiro de 1932.
- Coadjutor do vigário de Campina Grande, a partir de 27 de março de 1932.
- Diretor do Ginásio Pio X, em João Pessoa, a partir de 02 de janeiro de 1935 a 1940.
- Vigário de Alagoa Grande e Areia, de 02 de março de 1940 a 29 de março de 1948.
- Diretor e professor do Ginásio Santa Rita na cidade de Areia.
- Professor do Seminário Arquidiocesano da Paraíba.
- Capelão da Casa de Saúde do Hospital "São Vicente de Paulo" em 1952.
- Capelão do Abrigo Menino Jesus de Nazaré em 1960.
- Professor do Instituto de Filosofia das Lourdinas.
- Professor do Liceu Paraibano.
- Professor da Universidade Federal da Paraíba.
- Membro da Academia Paraibana de Letras, onde assumiu a

Cadeira nº 31 como fundador. O patrono dessa cadeira é o ex-Presidente Epitácio Pessoa.

- Membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, como patrono da Cadeira nº 30.

Padre Lima deixou para a Paraíba uma obra magnífica sobre a vida de D. Adauto de Miranda Henriques. Já li várias vezes este estudo que nos oferece perspectiva da Arquidiocese da Paraíba, de toda a Paraíba e do Rio Grande do Norte. Padre Lima, além de ser amigo pessoal, foi seu secretário particular no tempo que ensinava Filosofia e Teologia no Seminário Arquidiocesano.

A primeira edição era constituída de três volumes, agora reduzidos a dois. É uma homenagem ao Arcebispo da Paraíba e um louvor especial ao escritor padre Francisco Lima. Com sua fama e capacidade, soube deixar para a posteridade estes subsídios de D. Adauto. Esta obra literária e historiográfica confirma a capacidade dos valores humanos e a vivência do sacerdócio nos diversos setores vividos por Francisco Gomes de Lima. Creio que, publicando esta obra pela Editora do UNIPÊ, perpetuamos uma memória perene de nosso primeiro bispo e arcebispo.

Padre Lima, em certa parte do livro, sustenta modestamente que outros autores escreverão mais completamente. Contudo, pelo menos até hoje, ninguém escreveu mais precisamente sobre nosso querido Dom Adauto. Por isso, a homenagem do UNIPÊ ao arcebispo é também ao Cônego Francisco Lima.

Com seu lema *Iter para tutum* e invocando a Mãe de Deus, Dom Adauto considerava preparar um caminho futuro no seu apostolado. Em verdade, ele fez mais que isso – solidificou um caminho seguro para a nova diocese.

(*) Monsenhor do clero paraibano, com cursos de Teologia em Roma. Educador, com passagem por diversos estabelecimentos de ensino médio e superior, inclusive o Colégio Pio XII a que dirigiu. Conselheiro fundador do UNIPÊ de que se tornou reitor por mais de dez anos. Membro da Academia Paraibana de Letras, tem produzido obra densa e variada, com destaque para *A agronomia do essencial: vida, obra e ensinamentos do agrônomo José Augusto Trindade (2005).*

PREFÁCIO

A História Eclesiástica da Paraíba não tem ainda um bom autor. Falta-nos quem tenha sistematizado, desde os pródromos coloniais, os capítulos da História da nossa Província Eclesiástica. Menos pobre é a Historiografia leiga da Colônia, da Capitania, da Província e do Estado. Aqui mesmo, na capital, que sendo dedicada às Neves de Nossa Senhora, e ainda assim, a mais verde das Américas, foram escritas páginas da História Colonial do Brasil. Alguns dos historiadores eram eclesiásticos como, por exemplo, Frei Vicente do Salvador que pertenceu ao Convento de São Francisco, o autor do "Sumário das Armadas", e outros eclesiásticos.

Note-se que tais historiadores escreveram a crônica civil e não a eclesiástica. Posso dizer que, sem a História da Paraíba, não se escreveria a História do Brasil. Não fossem os cronistas das grandes ordens religiosas dos franciscanos, dos carmelitas, dos beneditinos e da Congregação (Ordem) dos Jesuítas, quase nada restaria da História Eclesiástica da nossa Paraíba, que é tão rica desde seus primórdios. Há, não se pode negar, contribuições fragmentárias de autores, sejam eclesiásticos ou leigos, à formação da Historiografia da Igreja na Paraíba. A participação na pesquisa histórica sobre Dom Vital, sobre Padre Ibiapina, sobre a Revolta do Quebra-Quilos - para não falar na perseguição judaica-protestante do domínio holandês, está quase totalmente por fazer.

A produção do neotomista Dr. José Soriano de Souza, o professor que, em acirrada disputa com Tobias Barreto, levou a melhor, anda esquecida. O que foi escrito sobre tudo isso, certamente, é muito pouco. E o que nos chega não apresenta um cabedal respeitável, desde o ponto de vista científico da História. É verdade que não se pode esquecer nomes de historiadores eclesiásticos, como Padre Manuel Heliodoro, Monsenhor Francisco Severiano – este patrono de minha Cadeira no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, e do leigo Epaminondas Câmara. As muitas décadas de circulação do diário e

semanário "A Imprensa" representam um rico repertório da História da Igreja na Paraíba. Como fonte primária de sua obra sobre o primeiro bispo e arcebispo da Paraíba (Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques), soube aproveitar-se o Cônego Francisco Lima. Sem o jornal católico e sem a contribuição do Monsenhor Severiano, certamente, Cônego Lima não teria escrito a mais portentosa obra da Historiografia Eclesiástica da Paraíba, no século XX. O livro em apreço é "Dom Adauto: Subsídios Biográficos", em 3 volumes, que a Editora do UNIPÊ, a meu pedido, ora publica, reduzido a 2 tomos.

Não se pode menosprezar o trabalho histórico do Monsenhor Francisco Severiano, sobretudo em "A Diocese da Paraíba" e "Anuário Eclesiástico da Paraíba". Já na pesquisa sobre a arte sacra no Estado, ninguém superou o Cônego Dr. Florentino Barbosa, embora haja outras louváveis iniciativas neste campo. Também não se pode esquecer que nossa capital guarda o monumento do mais puro barroco brasileiro – que é a Igreja de São Francisco e suas capelas, segundo Roger Bastide. Frise-se que a arquidiocese tem um bem montado Arquivo Histórico, sendo uma pena que a coleção do diário e semanário "A Imprensa", que circulou durante quase um século, não esteja ali completa. O jornal "A Imprensa" é uma crônica viva do cotidiano social, político e religioso da Paraíba no século XX. Dele soube aproveitar-se o historiador Cônego Francisco Lima. É pena que os arcebispos que sucederam, na Sé Arquidiocesana, a Dom Moisés Coelho não mantivessem "A Imprensa" em circulação. Até seu rico maquinário foi vendido!

Posso afirmar que, no século XX, ninguém superou o Cônego Francisco Lima na Historiografia Eclesiástica da Paraíba. Atenção especial merece, entretanto, a contribuição de Monsenhor Caldas Tavares, também integrante do IHGP, às pesquisas históricas da arquidiocese. Ele tem um opúsculo sobre Dom Moisés Coelho e outro sobre o Monsenhor José Tibúcio. Há outras contribuições esparsas.

Feitas estas ligeiras considerações preliminares, cabe-me justificar o motivo por que sugeri a reediação da presente obra. Cônego Francisco Lima, em sua biografia sobre Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, publicada em três volumes entre 1956-1959, faz

um retrato de corpo inteiro do primeiro grande Bispo e Arcebispo da Paraíba e do Rio Grande do Norte, ao longo de 862 páginas (1ª edição) de pu ra História religiosa, social e política da Arquidiocese da Paraíba, que nos seus primórdios compreendia também todo o território do Estado do Rio Grande do Norte. Seu estudo histórico destaca que Dom Adauto soube sair-se bem, desde o início de seu episcopado, dos ranços de uma "certa sociologia" cheirando a determinismo histórico.

Afirma o autor que o homem não prescinde de causas segundas, livres ministras da causa primeira que rege o universo. E acrescenta: "Entre estas se destacam vivas, eficientes, dinâmicas, o talento de gênio e a virtude do santo". Com este perfil que repassa toda a obra sobre Dom Adauto e domina o cenário religioso, não só da Paraíba como, de resto, do Brasil, os gestos de Dom Adauto repercutiam em todo o País. O autor não só retrata o arcebispo, como também faz a crônica quase diária da vida religiosa da Arquidiocese da Paraíba, durante os quase primeiros quarenta anos do século XX. Para se saber, com segurança, o que aconteceu, mesmo no campo civil e social do Estado, nesse período, é imprescindível a leitura desta obra do Cônego Lima. Este, retratando Dom Adauto, escreveu uma preciosa súmula antropológica sobre a Paraíba, em diferentes facetas.

Lutas e entreveros, sobretudo no começo da administração aureliana, em face de vários fatores, inclusive o ranço maçom-positivista que, ainda nos inícios da República, ressumava, o antístite enfrentou com galhardia. Em tudo Dom Adauto combateu o bom combate, com ardor apostólico abeberado junto à rocha de Pedro – no curso de doutorado que fez no Vaticano. Convém lembrar aqui o pensamento do Ministro José Américo, sobre seu conterrâneo de Areia. Diz o escritor: "Fez da fé a iluminação da alma para as miradas do invisível. Foi na ação o obreiro de Deus no mundo que ainda não se acabou de criar, nutriu os espíritos do ideal da eternidade, das ânsias da vida eterna; tornou sua vida a salvação de todas as vidas que se acolheram à sua sombra como árvores pródigas que agasalham os transviados e matam a fome aos peregrinos sem alforjes..."

Além de portar o verdadeiro sinete literário e histórico, a obra de Cônego Lima vale como uma súmula de registro de todos os fatos religiosos – sobretudo referentes à formação do clero paraibano, à fundação de colégios católicos nos dois Estados compreendidos pela Arquidiocese da Paraíba e à criação de jornal católico diário que chegou a ser, no período, o de maior penetração no interior do Estado. A tudo Dom Adauto está presente, de corpo inteiro. E este retrato o biógrafo o tira, situando-o em todas suas circunstâncias históricas, de tal forma que, quem lê toda a volumosa biografia, tem uma visão global da Paraíba, ao longo das primeiras décadas do século XX. Daí o interesse e a atualidade do livro que o UNIPÊ, na administração do Reitor José Loureiro Lopes, traz na presente 2ª edição. A sua publicação tinha sido um compromisso do então Reitor, também acadêmico, Marcos Augusto Trindade, a meu pedido, para com a Academia Paraibana de Letras. A presente edição é de certo um marco brilhante no final do 35° Aniversário do IPÊ. Como dito, a obra do Cônego Lima compreende três tomos. O primeiro contempla o período de 1855 a 1915. O segundo tomo retrata o que aconteceu nas décadas entre 1915 a 1925. Finalmente, o último abarca as décadas de 1925 a 1935.

De parabéns a Historiografia Eclesiástica Paraibana, com a presente segunda edição da biografia de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, escrita por seu dedicado escudeiro Cônego Francisco Lima.

Manuel Batista de Medeiros (da APL e do IHGP)

Capital da Paraíba, 1° de fevereiro de 2007.

D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques.
1º Bispo e 1º Arcebispo da Paraíba.
(1855 - 1935)

A RAZAO DESTE LIVRO

É muito cedo ainda para escrever-se a biografia de D. Adauto.

Os traços bem vivos de sua ação, de suas atitudes, dominam ainda por demais a perspectiva, não favorecendo um juízo crítico, tanto quanto possível, objetivo e desapaixonado.

Mesmo que assim não fosse, não teria o modesto subscritor destas linhas a presunção de traçar para a posteridade o perfil moral do grande bispo.

Não há obra de escol, todavia, que dispense o mourejar de operários humildes em sua execução.

Todo o louvor merece o arquiteto que construiu o edifício destinado a emocionar artisticamente as gerações vindouras.

Não deve, contudo, passar despercebido o trabalho rude dos que prepararam o material para a fábrica, dos que juntaram esse material, dos que armaram os andaimes para que o arquiteto artista gravasse na pedra e no barro a marca de sua inspiração.

Integro-me, e com todo o gosto, no meu papel de subsidiário.

Estou conformado, e mais do que conformado, feliz, com esta áurea despojada que Deus me deu, tão cômoda para suportar as cutiladas da crítica, tão livre das responsabilidades que pesam sobre os numes.

Os meus subsídios biográficos a respeito de D. Adauto são por natureza despretensiosos como o seu autor.

Demonstram apenas a minha gratidão ao excelso prelado que me arrancou do pó e me guindou às alturas do sacerdócio de Jesus Cristo.

Um culto a mais devido a sua memória.

Uma voz a mais no hosana dos que lhe exaltam a personalidade de elite.

Uma nota a mais no concerto dos que lhe cantam as virtudes de padre e de cidadão.

João Pessoa, 30 de agosto de 1955.

Cônego Francisco Lima

CAPÍTULO I
O lastro de uma personalidade

Berço e antecedentes de D. Adauto. A prosápia dos Miranda Henriques. Regime patriarcal. Um caráter formado na escola do trabalho. Ascensão rápida, plena de audácia e de coragem.

As grotas de cana do Brejo de Areia são esses pequeninos vales mais ou menos profundos, separando outeiros de suave inclinação quase sempre, e onde se acham instalados os melhores bangüês do município, se não do Estado.

Bem próximo ao fundo da grota, se constrói geralmente o engenho, por ser ali a água mais fácil, e não longe, na maioria das vezes, a casa de morada.

A região é acidentada, com inúmeras colinas em que as manchas verde-claras dos canaviais invadem nas encostas o verde-escuro da mata, empurrando-o para os topos, onde ficam eles reduzidos a pequenos cocares. Causa tristeza no brejo a devastação das florestas.

As macaíbas e pindobas no alto da mata se destacam como estandartes de uma procissão gigantesca. Ao sopro do vento, o farfalhar de seus leques imita perfeitamente o ruído das grandes chuvas.

Na zona dos roçados, os milharais e feijoais se ostentam em fileiras rigorosamente retas, vistas de longe, de um verde bem intenso contrastando com a linha vermelho-escura da terra, entre uma e outra fila.

De espaço, pelo meio das roças de mandioca, de milho, de feijão, e sobressaindo no relevo dos leirões novos, a nota majestosa de um grande jucá, de um resistente freijó, de uma frondosa timbaúba, poupados pela derrubada para descanço dos trabalhadores na hora cálida do meio-dia.

Lá em baixo, no sopé dos outeiros, escachoam riachos em cujas margens se cultivam hortaliças, em cujas proximidades a roça de mandioca ou de macaxeira cresce com extraordinário viço, rivalizando com o capim de planta das baixas vizinhas, alto e embastido.

Pequenos açudes ou fontes límpidas conservam a água de beber por baixo da "pasta", a ninfeácea de folhas miúdas, mas unidas, lembrando um lindo tapete verde-gaio.

Caminhos serpeiam aqui e acolá ligando as palhoças dos moradores, penduradas nos declives, ou ornando o alto das chãs, com suas portas e janelas parecendo, a distância, buracos escuros abertos na parede parda de barro.

O engenho Buraco, a doze quilômetros da cidade de Areia, ocupa várias dessas grotas com seus serros muito verdes e cultivados, com seus roçados e canaviais, com suas cabanas de moradores, cobertas de palha, com seu engenho e sua casa-grande, com seu riacho, o Mundaú, fertilizando-lhes as baixadas.

Aí se estabeleceu, pouco mais ou menos, em 1850, Ildefonsiano Clímaco Clodoveu de Miranda Henriques, terceiro filho do senhor do engenho Bolandeira, Nuno de Miranda Henriques.

Casando-se com D. Laurinda Esmeralda de Sá e Melo, filha do Coronel Joaquim Pereira de Melo, do engenho Laranjeiras, foi pai de numerosa prole, destacando-se o quinto filho, Adauto, que cingiu mais tarde a mitra como primeiro bispo e primeiro arcebispo da Paraíba.

Filho, neto e bisneto de senhores de engenho, veio à luz o futuro arcebispo no seio daquela nobreza rural de antanho que Gilberto Freyre faz ressurgir do pó dos arquivos, com os Cavalcanti de Albuquerque, os Rêgo Barros, os Souza Leão, os Pais Barreto.

Não tinham de certo os Miranda Henriques, como as linhagens congêneres do interior de nossa província, a vaidade de se equiparar aos magnatas dos bangüês pernambucanos em poderio econômico.

Não chegava aqui o luxo daquela "Nova Lusitânia de gente tão farta, de homens tão sólidos, com tanto ruge-ruge de seda e tanto brilho de rubis, com casas de pedra e cal, com sobrados de azulejo e igrejas guarnecidas de jacarandá e de ouro".[1]

A rapadura sempre foi mais modesta que o açúcar.

Não ia falar do Brasil em plagas estrangeiras. Circunscrevia-se, como ainda hoje, ao cardápio matuto, sendo, muitas vezes, a carne e o sangue do trabalhador.

A prosápia dos Miranda Henriques é, todavia, de primeira linha, como demonstra o apêndice que juntamos a este trabalho.

O bisavô paterno do arcebispo, o velho capitão-mor do engenho Bolandeira, Francisco Xavier de Miranda Henriques, era filho do capitão-mor do mesmo nome, que no século XVIII exerceu consecutivamente o governo das Capitanias do Rio Grande, do Ceará e da Paraíba, e que foi moço fidalgo da Casa Real Portuguesa.[2]

O ambiente em que dominavam os ascendentes de D. Adauto era aquele mesmo triângulo tão significativo de que nos fala o autor de "Nordeste": "o engenho, a casa e a capela" [3] "respirando o aroma espalhado por toda a parte das grandes tachas em que cozia o mel", [4] "ouvindo o rangido longínquo dos grandes carros de bois" [5].

Serrotinho, Grutão, Almas e Timbó não tinham, é claro, chaminés tão elevadas como Massangana, Pau de Sangue, Pedregulho e Várzea do Una, mas eram situados nesta mesma "terra gorda e de ar oleoso que é o Nordeste da cana-de-açúcar. O Nordeste que vai do Recôncavo ao Maranhão"[6]. Mas educavam a família na mesma austeridade em que os filhos só se apresentavam diante do "senhor pai", reverentes, de chapéu na mão, e em que as filhas se submetiam totalmente à opinião paterna em questões de noivado. Mas tinham as mesmas festas tradicionais reunindo todos os parentes, como num rito especial, em torno das mesas lautas. Mas ostentavam o mesmo "quarto dos santos", com "registros trocados" nas cidades próximas e com o santuário de cedro ou de jacarandá repleto de imagens. Mas não prescindiam do mesmo salão de danças, onde imperava a "quadrilha", traduzindo o regozijo pela constituição de um novo lar ou por qualquer outro feliz evento. Mas tremiam defrontando o mesmo autoritarismo de alguns "senhores" desapiedados. Mas soluçavam de comoção em face da mesma bondade compassiva e terna das matronas: a misericórdia viva dos escravos.

"O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber" [7].

Nestas expressões sintetizou Joaquim Nabuco a influência

irresistível que, na formação de sua personalidade, exerceram os primeiros anos da vida passados no engenho Massangana.

É certo que os temperamentos não se acomodam nem reagem uniformemente às influências do meio. Até os fatores extrínsecos da educação e da cultura podem contrabalançar séria e eficientemente tais influências.

Os engenhos de Pernambuco, observa o autor de Casa-Grande e Senzala, produziram o conformismo acomodatício de Araújo Lima e a firmeza heróica de D. Vital [8].

Está fora de dúvida, porém, que, de quanto mais longe vêm essas influências mesológicas na carreira da vida, tanto mais refratárias se tornam a quaisquer refreamentos.

É por isso que, se o fator intrínseco hereditariedade-atavismo a elas se junta, enriquecendo-as com a energia quase indomável das forças inconscientes, os elementos extrínsecos e conscientes, que procuram destruí-las ou suavizá-las, trabalham debalde na maioria dos casos.

Elas são relativamente irresistíveis, convenhamos. De engenho, e no engenho de seus pais, levou não os oito mais os dezoito primeiros anos de sua vida.

Teve tempo mais que suficiente para gravar indelevelmente na retina o pano de fundo de sua primeira existência, como diria Nabuco[9].

Assimilou a alma de seu povo nas diversas modalidades que ela encerra.

Chegou a calejar as mãos nos duros labores do campo, como não tinha pejo de confessar.

"Teria sido senhor de engenho, se não fora padre", avançava mesmo. E nele repontava de vez em quando o senhor de engenho do Nordeste com sua visão clara das cousas, com seu tino econômico e administrativo, com seu amor à natureza; com seu gosto de mandar, com sua veemência tempestuosa ao repreender, com seu trato lhano e afável para os que o compreendiam; com sua frugalidade, com seu horror a etiquetas e formalismos, com seu viver simples, que fazia consistir o supra-sumo do conforto material numa boa rede e num

bom charuto.

Aquele período de sua infância e de sua adolescência formou-lhe, para sempre, o lastro da personalidade: um querer a toda prova.

Lá naquelas primeiras décadas tão remotas e tão presentes, se encontra o segredo de uma ascensão que se caracterizou de um modo especial pela audácia e pela coragem radicadas numa alma em que predominava a vontade.

E quando dizemos vontade, com relação a D. Adauto, queremos dizer, repetindo Will Durant, unidade de objetivo, ordem, visão, perspectiva, hierarquia de propósitos, desígnio persistente e dominador, vontade bem singular visceralmente contrária às vontades misto de ambições e desejos em entrechoque [10].

D. Adauto, aos dez anos, depois de ler a biografia do 1º Frei Caitano de Messina, quis ser padre.

Com não pequenos sacrifícios, fez o que pôde de humanidade em Brejo de Areia, estudando de preferência latim e português.

Aos dezenove anos largou-se para a Europa, ingressando no Seminário Sulpiciano de Issy, em Paris.

Dois anos após, matriculou-se no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano de Roma. E, cursando a Pontifícia Universidade Gregoriana, doutorou-se em direito canônico.

De volta ao Brasil, sacerdote, entrou a fazer parte do corpo docente do Seminário de Olinda, e conquistou a cátedra de cônego prebendado do Cabido, tendo apenas vinte e nove anos.

Meses antes de completar os trinta e nove, galgou o episcopado, e no episcopado foi o homem que os seus contemporâneos bem conheceram: um sol de esplendor sempre crescente que não chegou a experimentar as humilhações do acaso [11].

Só podemos compreender, todavia, o quanto de audácia e de coragem confiante na Providência de Deus vai em tudo isto, fazendo um paralelo entre a segunda metade do século XIX e a época presente.

Localizando o futuro príncipe da Igreja na humilde engenhoca do "Buraco", nas terras do planalto da Borborema àquele tempo mais distanciadas do Recife que hoje da Europa, atendendo-se à

precariedade dos meios de comunicação.

Não perdeu de vista o filho de pais relativamente pobres, às voltas com uma família a aumentar e com uma agricultura atrasada, dispendiosa, mortificante e fértil em decepções de toda natureza.

De qualquer modo, contudo, venceu aquela energia, que ia duplicando por assim dizer, à medida que se multiplicavam as suas pequenas vitórias.

" A realização cria mais realizações, escreve com acerto um filósofo; graças a pequenas conquistas, ganhamos confiança para as grandes; a prática fomenta a vontade" (12).

Foi, porém, das circunstâncias que rodearam o berço tosco de D. Adauto - o panacu (13) improvisado em berço, que brotavam também vivas, refletidas, atiradas, resolutas a audácia e a coragem, brilhando e rebrilhando sempre em todos os seus atos, como no fundo da batéia brilha e rebrilha o grânulo de ouro.

Notas

(1) Gilberto Freyre. "Nordeste". Livraria José Olímpio Editora, 1937, pág. 26.

(2) Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da Casa Real. Pertencia à tropa desde 1720, quando começou a servir na fortaleza de Mazagão, na costa marroquina, realizando façanhas heróicas e obtendo os galões de capitão de infantaria, permanecendo até 1736 na África.

Como Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, esteve onze anos, cinco meses e onze dias. Durante seu longo governo, sustentou o direito dos moradores de Ribeira do Apodi contra a execução dos contratos celebrados com Lourenço Correia de Lira sobre o gado de evento, contrariando o Provedor da Real Fazenda e o próprio Senado da Câmara. Esse fato deu lugar a demandas, processos e devassas que terminaram pela repreensão e suspensão do Capitão-Mor por quatro meses (Carta Régia de 21 de março de 1744).

Miranda Henriques era de honestidade proverbial.

Terminado seu governo no Rio Grande do Norte, viajou para Portugal onde, parece, justificou-se plenamente aos olhos Del-Rei,

sendo nomeado, a 19 de dezembro de 1754, para Capitão-Mor do Ceará, assumindo a 22 de abril de 1755, ganhando soldo desde que embarcou de Lisboa.

Ainda administrava o Ceará quando foi nomeado, a 17 de dezembro de 1757, para Capitão-Mor da Paraíba. Deixando o Ceará em 11 de janeiro de 1759, empossou-se em janeiro de 1760, indo sua gestão até 20 de abril de 1764.

Fixou-se na Capitania da Paraíba onde construiu seu engenho Bolandeira, em Areia – Paraíba (Do livro "Governo do Rio Grande do Norte," de L. Câmara Cascudo).

O seu filho mais velho, de igual nome, casou-se com D. Joana de Miranda Henriques, tendo tido o casal onze filhos; Nuno, avô paterno de D. Adauto, e Crispim, Crispiniano, Antero, Maria Cecília, Leocádia, Amélia e Cândida.

D. Joana de Miranda Henriques, esposa desse segundo Capitão-Mor apenas titular, era de origem humilde, mas de relevantes predicados morais. "É a primeira entre as primeiras senhoras do Brejo da Areia", afirmava o velho vigário Chacon, seu contemporâneo.

(3) Gilberto Freyre. Obra citada, pág. 42.

(4) Joaquim Nabuco. "Minha Formação". Comp. Editora Nacional, 1934, pág. 181.

(5) Ibidem, pág. 182.

(6) Gilberto Freyre. Obra citada, págs. 22 e 23.

(7) Joaquim Nabuco. Obra citada, pág. 180.

(8) Gilberto Freyre. Obra citada, págs. 203 e 204.

(9) Joaquim Nabuco. Obra citada, pág. 181.

(10) Will Durant. "Filosofia da vida". Tradução de Monteiro Lobato. Comp. Editora Nacional, pág. 241.

(11) Pe. Francisco Lima. "Pastori et Duci Peramanti". Em "A Imprensa" de João Pessoa, 14-9-1935.

(12) Will Durant. Obra citada, pág. 245.

(13) Panacu, s. m. (Bras). Canastra: cesta grossa feita de talas. (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. S/A Editora, 1938, pág. 757).

CAPÍTULO II
Primeira página de uma grande vida

Dirimindo uma controvérsia. Infância doentia. Um milagre. A primeira mestra. A escola primária em Brejo de Areia. José Berardo, educador. Uma biografia providencial. O confidente Massena. Mãe segundo o Evangelho. O ideal de uma adolescência. A têmpera do Coronel Ildefonsiano. O sim paterno. A providência aliada. Areia de 1872. Um romance que não pôde começar. A "Questão Religiosa". Um senhor de engenho benemérito. A caminho da Europa

D. Adauto nasceu na freguesia e município de Areia ou de Alagoa Grande?

Nestes tempos em que o espírito de brasilidade tende a acentuar-se, absorvendo os regionalismos tão contrários à unidade nacional, a controvérsia sobre o ponto acima pouco interessa.

Não se trata de uma dúvida entre Estado e Estado, como no caso de D. Vital – que nós paraibanos cremos paraibano, firmados no testemunho de seus próprios pais, segundo uma nota de F. Severiano à página 82 de sua obra " A Diocese da Paraíba", e que os pernambucanos, como Frei Felix de Olivola,[1] biógrafo do grande bispo, asseguram pernambucano.

O amor à verdade histórica nos leva, porém, a dirimir a controvérsia quanto ao berço natal de D. Adauto.

Veio à luz o arcebispo aos 30 de agosto de 1855,[2] na antiga casa-grande[3] do engenho Buraco, situada à margem esquerda do Mundaú, em território pertencente, àquele tempo, à freguesia e município de Brejo de Areia[4] e pertencente hoje à freguesia e município de Alagoa Grande.

A freguesia de Alagoa Grande foi erigida pela lei provincial número 38 [5], de 1° de outubro de 1861, mais de seis anos após o nascimento de D. Adauto.

O município de Alagoa Grande, por sua vez, foi criado e

instalado nos anos de 1864 e 1865, respectivamente, ainda mais tarde, portanto.[6]

D. Adauto nasceu, assim, na freguesia de Areia, no município de Areia.

Desde 1813 pertencia Alagoa Grande à paróquia de Areia, sendo distrito da mesma comuna desde 1847, segundo o historiador João Lira em sua "A Paraíba", à página 613.

Os primeiros anos de vida de D. Adauto foram atormentados por contínuas moléstias.

Longe estava de acentuar-se aquela saúde robusta que o fez vencer, depois de quarenta anos de laborioso e fecundo episcopado, nestas terras adustas do Nordeste que ele tantas vezes percorreu a cavalo, a trem, a automóvel, exercendo a sua missão pastoral.

Quem poderia prever na infância achacada do arcebispo uma longevidade de quase oitenta anos que, lúcidos e vigorosos, como se mostravam, prometiam ainda quatro lustros de vida talvez![7]

Os desígnios de Deus são impenetráveis.

Contava precisamente cinco anos o pequeno Adauto, quando esteve em grave perigo de vida.

Num rasgo de decisão, bem filho do amor materno, resolveu sua genitora aplicar-lhe energético purgativo, na esperança de conquistar para ele a tão almejada saúde. Sendo, todavia, o esposo de parecer contrário, aproveitou-se ela um dia da ausência do mesmo e executou o plano preconcebido.

A dosagem, porém, foi excessiva. O menino chegou às portas da morte, diante da mãe aflita pela iminência de perdê-lo e pelo remorso de não ter seguido a opinião do marido, que lhe parecia agora mais sensata e mais prudente.

Ao contemplar o filho já prostrado, cheia de fé, D. Laurinda implorou à Virgem em ardentíssima prece o seu restabelecimento.

Aos pés daquela imagem de N. S. da Conceição, imperando no oratório doméstico com a sua coroa de prata e com o seu régio manto azul de dourados vivos, ajoelhou-se confiante, e saiu da oração com alma nova.

"Não, ele não morrerá" – apossou-se-lhe da alma a convicção. "Ele viverá, e Nossa Senhora há de fazê-lo padre".

Estas palavras podem mesmo ser consideradas textuais.

Ela própria as repetia muitas vezes narrando o prodigioso fato.

O dedo de Deus marcava a rota de seu fiel servo.

Até os oito anos, estudou D. Adauto as primeiras letras com sua mãe, que já o distinguia de todos os outros filhos pela conduta exemplar, pelo amor aos livros e pela piedade.

Foi de escol também a primeira mestra do arcebispo.

Não adquirira a formação dos grandes colégios religiosos.

Não estudara pedagogia e muito menos psicologia.

Não lera filósofos nem sociólogos para desempenhar o seu duplo ofício de mãe e mestra.

Era mãe por instinto e mestra por intuição. Instinto iluminado pelos princípios do seu credo, intuição que substituía com vantagem a cultura didática que não pudera obter.

Tinha o segredo da observação e da perspicácia, apanhando assim muito cedo a orientação da alma do filho, as tendências que o dominavam.

Sabia ser enérgica e tolerante conforme as circunstâncias, razão por que era adorada pelos filhos, que em redor de sua pessoa respiravam uma atmosfera de respeito, ternura e confiança.

A chegada do coronel naqueles momentos de doce intimidade lançava sobre o ambiente o peso do seu carrancismo. Fazia-se logo silêncio absoluto.

Já velho, sentindo de certo a falta de uma afetividade mais quente e mais estreita dos seus, reclamava ele à companheira, e D. Laurinda lhe apontava a causa daquele excessivo temor reverencial que os filhos manifestavam ao defrontá-lo: a austeridade igualmente excessiva do seu temperamento que ele em tempo não soubera coibir.

D. Adauto gostava de penetrar a alma dos seus súditos, dos seus padres e dos seus seminaristas.

E não foi um mau psicólogo. Honra lhe seja feita.

D. Adauto recebia o seu clero, as pessoas de suas relações e

os pobres na intimidade do seu gabinete privado, sentado em sua rede com a maior bonomia, sabendo, porém, ser intransigente e enérgico quando o momento o levava a isto.

Traços do caráter de sua mãe. Lições vivas de sua primeira mestra.

Tendo completado oito anos, começou a freqüentar a escola primária de Brejo de Areia em companhia de seus irmãos, alunos todos do conhecido professor José Berardo dos Santos Leal.[8]

Semanalmente, aos sábados, iam à casa paterna, para voltarem na segunda-feira, como ainda hoje fazem os meninos que, residindo em sítios afastados, estudam o curso primário nas cidades e vilas do interior.

Entre muitos outros, foram colegas de D. Adauto, na classe do professor José Berardo, o Dr. Álvaro Machado, ex-presidente do Estado da Paraíba e por vários anos chefe supremo de sua política, e o saudoso industrial Coronel Tito Silva, exímio latinista paraibano.

José Berardo, professor areiense, no verdor de sua juventude, era já um consumado educador.

Compreendia, já naqueles tempos, que a educação significa formação integral do educando. As noções da gramática tinham de penetrar no cérebro dos seus alunos com os rudimentos da doutrina cristã.

Não bastava uma lição impecável para a conquista da nota de distinção. Exigia-se ainda a correção da conduta dentro e fora da escola.

E José Berardo fiscalizava os seus guris...

-"Então, moço, por que faltou você à missa do domingo?"

-"E você, meu caro, já fumando, tão criança, como ontem constatei?"

-"Sim, senhor, para onde ia você tão apressado ainda há pouco em companhia daquele nosso amigo?"

Eram perguntas costumeiras do mestre, que às vezes deixavam os discípulos seriamente embaraçados.

E ai do que mentisse! Recebia logo em cheio a citação corneliana no elogio de Epaminondas, que, embora pagão, era *"adeo*

veritatis diligens ut ne joco quidem mentiretur" (tão amigo da verdade que nem brincando mentia).[9]

De qualquer modo, porém, concretizava-se em tudo aquilo a máxima habitual do professor: "*quis educat pater est magis quam qui genuit*" (aquele que educa é mais pai do que aquele que gerou).

Alexandre Magno dizia dever muito mais a Aristóteles, seu mestre, do que a seu pai, Felipe da Macedônia.

Nos sábados a palmatória fuzilava. Era a feira da sabatina.

Uma nota, todavia, provocava em vários dos estudantes certa pontinha de inveja.

Quando Adauto ou Álvaro erravam, era sistematicamente dispensada a sova de bolos. Um privilégio às nobres qualidades de inteligência e caráter dos dois alunos prediletos do professor José Berardo.

Aos dez anos, depois de ler a biografia daquele 1º Frei Caitano de Messina, ardente e zeloso missionário capuchinho que aportou ao Brasil em 1844,[10] sentiu D. Adauto irromper-lhe n'alma a vocação sagrada.

"Lendo a relação dos trabalhos apostólicos de Frei Caitano", são palavras do arcebispo, "fui possuído do desejo vivo de ser padre, e padre missionário".

Levado pela Providência às fileiras do clero secular, D. Adauto, bispo, realizou a vocação de padre missionário batendo os sertões de sua diocese em constantes visitas pastorais, evangelizando pessoalmente os diocesanos com aquela palavra cheia de fé que tantas vezes lhe ouvimos traduzir uma riqueza de idéias verdadeiramente fora do comum.

O padre Cunha, do qual nos falavam com muita simpatia os irmãos sobreviventes de D. Adauto, passava a esse tempo com certa freqüência pelo engenho Buraco, em demanda de Pilões.

Não lhe chegavam aos ouvidos os ecos da confidência que numa expansão d'alma fazia aquele rapazinho a um velho empregado de seu pai, o fornalheiro Massena.

"Seu Massena, eu ainda hei de ser um padre".

Você, menino! Retorquia-lhe o original confidente, admirando-

lhe o arrojo da pretensão.

A depositária por excelência do segredo daquelas aspirações foi, porém, sua santa mãe.

Ela que lhe ensinara as primeiras orações e os primeiros rudimentos da doutrina e das letras.

Ela que lhe pusera nas mãos a biografia de Frei Caitano.

Ela que cultivaria depois, com todo o carinho, a vocação do filho miraculosamente salvo por Nossa Senhora, para as aras triunfais do sacerdócio.

Ela de quem D. Adauto poderia muito bem dizer o mesmo que dissera o Cardeal Arcoverde(11), referindo-se um dia a sua genitora:

"Minha mãe foi para mim o mais perfeito tipo da mulher forte de que fala o evangelho".

Quinze anos. Adolescência em flor. É a idade em que, na maioria dos casos, iniciam as paixões o seu deflagrar dentro d'alma, fazendo submergir, quantas vezes, na onda que logo se eleva, futuros os mais promissores.

A idade ingrata do "tumulto da carne e do sangue", segundo E. Bornet; das alternativas dolorosas e chocantes entre o eu carnal e o eu espiritual, com manifestações mais espontânea do primeiro.(12)

Parece que em D. Adauto todos esses ardores se consubstanciaram no ideal que havia cinco anos o preocupava; ideal que adquiria novas forças com o perpassar da infância e o raiar de uma adolescência abençoada pela oração, robustecida pelo trabalho.

Pertencia ele ao grupo daqueles outros que, no dizer do citado autor de "Coração de adolescente," apesar do astro perturbador dos instintos inferiores, demonstram sentimentos mais delicados, mais especiosos, mais generosos, mais vivificados já pelo ar puro das cumiadas.(13)

"Diferenças e matizes que são questão de temperamento, atmosfera moral e de primeira educação".(14)

Se o temperamento sanguíneo do arcebispo era o menos adequado para amortecer o choque das paixões, a atmosfera moral e a primeira educação, que vinham em auxílio daquele temperamento,

foram elementos adequadíssimos ao cultivo e desenvolvimento de sua vocação.

"Como satisfazer o teu desejo, meu filho, lhe ponderava a maternal confidente de todos os dias. Teu pai não tem recursos bastantes para custear os estudos".

E o jovem, passeando às vezes, no crepúsculo da tarde, por aqueles morros verdejantes que circundavam a casa e o engenho paternos, em profunda meditação, rezava à Virgem, para que ela aclarasse com o seu poder o horizonte daquelas possibilidades que tão nevoento se mostrava.

"Nossa Senhora há de fazê-lo padre".

Um ano antes, em 1869, mudara-se a família para o sobrado que o senhor de engenho construíra na outra margem do Mundaú.[15]

Ressentido com a justiça e com a política de Alagoa Grande por lhe terem negado apoio numa pendência em que estava do seu lado a razão, o coronel Ildefonsiano ergueu o seu solar bem junto ao engenho, no vizinho município de Areia.

Era o pai do arcebispo uma têmpera de homem enrijecida no trabalho, observando intransigentemente os princípios de uma moral por demais austera. Tão austera que os filhos, se alguma cousa pretendiam dele, recorriam sempre à intercessão da mãe.

D. Laurinda procurava suavemente induzi-lo à brandura, mas o caráter do coronel não sofrera impunemente a influência da hereditariedade e do meio em que se fizera.

Já velho, com o filho em pleno fastígio do episcopado, não se adaptou o coronel Ildefonsiano ao conforto modorrento de um merecidíssimo repouso.

Atendendo a um pedido de D. Adauto, arrendou o engenho a Joaquim, o filho mais velho, e se transportou para Serra da Raiz com a família.

Dali voltou, no entanto, pouco tempo depois, e tratava de fundar nova safra, quando a morte o surpreendeu.[16]

Tudo isto indica uma firmeza de atitudes que ultrapassava os limites do vulgar.

E nesta firmeza de atitudes foi o arcebispo o retrato fiel do seu progenitor.

"Para que se ordene padre, não pouparei sacrifícios".

Eis a resposta que D. Laurinda levou um dia ao filho, resposta ouvida dos lábios de seu pai.

Para quem conhecia os pontos de vista do coronel Ildefonsiano, aquele sentença tinha duas sigificações:

Primeira – Nenhum filho poderia contar com ele para estudar o direito.

Íntegro e escrupuloso na solução dos seus compromissos financeiros, sofreu certa ocasião o coronel Ildefonsiano um grave prejuízo, motivado pelo chicanar sofístico de um advogado sem consciência.

Toda a classe ficara daquele momento em diante portadora de sua desconfiança.

Era assim também o filho, enquanto confiava sem medida, mas na desconfiança ia igualmente muito longe.

Segunda – A proposição do coronel representava nada mais nada menos que um veto a quaisquer pretensões que porventura tivesse o filho quanto à vida religiosa.

Preconceito em que o coronel Ildefonsiano de certo não estava só: preconceito talvez fundado na conduta irregular e norteada pelas paixões políticas, de alguns frades egressos que exerceram o paroquiato na região.

"Para que se ordene padre, não pouparei sacrifícios".

"Quem sabe?" Retorquiu o jovem a sua fiel confidente, não querendo adiantar-se aos planos insondáveis da Providência...

E providencialista haveria de manter-se até a morte.

"A Providência, dizia-se muitas vezes nos círculos do Palácio, é a grande aliada do arcebispo". Quando ele entrega qualquer negócio aos cuidados da Providência, é rápida e segura a solução.

Às luzes desta aliada recorria ele freqüentemente.

Como não fazê-lo naquele dia?

Cremos que o fez, pelos resultados que se seguiram, pois com

o beneplácito paterno começou logo a freqüentar em Brejo da Areia um curso de latinidade e português ministrado pelo emérito latinista professor Joaquim da Silva.(17)

Foi isto em 1872, conforme notas em meu poder, escritas pelo próprio punho do arcebispo.

A Areia de 1872 não sofre comparação com a de hoje.

Era sem calçamento e sem praças, com seus lampeões de querosene pendurados de espaço a espaço na rua principal e funcionando apenas nas noites sem lua; com seus sobrados de varandas-balcões em madeira ou ferro; com suas casas de beira e bica, ostentando uma ou outra o luxo dos azulejos lusitanos na fachada; com sua Matriz colonial de cruzeiro na frente e retábulo de talha dourada no altar-mor, guarnecida de tribunas para a assistência das pessoas gradas às imponentes cerimônias do culto, e de castiçais de madeira esmaltados a ouro puro em número bastante para inundar de luz o velho templo.

A Areia das grandes "semanas santas", com a procissão do Senhor morto guardado por soldados de baioneta escalada, acompanhado por todas as patentes da Guarda Nacional – rebrilhando suas fardas de dragonas e alamares dourados em destaque vivo nos dolmans azul-escuros; com o ofício da Quaresma cantado na Igreja do Rosário pelo preto Jerônimo e seus companheiros, com os penitentes que se flagelavam na rua, às horas mortas da noite, surrando-se impiedosamente com chicotes terminados em unhas de ferro ou em bolinhas de argamassa eriçadas de cacos de vidro, ensangüentando as paredes das casas e os pedestais alvos dos cruzeiros – o espasmo da alma humana esmagada pela pressão imensa do infinito como diria Edmundo de Amicis;(18) com a Igreja de Santa Rita cuja construção foi iniciada pelo ardor apostólico do missionário Frei Herculano, cujas pedras foram levadas ao pé da obra por sucessivas procissões de penitência em que se viam representantes de todas as classes sociais, não sendo menor o contingente feminino.

A Areia das Santas Missões, com a pregação fremente dos frades corrigindo os abusos da época em matéria de costumes; com o canto do "Senhor Deus" retumbando alto e piedoso na amplidão; com

novos penitentes que se disciplinavam em plena igreja, na hora da prédica, envoltos em sudários brancos que lhes deixavam só o dorso a descoberto.

A Areia das soberbas festas religiosas com passeatas de anjinhos vivos conduzidos em charola; com girândolas de duzentas dúzias de foguetões estourando no ar; com fogos de vista ziguezagueando em desenhos bizarros para admiração e gozo das famílias aristocraticamente sentadas defronte das vivendas senhoris; com os altares extraordinariamente iluminados a copinhos de azeite em água colorida, oferecendo na sua profusão o mais belo efeito; com o pátio das igrejas pitorescamente iluminado a tijelinhas de azeite feitas de casca de laranja e fincadas às dezenas em troncos de bananeiras; com as ruas reforçadamente iluminadas a fachos de pau d'arco, de baraúna ou de facheiro.

A Areia das litanias cantadas processionalmente em derredor da Matriz, nas têmporas da Ascensão, respondendo os meninos em coro, todos eles munidos de pequeninas cruzes de piriri, rigorosamente enfeitadas.

A Areia da Irmandade do Rosário, o sodalício da gente de cor, de opas cremes, círios, balandraus, cruz alçada nos enterros e procissões; com a coroação simbólica, em 6 de janeiro, dos reis do Congo, os quais, depois de homenagearem a Virgem do Rosário, saíam à rua com grande cortejo, em grande espavento, cingindo coroas de lata dourada, ornadas de lantejoulas, cantando as célebres congadas ao som de gaitas, adufes e tambores.

A Areia dos padres Joel, Borges, Buriti, Cunha, Bastos e tantos outros que cercavam a figura veneranda do vigário colado Francisco de Holanda Chacon,[19] a maior força moral da terra com os seus quase cinqüenta anos de ministério paroquial.

A Areia sem clubes e sem cinemas, com a botica do Simão, onde se reuniam os faladores para o *dolce far niente* da noite, condimentado de sátiras, epigramas e comentários nem sempre inocentes; com as serenatas ao luar: violões gementes acompanhando as modinhas do tempo; com o entrudo em que prodominavam as

laranjinhas de cera, coloridas a anilina, cheias de água perfumada; com o carnaval, exclusivamente masculino, pompeado no luxo das fantasias de seda, marcado todos os anos pela fantasia sempre original de Julio Silva e pelo baile final em casa de um dos influentes locais.

A Areia das acirradas pugnas eleitorais entre os dois partidos monárquicos – conservador e liberal - com o prestígio sem limites do chefe conservador, o humanitaríssimo e abnegadíssimo clínico Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, com o ardor e a vibração liberal dos Silva, posteriormente baluartes do movimento abolicionista.

A Areia das velhas "Catitas", encarregadas de vestir os "anjos" nas festas e procissões.

A Areia do velho Cazumba, devoto de mês de maio, fazendo-o sempre com o maior esplendor.

A Areia do velho Tristão, maestro, compositor, regente da banda de música, que fez o banheiro do "Quebra", onde, portanto, devia estar imortalizado o seu nome em placa comemorativa.

Por que não?

A Areia da gameleira tradicional, na rua que hoje tem o seu nome, a gameleira gigantesca que se avistava de Campina Grande, a 54 quilômetros de distância; a gameleira frondosa que se via do mar como um penacho verde por cima da Borborema; a gameleira poética, "semelhante, no dizer de Pedro Américo, à torre antiga vestida de musgo, ou denegrida pelo roçar dos séculos".[20]

Foi a essa Areia que chegou, numa tarde de março de 1872, o filho do coronel Ildefonsiano, que queria penetrar os segredos do latim, para penetrar mais tarde os segredos da teologia.

É dessa época o incidente que vamos narrar e que muito diz em favor das diretrizes já firmes daquele moço de dezessete anos. Da circunspecção de suas atitudes.

Hospedava-se ele na cidade em casa de seu primo José Inácio Guedes Pereira.

Uma cunhada do mesmo, ali residindo também eventualmente, jovem e dotada de invejáveis predicados físicos, enamorou-se do nosso estudante de latinidade e procurou, é claro, manifestar-lhe os seus

sentimentos. Da parte dele, porém,nenhuma correspondência encontrou. E quando alguém menos discreto lhe falava sobre o assunto, que ganhou certa publicidade, era obrigado a calar-se quase envergonhado em face de seu silêncio e de sua sisudez. No lar, abordado a respeito por sua mãe, agora mais solícita do que nunca pelo futuro do filho, tranqüiliza-a assegurando-lhe o inabalável de suas convicções quanto ao ideal do sacerdócio.

Outra cousa não se podia esperar daquele êmulo de Luiz de Gonzaga. Daquele de quem os condiscípulos, saboreando as primeiras delícias de concisão latina, diziam: "Se ele não é um "puer sanctus" é um "sanctus puer". Daquele moço tão amigo dos livros e do ideal, que, fora do seu quarto de estudos, era visto apenas na igreja Matriz assistindo aos ofícios sagrados. Daquele menino que, censurado certo dia por dar esmola a um pobre estranho na localidade, mostrou em dito sentencioso de que tamanha era no presente e seria no futuro a sua caridade: "Caritas caret patria".

Singular coincidência. Ao voltar de Roma, padre, assistiu D. Adauto ao casamento daquela jovem com um seu parente, presidindo a cerimônia.

Modesto e grave no porte e nas ações, o arcebispo, desde os mais verdes anos, se soube impor ao meio que o cercava.

Os próprios irmãos o respeitavam e o coronel Ildefonsiano, exigente como era, nunca teve cousa alguma a reclamar do quinto filho no que se referia ao cumprimento do seu dever, mesmo que esse dever o chamasse às ásperas lides do campo.(21)

Foi aliás o campo o primeiro teatro daquela sua admirada capacidade de trabalho.

Na fatigante tarefa do amanho da terra, do plantio e do trato da lavoura, adquiriu ele aquele seu tão conhecido vigor físico a correr parelhas com um vigor moral do mais subido quilate.

Não era, sem dúvida, terreno adequado para o início e desenvolvimento de um romance de amor.

"No dia 21 de fevereiro de 1875, parti de casa. No dia 11 de março de 1875, embarquei-me em Pernambuco, e no dia 7 de abril do

mesmo ano entrei no Seminário de Issy. No dia 29 de junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, tomei alegremente a batina".

Extraí este trecho de algumas notas autógrafas de D. Adauto conservadas em meu arquivo particular.

Quanta cousa, todavia, estava contida entre as duas datas – 11 de março de 1872, quando D. Adauto começou os seus estudos de latim, e 21 de fevereiro de 1875, quando deixou o lar paterno!

A "Questão Religiosa", hoje uma das páginas mais importantes de nossa história eclesiástica e política, esteve em seu auge durante esses três anos.

Em 28 de dezembro de 1872, enviava D. Vital o primeiro aviso aos vigários do Recife, determinando a abjuração ou, no caso contrário, a demissão dos maçons pertencentes às irmandades.(22)

Em 10 de fevereiro de 1873, a irmandade de S. Antônio, que continha vários maçons em seu seio, interpunha contra D. Vital recurso à Coroa.(23)

Em 22 de junho, chegava ao palácio da Soledade o aviso imperial que ordenava a D. Vital levantar o interdito lançado contra as irmandades rebeldes, aviso que foi desobedecido corajosamente pelo Bispo de Olinda, a se inspirar de certo na doutrina do Príncipe dos Apóstolos: "Obedecer antes a Deus que aos homens".(24)

Em 2 de julho publicava D. Vital, sem o placet régio, o breve pontifício *Quanquam Dolores*.(25)

Em 11 de novembro, era comunicada a D. Vital a sua denúncia como réu de desobediência às determinações do governo.(26)

Em 2 de janeiro de 1874, era preso enfim D. Vital e transportado para o Rio, onde foi condenado em 11 de fevereiro, para sair da sua prisão, na ilha das Cobras, anistiado, em 18 de março de 1875.(27)

Nestas circunstâncias dolorosas a se refletirem com certeza no regime de estudos e na organização interna do vetusto Seminário de Olinda, várias vocações nascentes tiveram de buscar fora da província ambiente propício a seu desenvolvimento.

Foi mais uma dificuldade, e não pequena, que D. Adauto teve

de arrostar.

Não era possível ao coronel Ildefonsiano concretizar os desejos de seu filho, agora que os acontecimentos, tomando novo e indesejável rumo, duplicariam as despesas com os estudos do mesmo.

É neste momento que surge na vida do arcebispo uma figura benemérita por todos os títulos – o coronel Joaquim Salustiano Pereira de Melo, seu tio materno, proprietário do engenho Cafundó onde residia.(28)

Empresta ele ao coronel Ildefonsiano a quantia necessária para o sobrinho iniciar a realização de seus sonhos. Os dois contos de réis mais abençoados que de suas arcas já haviam saído.

D. Adauto, a conselho do egrégio prisioneiro da Fortaleza de S. João, escolhe o célebre Seminário de S. Sulpício em Paris,(29) para berço de seus estudos eclesiásticos.

Lá estudara também D. Vital,(30) antes de ingressar na vida religiosa, e a tão acreditado educandário eclesiástico deveram sua formação muitos outros sacerdotes brasileiros.

Na curva do caminho, naquela manhã bem fria de 21 de fevereiro, desapareceram aos seus olhos a casa-grande do engenho, a pequena chaminé do cozimento, os canaviais e os altos arredondados cachimbando já na entrada do inverno.

Ia para o estudo, como se dizia na linguagem da terra. Ia para o futuro, na realidade. Ia escalar a muralha da vida. Ia atingir o seu grande ideal, refletia ele num sentimento misto de gratidão e confiança na Providência.

E o castanho rosilho de sua sela corria mais veloz transpondo as fronteiras do pequeno domínio.

Mais longe ainda da casa-grande do engenho, da pequena chaminé do cozimento, dos canaviais e dos altos arredondados cobertos de névoa se sentiu naquela outra manhã de 11 de março, quando no Porto do Recife embarcou para o Velho Mundo.

O alvoroço da alma era tão absorvente! Contudo,as perspectivas eram tão novas, havia tanto que observar e tanto em que cuidar naquela lufa-lufa de preparativos de toda espécie, que a saudade

não podia ainda penetrar no coração.

"Eu nunca pude fazer duas cousas ao mesmo tempo", dizia o arcebispo às vezes.

A viagem a bordo também, naquele confortável "Rio Grande", da "Messageries Maritimes", era uma novidade com as manobras gritadas de atracação e desatracação nos portos de escala; com cidades desaparecendo aos poucos num voejar de lenços muito brancos; com a análise dos passageiros, alguns de nomes arrevezados traindo-lhes a origem estrangeira. Hippolito Rouquayrol, Lazary, Gradwoll, Samuel Esnaly, Melenie Schlofser ;[31] com a palestra repleta de planos futuros dos dois patrícios que viajavam com o mesmo destino – o seu conterrâneo José Pires Patrício da Costa e o pernambucano Americano Soares de Novais Melo.

Não. Naquele instante da vida lhe era impossível aliar os dois sentimentos: o desejo vivo de transpor as lindes da pátria em busca do sacerdócio e a saudade dos que deixava, da genitora debulhada em lágrimas...

Disto se vingou depois a saudade e cruelmente.

Notas

(1) Frei Felix de Olivola. "Um Grande Brasileiro". Imprensa Industrial do Recife, 1936, pág. 19.

(2) Cônego Francisco Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba do Norte. Edição do Estabelecimento Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba do Norte. Vol. I, pág. VII.

D. Adauto recebeu o santo batismo na Matriz de Areia aos 2 de fevereiro de 1856, festa da Purificação de Nossa Senhora, ministrado pelo Pe. Antônio José Borges. Era ao tempo vigário colado de Areia o Pe. Francisco de Holanda Chacon. Foram padrinhos: Francisco Xavier Guedes Alcoforado e D. Margarida de Sá, parentes próximos de seus pais. Tomou o nome de Adauto por celebrar a Igreja no dia 30 de agosto a festa deste santo mártir com a festa de Santa Rosa de Lima, patrona principal de toda a América Latina.

(3) O título de "casa-grande" dado à primitiva casa de morada

do engenho Buraco só corresponde à mesma como residência dos senhores de engenho. Era uma vivenda rústica, provisória, com suas paredes de taipa e seu teto de folhas de pindoba. Só 14 anos mais tarde construiu o Coronel Ildefonsiano a nova casa ainda hoje de pé. Na antiga casa-grande nasceram também quase todos os irmãos de D. Adauto.

(4) A Freguesia de N. S. da Conceição de Areia foi criada em 1813, desmembrado o seu território da Freguesia de Mamanguape. (A Diocese da Paraíba. Edição de "A Imprensa", pág. 50). O município de Areia foi criado por alvará de 18 de maio de 1815.

(5) Cônego Francisco Severiano "Anuário Eclesiástico da Paraíba do Norte". Edição do estabelecimento gráfico "Torre Eiffel", pág. 684.

(6) Alagoa Grande foi criada como vila pelo artigo primeiro da lei provincial 129, de 21 de outubro de 1864. Instalada em 26 de julho de 1865, adstrita ao termo de Areia. Foi termo da comarca de Independência pelas leis provinciais 550 e 551, de 5 de setembro de 1874, classificada pelo decreto 5.845, de 2 de janeiro de 1875. (Ver "A Paraíba", de J. Lira, pág. 613).

(7) O arcebispo sempre foi muito otimista quanto à sua saúde e robustez. Não escondia o desejo e a alegria de viver. Só pedia a Deus para não morrer caduco. Em carta ao seu primo Coronel Santos Moreira, senhor de engenho de "Mazagão", em Areia, escrevia, poucos meses antes da morte: "Graças a Deus, vou me aproximando dos 80 anos com saúde e capaz de continuar ainda a trabalhar para a glória do nosso bom Deus e bem das almas". Em correspondência posterior a sua prima D. Maria Moreira, residente no mesmo local, assim se expressava: "Graças ao nosso bom Deus entrei nos meus 80 anos com saúde e capaz de continuar ainda a trabalhar pela minha suprema finidade: tudo fazer, tudo sofrer em conformidade com a Santíssima Vontade". Muitas vezes ouvimo-lo dizer com aquela sua conhecida bonomia: "Não dou os meus 70 pelos 50 de ninguém".

(8) O professor José Berardo dos Santos Leal nasceu na cidade de Areia aos 7 de maio de 1907. Por volta de 1865, regia ele,

em Areia, a cadeira oficial de Latim e Português, como sucessor do seu velho mestre, o professor Antônio da Silva, ministrando ainda o ensino primário a alguns alunos particulares.

Abandonando o magistério, ingressou o professor José Berardo no Seminário de Olinda, ao tempo em que rebentou a "questão religiosa". Transferindo-se para o Seminário do Maranhão, dissuadiu-se da carreira eclesiástica. Seguiu do Maranhão para o Rio. Foi secretário do Ministério da Marinha e colaborador de vários jornais. Em 1897 voltou para a velha cidade natal, reassumindo a sua cadeira de Latim e Português. Além de D. Adauto, foram alunos do professor José Berardo os antigos presidentes da Paraíba Dr. Álvaro Machado, Dr. João Machado e Monsenhor Walfredo Leal. É sua filha a conhecida educadora areiense professora Júlia Leal.

(9) "Cornelii Nepotis Opera. De Vita Excellentium Imperatorum". Epaminondas. Edição da Livraria Francisco Alves, pág. 169.

(10) Conforme carta do Revmo. Frei Felix de Olivola ao autor, de 6 de agosto de 1940, estiveram no Brasil dois religiosos capuchinhos com o nome Frei Caitano de Messina: tio e sobrinho. O 1°, ao qual nos referimos no texto, aportou ao Brasil em 1844, missionando no Nordeste e morrendo em Montevidéu, Uruguai, no ano de 1878, como comissário dos capuchinhos para toda a América do Sul. O 2° aqui chegou em 1870, pregou missões por todo o Norte e morreu no Hospício de S. Fidelis, Bom Conselho, Pernambuco, em 1929.

(11) Cardeal Arcoverde. Alocução no dia de suas bodas de prata episcopais celebradas no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1915.

(12) E. Bornet. "Coração de adolescente", conferência pronunciada no Congresso de Dijon em 1934.

(13) Ibidem.

(14) Ibidem.

(15) A casa em apreço, construída em 1869, ergueu-se em uma elevação do terreno, tanto que é assobradada na frente e térrea atrás, como muitas "casas-grandes" de nossos engenhos. Primitivamente

tinha de frente uma porta central, no andar térreo, e quatro janelas no primeiro andar. Depois foram acrescentadas mais, ao lado direito, uma porta e duas janelas de frente: a porta no andar térreo e as duas janelas no primeiro andar. A porta principal da fachada da frente se abre para uma escadaria interna que conduz ao primeiro andar. As quatro janelas da mesma fachada correspondem a dois salões. A porta e as duas janelas da construção posterior correspondem, respectivamente, a um quarto de depósito e a um novo salão. Este salão com sua alcova constituía os aposentos de D. Adauto no tempo em que, professor do Seminário de Olinda, passava ele as férias em casa. Foi ele quem teve a iniciativa desse apêndice inestético, mas confortável no solar paterno. O arcebispo dava em tudo o primeiro lugar ao necessário e o segundo ao útil. O belo, o agradável à vista vinha sempre em último lugar. A "casa-grande" do engenho Buraco merece bem o título. Além dos compartimentos de que temos falado, por baixo os dois salões primitivos, e que serviam de dormitório aos rapazes, no tempo do coronel Ildefonsiano, tem dois quartos mais, em seguimento às alcovas dos já referidos salões; um corredor de comunicação entre esses salões e a sala de jantar, que acompanha toda a largura do edifício, com janela para o oitão direito e a porta para o terraço, do lado esquerdo; um sótão habitável, acima do primeiro andar, cuja escadaria dá para um vão do corredor, e que consta de uma saleta e quatro pequenos quartos; uma capela interna sob a invocação de N. S. das Graças, possuindo ainda uma bela imagem de São Mateus, em gesso como a da Padroeira, e uma via-sacra em pequenas litografias francesas, trazida da Europa por D. Adauto.

O terraço está montado em três colunas, é circundado por um gradil de madeira, do lado do engenho, oferece entrada por um grande arco romano e, ficando em frente à capela, muitas pessoas podiam dele assistir comodamente à missa.

(16) O coronel Ildefonsiano morreu repentinamente de um colapso cardíaco em casa de seu filho Efigênio, no engenho Pitombeira, próximo ao engenho Buraco. Morreu em 20 de janeiro de 1901, tendo nascido em 26 de agosto de 1830. Foi sepultado no cemitério de Alagoa

Grande e os seus restos mortais repousam hoje na Igreja do Carmo em João Pessoa num jazigo perpétuo constrído pelo arcebispo.

(17) O professor Joaquim José H. da Silva nasceu na cidade de Areia em 3 de julho de 1820 e faleceu no Recife, onde se fora operar de grave moléstia, em 18 de julho de 1889.

Latinista exímio e professor de Latim em Areia durante muitos anos, fez publicar, na Bahia, em 1855, o seu conhecido "Manual do Estudante de Latim" – ainda hoje tido como um dos mais perfeitos e seguros compêndios de Latim escritos em nossa língua. A obra consta de dois tomos, mas o 2º tomo não foi publicado devido à falta de recursos financeiros do autor.

Falando das longas noites de vigília que o referido trabalho custara ao professor Joaquim da Silva, escrevia-nos o coronel Tito Silva, filho do egrégio mestre:

"Fui testemunha ocular desse inaudito esforço. Eu dormia no seu gabinete de estudo.

Guardo ainda na retina a visão daquelas suas gélidas e longas noites de vigília, nas quais meu pai, debruçado sobre a sua mesa de trabalho, a larga fronte a arder-lhe sob o baço clarão de uma vela de espermacete plasmava a sua obra.

Sinto-lhe ainda, por uma espécie de ilusão auditiva, a pena correr sobre o papel. Quantas vezes, na solidão da sua vasta sala, cheia de livros, na maioria de autores latinos e franceses, não o surpreendeu no trabalho do seu Manual o rubor das madrugadas dos nossos longos invernos! Só, então, meu pai se recolhia aos seus aposentos, para descansar algumas horas da penosa tarefa, que se impusera por uma das mais decididas vocações para o magistério que ainda conheci".

O professor Joaquim da Silva traduziu também para o vernáculo a "Arte Poética" de Horácio, que deixou de publicar pela razão acima já exposta quanto ao 2º tomo do "Manual do Estudante de Latim".

Perderam-se infelizmente os manuscritos desses dois notáveis inéditos.

Não foi somente no magistério que Joaquim da Silva terçou as

armas espirituais de seu invulgar engenho. Grandes lhe foram ainda as vitórias nas arenas do jornalismo e do foro em sua terra natal.

"Muitas vezes, lemos na carta do coronel Tito Silva, o professor e advogado se bateu, na própria língua de Cícero, com o Conselheiro Diogo Velho, eminente jurista e político do 2° Império, na tribuna do júri, na cidade de Areia, atraindo ao velho casarão da antiga cadeia pública grande e rumorosa assistência".

Liberal de arraigada convicção, pregador da República em sua cátedra de mestre, várias vezes foi o professor Joaquim da Silva eleito deputado provincial. Candidatou-se ainda a deputado geral, mas os cambalachos políticos não lhe permitiram atingir aquela posição.

Com Tobias Barreto e um sacerdote do clero olindense cujo nome nos escapa, tomou parte num concurso para provimento da cadeira de Latim no curso anexo à Faculdade de Direito do Recife.

Os três candidatos se equipararam nas provas e, como era mais curial no tempo, o sacerdote, mais velho que os outros dois candidatos, foi o nomeado.

Referindo-se ao certame em uma de suas crônicas, escrevia Silvio Romero: Não se sabia a quem devera caber a palma da vitória, nesse concurso, se a Tobias Barreto, que era um sábio, se ao professor Silva, que era uma bela celebração de jurista e latinista, se ao velho clérigo do Seminário de Olinda, profundo conhecedor da língua de Cícero.

(18) Edmundo de Amicis. "Marrocos".

(19) O Pe. Chacon viera de Olinda.Faleceu entre 1885 e 1886 inválido, decrépito, mas com todos os privilégios, com todo o prestígio de vigário colado de Areia. Era pernambucano.

(20) Pedro Américo. "Holocausto". Exemplar existente na Casa de "Pedro Américo" de Areia.

(21) Os filhos homens do coronel Ildefonsiano trabalhavam nas lavras de cana do pai, durante toda a semana. Só aos sábados cada um tinha liberdade para cuidar de sua pequena lavra.

No afã de economizar algo que lhe auxiliasse a custear os estudos, dedicava D. Adauto ao seu canavial até as horas do descanso

CAPÍTULO III
O primeiro Seminário

Três datas que muito resumem. Um caráter positivo. Nostalgia. O flagelo da imaginação. Uma vitória aos pés da Virgem de Loreto. A crisma. Uma caderneta preciosa. Resoluções que retratam uma personalidade.

No dia 7 de abril de 1875, transpôs D. Adauto os umbrais do velho Seminário Sulpiciano de Issy, em Paris, para iniciar a sua formação eclesiástica.

No dia 8 de maio de 1877, ingressou no Colégio Pio Latino-Americano de Roma, para fazer o curso teológico e o curso de doutorado em direito canônico.

No dia 11 de março de 1882, partiu de Bordeaux regressando ao Brasil.

Estas três datas, em sua simplicidade e em sua síntese cronológica, resumem todo um processo de aperfeiçoamento espiritual.

Foram os sete anos mais decisivos, cremos nós, na vida do arcebispo: o tempo em que sofreu ele, como todos sofrem, o choque entre as ilusões da adolescência e as primeiras realidades duras que a juventude nos entremostra, saindo da prova armado cavaleiro para o resto de existência.

O seu caráter positivo de homem que "conhecia o prazer da dominação de si próprio, de resistir aos desejos e aos estímulos imediatos"[1] lhe prestou inestimáveis serviços nessa época.

E afirmamos isso porque não temos dúvida de que, ao sair da casa paterna, já levava ele o caráter formado e enrijecido, como fruto das contribuições hereditárias, das influências do meio, das reações sobre o meio, dos obstáculos de várias ordens e de vários matizes que a sua coragem soube vencer.

Aquele *fervet opus* de dificuldades sem conta e sem medida, a se erguer ameaçador contra a realização de seus planos, seria o

cemitério de um caráter negativo, sentimental e efeminado,[2] e foi a forja que retemperou o seu, de qualidades tão diversas e tão opostas.

O caráter, como Goethe o viu com a clarividência do gênio, só se forma no tumultuar da vida.

Fora da pátria pela primeira vez e amando a sua terra até quase à adoração, foi atacado de profunda nostalgia ao penetrar os corredores silenciosos do Seminário Sulpício.

É muito difícil dar uma idéia desse estado mórbido, dessas perturbações físicas e psíquicas produzidas pelo desejo, pela ânsia de voltar à terra mãe. O que é certo é terminar muitas vezes essa melancolia sem limites, pela morte do nostálgico, se à pátria ele não regressa.

Que pugna formidável não se travou no espírito de D. Adauto nesse instante tão grave de sua vida!

O choque de dois grandes amores que se defrontavam como incompatíveis – o amor do berço natal e o amor do ideal que o levara ao Velho Mundo: a cultura, a formação, o sacerdócio.

"A imaginação sem peias, confessava ele, era ao tempo o meu grande flagelo. Tudo da pátria me era extremamente grato. Tudo do estrangeiro me parecia extremamente tétrico e doloroso".

Se a França tinha então todas as características da terra do exílio dantesco, torturante, o Brasil se apresentava com todos os traços de um El Dorado. Terra da promissão manando o leite e o mel dos seus ubertosos seios.

O rústico solar do engenho Buraco assumia as proporções de um palácio, de um castelo encantado.

O atroar do búzio chamando os trabalhadores para o almoço ressoava na memória como a mais harmoniosa das músicas.

O cheiro do caldo novo dir-se-ia rescender ali perto.

A rapadura batida era a mais refinada guloseima.

O perfume silvestre da fava de cheiro, dos calumbis e camarás em flor, outrora apenas sentidos, agora inebriavam.

Nunca as flores dos paus d'arco que enfeitavam as colinas natais foram de um amarelo mais vivo ou de um roxo mais intenso.

Nem as macaíbas heris mais majestosas, causando inveja às

no decorrer do dia.

Sobre as exigências do velho em matéria de costumes, basta citar o seguinte fato:

Uma ocasião castigou severamente o filho mais velho só porque o surpreendeu a aspirar o odor de uma garrafa que contivera aguardente, e lamentava às vezes estar D. Adauto estudando em Roma: "numa terra em que só se fazia refeição com uma garrafa de vinho ao lado".

(22) Frei Felix de Olivola. Obra citada, pág. 93.

(23) Ibidem, pág. 113.

(24) Atos dos Apóstolos, 21, 19.

(25) Frei Felix de Olivola. Obra citada, pág. 128.

(26) Ibidem, pág. 139.

(27) Ibidem, pág. 189.

(28) Ainda hoje existe o engenho Cafundó, no município de Serraria, propriedade de parentes do coronel Joaquim Salustiano. O coronel Joaquim Salustiano e sua esposa, D. Querubina de Miranda Henriques, que era irmã do coronel Ildefonsiano, ainda tiveram o prazer de ver D. Adauto padre, cônego, bispo e arcebispo, pois morreram depois de 1914: O coronel, primeiro, em Cafundó, e a mulher, alguns anos depois, no povoado de Pilões de Dentro.

O Cafundó foi um dos grandes engenhos do seu tempo, com numerosa escravatura e sobrado de azulejo. O senhor de Engenho, de mãos largas, fazia vir da capital pelo Natal os parentes e amigos e distribuía fartas "festas" aos afilhados e aos negros de melhor comportamento. Visitava com a esposa, anualmente, a D. Adauto, de ordinário pela Semana Santa, hospedando-se em palácio.

(29) O Seminário de S. Sulpício em Issy, em Paris, é dirigido pelos padres sulpicianos, congregação fundada no século XVII pelo padre Olier (1608 – 1657) hoje beatificado.

(30) Ocorrem-nos os nomes dos cônegos Ricardo Rocha e Clementino Contente, figuras de muito relevo do clero paraense, já falecidos.

(31) "Diário de Pernambuco", de 11 de março de 1875.

CAPÍTULO III
O primeiro Seminário

Três datas que muito resumem. Um caráter positivo. Nostalgia. O flagelo da imaginação. Uma vitória aos pés da Virgem de Loreto. A crisma. Uma caderneta preciosa. Resoluções que retratam uma personalidade.

No dia 7 de abril de 1875, transpôs D. Adauto os umbrais do velho Seminário Sulpiciano de Issy, em Paris, para iniciar a sua formação eclesiástica.

No dia 8 de maio de 1877, ingressou no Colégio Pio Latino-Americano de Roma, para fazer o curso teológico e o curso de doutorado em direito canônico.

No dia 11 de março de 1882, partiu de Bordeaux regressando ao Brasil.

Estas três datas, em sua simplicidade e em sua síntese cronológica, resumem todo um processo de aperfeiçoamento espiritual.

Foram os sete anos mais decisivos, cremos nós, na vida do arcebispo: o tempo em que sofreu ele, como todos sofrem, o choque entre as ilusões da adolescência e as primeiras realidades duras que a juventude nos entremostra, saindo da prova armado cavaleiro para o resto de existência.

O seu caráter positivo de homem que "conhecia o prazer da dominação de si próprio, de resistir aos desejos e aos estímulos imediatos"[1] lhe prestou inestimáveis serviços nessa época.

E afirmamos isso porque não temos dúvida de que, ao sair da casa paterna, já levava ele o caráter formado e enrijecido, como fruto das contribuições hereditárias, das influências do meio, das reações sobre o meio, dos obstáculos de várias ordens e de vários matizes que a sua coragem soube vencer.

Aquele *fervet opus* de dificuldades sem conta e sem medida, a se erguer ameaçador contra a realização de seus planos, seria o

cemitério de um caráter negativo, sentimental e efeminado,[2] e foi a forja que retemperou o seu, de qualidades tão diversas e tão opostas.

O caráter, como Goethe o viu com a clarividência do gênio, só se forma no tumultuar da vida.

Fora da pátria pela primeira vez e amando a sua terra até quase à adoração, foi atacado de profunda nostalgia ao penetrar os corredores silenciosos do Seminário Sulpício.

É muito difícil dar uma idéia desse estado mórbido, dessas perturbações físicas e psíquicas produzidas pelo desejo, pela ânsia de voltar à terra mãe. O que é certo é terminar muitas vezes essa melancolia sem limites, pela morte do nostálgico, se à pátria ele não regressa.

Que pugna formidável não se travou no espírito de D. Adauto nesse instante tão grave de sua vida!

O choque de dois grandes amores que se defrontavam como incompatíveis – o amor do berço natal e o amor do ideal que o levara ao Velho Mundo: a cultura, a formação, o sacerdócio.

"A imaginação sem peias, confessava ele, era ao tempo o meu grande flagelo. Tudo da pátria me era extremamente grato. Tudo do estrangeiro me parecia extremamente tétrico e doloroso".

Se a França tinha então todas as características da terra do exílio dantesco, torturante, o Brasil se apresentava com todos os traços de um El Dorado. Terra da promissão manando o leite e o mel dos seus ubertosos seios.

O rústico solar do engenho Buraco assumia as proporções de um palácio, de um castelo encantado.

O atroar do búzio chamando os trabalhadores para o almoço ressoava na memória como a mais harmoniosa das músicas.

O cheiro do caldo novo dir-se-ia rescender ali perto.

A rapadura batida era a mais refinada guloseima.

O perfume silvestre da fava de cheiro, dos calumbis e camarás em flor, outrora apenas sentidos, agora inebriavam.

Nunca as flores dos paus d'arco que enfeitavam as colinas natais foram de um amarelo mais vivo ou de um roxo mais intenso.

Nem as macaíbas heris mais majestosas, causando inveja às

próprias palmeiras imperiais.

As gigantescas mungubas, as gameleiras frondosas, as madeiras novas, linheiras como agulhas góticas, mereceriam um mundo de poemas, se a saudade não fosse intensamente grande para ser traduzida.

A orquestra matutina dos canários, galos-de-campina, concrises, xexéus, pintassilgos, curiós e *tuti quanti* transpunha os mares para acordar-lhe n'alma aquela saudade nas manhãs estrangeiras.

Começava o dia.

Ao entardecer, o canto trêmulo dos nambus e o chiado triste dos grilos "beneditos" chegavam a sua lembrança como dobres fúnebres.

Dolorosa era a noite.

D. Adauto, porém, venceu-se a si mesmo.

Concentrou-se como o guerreiro que balanceia as energias de que dispõe para a luta.

Viu claro o poder confortador da fé e, ajoelhado dentro do Seminário de Issy, dominou a borrasca.

Não era, contudo, sem emoção que se referia a esse período bem amargo de seus estudos na Europa:

"Calculem agora, calculem a contrariedade que eu experimentava quando, naquela situação, era obrigado pela disciplina a tomar parte nos esportes e nas diversões, nas festas e nos recreios".

Entre 5 de março e 3 de maio de 1876, recebeu o sacramento da confirmação, em Paris, ministrado pelo seu santo bispo, a esse tempo na "Cidade Luz", repousando das fadigas conseqüentes à "Questão Religiosa" no aconchego dos seus irmãos de hábito.

Não encontramos nas notas do arcebispo nenhuma referência a respeito. Fazia, certamente, ele ainda o difícil estágio de adaptação ao clima e aos costumes europeus. Só depois de passada a onda, a sua alma se revelaria numa expansão, providencial ao biógrafo, numa súmula de propósitos cálidos ferventes.

Como não ter sido, porém, um grande dia para o jovem aluno dos sulpicianos o dia de sua crisma, quando o padrinho, por ele mesmo escolhido, fora o próprio D. Vital, aureolado já com as insígnias imortais

de Confessor da Fé!

Contava o arcebispo que, pedindo a D. Vital para crismá-lo, recomendara este com certo humor:

"Não vá escolher como padrinho algum maçom".

Ao que retorquia D. Adauto:

"Desejo que seja V. Excia. mesmo o meu padrinho".

Terminado o curso de filosofia no Seminário de Issy, ainda a conselho de D. Vital,[3] resolveu transferir-se para o Colégio Pio Latino-Americano, de Roma, a fim de cursar teologia e doutorar-se em direito canônico na Universidade Gregoriana.

Da retidão do seu espírito, da sua confiança em Deus, do seu admirável *self control* altamente sobrenaturalizado, ao iniciar mais essa etapa de sua formação, constitui prova inconcussa o elenco de resoluções que ele confiou àquele caderninho de cantoneiras de metal, comprado na "Papeterie Froidevaux, Rue de Sévres, 4, Paris".

"J. M. J. Seminário de Issy, 28 de abril de 1877.

Resoluções que devo pôr em prática, ajudado com o auxílio de Nosso Senhor, desde que chegar ao Colégio Pio Latino-Americano, onde espero achar o que a misericórdia divina quiser me conceder pela sua bondade infinita.

Dedicar sempre com coragem e constância aos estudos teológicos todo o tempo que me for dado pela munificência divina, sem perder um só momento consagrado a eles.

Guardar absoluta fidelidade ao Regulamento, sobretudo no que diz respeito à observância do silêncio, nas horas prescritas, e ao correto emprego do tempo.

Verdades que devo cultivar de preferência:

1°) A renúncia a mim mesmo, o recolhimento de espírito e o sentimento da presença de Deus. 2°) A modéstia de um modo todo particular na convivência com os meus compatriotas; a modéstia em qualquer parte onde eu estiver, acompanhado ou só, mesmo no retiro de minha cela. 3°) O bom exemplo. O bom exemplo contínuo e em todas as cousas para a maior glória de Deus; o bom exemplo pela caridade, súmula de todas as virtudes, e pela humildade, que me deve

levar à consideração de meu nenhum valor, à escolha do último lugar entre os meus companheiros e amigos. Durante os recreios serei comedido no falar, preferindo sempre ouvir, e me esforçar especialmente para jamais falar de mim mesmo. É regra de boa modéstia. 5º) A religião: o fervor em todos os exercícios de piedade. No amor de Deus e nele somente eu poderei encontrar o que desejo e devo desejar. Fora do amor de Deus, onde buscar lenitivo para as penas, a solução para as dificuldades da vida? Como se preparar o homem para a vida eterna desviado deste grande amor? Deste amor que é a mesma graça?

Nos meus lábios sempre estará a prece daquele que tudo espera do seu Deus.

Domine ad adjuvandum me festina.

Cultivarei com ardor a devoção ao S. S. Sacramento, à Eucaristia, força e vida sobrenatural do cristão. Incentivarei o meu grande afeto e a minha confiança filial para com a Santíssima Virgem. Dela, a verdadeira "Onipotência Suplicante", eu espero obter tudo. À proteção valiosíssima de S. José, seu castíssimo esposo e patrono da Igreja Universal, recorrerei freqüentemente. 6º) A obediência integral, a docilidade para acatar as determinações de todos os superiores, mormente do M. R. Pe. Reitor, em cuja vontade a meu respeito verei sempre a mesma vontade de Nosso Senhor. Estou convencido de que todo o mal e pecado deste mundo tem sua raiz na falta de obediência a Deus e aos seus representantes.

Com os meus superiores serei sempre muito amável. Contente, receberei tudo o que vier da parte deles e ainda que julgue desfavorável a mim. Ficarei assim com mais um o mérito oferecido a Nosso Senhor.

Maximamente confiante em meu diretor de consciência; inteiramente submisso a sua orientação, batalharei seguro de vencer na luta por uma perfeição sempre maior.

Jamais perderei de vista estas relações com o Pe. Reitor, com os demais superiores e com meus colegas e patrícios. Elas me oferecerão sempre ocasião de progresso ou de decadência espiritual, dependendo tudo de minha conduta no momento. Estudando o natural particular de cada um e a diferença de temperamento, eu descobrirei o

segredo de viver em grata harmonia com todos, observando o grande e eterno princípio da caridade".

Diante de tudo isto, depois de tudo isto vem-nos a tentação de faltar com a modéstia, para confessarmos a nossa benemerência em termos livrado do lixo o velho caderninho de cantoneiras de metal, comprado na "Papaterie Froidevaux, Rue de Sévres, 4, Paris.

D. Adauto está ali todo inteiro com a sua elevação de vistas; com o seu espírito de renúncia; com o seu temperamento ativíssimo, quase irrequieto; com a sua prudência áurea; com o seu tato de fino diplomata que o sabia ser quando as circunstâncias o exigiam; com o seu amor à disciplina e à ordem.

As resoluções de Issy, espelho da formação que lhe deram os bons padres do Seminário Sulpício, constituem o resumo perfeito, a síntese magnífica de muitos de seus sermões e práticas, de algumas de suas luminosas pastorais, porque constituem a marca intelectual de sua inconfundível personalidade.

Notas

(1) Will Durant. Filosofia da Vida. Tradução de Monteiro Lobato. Comp. Editora Nacional, pág. 241.

(2) Ibidem, págs. 237 e 238.

(3) Passando D. Vital em Paris após a "Questão Religiosa", D. Adauto consultou-o se devia completar os seus estudos em Issy ou em Roma. D. Vital aconselhou-o ir para Roma e estudar de preferência o direito canônico.

CAPÍTULO IV
No Colégio Pio Latino e na Gregoriana

Roma e seu sentido eterno. Um estudante de teologia com ótimas intenções. Sem esquecer o vernáculo. A Companhia de Jesus e seus educandários. Um grande diretor de consciência. Sai mais um clérico das mãos de D. Vital. Sentimentos de D. Adauto ao ingressar nas ordens sacras. Propósitos renovados. Elevações espirituais. Santas recordações ao receber o presbiterato. Notas para uma carta. A tradução do "time is money" na prática. Desejando ficar em Roma por mais algum tempo. Doutor em direito canônico. Com a saúde abalada. Os conselhos de um facultativo. Regresso da Europa.

Roma é o gigantesco compêndio da fé cristã, nas suas quatrocentas igrejas magníficas, dominadas pela cúpula imortal de S. Pedro.

Naquele Coliseu, teatro imenso para cem mil espectadores, marcando menos o fastígio do império que o fastígio da caridade cristã concretizada no martírio.

Naquela Basílica Lateranense, com "o seu teto de mármore dourado a fogo, seu pavimento de renda marmórea, seu órgão, o maior de Roma, suas colunas de bronze dourado a sustentar o docel do altar da confissão.[1]

Naquelas catacumbas de galerias sem fim, cujas pedras testemunharam os mais ardentes e os mais profundos atos de adoração a Deus, no tempo em que era crime adorá-lo à luz meridiana"...

Não é só para se abeberarem com maior extensão nos princípios da filosofia integral, da teologia e do direito canônico que anualmente chegam a Roma levas e levas de jovens seminaristas.

Não é só para se formarem debaixo das vistas mais diretas do pai comum.

É também para assimilarem, digamos assim, o sentido eterno

do cristianismo, ao pé daqueles monumentos imperecíveis.

É também para adquirirem reservas de vera e sadia espiritualidade, naquele ambiente saturado de preces e de grandeza litúrgica.

Facilmente distinguimos entre muitos o sacerdote que, em sua juventude, não somente viveu em Roma, mas viveu Roma.

E D. Adauto foi um deles.(2)

Assim o demonstrou em sua vida interior plena de sobrenaturalidade, visando cada dia a uma perfeição sempre maior, sem desânimo, sem esmorecimentos.

Com quanta precisão o identificam as resoluções que tomou no Pio Latino para o maior êxito dos seus estudos teológicos!

"Não devo jamais esmorecer, nem me entregar menos aos estudos quando não puder ter no fim de cada ano pelo menos um *laudatus*, e quando suceder não me sair bem nos exames particulares e destinados para as ordens sucessivas ou mesmo para a santa tonsura, mas pelo contrário, se isto me sobrevier, devo, pondo toda a minha confiança em Nosso Senhor e na Santíssima Virgem Maria, entregar-me ainda mais, inteira e cuidadosamente, aos estudos com uma firme esperança de que hei de triunfar da segunda vez. Depois de uns quatro ou cinco meses de estudo, estando de saúde perfeita, pedirei ao Reitor para levantar-me meia hora ou uma hora antes da hora marcada, para assim dar mais tempo aos estudos teológicos. Ao começar em novembro o curso regular de teologia, nada mais devo fazer senão dedicar-me por completo a ela, privando-me em absoluto de outro qualquer estudo por pequeno que seja e de toda sorte de leitura, para ver se assim posso encontrar depois de uns seis ou oito meses (março de 1878) uma certa facilidade em todos os tratados que a compõem. Mas para aí chegar não perderei um só momento, empenhando todas as minhas forças, como fazia quando comecei a estudar o latim".

O arcebispo, se não foi um cultor do vernáculo, no sentido restrito do termo, procurou, contudo, escrever com correção, com clareza e até com uma certa elegância de estilo. E esses cuidados com relação à pureza da linguagem pátria já o acompanhavam no Pio Latino.

Nada, com efeito pode afetar tanto essa pureza como a permanência contínua em países estrangeiros, ouvindo constantemente e falando um idioma diverso, lendo e escrevendo muitas vezes no mesmo, como sucede aos estudantes – e era o caso de D. Adauto.

Paulatinamente, o vocabulário materno vai perdendo terreno, o ouvido se adaptando à nova fonologia, a língua aos modismos e a pena às construções do idioma em apreço.

O arcebispo viu claro tudo isto:

"Até setembro, é mister que aplique a metade do meu tempo estudando um pouco de teologia e a outra metade particularmente em exercitar-me nos estudos da língua natal, v. g. exercícios de escrita, pelo menos um pouco todos os dias, e leituras de alguns bons autores – transcrevendo os melhores trechos e passagens que neles encontrar em um caderno exclusivamente dedicado a isto. Terei um grande cuidado na construção das frases e pensamentos, na propriedade dos termos, quando em palestra com os companheiros e padres, para o que me prepararei de antemão se tiver tempo. Falarei pouco, mas corretamente. É o que me convém, maximamente nos primeiros dias – preferindo sempre observar e gravar as expressões e os termos dos que falam o português com segurança e acerto".

Os institutos de estudos eclesiásticos dirigidos pelos padres da Companhia de Jesus são famosos pela formação espiritual que ministram aos seus alunos.

A Companhia procura observar, o mais possível, na investidura dos seus postos, quaisquer que eles sejam, a tão conhecida máxima inglesa: "*the right man in the right place*". E assim tem ela sempre um corpo de verdadeiros especialistas à frente das suas universidades, dos seus colégios, das suas missões, dos seus cursos de conferências. À frente da administração geral da Ordem como à frente de todas as suas províncias e casas.

Ajuizemos agora que qualidades não deve ter o diretor espiritual de um seminário jesuíta, de um colégio de formação eclesiástica como o Pio Latino-Americano!

E ajuizemos ainda de que estofo não seria esse diretor espiritual

para permanecer no cargo, em um mesmo estabelecimento, pelo espaço de vinte e nove anos.

Pois foi o que se deu com o Padre Luiz Costa, diretor espiritual do Pio Latino no tempo em que D. Adauto lá estudou.

De 1870 a 1899, dos 43 aos 72 anos de sua idade, Luiz Costa desempenhou no Pio Latino aquela árdua e sublime missão de aperfeiçoador de almas.

Ouviram dos seus sábios conselhos sacerdotes nossos já desaparecidos, mas que foram, pelo seu espírito profundamente eclesiástico, luminares do clero: D. Adauto, Monsenhor Xavier de Paiva e Cônego Estevão Dantas.(3)

Na cela pobre de Luiz Costa muitas vezes se reuniam os bispos, seus ex-dirigidos, almas filhas de sua alma, como que procurando no aconchego do antigo mestre novas reservas de vigor espiritual para as lutas do apostolado.

E após longas palestras, em que a austeridade dos princípios perfeitamente se casava com a jovialidade da forma, o velho jesuíta, numa disfarçada rabugice de setuagenário, despedia os seus ouvintes, que pareciam dispostos a não largá-lo.

Bem sentimos o perpassar do espírito do grande e humilde filho de S. Inácio nestas elevações tocantes do seu grande e humilde dirigido:

"*O humilitas Christi. Quantum confundis superbiam vanitatis nostrae. Discite a me quia mitis sum et humilis corde*". (E não foi toda a sua vida uma humilhação contínua?) A fé nos ensina que Deus resiste aos soberbos e não favorece senão aos humildes. O Santo Espírito diz que é sobre o humilde que repousa o espírito do senhor. "*Gloriam meam alteri non dabo. Quanto major es, humilia te in omnibus, et coram Deo invenies gratiam*".

"Meu Jesus, vós que me dais em toda a vossa vida mortal um contínuo exemplo de humildade, fazei com que eu me penetre dela e seja em tudo humilde, atribuindo a Vós e não a mim todo o bem existente em mim".

D. Adauto recebeu a primeira tonsura no dia 18 de outubro de

1877, das mãos de D. Vital, então na Cidade Eterna, e no dia 21 do mesmo mês e ano, as quatro ordens menores, ainda ministradas pelo grande Confessor da Fé.

Em 15 de junho de 1878, na Basílica Lateranense,[4] foi conferido ao jovem pio-latinista o sagrado subdiaconato – a primeira das ordens maiores.

Oficiou no ato o eminentíssimo Cardeal Mônaco la Valleta, então vigário de Roma.

Dos sentimentos com que ingressou D. Adauto nesta primeira etapa do sacerdócio propriamente dito, muito bem diz o seu caderninho íntimo:

"Meu Jesus, por vossa bondade e misericórdia infinita, me consagrei hoje a Vós, ao vosso santo serviço e à salvação das almas. Hoje mesmo não pertencerei mais ao mundo. Sede, pois, servido, Senhor, que de hoje em diante eu não pense mais como o mundo, nem obre, nem fale mais segundo os seus princípios, mas proceda em tudo, até a minha morte, conforme a vossa santíssima vontade, me tornando assim um novo homem.

Meu Jesus! Santíssima Virgem! Vós que me destes por vosso valimento tão boas disposições durante estes santos dias de exercícios – para tudo fazer desde já, sobretudo as minhas práticas de piedade e os meus estudos, visando à salvação de minha alma, à salvação da alma dos meus semelhantes, e com isto a vossa maior glória; Vós que me penetrastes de tão puras e retas intenções; Vós a quem devo, no decorrer de horas tão abençoadas, estes áureos pensamentos sobre o meu próprio fim e a humildade que me cabe pôr em prática para atingi-los; Vós que a mim, bem indigno, inspirastes tão bons desejos a respeito do santo zelo de vossa glória; Vós que me patenteastes o sentido profundo da caridade para com o próximo, contido nestes textos admiráveis: *Hoc est praeceptum meum ut diligatis invicem sicut dilexi vos. Si caritatem non habuero nihil sum*; Vós que me fizestes aspirar ardentemente a doçura, meditando as palavras de Francisco Xavier: *Stude, amare et amari. Prius compara tibi claves cordium quam aureum aditum tentes. In hoc consistit caput et compendium*

artis; Vós que me inculcastes a obrigação do bom exemplo à luz da vossa palavra divina: *Vos estis lux mundi; sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent patrem vestrum qui in coelis est*; Vós que me inundais de vossa presença: *In omni loco oculi Domini contemplantur bonos et malos*. Completai em mim a vossa obra, Senhor. Sede servido que eu ponha em prática a resolução que tomo – de não se passar mais um só dia d'ora em diante sem que eu pense, ou medite, ou leia alguma cousa sobre tais virtudes, assim como sobre a vossa santíssima paixão e sobre os motivos que me levam a obrar".

Em prosseguimento encontramos no caderno espiritual do arcebispo, com data de 27 de outubro de 1878:

"Eu vos rendo humildes graças, meu Deus, por me terdes feito experimentar nesses últimos dias tão bons atrativos pela virtude dos santos. Pela prudência: *Scientia sanctorum prudentia. Consilium custodiet te et prudentia. Consilium custodiet te et prudentia servabit te ut eruaris a via mala*. É verdadeiramente a prudência *ars artium et regimen animarum*.

Fazei, pois, Senhor, com que a medite também cada dia, ao menos me lembrando dela algumas vezes. Eu vos adoro, Espírito Santo, espírito de sabedoria, de inteligência e de conselho, por cujas inspirações Nosso Senhor Jesus Cristo dirigiu toda a sua vida. *Virgo Prudentíssima Sedes Sapientiae, ora pro me*".

No dia 18 de setembro de 1879, foi D. Adauto promovido ao diaconato, a ministro de dois grandes sacramentos – o batismo e a eucaristia.

A ocasião era azada para um propósito de reforma como aquele que encontramos em suas notas e no qual se observa às claras o ardor do seu temperamento impulsivo, facilmente dominado pelas emoções, sempre pronto para reagir e para contradizer nos momentos precisos, capaz de faltar até com a justiça levado pelo calor da indignação, mas capaz igualmente de pedir desculpas com toda a simplicidade d'alma, de confessar e reparar os seus erros da maneira mais completa e mais cristã.

O arcebispo se conheceu a si próprio, tanto quanto possível, desde os mais verdes anos.

A sua paixão dominante não tinha mistérios para ele.

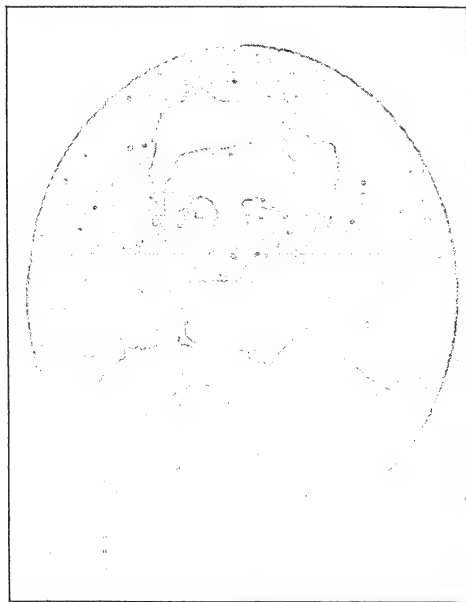
Sentia-se bem nas posições de relevo.

Gostava de mandar e de ser obedecido.

Dificilmente sofria a contradição de alguém aos seus pontos de vista muito pessoais.

Era o seu tanto vaidoso, não desadorando ainda uma certa ironia mui sutil, uma certa mordacidade mui velada na crítica.

Mas só quem convivia de perto com ele podia apanhar as maravilhas do seu autodomínio, a vigilância contínua que ele exercia sobre os seus atos, procurando retificá-los no sentido da caridade.

Tinha sede de perfeição e por isso lutava sem tréguas contra as tendências que punham obstáculos a essa perfeição.

D. Adauto aos 18 anos quando partiu para a Europa onde ia cursar Filosofia e Teologia.

No moço diácono de 1879 nós vemos com a maior nitidez o prelado que se findou naquele meio-dia doloroso de 1935.

"Eu devo combater a paixão causadora de todos os meus defeitos cotidianos, de todos os meus hábitos menos dignos e mais arraigados. Devo obedecer sempre pronta e alegremente a todas as ordens dos meus superiores e dos meus prefeitos, quaisquer que eles sejam.

Eu devo procurar sempre santificar-me durante os recreios com os meus companheiros, evitando as questões, fugindo mesmo delas inteiramente. Não devo contrariar os meus colegas nem pôr ao vivo os seus defeitos.

Eu devo considerar que mereço o inferno pelos meus pecados todas as vezes que me vierem pensamentos de soberba, de vanglória; todas as vezes que receber humilhações, para com este pensamento me conformar e recebê-las resignadamente.

Eu devo considerar a humanidade de Jesus Cristo e a minha enfermidade, a minha miséria.

Eu devo imitar a humildade de tantos dos meus colegas verdadeiramente modelares nessa virtude.

A minha alma neste mundo é como uma barca açoitada por diversos ventos e ondas que são as minhas más inclinações naturais, as quais não poderei vencer senão tendo por timão a mortificação ajudada pela virtude da indiferença sobre as honras e desprezos, riqueza e pobreza, vida longa e vida breve, saúde e moléstia.

Para a barca é mister uma bússola, bússola que deve ser esta:

Fui criado para as cousas eternas e celestiais e não para as temporais e terrenas".

Só poderia ser grande como foi quem foi tão profundamente humano.

Estava o futuro arcebispo solidamente preparado para o sacerdócio de Jesus Cristo.

A dignidade do instrumento consiste em ocultar-se o mais possível, para fazer ressaltar a causa que o faz agir.

"Deus se serve de vis ministros para operar os seus prodígios".

Eis o pensamento do sacerdote verdadeiramente sacerdote no meio de suas glórias, das conquistas felizes do seu apostolado, do êxito que coroa a sua tarefa.

Em D. Adauto, já naqueles tempos tão remotos, divisamos, pelo menos em seus princípios básicos, o profundo e seguro formador de sacerdotes que admiramos na direção espiritual do velho Seminário de Olinda, na primeira instalação do Seminário da Paraíba em sua própria residência episcopal, o vestudo palacete Abiaí, e naquela carta magnífica sobre o sacerdócio, publicada em 1897.

"Fui criado para as cousas eternas e celestiais e não para as temporais e terrenas."

Ele gravou este lema no frontispício do seu sacerdócio. Inculcou-o freqüentemente aos seus padres naquelas sempre lembradas conferências das três horas nos retiros bienais, e não se cansava de exaltar as virtudes do sacerdote desprendido, como ele, dos bens do mundo.

D. Adauto foi ordenado sacerdote pelo Bispo de Assis – por um bispo que era cognominado "pai dos pobres", e da cidade de S. Francisco, o "Patriarca da Pobreza".

Uma predestinação. D. Adauto morreu sem fazer testamento, porque não tinha de que.

Até a sua herança paterna, a sua "legítima", como chamava, ajuntou ao patrimônio da Mitra, patrimônio no qual os pobres tiveram sempre uma grande parte durante toda a sua vida.

Chegou enfim o dia da ordenação sacerdotal. Realizou-se o ato em 18 de setembro de 1880, na Basílica Lauretana,[5] onde alguns dias depois celebraria a sua primeira missa, acolitada pelos sacerdotes patrícios padres Walfredo Leal e José Alves Cavalcanti.[6]

Podemos muito bem calcular os transportes de piedade que ele experimentou naqueles dias para com a Santíssima Virgem, recebendo o presbiterato em um dos seus mais célebres santuários.

Lembrou-se, é claro, dos momentos angustiosos que passara junto à Virgem.

Recordou a consagração que a sua boa mãe fizera dele à Mãe

de Deus nos seus primeiros anos.

E aquela cena que com tanto candor descreve nas páginas do seu caderninho:

"Sobre a minha devoção à Santíssima Virgem desde os mais verdes anos, lembro-me de duas palavras que minha mãe me disse uma noite, contando eu seis ou sete anos e estando já na cama para me deitar: "Meu filho, quem é devoto de Nossa Senhora é feliz nesta vida e na outra". Minha mãe já se não lembrará disto, talvez. Ora, as palavras dela se me gravaram na mente e no coração: e quem sabe se não é daí que provém a grande graça da minha vocação de ministro do Senhor!"

Após a sua ordenação sacerdotal e a primeira missa, escreveu D. Adauto à família comunicando tão importantes fatos:

"Na primeira missa, pedi muito ao Senhor que nos ensinasse a estimar, alcançar e conservar a graça que ele, nascendo homem, nos trouxe, de podermos nascer filhos de Deus. Pedi também para nós todos a fortaleza de afrontar os perigos, a paciência de superar os trabalhos, a constância durante as adversidades, a firmeza de ânimo contra as decepções e seduções da volúpia e de tudo quanto pode desviar o homem do desempenho de seus deveres. Pedi-lhe o favor insigne de não resistirmos jamais à longa série de auxílios e inspirações que Ele sempre dá a todo homem. *Jugum meum suave est et onus meum leve*. O meu jugo (a minha lei) é suave e a minha carga é leve. Pedi-lhe o benefício sumo de não resistirmos jamais à graça suficiente, que é aquela que dá ao homem forças verdadeiras e completas para bem obrar e cumprir, com os preceitos divinos e com os deveres do próprio estado, a reta intenção em todas as nossas obras, não nos importando com as más interpretações do mundo. Pedi-lhe o inestimável dom de não resistirmos às graças tanto exteriores, quais são os bons exemplos, como interiores, para que façamos com que as graças que o Senhor sempre nos manda, de tantas maneiras diversas, não fiquem sem a nossa cooperação e obtenham o efeito para que são dirigidas: o obrar meritoriamente.

E com muita instância pedi eu ainda ao Senhor a graça tão desejada de ver que entre nós os mais tenros e puros corações desde

os seus primeiros dias de existência comecem logo a receber o santo amor e o santo temor de Deus! Oh! Quanto dependem deste ponto as consolações dos pais, a felicidade e a honra da família! Os filhos, desde os primeiros anos, feridos do santo amor e do santo temor de Deus, jamais se envergonharão de se mostrar verdadeiros cristãos, nenhum obstáculo encontrando para o preceito anual da confissão e comunhão, para uma constante freqüência dos santos sacramentos, meios poderosíssimos que nosso Divino Salvador deixou para perseverarmos na graça".

Toda esta expansão d'alma transmitiu de certo D. Adauto a sua saudosa genitora, desde que, como cabeçalho, encontramos no citado trecho do seu caderninho:

"O que escreverei à família depois de minha ordenação, falando de minha primeira missa".

A graça ali centraliza tudo.

A graça em sua profusão – "longa série de auxílios e inspirações".

A graça suficiente – "forças verdadeiras e completas para bem obrar e cumprir com os preceitos divinos".

A graça que deve ser correspondida para obter o que visa a nosso respeito: "o obrar meritoriamente". A retidão da intenção, o espírito sobrenatural que, informando as nossas mínimas ações, as torna dignas de recompensas eternas, já tinham para D. Adauto aquele valor que tempos depois ele tanto inculcava em suas pregações pastorais, valor que não podia comparar-se com "as más interpretações do mundo".

A educação da infância nos princípios seguros da fé, para consolação dos pais, felicidade e honra da família, prática e constância na recepção dos sacramentos, já constituía para ele, digamos assim, um programa de apostolado.

Era o teólogo, o pastor e o mestre que a Providência já começava a assinalar para esclarecer, para orientar e dirigir tantas almas.

Desejaríamos ler essa carta em que D. Adauto comunica aos seus a graça do sacerdócio que Deus lhe concedera e da primeira

oblação do Santo Sacrifício.

Desapareceu, contudo, documento tão precioso da vida do arcebispo. E como este quantos outros!...

É de notar também que ele, sobretudo durante o seu episcopado, bem poucas cartas escrevia, e quando as escrevia era por demais breve e conciso.

Preferia sempre à carta o cartão que invariavelmente trazia as suas armas.

E muitíssimas vezes preferia ao cartão o telegrama.

Seus telegramas eram admirados como modelos de síntese e de clareza.

Homem prático, lépido, de resoluções prontas, D. Adauto se comunicava na maioria dos casos com os seus amigos e com seus súditos pelos meios mais rápidos e que mais favorecessem a concisão e a nitidez do pensamento.

Gostava de repetir nos seus momentos de bom humor:

"Fiz minhas visitas pastorais primeiro a cavalo, depois a trem, agora a automóvel e ainda espero fazê-las a avião".

O avião era o telegrama em matéria de transporte.

Foi sempre o trabalhador de todas as horas, disposto a não perder a mínima parcela de tempo...

Acordava cedo – "com os galos". Dormia cedo – "com as galinhas".

Em cinco ou seis dias preparava aquelas suas suculentas pastorais, enchendo cadernos e mais cadernos de papel almaço, de canto a canto, sem margens.

Nunca moroso celebrava e crismava, e agindo, jamais deixou de aproveitar as oportunidades que se ofereciam como garantia do êxito.

"A oportunidade não tem cabelos; quando a deixamos escapar, ela foge, e dificilmente podemos agarrá-la de novo".

Andava depressa, com passos miúdos; subia escadas quase correndo, se se fazia preciso; estava sempre pronto para viajar uma hora antes da hora marcada, e quando era convidado para celebrar

nas igrejas ou capelas fora da sede episcopal, causava involuntariamente sérios vexames aos vigários e capelães, chegando no mínimo com um adiantamento de meia hora.

Está fora de dúvida que um homem assim expedito, assim ágil, jamais se sentaria diante de uma mesa para escrever estiradas epístolas à Vieira, Eça, Camilo, Ortigão ou Rui, só para dizer aos seus amigos que estava passando bem e que outro tanto lhes desejava, só para dar uma ordem ou fazer uma admoestação aos seus subordinados.

Ordenado sacerdote, escreveu D. Adauto ao vigário capitular que então regia a Diocese de Olinda em sede vacante,(7) expondo o seu desejo de passar mais um ano na Cidade Eterna, "para deste modo se tornar menos inútil no amanho da vinha do Senhor": expressões textuais de sua carta.

Por mais um ano ainda, desejava observar o regime de vida do velho Pio Latino e da Gregoriana. O percurso diário pelo Corso Vittorio Emmanuele, de S. Andréa del Valle, onde ficava o Colégio, até o antigo colégio da Companhia onde funcionava a Gregoriana. As lições dos repetidores três ou quatro vezes por semana. As aulas magistrais daqueles padres humildes de roupeta negra, expoentes máximos na ciência e no ensino do direito canônico, da filosofia, da teologia da sacra escritura.

Foram reitores de D. Adauto no Pio Latino os padres Agostinho Santinelli, que assumindo o reitorado em 1869 deixou-o em 1880, e Tomaz Ghetti, que o assumiu nesse mesmo ano.(8)

Desempenhavam ao tempo as funções de ministros no Colégio os padres João Benanni e Angelo Biancini.(9)

Os padres Luiz Costa e João Batista Fialho Vargas foram seus repetidores de teologia moral; os padres Valeriano Cardella, Camilo Bescari e Heitor Venturi, de teologia dogmática.(10)

Estudou o arcebispo na Universidade Gregoriana durante os reitorados do padre Hugo Molza, que esteve à frente da casa desde 1876 até 1880, e do padre Francisco Vannutelli, que lhe assumiu a direção em 1880. Foram seus professores na Gregoriana: os padres Rodrigo Cornely e Alexandre Nampieri, de escritura sagrada;

Domingos Palmieri, João Egidi e Felipe Canestrelli, de teologia dogmática; Antônio Ballerini e Aluísio Puerini, de teologia moral; Luiz Caterini, Sebastião Sanguinetti, Lourenço Lugari, Francisco Xavier Wernz e Pedro Baldi, de direito canônico. Como prefeito de estudos teve ainda na Universidade os padres José Kleutgen, José Dmowski e Camilo Mazzella.

O generalato da Companhia era exercido então pelo padre Pedro Beckx, geral desde 1853 até 1887, quando foi substituído pelo padre Luiz Martin.(11)

Todos estes nomes, escolhidos para as respectivas funções pelo critério do expoente, aureolam reais notabilidades.

E vários dentre eles merecem os encômios da fama universal, como os dos padres Cornely, Ballerini e Palmieri.

Obtido o beneplácito, concluiu os seus estudos de direito canônico, em que se doutorou pela Universidade Gregoriana, defendendo tese em 18 de janeiro de 1882, um ano e quatro meses depois da ordenação.(12)

Já era tempo de voltar.

Com a saúde abalada em conseqüência dos últimos esforços feitos, necessitava, agora, mais que nunca, dos ares pátrios para deles sorver a força e a vida.

Despedindo-se dos seus velhos mestres e amigos do Pio Latino, viajou de Roma a Paris em 19 de fevereiro, martirizado pela escrofulose, denunciadora de grande fraqueza orgânica.

Consultou em Paris uma das sumidades médicas do tempo, que por sinal quase nenhuma droga lhe receitou para o caso, aconselhando-lhe, porém, muito repouso, ao sentenciar com ênfase:

"Não esqueça, meu jovem, uma hora de sono antes da meia-noite vale por duas depois da meia-noite".

D. Adauto jamais deixou escapar da lembrança a recomendação do esculápio parisiense – a qual repetia com muita freqüência.

De Paris se dirigiu a Bordeaux, donde embarcou para o Recife no dia 11 de março.

Notas

(1) Pe. José de Castro. "Terras de S. Francisco". Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1928, pág. 170.

(2) D. Adauto foi o 235º aluno matriculado no Pontifício Colégio Pio Latino-Amaricano de Roma, tendo entrado no estabelecimento aos 9 de maio de 1877 e saído aos 19 de fevereiro de 1882. Foi o 16º bispo ex-aluno do Pio Latino.

O Pontifício Colégio Pio Latino-Americano tem a sua história.

Idealizou-o o sacerdote chileno José Inácio Victor Ezaguirre, falecido aos 16 de novembro de 1875.

Sonhava ele com um clero mais bem formado para os países americanos e seu sonho mereceu o entusiástico aplauso de Pio IX, com quem pessoalmente tratou do assunto. Deu-lhe ademais este papa uma carta de apresentação para os bispos americanos no intuito de facilitar a realização da grande obra. Fez Ezaguirre grandes viagens pela América e voltou a Roma conduzindo um grupo de jovens – os futuros fundadores do Colégio, o qual de fato teve início aos 21 de novembro de 1858, funcionando numa casa que pertencia aos clérigos regulares, chamados teatinos, em S. André do Vale. Desde o início, por desejo do papa, foi o Colégio entregue aos cuidados da Companhia de Jesus, que tinha então como Prepósito Geral o Pe. Pedro Beckx, falecido em 1887.

Duas vezes, devido ao crescente número de alunos e à ânsia de melhores acomodações, o Colégio teve que mudar de local. Em 1861, quando passou para um prédio pertencente aos dominicanos, vizinho à Basílica de Santa Maria sobre Minerva, e em 1867, quando começou a funcionar no prédio do escolasticado jesuíta junto ao Palácio Quirinal.

Aí permaneceu até novembro de 1887, quando se transferiu para a sua própria sede, uma das melhores da urbs, na rua Joaquim Belli. Desde o início freqüentam seus alunos as aulas do celebérrimo Colégio Romano, hoje Pontifícia Universidade Gregoriana. Até 1931 havia tido o Pio Latino 1.637 alunos, dos quais 79 foram bispos ou

arcebispos, inclusive os dois primeiros cardeais brasileiros.

Merece ser notado o carinho especial que o Papa Pio IX consagrou ao Pio Latino, ao qual sempre concedia audiências e ao qual doou livros de sua biblioteca, alfaias de igreja e , cousa notável, o paramento de sua primeira missa, feito do véu nupcial de sua veneranda mãe. Adjudicou-lhe também o sítio "Villa Maffei", onde foi depois construído o Pontifício Colégio Pio Brasileiro. (Informações do Catalogus Pontificii Collegii Pii Latini Americani, anni 1932. " 4ª editus" transmitidas ao autor pelo Revmo. Pe. Dr. Luiz do Amaral Mousinho, ex-aluno do Pio Latino e atual Bispo de Ribeirão Preto).

No dia 18 de novembro de 1909, jubileu da fundação do Pio Latino, foi naugurado no colégio o retrato do Monsenhor Ezaquirre, seu fundador. O eminentíssimo Cardeal Arcoverde descobriu o quadro, proferindo entrementes uma alocução que a todos agradou e na qual, à luz da História, mostrou como os povos e as nações com imenso regozijo celebraram e celebram os seus jubileus, depois do que pôs em relevo o modo como o Pio Latino celebrava o seu, dando graças a Deus pelos grandes benefícios que por meio dele usufruía a América. Após este ato, seguiu-se a solenidade do tríduo de ação de graças. Deu a bênção Monsenhor Orozco, bispo de Chiapas, México. (De uma carta transcrita no Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, número de janeiro a dezembro de 1909, pág. 6).

(3) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, janeiro a dezembro de 1909, págs. 27 e 28.

(4) Basílica de S. João de Latrão.

(5) Basílica de N. S. de Loreto, na cidade do mesmo nome. Encerra a Santa Casa de Nazaré, milagrosamente transportada pelos anjos, do Oriente para aquele local, a fim de evitar a profanação dos maometanos. É um dos templos mais célebres da cristandade, centro de grandes romarias. A pequena cidade de Loreto faz parte da província italiana de Ancona na costa do Adriático e dista uns 300 quilômetros de Roma.

(6) O Monsenhor Walfredo Leal, que foi vigário colado de Guarabira e desempenhou funções de relevo na política, faleceu em

João Pessoa no dia 28 de junho de 1942. O Pe. José Alves faleceu na vila de Mogeiro, como vigário, em 10 de novembro de 1938.

(7) O Monsenhor Chantre do Cabido José Joaquim Camelo de Andrade, eleito em 11 de julho de 1878 vigário capitular, após a morte de D. Vital, falecido em Paris no dia 4 de julho do mesmo ano. O Chantre Camelo de Andrade governou o bispado de Olinda até 8 de outubro de 1881, quando tomou posse o novo bispo D. José Pereira da Silva Barros.

(8) Informações do arquivista da Companhia de Jesus em S. Paulo, Pe. Aristides Greve, em carta ao autor datada de dezembro de 1946.

(9) Ibidem.

(10) Ibidem.

(11) Ibidem.

(12) Das notas do caderno de D. Adauto, já citado.

CAPÍTULO V
De volta ao Novo Mundo

O "Britannia da Pacific Steam Navigation". Um velho porto. O Recife em 1882. Duas cidades irmãs. Chegada à casa paterna. As primeiras impressões. Lágrimas de alegria. O jantar e as danças. Visitas e comentários. Alforria de uma escrava. Um programa de férias.

25 de março de 1882. O "Britannia da Pacific Steam Navigation Company", vapor em que viajou D. Adauto, de Bordeaux a Recife, apareceu muito cedo na "Lingüeta". Vinha do Havre com escala por Bordeaux e Lisboa, tendo gasto no percurso o total 21 dias. E, como vapor misto que era, trazia grande carga para os armazéns do Recife: batatas, champanha, calçados, drogas, ferragem, licores, vinhos, máquinas, queijos, sardinhas, rolhas, tecidos, velas e azeite, conforme as relações da época. Zarpou no dia 27 para os portos do Sul com apreciável carregamento de algodão e aguardente, afora 800 barricas de açúcar destinadas a Montevidéu. Dos 68 passageiros que então levou, 5 embarcaram em Pernambuco. Comandava-o o Capitão Massey.(1)

Grande foi a emoção do jovem sacerdote ao rever as terras da pátria: os arrecifes da costa, os morros verdejantes de Olinda, os sobrados do cais, as torres dos templos do Recife: S. Antônio, Madre de Deus, Carmo e S. Francisco.

De março de 1875 a março de 1882 não mudara muito a cidade, observara. Ainda lá estava o velho ancoradouro externo do "Lamarão", onde ficavam os vapores de grande calado naquele tempo – com suas cinco ou seis toneladas. O "Britannia" era modesto: deslocava pouco mais de mil.

Foi o "Lamarão", durante anos sem conta, o terror dos viajantes que embarcavam ou desembarcavam no Recife, uma vez que o mar ali "constantemente arisco" tornava sobremodo perigosas essas operações.

Ainda lá estavam no cais da Lingüeta, atracadouro dos

pequenos navios, "as sombreadas gameleiras e os banquinhos de ferro em volta do tronco das árvores" – ponto de reunião dos comerciantes que esperavam vapores; dos catraeiros, dos curiosos, dos "vendedores ambulantes de frutas, de jangadinhas, de papagaios, de bonecas de pano, de cousas da terra"[2]

Aos seus olhos e à sua mente de fino apreciador dos aspectos humanos não passou despercebida aquela tão humana paisagem, enriquecida vez por outra de uma nota que ele adorava e gostosamente comentava: a naturalidade de uma grotesca *nonchalance*.

O Recife de 1882 já era uma cidade cujos bondes, cujas lojas e cujas livrarias arrancavam elogios de um estrangeiro como Mr. Burke – "*the whole place looks more like, a real town than Rio*".[3]

Os bondes eram os de tração animal da Companhia Ferro Carril de Pernambuco, e dentre as lojas que forçaram a admiração de Mr. Burke, entusiasmando-o ao ponto de colocar o Recife acima do próprio Rio, destacavam-se: a Grande Loja de Jóias, de Joseph Krause & Cia., à rua 1° de Março; o Museu Elegante, especialista em fitas, bicos e galões, à rua Barão da Vitória; La Ville de Paris, joalharia que rivalizava com a Krause, à rua Cabugá; a Loja e Armazém das Estrelas, no ramo de miudezas, à rua Duque de Caxias; o Palácio da Indústria, onde se encontravam roupas feitas para todas as idades, à rua Barão da Vitória, e o Louvre, grande empório de sedas, à rua 1° de Março.[4]

O comércio do Recife marcou sempre a sua nota de real opulência, recebendo, direta e freqüentemente, os seus artigos das primeiras praças estrangeiras.

Em 1882, dentre as casas importadoras de vinhos portugueses, sobressaía a de Cunha Irmãos & Cia. Importava selins ingleses. O Bazar Vitória importava ornamentos eclesiásticos. Francisco de Paula Gomes importava louça, porcelana, cristais e vidros. Francisco Manuel da Silva & Cia. importava papéis pintados franceses para decorações de salas.

As grandes farmácias e drogarias da época, como a Francesa e a de Franscisco Manuel da Silva & Cia., importavam os remédios franceses muito em voga: "Sirop Roche" para tosse; "Papel Rigoliot"

para sinapismos; "Chloral de Tollet", sedativo; Ferro de "Quevenne", tônico de 1ª ordem; "Perles de Clertam" contra enxaquecas; Quina "La Roche", elixir vinoso e "Solução Boirre", reconstituinte(5).

Embora sem o grande desenvolvimento do comércio, a indústria estava muito bem representava pelas suas fábricas de cigarro a vapor, e pelas suas condições.

Companhias de seguro contra jogo, como a "The Liverpool &London & Globe Insurance Company", faziam vantajosos negócios. Os leiloeiros Pinto e Pestana tinham sempre muito trabalho para os seus martelos. A "Fotografia de Mena da Costa", à rua da Imperatriz, confeccionava retratos em cartão a três mil réis a dúzia e em porcelana a seis. O Mercado de S. José era o centro de abastecimento doméstico da cidade.

Já se nos mostra o Recife de 1882 uma sede cultural de 1ª ordem.

Bastante afreguesada, a Livraria Francesa podia dizer-se o verdadeiro elo de ligação litarária com o Velho Mundo. O Instituto Arqueológico tinha as honras de primeiro cenáculo científico da cidade. Começava a Academia de Direito a ostentar as suas fumaças de tradição. Colégios masculinos e femininos, dirigidos alguns por ingleses e franceses, pululavam: o "Meira", de Ascêncio Minervino Meira de Vasconcelos; o de "N. S. da Graça", de Ponte de Uchoa, de Miss Ana Caroll; o "S. Genoveva", de A. M. Amorim; o "Americano" – Instituto Inglês de Pernambuco, de William F. Robison; o "7 de Setembro", o "11 de Agosto" e inúmeros outros.

Na imprensa pontificava o Diário de Pernambuco, veterano, propriedade de Manuel Figueiroa de Faria & Filhos, cobrando vinte e sete mil réis por assinatura anual. Seu formato era superior ao de hoje, com menor número de páginas. Trazia diariamente farto noticiário do país e do estrangeiro, recebido por intermédio dos navios que visitavam o porto. A "Revista Diária" dos acontecimentos locais, que fornecia aos leitores, era uma das seções mais interessantes. Não menor prestígio gozavam a seção de instrução popular e o folhetim.

Comentava-se em março de 1882 o roubo das jóias imperiais,

do Paço de S. Cristóvão: o espadim de grande gala do Imperador e o colar de pérolas da Imperatriz; o atentado contra a vida de S. M. a Rainha Vitória, em Windsor; as felicitações do Czar ao Kaiser por motivo do aniversário natalício deste – como uma aspiração de paz continental; a despedida do Marquês de Noailles, embaixador da França junto ao Quirinal, e as expressões corteses e lisonjeiras do rei Humberto para com a França e seu representante.(6)

Em 1882, a mais alta expressão cultural artístico-dramática do Recife era o Teatro Santa Isabel. O sucesso da temporada nesse ano foi a representação da Companhia Lírica Italiana com numeroso e selecionado elenco de maestros concertantes e diretores de orquestra, de barítonos, tenores, sopranos e dançarinas. Era prima-dona o meio soprano dramático absoluto sra. Líbio Drog, mestre de coro Enrico Costa, primeiro barítono e primeiro tenor absoluto, respectivamente, Giovani Tansini e Ferdinand Ambrose. Regiam a orquestra Gama Malcher e Enrico Bernardo. Foram levados "Il Trovatore", "Salvator Rosa", "Ernani", "Rigoleto", "Norma" e "La Figlia Del Regimento".(7)

Na política dominava a província, como o país, o partido liberal. Durante o ano de 1882 estiveram no poder os gabinetes liberais de Saraiva, Martinho de Campos, Paranaguá e Lafaiete, em rápidas e bem parlamentaristas sucessões. O ano de 82, diz aliás Pedro Calmon, é o zênite da Coroa: inspira, resolve, ordena.(8) Depois vai-se acentuando a decadência das instituições monárquicas até o ocaso triste de 89. O fato marcante da política em 82 foi a missão Avellaneda junto ao Governo Imperial no sentido de resolver o incidente entre o Brasil e a Argentina, por causa do território das Missões. O encontro do ex-presidente da Argentina e do monarca brasileiro mais uma vez evitou a guerra entre os dois países.(9)

A Assembléia Provincial de Pernambuco possuía uma plêiade de batalhadores de escol nos dois partidos: Os barões de Muribeca, Nazaré, Tabatinga e Itapissuma, Olimpo Marques, Demócrito Cavalcanti, José Osório, Roque e Silva, Regueira Costa, Oliveira Escorel e Freitas Henriques, achando-se alternativamente na presidência o barão de Muribeca e o Dr. José Nicolau Tolentino de Carvalho.

Discutiam-se ao tempo os projetos de auxílio do Governo, as obras do Hospital da Tamarineira, de melhoramentos para a vila de Itapissuma; de um abastecimento d'água para a cidade de Espírito Santo de Pau d'Alho; de isenção de impostos para os monopolizadores do fornecimento da carne verde à população do Recife pelos preços de 500 e 400 réis o quilo - 1ª e 2ªqualidade.

À frente do governo da província se encontrava o 1º vice-presidente Dr. Antônio Epaminondas de Barros Correia, sendo o presidente o conselheiro Dr. José Liberato Barroso. Presidia interinamente às sessões do Tribunal da Relação o desembargador Domingos Silva.(10)

No corpo médico do Recife em 1882 se salientavam os Drs. Moscoso Arruda Beltrão Madeiro e Castro de Jesus, sem esquecer o Dr. Dourado, de tradicional família da província, formado pela Universidade de Paris, autor de duas obras de valor: "Patologia Interna" e "Tratado de Diagnóstico Médico", sem esquecer ainda o homeopata Dr. Baltazar da Silveira. O cirurgião-dentista Numa Pompílio tinha sempre cheio o seu consultório, à rua Barão da Vitória, por ser o mais procurado. Entre os advogados de nota, contava-se o Dr. Barros Guimarães, como figura de vero relevo na classe.(11)

Em vias de transportes terrestres e marítimas estava relativamente bem servido o Recife em 1882. Com os principais portos do país e do estrangeiro se achava em comunicação o porto do Recife. Numerosas companhias de navagação igualmente nacionais e estrangeiras mantinham seus escritórios na praça: "Companhia Brasileira de Navegação a Vapor", "Companhia Pernambucana de Navagação a Vapor", "Chargeurs Reunis", "Messageries Marítimes", "Societé Postale Française de Atlantic", "United States and Brazil Mails", "Pacific Steam Navigation Company", etc. (12)

A viação férrea também se achava ao tempo bem iniciada. Os trilhos da Great Western chegavam até Floresta dos Leões e os da chamada Estrada de Ferro de S. Francisco, no sul, atingiam Palmares.(13)

Este o aspecto econômico e político, social e cultural do Recife em 1882.

E ninguém julgue ocioso este meu voejar de subsidiário biográfico, em torno do meio em que viveu e trabalhou o arcebispo nos primeiros anos de sua vida sacerdotal. Quantas vezes deixamos de atingir a razão de ser de uma atitude, por ignorarmos particularidades mínimas e aparentemente triviais do meio que a testemunhou...

Falar do Recife, sem uma referência ao menos a Olinda, não se compreende.

Cada ano que se passa concorre mais para a aproximar o futuro previsto por Franklin Távora: a união topográfica das duas cidades.

Não nos separa
Momento algum,
De dois que somos.
Somos só um.(14)

Olinda é hoje um bairro do Recife. Já foi chamada mesmo "o dormitório do Recife", pois grande é o número dos recifenses que residem na velha e tranqüila cidade, embora trabalhem o dia todo no Recife, onde têm suas casas comerciais, seus escritórios e repartições.

Entre o Recife de 1882 e o Recife de hoje inegavelmente a diferença é muito grande. Não sei como resistem ainda as velhas fachadas de azulejo da rua Velha, da rua da Soledade e da rua Barão de S. Borja, o velho solar brazonado da rua da Aurora, nº 245.

Quanto à Olinda não se dirá o mesmo. O modernismo, felizmente, não se lembra tanto de Olinda para caricaturá-la à feição da época. Deixava em 80% com as suas colinas verdes, com as suas casas coloniais de beira e bica – algumas com azulejos na fachada, balcões mouriscos nas varandas e postigos de xadrez nas janelas; outras mais modernas, com belas pinhas portuguesas nas plantibandas e estátuas de louça representando animais e entidades mitológicas, nos portões senhorais.

No Carmo, no Farol e no Varadouro é que se respiram as auras nem sempre benfazejas do atualismo no asfalto das avenidas, na beleza das construções e na beleza ainda maior dos trajes de banho

durante a estação de veraneio, o que as velhas torres de S. Bento, do Carmo, da Sé, da Misericórdia, de Guadalupe e de S. Francisco parecem contemplar com um sobrecenho carregado de censura.

Muita cousa existente na Olinda de 1882 ainda hoje ali se acha quase integralmente. Gilberto Freyre, no seu "Guia Prático da Cidade do Recife", enumera: "O antigo Colégio dos Jesuítas, do 1° século da colonização, o Convento de São Francisco, também do 1° século, com jacarandás e principalmente azulejos preciosos; o Mosteiro de S. Bento do Recife; a casa, na rua de S. Bento, em que morou Fernandes Vieira; o antigo Palácio dos Bispos; as ruínas do velho Senado da Câmara, onde em 1710 se verificou o 1° movimento no Brasil, no sentido de uma República e essa aristocracia, dirigida pelos fidalgos olindenses".(15)

Os próprios traços humanos da paisagem olindense em que D. Adauto e os seus contemporâneos descansaram os olhos, ainda hoje, se repetem: "Pelas ladeiras, meninos empinando papagaios. Mulheres de encarnado apanhando gravetos. Homens pescando pelos mangues. Negros velhos pegando caranguejo pela lama também preta. Frades franciscanos a caminho do convento".(16)

Em 1882, era bem Olinda aquela "cidade pacata de padres, de que fala Gilberto Freyre, de procissões, em que já não tomavam parte os "srs. acadêmicos de direito" de pés descalços e coroas de espinho na cabeça; de fabrico de doces, licores, rendas e bordados nos conventos e entre as famílias. Cidade de cônegos e seminaristas com o mato crescendo à vontade pelas ladeiras. Cidade sem outras vaidades que as do saber teológico e as do talento culinário".(17)

Os conventos de freiras, as casas dos "cônegos quituteiros" e os solares da aristocracia eram de certo as academias onde predominava o talento culinário das negras e mulatas especialistas em perus e galinhas cheias, em chouriços, em sarapatéis, em cabidelas, em doces secos, em alfinis, em pés-de-moleque. O saber teológico, este tinha sua sede no velho Seminário de Azeredo Coutinho, antigo convento dos jesuítas.

Apresentando-se logo ao Senhor Bispo D. José Pereira da Silva Barros,(18) D. Adauto obteve dele três meses de licença para

gozá-los no engenho paterno, a fim de restaurar as forças e completar a cura da escrofulose.

Alguns dias depois, na tarde de 7 de abril, fez as suas despedidas e pela manhã de 8 se dirigiu à Estação do Brum, onde tomou o trem com destino a Floresta dos Leões, então ponto terminal da Great Western, no trecho que, partindo do Recife, buscava os vizinhos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte.[19]

Já fazia dois meses que seus pais, ansiosos, o esperavam dia a dia.

Recebida a notícia da chegada a Pernambuco e marcada a viagem, toda a família foi avisada o e velho solar do "Buraco" se encheu.

Os Miranda Henriques, os Guedes Pereira, os Guedes Alcoforado, os Pereira de Melo, os Melo Azedo, parentes e amigos confraternizavam em tão justo regozijo.

Naquela madrugada radiosa de 6 de abril de 1882, o Coronel Ildefonsiano mandou selar o castanho rosilho já idoso, é verdade, mas ainda merecedor de toda a confiança.

"Faço questão que ele chegue no rosilho", dizia. "É o cavalo dele, o mesmo que ele montava ao sair daqui em 75".

E partiram os cavaleiros: todos os irmãos e alguns primos, como portadores para a bagagem, em demanda de Floresta dos Leões.

Desembarcando D. Adauto às 8 horas do dia 8, rumaram logo, após ligeiro repasto, para Guarita, ponto escolhido para o pernoite, além de Itabaiana.

Ao amanhecer do dia 9, continuaram a viagem até Água Doce, escala de repouso, e daí para o engenho, passando por Alagoa Grande.

O "rosilho" fez sua figura e D. Adauto, depois da primeira légua, senhor da situação, não deixou mais a dianteira da cavalgada.

Eram 7 horas da noite quando desmontaram em frente ao engenho, saudados pelo espoucar de possante e demorada girândola.

Os moradores todos tomavam o espaço entre o engenho e a "casa-grande".

Tudo iluminado. Uma noite de festa.

"Como está mudado!" – comentavam alguns. "Que

transformação!"

"Por força, acrescentavam outros, desapareceu-lhe a cabeleira cacheada daqueles tempos, e o bigode".

"A batina lhe deu uma estatura mais elevada, e ele está também um tanto emagrecido".

"É de estudar, concordavam enfim. Estudo de padre não é brincadeira não".

O arcebispo era um temperamento emotivo.
As suas lágrimas de alegria confudiram-se com as lágrimas de alegria da velha genitora.

"Choro de alegria, repetia D. Laurinda, não estranhem: quase que não esperava mais rever o meu filho..."

E a irmã mais nova, Olívia, na inocente curiosidade dos seus nove anos, não tirava os olhos, admirada, daquele irmão tão diferente dos outros, de rosto tão comprido, de fisionomia tão serena e tão doce. Tão diferente mesmo dos padres de Areia que ela via por ocasião das desobrigas.

Quantos abraços!

Chegou até um, e dos mais apertados, para a preta Antônia, velha escrava da casa, espécie de babá da família, que ajudara a criar os pequenos.

Atarefada no meio das tigelas de peru torrado e de arroz reluzente de graxa, recebeu Antônia aquela demonstração de grato carinho do senhor moço que já trouxera nos braços e a quem nem a idade, nem os estudos, nem a realeza do sacerdócio mudaram o coração.

A mesa lauta, patriarcal, simples e solene na sua horizontalidade inteiriça, recendendo com o perfume das galinhas cheias, das cabidelas tentadoras, das frutas da terra, dos doces fabricados pela senhora de engenho em grandes tachos de cobre, e agora ali transbordando das compoteiras.

Nem discursos, nem brindes, nem champanha, nem silêncios artificiais pontilhados de sorrisos mais artificiais ainda.

Não era um banquete. Era um grande, um vasto repasto familiar,

um grande, um vasto ágape doméstico.

O tilintar dos talheres acompanhava uma conversação animada, entremeada de risos moderados que o bom humor dos convivas mantinha perenes.

Após a sobremesa em que se destacaram os bolos finíssimos e de sabor paradisíaco preparados por D. Querubina, senhora de engenho do Cafundó, uma chuva de pétalas de rosas frescas e discretamente perfumadas caiu da janela interna do sótão sobre os convivas...

"Bem, meus amigos, disse D. Adauto, vou-me recolher. Muito boa noite. Podem brincar, dançar, divertir-se à vontade. Não me incomodarei. Estamos em família".

E a orquestra do velho Tristão que viera de Areia atacou a "quadrilha", com o predomínio das notas graves e melancólicas de um clarinete – o clarinete de Francisco Bernardo.

Nos três dias que se seguiram multiplicaram-se as visitas.

Era um gosto observar a lhaneza de trato do jovem sacerdote para com todos.

Era um gosto receber aquelas lindas estampas de N.S. de Loreto e aqueles tercinhos tocados nas paredes da "Santa Casa".

Era um gosto regalar os olhos no pequeno altar portátil, tão diminuto e tão completo com os paramentos e vasos sagrados em reduzidas proporções.

Era um gosto notar a transformação do carrancista Coronel Ildefonsiano no mais amável dos pais. Chegava a levantar-se para ceder a cadeira ao filho sacerdote, com protesto embora do Coronel Delfim, seu irmão, que repetia depois: "Ora, vamos e venhamos, pai é sempre pai".

Era um gosto ouvir o padre novo, padre e doutor, corrigindo o português das meninas e dos rapazes mais íntimos, que algumas vezes, pronunciando nomes cuja prosódia ignoravam, soltavam silabadas de fazer tremer a chaminé do engenho.

"Ó senhor, corrigia D. Adauto a um: não se diz Petropolis. O nome é Petrópolis".

Era um gosto apreciar o Júlio César,[20] filho do Coronel Delfim,

a servir de orquestra para as primas dançadeiras, assobiando as músicas populares do tempo e dançando ele próprio o "baiano" horas a fio numa demonstração de resistência incomum, discípulo mais que aproveitável de um preto velho do seu engenho, rei de sambas e lundus.

Em regozijo pela chegada de D. Adauto, o Coronel Ildefosiano alforriou a preta Antônia, já velha e cheia de serviços à família. Bem possível é que este ato tivesse sido inspirado ao pai pelo grande coração do filho.

Passados os dias de festa, a vida foi voltando ao comum de todos os dias. O engenho moendo a safra com o caldo a borbulhar no parol e os fios de mel a escorrerem nas tachas do cozimento.

Os trabalhadores se azafamando na faina da colheita, sob as vistas do senhor de engenho e dos filhos, cambitando a cana madura ainda existente nas grotas.

A dona da casa à frente das negras do serviço doméstico controlando a cozinha e empregando as suas poucas horas de lazer na confecção de bordados e labirintos em que era exímia.

Iniciou o futuro arcebispo o seu programa de férias, programa que realizou quase sem variantes durante dez anos:

A missa diária; a pregação aos domingos; as confissões; os passeios à tarde; as visitas aos parentes vizinhos; o indefectível sermão da Conceição, nas grandes férias, em Brejo de Areia; a convivência com os padres na sede paroquial: o velho vigário Chacon e o seu pró-pároco Sebastião Bastos.

"Não é o trabalho que cansa, meus amigos, é, sim, a monotonia de um mesmo trabalho. A natureza exige a variação".

Este conceito ele estava sempre a repetir.

Por isso nunca abriu mão dos seus três meses de férias no "Buraco", no ambiente simples e bucólico dos campos natais, quando entregue às lides do magistério e da direção espiritual do velho Seminário de Olinda.

"E eu lá descansava carregando pedras", comentava ele com e seu clássico bom humor.

Notas

(1) Diário de Pernambuco de 29 de março de 1882.

(2) Mario Sette. "O Velho Porto do Recife". Revista "Vamos Ler" de 28 de março de 1946.

(3) Gilberto Freyre. "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife". Livraria José Olímpio, pág. 24.

(4) Diário de Pernambuco, números de 1882.

(5) Ibidem.

(6) Diário de Pernambuco, de 25 de março de 1882.

(7) Ibidem.

(8) Pedro Calmon. "O Rei Filósofo". Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1938, pág 347.

(9) Ibidem.

(10) Diário de Pernambuco, 1882.

(11) Ibidem.

(12) Ibidem.

(13) Estatística das Estradas de Ferro do Brasil. Tomo XXXIII, págs. 90 e 92.

(14) Estevão Cruz. "Antologia da Língua Portuguesa". Livraria Globo. Porto Alegre, pág. 959.

(15) Gilberto Freyre. "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife". Livraria José Olímpio, pág. 217.

(16) Gilberto Freyre. "Olinda". Livraria José Olímpio, p. 23.

(17) Ibidem, pág. 65.

(18) D. José Pereira da Silva Barros foi o 18° bispo de Olinda. Tomou posse em 8 de outubro de 1881. Da Diocese de Olinda foi transferido para a Arquidiocese da Bahia, com promoção a arcebispo-primaz em 1891.

(19) Estatística das Estradas de Ferro do Brasil. Tomo XXXIII, pág. 90.

(20) Trata-se do Coronel Júlio César de Miranda, primo legítimo de D. Adauto, já falecido. A ele devemos copiosas informações a respeito da mocidade do arcebispo e dos seus primeiros anos na casa paterna.

CAPÍTULO VI
O decênio 1882-1892 (I)

O Seminário de Olinda: sua história. D. Adauto, catedrático de retórica e eloqüência. Grandes professores do Seminário no passado. Lentes do Seminário no decênio 1882 – 1892. D. Adauto, cônego efetivo do Cabido de Olinda. O direito do padroado. D. Adauto, diretor espiritual do Seminário de Olinda. O Orfanato de Santa Teresa e um dos seus antigos capelães. D. Adauto pregador. Sermões e prédicas

Na história das casas de formação eclesiástica do norte do Brasil, ocupa o Seminário de Olinda proeminente lugar.

Antigo convento dos padres da Companhia, teve o edifício a sua construção iniciada pelos jesuítas por volta de 1552, "sobre o outeiro mais alto de Olinda bem perto da Matriz do Salvador" e junto à ermida de N. S. das Graças, que o donatário Duarte Coelho ali erguera "nos primeiros anos após a sua chegada".

O Cônego José do Carmo Barata, autor da "História Eclesiástica de Pernambuco", se refere a essa ermida como "o primeiro templo consagrado à Virgem Imaculada cheia de graça, em terras de Pernambuco e do norte inteiro".

Residência estável dos filhos de S. Inácio, edificada com o apoio do benemérito donatário que lhe doara "a pequena capela de N. S. das Graças e os terrenos que a cercavam", aquela casa se tornou o centro das missões jusuíticas da região.

"No pátio da casa, narra o historiador citado, ao lado da humilde capela, reuniam-se todos os dias de manhã para mais de seiscentos escravos destinados à pesca, para mais de quatrocentos, que todos iam receber dos dois padres (o padre Gonçalo de Oliveira e um seu companheiro) o ensino da religião e com ela a civilização".

Após algumas retiradas e outros tantos regressos, retiradas cujo motivo era a exigüidade do pessoal para os múltiplos encargos da catequese na província, teve começo ali, em 1569, uma escola – "a

primeira que existiu em Pernambuco, sob a direção do Pe. Amaro Gonçalez e do irmão João".

Primórdios de uma gloriosa jornada, no vasto campo da cultura e da formação.

Em 1573 o colégio jesuíta de Olinda já era uma grande realidade, brilhando entre todas as suas cátedras a de latim. São lançados os fundamentos de um novo prédio mais sólido e mais amplo que vai substituir o primeiro casarão de taipa.

Muito dessa construção perdura ainda no velho Seminário de Olinda, "cujas paredes, escreve Carmo Barata, ao menos a parte que dá para o nascente, são ainda as mesmas, que ainda hoje lá estão a desafiar há séculos, impávidas, os vendavais terríveis do tempo e o camartelo destruidor dos homens".

Três anos depois el-rei D. Sebastião instituiu oficialmente o colégio garantindo a sua existência por uma dotação pecuniária e patrimonial. Na Igreja de N. S. das Graças, a esse tempo foram conferidas ordens sacras a alguns escolásticos jesuítas. A primeira ordenação que se realizou em Pernambuco.

Em 1630, mal sucedidos na sua invasão à Bahia, da qual foram expulsos em 1625, atacam os holandeses a Capitania de Pernambuco.

O colégio de Olinda estava então no apogeu.

"A todos os cinco conventos de Olinda, registra uma testemunha da época, excede o convento dos jesuítas que é muito grande e de bela construção, em forma de quadrado, e tem no centro um pátio; é alto, de dois andares, com galerias duplas ao longo dos mesmos, dos quais entra-se em todos os quartos situados em redor, em número aproximadamente de quarenta".[1]

Pouco antes esvoaçara por ali o gênio de Vieira professorando Retórica e comentando os grandes clássicos latinos.

Baluarte da resistência lusa contra os invasores, foi o colégio tomado pelos flamengos. De uma de suas janelas, pela primeira vez tremulou na praça conquistada a bandeira de Orange.

Do incêndio de Olinda em 1631, uma parte do edifício foi poupada, graças aos esforços dos índios amigos habitantes nas

circunvizinhanças.

Com a tolerância do príncipe de Nassau, governador holandês que permitiu o culto católico nas igrejas, os jesuítas remanescentes em Pernambuco voltaram a residir provavelmente no seu colégio, sem, contudo, reabrirem as aulas.

Um ano após a rendição dos holandeses, em 1655, já restaurado, funciona o Colégio de N. S. das Graças.

Pelos fins do século XVII é tamanha a fama do estabelecimento que lhe são concedidos "privilégios universitários" – direito de se matricularem nos cursos superiores da Universidade de Coimbra os seus alunos concluintes do curso filosófico.

Abrindo-se no Recife outro colégio jesuíta, o colégio foi destinado em 1716 exclusivamente à formação dos estudantes jesuítas transferindo-se para o colégio do Recife as outras classes.

E alguns anos depois desabou a grande catástrofe.

Ao sopro do furacão pombalino, expulsos os jesuítas do Brasil, fecharam-se todas as suas casas, e com elas o Colégio de N.S. das Graças de Olinda, agora transformado em "um ninho de aves agouceiras a piarem a nênia de protesto contra os iníquos destruidores de tão alta obra de amor e progresso".(2)

Preconizado Bispo de Olinda, ainda na corte em 1796, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho obtém do governo português a doação do Colégio e da Igreja de N. S. das Graças com alfaias e cercas à Catedral de Olinda, para a instalação do Seminário Diocesano.

Realizadas as necessárias reconstruções e adaptações no prédio em 1799, foi o Seminário Diocesano de Olinda solenemente inaugurado em 16 de fevereiro de 1800, recebendo o seu primeiro reitor na pessoa do Cônego José de Almeida Nobre, Arcediago da Sé.

Ilustre viajante, que o visitou oito anos depois, considerou-o o melhor seminário do Brasil "pela polícia e economia, não só no que respeita à educação ingênua e liberal, mas principalmente à educação científica".(3)

A onda política, porém, avassala o próprio clero, nesse período convulsionado de nossa história que vai de 1808 a 1817, culminando com a Revolução de 1817, que foi uma revolução de padres, no dizer de Oliveira Lima.

O Seminário de Olinda sofreu as conseqüências: fechou as suas portas; encerrou por tempo indeterminado as suas aulas após a vitória da legalidade; só se reabrindo, por ordem do Cabido, em 1822.

As numerosas vacâncias da Sé olindense tiveram, é claro, muita culpa em tão tristes acontecimentos.

Um novo colapso. No ano de 1849, por motivo da penúria a que ficara reduzido o Seminário com a transferência das cadeiras de humanidades para o Colégio das Artes, anexo à Faculdade de Direito de Olinda, viu-se o bispo de então – D. Frei João da Purificação Marques Perdigão - obrigado a fechá-lo ainda uma vez.

Conseguido, não sem grandes empenhos, o apoio material do governo em favor do Seminário, voltou ele a funcionar no dia 5 de fevereiro de 1855.

E atravessada a borrasca da "Questão Religiosa" encontramos na sua direção em 1881 a figura austera do Cônego Antônio Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Foi esse reitor quem recebeu, em 20 de julho de 1882, o Pe. Dr. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, novo docente do Seminário por nomeação do sr. Bispo D. José Pereira da Silva Barros.

Do arquivo do Seminário de Olinda consta a provisão de lente de Retórica e Eloqüência Sagrada passada em favor de D. Adauto pelo então bispo diocesano.

"D. José Pereira da Silva Barros, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Olinda, do Conselho de Sua Majestade, o Imperador".

"Fazemos saber que, atendendo à capacidade e predicados que concorrem na pessoa do padre Adauto Aurélio de Miranda Henriques, havemos por bem de o prover, na cadeira de Retórica e Eloqüência Sagrada do nosso Seminário de Olinda, vaga pela exoneração que dela solicitou o Revmo. Cônego Joaquim Ferreira dos

Santos, com a cláusula de que será obrigado a substituir os outros lentes quando estiverem legitimamente impedidos. E haverá respectivo ordenado devendo antes de começar a servir e a exercer o magistério prestar em nossas mãos o juramento dos Santos Evangelhos de bem fielmente cumprir todas as suas obrigações do que se fará termo. Esta será registrada em nossa Câmara e no livro competente do dito Seminário.

Dada no Palácio Episcopal de Soledade, aos 18 de agosto de 1882. Eu, Padre Valeriano de Aleluia Correia, Escrivão da Câmara Eclesiástica que o escrevi, por comissão de Sua Excelência Reverendíssima Dr. Jerônimo Tomé da Silva".

A provisão se segue, de acordo com a praxe do tempo, o termo de juramento e o despacho do presidente da Província para fazer jus o beneficiado aos respectivos proventos:

"Aos vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e oitenta e dois, em presença do Revmo. Dr. Jerônimo Tomé da Silva, encarregado do expediente do bispado na ausência da Sua Excelência Reverendíssima, prestou o Revmo. Adauto Aurélio de Miranda Henriques o juramento de estilo de bem cumprir os deveres do seu cargo, do que diz este termo. Eu, Padre José Afonso de Lima e Sá, secretário do Bispado o escrevi".

Cumpra-se e registre-se.

Palácio da Presidência de Pernambuco, em 31 de agosto de 1882".

Assim entrou D. Adauto no corpo docente do Seminário de Olinda, ombreando-se com mestres exímios que deixaram o nome na história pela sua cultura e pelo seu patriotismo, como Miguel Joaquim de Almeida Castro (Miguelinho); João Ribeiro Pessoa, Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, posteriormente conde de Irajá, Inácio de Souza Rolim, José Antônio Maria Ibiapina e tantos outros.

Miguelinho e João Ribeiro foram esteios máximos da Revolução de 1817. Irajá, o tão conhecido Monte, foi o canonista

brilhante que escreveu os "Elementos de Direito Eclesiástico", obra que no seu tempo teve incomparável nomeada. O Padre Mestre Rolim é um nome consagrado nas letras gregas e latinas do século XIX, glória do nosso pequeno Estado como filho da cidade de Cajazeiras. Ibiapina é o jurista notável que se fez padre e missionário para espalhar a luz da fé pelos sertões do Nordeste.

D. Adauto Cônego Catedrático e prebendado do Cabido Olindense.

Em 1882, quando começou D. Adauto a lecionar no Seminário, pontificavam do alto de suas cátedras de Dogma, Moral, Filosofia e Instituições Canônicas, respectivamente, os Cônegos Manuel João Gomes, Francisco do Rego Maia, Joaquim e Antônio Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. O primeiro, teólogo de vulto, ocupou por

mais de dez anos a cadeira de Dogmática; os dois seguintes, por suas virtudes e saber, galgaram o episcopado, elevando Joaquim Arcoverde o seu Pernambuco com a púrpura de primeiro cardeal da América Latina. O quarto é a figura de Antônio Arcoverde, ereta na inteireza de suas atitudes, inconfundível na compreensão do dever.

Em plano não menos distinto, sobressaiam os Cônegos Antônio Fabrício de Araújo Pereira e Luiz Francisco de Araújo, professores a seu turno de Francês e Latim. O padre Júlio Maria do Rego Barros, nas cadeiras de Geografia e História, e o Dr. José Diniz Barreto na cadeira de Português.

Fabrício deixou fama de modelar educador. Está imortalizado no bronze. Luiz Francisco de Araújo, o Araujão daqueles tempos, ocupava em 1883 a dignidade de Arcediago do Cabido e estava no governo do bispado. Júlio Maria do Rego Barros faleceu há poucos anos, como vigário de Itambé, protótipo de desprendimento evangélico, canonizado em vida pelo povo, por obra e graça de sua caridade exímia para com os indigentes. O velho Dr. Diniz ainda lecionava Português no Seminário em 1890. Celebrizou-se na quadrilha de paternal bonomia com que respondia aos disparates dos alunos:

"Benza-te Deus,
Meu pé de feijão,
Enquanto mais cresces,
Mais bestalhão".

D. Adauto foi nomeado lente de Retórica para o Seminário e o Colégio Diocesano, anexo ao mesmo. O Colégio Diocesano, criação do Bispo D. José Pereira da Silva Barros, iniciou as suas aulas no dia 1° de fevereiro de 1882. Estava sob a mesma direção do Seminário. Os seminaristas mais adiantados desempenhavam a função de prefeitos. Nele se estudavam todas as matérias do curso de humanidades. Os alunos que pretendiam abraçar outra carreira que não a eclesiástica faziam seus exames no ginásio oficial do Recife. Os candidatos ao sacerdócio submetiam-se a exames no Seminário, mas só recebiam o

hábito talar ao ingressarem no segundo ano de Filosofia.

No andar térreo da casa funcionava o Seminário e se achavam distribuídos os salões de aula. No primeiro andar estavam o salão de estudo e o dormitório do Colégio, como também os aposentos dos padres diretores e professores do Seminário que residiam no estabelecimento. Durante os anos da década 1882-1892, habitam eventualmente as celas do velho edifício os Cônegos Antônio e Joaquim Arcoverde, Marcolino, Fabrício e Adauto, os padres Júlio Maria, Fernando Rangel, José Batista de Araújo, Jonas Batinga, Deusdedit e vários outros ligados à vida do nobre instituto.

Os contemporâneos destes últimos ainda recordam, sobretudo, o talento de Fernando Rangel, professor de Lógica, a capacidade do Batistinha, lente de Dogma, e a maestria de Batinga, organista e diretor do coro do Seminário.

Estudava-se a Filosofia fundamental, segundo o mesmo espírito de Geografia, por efemérides de cuja organização se encarregava o Cônego Joaquim Arcoverde, lente da cadeira. O compêndio de Filosofia Racional e Moral adotado era o de San Severino.

Em Lógica lia-se a sinopse do Cônego Arcoverde, tempos depois revista e melhorada pelo já Monsenhor Fernando Rangel.

D. Adauto lecionava Retórica estribado no padre Honorato, contemporâneo de Vieira.

Para o Francês exigia Fabrício o velho “Halbout”, tão compulsado ainda hoje, se bem que bastante antiquado, e a gramática de Bourghain nas classes adiantadas. Vertiam-se e traduziam-se os exercícios de Halbout e de Bourghain. Traduzia-se ainda o “Gênio do Cristianismo”, “o Teatro Clássico” e as “Fábulas de La Fontaine”.

Fabrício sabia as fábulas de La Fontaine de cor.

A Geografia era o terror das sabatinas, especialmente quando se achava na cadeira o Cônego Joaquim Graciano, que não dispensava a palavra “interposição” na definição de eclipse e, cousa admirável, permitia que o aluno, na sua exposição, se utilizasse vez por outra do compêndio para orientar-se.

D. Adauto não ensinou Retórica e Eloqüência durante toda a

sua estada no Seminário de Olinda. Nos últimos anos, 1892 e 1893, encontramo-lo na cadeira de Francês, ocupando Marcolino a de Retórica e Eloqüência.[4]

Em 15 de fevereiro de 1884, D. Adauto é nomeado, pelo bispo D. José Pereira da Silva Barros, lente de Instituições Canônicas, conforme provisão existente no arquivo do Seminário, lavrada pelo padre Valeriano de Aleluia Correia, escrivão da Câmara Eclesiástica e assinada pelo Ordinário Diocesano. Em 18 de fevereiro, prestou o juramento de praxe e começou a exercer o magistério naquela disciplina em que era graduado pela Gregoriana e em que pelos seus pares era considerado doutor.

Foi seu predecessor na cadeira o reitor, Cônego Antônio Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Todos os ex-alunos do arcebispo dão testemunho de sua capacidade de mestre, de sua retidão, interessando-se para que os jovens sacerdotes saíssem do Seminário de Olinda levando para o exercício de suas atividades pastorais um lastro de conhecimentos básicos a toda prova.

Não era, porém, professor que pecasse pelo rigorismo da nota de aula ou dos exames finais. Deu sempre aos exames uma importância muito relativa, sujeitos como se acham às influências psico-nervosas do momento, revelando às vezes muito mais a sorte do estudante do que o seu preparo real.

Excedia-se D. Adauto com freqüência no fornecimento de subsídios aos seus alunos em banca de exame, o que o velho Fabrício, carrancista de quatro costados, não via com bons olhos.

Os alunos de Francês de Fabrício, passando para D. Adauto nas substituições eventuais, notavam o absoluto contraste dos dois métodos. Uns, é claro que a minoria, ficavam com saudades do velho mestre; outros, a maioria indubitavelmente, formavam a claque do novo professor mais tolerante, mais camarada.

Os alunos de Instituições Canônicas eram os mesmos de Eloqüência.

Nos livros de matrícula do Seminário de Olinda, descobrimos

os nomes venerandos de sacerdotes bem conhecidos que passaram pelas mãos de D. Adauto. Entre eles os padres João Pacífico Pereira Freire, Jonas de Araújo Batinga, João Machado de Melo, José Carlos Marinho, Valeriano Pereira de Souza, Augusto Berenguer Alcoforado, Aprígio Florentino Carneiro da Cunha Espínola, Marcos Aprígio de Souza Santiago, Afonso Antero Pequeno, Frutuoso Rolim de Albuquerque, João Francisco Soares de Medeiros, Francisco Torres Brasil, Francisco Targino Pereira da Costa, Sabino de Souza Coelho, Augusto Álvaro da Silva, João Irineu Jófili, José Betâmio de Gouveia Nóbrega, João e Luiz Borges de Sales, Manuel Deusdedit de Araújo Pereira, Antônio Galdino Vieira da Silva, Joaquim Antônio de Almeida, Anselmo Duarte Rolim, Fernando Lopes e Silva, João Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, Manuel Antônio de Paiva, Agnelo Fernandes, Francisco Severiano de Figueiredo, Joaquim Ferreira de Melo, Jonas Taurino de Andrade, Américo Vasco, João Gomes Maranhão, Emídio Fernandes de Oliveira Sobrinho, entre outros.

Todos eles lhe freqüentaram as aulas de Retórica, Francês ou História do Brasil (matéria esta que ele incidentemente lecionou), de Eloquência, Instituições Canônicas ou Religião, cadeira que ele ocuparia no Colégio em virtude do seu cargo de diretor espiritual. Sete bispos se contam na série: D. Augusto Álvaro da Silva, ex-bispo de Floresta e da Barra, atual arcebispo da Bahia e primaz do Brasil; D. Joaquim Antônio de Almeida, ex-bispo do Piauí e de Natal, falecido em 1947 como bispo titular de Lari; D. Joaquim Ferreira de Melo, falecido em 1940 como bispo de Pelotas; D. João Irineu Jófili, ex-bispo titular de Sufétula, ex-bispo do Amazonas, ex-arcebispo do Pará e falecido como arcebispo titular de Anasarta; D. Jonas de Araújo Batinga, falecido em 1941, como bispo de Penedo; D. Manuel Antônio de Paiva, ex-bispo de Ilhéus e falecido em 1937 como bispo de Garanhuns; D. José A. de Oliveira Lopes, falecido em 1932 como bispo de Pesqueira. Os mais, vivos uns, defuntos outros, são nomes de vero relevo em nossa terra onde exercem ou exerceram o seu ministério sacerdotal.

Dos seculares, colegiais naquele tempo e alunos de D. Adauto em qualquer das disciplinas que ele lecionava no curso de humanidades,

anotamos entre muitos: Silvino Nóbrega, Inácio Sobral, Manuel Porfírio Delgado, Mário Lira, João Inácio de Queiroz, Paulo Hipácio, Pedro Bandeira Cavalcanti, Aristides Vilar, Fenelon Nóbrega, Eufrásio Câmara, Ananias da Costa Baracuhi, Izidro Leite Ferreira, Pompeu Homem de Lira, Vitorino do Rego Toscano Barreto, Manuel Deodato Henriques de Almeida. Nomes que, num halo de saudade ou num pináculo de dignidade incosteste, nós cultuamos pelas suas virtudes cívicas demonstradas nos vários setores em que operaram ou operam: na política militante, no magistério, na magistratura, na milícia, no comércio, na burocracia, no amanho dos campos.

Todos eles constituem a auréola moral dos seus mestres, a coroa de uma pedagogia hoje malsinada por muitos, mas que no seu tempo era a única que se poderia provar eficiente como formadora do caráter, como disseminadora da cultura. Não fosse um dos erros mais vulgares de certos críticos bisonhos o não quererem compreender a adaptação de pessoas e de fatos a sua época, àquilo que a Escolástica chama com inimitável propriedade e precisão – *o hic et nunc.*

O ano de 1884 trouxe a D. Adauto a dignidade de cônego de meia prebenda do Cabido Diocesano de Olinda. Sua nomeação tem a data de 8 de novembro de 1884 e sua colação a de 22 de fevereiro de 1885 – dia da Cadeira de S. Pedro em Antioquia. Ocupou a vaga do Cônego Mestre-Escola Antônio Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti promovido a cônego de prebenda inteira. Um ano depois ocorreu no Cabido a vaga de uma das cadeiras de prebenda inteira com a morte do Cônego Antônio Marques de Castilho. D. Adauto candidatou-se a ela assinando o termo chamado de "oposição" em linguagem jurídica, no dia 20 de abril de 1886. Em 11 de junho requereu ao Bispo Diocesano propô-lo ao Governo Imperial para aquela dignidade. Feita a proposta a 18 de junho, logo a 17 de julho dava S. M. o seu placet a tão justa pretensão como se vê na carta abaixo:

"D. Pedro, por graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

Faço a Vós, Rev. Bispo da Diocese de Olinda, que,

conformando-me com a vossa proposta de 18 de junho do corrente ano, hei por bem apresentar o Cônego Dr. Adauto Aurélio de Miranda Henriques na cadeira de Prebenda Inteira que vagou na Catedral dessa diocese por falecimento do Cônego Antônio Marques de Castilho e que servirá como convém ao serviço de Deus e bem da Igreja e vos encomendo que nele o confirmeis e lhe passeis vossas letras e confirmação na forma costumada em que se fará expressa menção de como o confirmastes por esta minha apresentação e com a mesma cadeira haverá o mantimento próis e precalços que legitimamente lhe pertenceram. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 17 de julho de 1886, 65° da Independência e do Império. Selo. Imperador Pedro II. Barão de Mamoré.

Carta pela qual V. M. I. há por bem apresentar ao Cônego Dr. Adauto Aurélio de Miranda Henriques na cadeira de Prebenda Inteira da Catedral da Diocese de Olinda como acima se declara."

A colação de D. Adauto no canonicato de prebenda inteira teve lugar a 4 de agosto de 1886, cumpridas todas as formalidades do protocolo redundante que o "Direito do Padroado" exigia em tais circunstâncias.

D. Adauto foi proposto cônego pelo Bispo de Olinda ao imperador.

O imperador apresentou-o ao bispo para a respectiva confirmação.

Era *persona grata* às duas autoridades em apreço.

Galgou suavemente a dignidade a que aspirava.

Quando, em se tratando da dignidade episcopal, eram os candidatos *personatas gratas* às supremas autoridades que regiam a Igreja e o Estado, tudo corria também nesses trâmites, sem estremecimento nem controvérsia.

Quando, porém, a suprema autoridade da Igreja impugnava o candidato do Governo Imperial, por força de um imperativo da consciência, era um deus-nos-acuda. Haja vista a rejeição da Santa

Sé ao candidato apresentado pelo Governo do Regente Feijó para preencher o bispado do Rio de Janeiro, vago com a morte do seu ocupante, D. José Caitano de Azevedo Coutinho. A questão rolou acirrada no Executivo da Regência, no Parlamento, na Nunciatura Apostólica e nos mais altos Tribunais de Roma, desde 1833 até 1838 quando o candidato, Dr. Antônio Maria de Moura, renunciou aos seus pretensos direitos e se retratou publicamente de tudo o que pudera ter dito em detrimento dos seus deveres de filho e súdito da Igreja.

O Direito do Padroado, do qual não temos saudades, provocou muito mal entendido entre a Igreja e o Estado no Brasil.

No caso acima exposto, quase nos arrastava a um cisma de funestíssimas conseqüências.[5]

Em todo o decênio que vimos perlustrando, desempenhou D. Adauto as funções de diretor espiritual do Seminário de Olinda e capelão do orfanato de Santa Teresa na mesma cidade.

Sem intuitos lisonjeiros, que não condizem com o caráter deste trabalho, reconhecemos que durante esses dois lustros esteve a direção espiritual dos jovens levitas de Olinda entregue a um sacerdote bem formado, senhor de princípios seguros em tão difícil mister, princípios bebidos dos lábios de um Luiz Costa e de outros provectos condutores de almas da Companhia.

O seu admirável bom senso, a sua intuição perfeita a respeito de circunstâncias e oportunidades, mesclando-se com uma virtude atraente pelos tons de franqueza e naturalidade que a caracterizavam, conquistaram-lhe a estima, a admiração e a confiança dos moços seus dirigidos.

As personalidades definidas são centros para onde convergem os que buscam a formação integral.

Não é a impecabilidade o que arrasta para outras almas que aspiram à perfeição. É a firmeza na luta contra o pecado. É o heroísmo da confissão. É o domínio de si mesmo. É a agilidade e a rapidez do soerguimento após as quedas – grandes ou pequenas que elas sejam. Porque isto, e não a impecabilidade, é o ideal da santidade.

D. Adauto não foi nunca um asceta, em tempo algum de sua

vida.

A sua figura cheia dos áureos tempos da maturidade e mesmo da velhice não lembrava Pedro de Alcântara ou João Batista Vianey, embora tivesse uma certa semelhança com Tomás de Aquino e Pio IX.

Foi antes um verdadeiro israelita da escola de Gamaliel, o mais prático e o mais lógico dos doutores judeus.

Foi antes o *homo sine dolo* da Escritura, que amava a Deus e fazia o que queria, na expressão de Agostinho.

Simples, adorava nos outros a simplicidade.

Franco, considerava nos outros a franqueza como uma marca do caráter.

Não sofria de complexos nem de conflitos interiores. Por isso andava com o cérebro sempre lúcido para encontrar a solução mais adequada aos próprios e alheios problemas. Com o sistema nervoso sempre pronto para enfrentar as mais duras e imprevistas situações.

Não era um especulativo e muito menos um visionário.

Possuía uma intuição particular sobre a fragilidade da natureza humana – fragilidade que pesa na natureza mesmo enriquecida com os carismas da graça.

Nem como diretor espiritual do Seminário de Olinda, nem mais tarde como pastor soberano das almas por direito divino, pretendeu jamais transformar em anjos esses míseros espíritos unidos à matéria e chorando intimamente pela sua libertação.

Eis a razão por que foi sempre eficiente a sua direção espiritual, não gerando nunca o desespero ou a presunção de salvar-se esses pecados tão contrários ao Espírito Santo.

A graça se acomoda à natureza. Era uma das muitas verdades divinas que ele via claro.

Não admira assim que o quarto do padre Adauto fosse por dez anos, no Seminário de Olinda, a escola onde se aprendia a ser padre, mas padre dos novos tempos, impondo-se à sociedade pela pureza dos costumes, pelo zelo da salvação das almas, pela sobrenaturalidade das intenções.

"Todos o estimávamos muito", assevera o eminente Primaz do Brasil, seu ex-aluno e dirigido." E o procurávamos sempre para as consultas do espírito. Sua nomeação para Bispo da Paraíba, seu Estado natal, foi motivo de grande regozijo no Seminário desde o Reitor até o mais pequeno de seus alunos, regozijo e saudade. Não, porém, para os paraibanos que de logo assentaram acompanhá-lo contentíssimos por continuarem sob sua provada competência de formador de sacerdotes. Nós outros, os que ficávamos em Olinda, é que curtimos pesarosos as saudades do mestre e amigo diretor espiritual".[6]

No banquete comemorativo do áureo jubileu sacerdotal de D. Adauto, em 18 de setembro de 1930, o mesmo Sr. D. Augusto, Arcebispo Primaz, no brinde a D. Adauto, dizia:

"Eu fui, Excelência, a pequenina semente que V. Exia. apanhou na beira da estrada, para plantá-la no Santuário, acompanhando-lhe o germinar, o crescer, o desenvolver com cuidados de solícito jardineiro e com carinhos de pai extremoso".

O Orfanato de Santa Teresa, no Varadouro de Olinda, foi também um vasto campo de apostolado para o diretor espiritual do Seminário de Olinda no decênio 1882-1892.

Situado quase a meio caminho entre Olinda e Recife, à margem do extenso mangue que os bondes da Pernambuco Tramways percorrem, do Varadouro a Santo Amaro, o Orfanato de Santa Teresa, sob os auspícios da Santa Casa de Misericórdia do Recife, é dirigido pelas irmãs de S. Vicente de Paulo, mais conhecidas por Irmãs de Caridade.

Com o seu hábito recordando as antigas crinolinas das matronas do Império e com o seu chapeirão alvísissimo de tela engomada, ainda hoje atravessam elas os longos corredores do Orfanato como os atravessaram no tempo de D. Adauto.

Desde 1823 está a Congregação à frente do Orfanato, antigo convento de carmelitas descalços, os quais, chegando a Olinda no século XVII, foram expulsos em 1823, por continuarem fiéis ao rei de Portugal na luta que culminou com a Independência e a fundação do Império. A Santa Casa de Misericórdia do Recife mantém o instituto

quanto à alimentação e quanto à conservação do prédio. A roupa e o calçado das órfãs são adqueridos com o produto do seu próprio trabalho.

Ao ser provisionado D. Adauto capelão de Santa Teresa, era superiora da casa a Irmã Chovroz, que esteve no cargo até junho de 1894. Seguiram-se-lhe a Irmã Bret, de 1894 a 1902; a Irmã Hauptmann, de 1902 a 1905; a Irmã Henriot, que fez abrir 60 janelas no edifício, de 1905 a 1915; a Irmão Turquin, atual assistente da Congregação na Bahia, de 1915 a 1927; a irmã Roche, ainda hoje vivendo em Santa Teresa, de 1927 a 1943, e a irmã Bernadino superiora desde 1943.

Quando D. Adauto foi eleito Bispo da Paraíba, substituiu-o na capelania o Pe. José Maria, lazarista, seguindo-se-lhe, sucessivamente, os padres João Fernandes, secular; Colombert, lazarista; Dornelas, lazarista; Horácio, lazarista; Osvaldo Brasileiro, secular; Euvaldo Souto Maior, secular, e Sidrônio Vanderlei, secular .[7]

Olindina Neves de Almeida, órfã de Santa Teresa, com 63 anos de idade passados todos à sombra daquelas telhas benditas, é uma página viva e longa da história da casa. Recorda-se do primeiro capelão que conheceu, o Pe. Dr. Adauto, professor do Seminário, que todos os dias celebrava a santa missa para a comunidade. Vinha sempre a trem, desde o Carmo, primeira estação da via férrea que então ligava Olinda e Recife, até Duarte Coelho, estação próxima ao Orfanato. Após a missa, o capelão tomava o seu café no lar das irmãs e depois abençoava invariavelmente os grupos de órfãs que em torno dele se reuniam desejosas de um santinho, de uma medalha, de uma pequena lembrança. Quando dispunha de mais tempo, assistia mesmo aos jogos e brincadeiras das educandas no pátio dos recreios. O catecismo era às sexta-feiras na capela.

A austeridade do arcebispo nunca foi empecilho a sua aproximação com as crianças, que aliás descobrem por especial intuição aqueles que as estimam, mesmo sob a máscara da severidade, e aqueles que lhes são hostis ou indiferentes, mesmo travestidos de artificial ternura. Sabia ele falar-lhes com alma, responder aos seus pequeninos

discursos com emotivo tom paternal:

"Sede, filhinhos, a glória e a honra dos vossos pais e dos vossos mestres".

E lhes contava histórias e lhes propunha adivinhações, e lhes patenteava o valor da simplicidade que Nosso Senhor tanto amava.

As crianças em companhia do arcebispo, levadas embora pelo respeito que a sua presença impunha, perdiam aquele natural acanhamento e soltavam a língua com absoluta franqueza.

Diálogos interessantes poderíamos repetir entre o prelado e os seus pequenos súditos, como este:

- Então, por que você não quer morrer? O céu é tão bom! Tem Nosso Senhor, Nossa Senhora, os anjos, os santos... Por que você não quer ir para o céu?

- Porque lá não tem fava. Já se vê que o pirralho da bagaceira do engenho "Buraco" não morria de medo do seu bispo.

E este outro:

- Olhe, meu filho, vou nomear o Cônego A. reitor do Seminário. Você, como aluno do Seminário, que acha dele?

- Nada posso dizer, Sr. Arcebispo, porque não o conheço bem.

O seminarista primário falava assim com este infantil desembaraço ao primeiro dos seus superiores.

O arcebispo, se assim podemos dizer, tinha um fraco pela sinceridade. O súdito que errasse, expondo-lhe sem subterfúgios a história de sua prevaricação, podia estar certo de que o seu superior agiria quanto a ele à luz da palavra divina.

"Odiar os erros amando os homens portadores desses erros".

Cremos que as jovenzitas do Orfanato de Santa Teresa muito aproveitaram dos conselhos do seu diretor espiritual, porque lhe abriram confiantemente dentro ou fora do confessionário as pequenas almas inocentes.

E os anos se foram escoando...

Ao voltar das férias no engenho paterno, em 4 de fevereiro de 1886, já encontrou D. Adauto em franca atividade o novo reitor, Cônego

Marcolino Pacheco do Amaral, que em 7 de janeiro do mesmo ano substituíra por determinação diocesana o Cônego Antônio Arcoverde.(8)

Na ata da Congregação dos Professores, a 15 de outubro desse ano, encontramo-lo designado para examinar Dogma, Filosofia e Francês nas provas de novembro. Dogma e Filosofia com os respectivos lentes – Cônegos Manuel João e Joaquim Arcoverde, Francês com o catedrático da disciplina, Cônego Antônio Fabrício.

O ano de 1886 marca também o início de sua maior atividade como pregador.

O arcebispo não tinha grandes qualidades oratórias.

A estatura não o favorecia: baixo como era e um tanto atarracado quando revestido de trajes pontificais. A dicção era prejudicada por uma certa pressa, um certo afã de dizer muito em pouco tempo.

A preocupação máxima era doutrinar, era instruir.

Nisto como em tudo, a observância deste programa que lhe não saia dos lábios. "Primeiro o necessário, segundo o útil, terceiro o agradável".

O agradável no caso seria a forma bem cuidada, o período escorreito, as louçanias do estilo.

Os pontos básicos de suas pregações pastorais nos últimos quinze anos em que mais de perto o conhecemos eram: a caridade, a correspondência às graças divinas, a mediação universal da Mãe de Deus, a necessidade da religião e o ilogismo da indiferença religiosa.

Já no derradeiro lustro, qual outro apóstolo vidente de Patmos, consubstanciava todos os princípios que explanara e defendera a respeito da ciência da perfeição nos dísticos centenas de vezes repetidos:

"Sem sofrimento não há merecimento.
Sem sacrifício não há benefício.
Sem mortificação não há santificação.
Sem oração não há salvação".

A caridade para com Deus, eis a súmula da perfeição.

E das profundezas d'alma lhe brotava a sentença lapidar de agostinho:

"S*i terram diliges, terra eris. Si Deum diliges, quid dicam? Sicut Deus eris*".

(Se amas a terra, terra serás. Se a Deus amas, que direi? Como Deus serás).

Pregando sobre o orgulho, era-lhe o texto preferido o de S. Tiago: "*Deus superbis resistit humilibus autem dat gratiam*". (Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes). O argumento que usava para o povo era o roubo, que o soberbo perpetra atribuindo-se bens que só a Deus pertencem. E a palavra "ladrão" vibrava com ressonância *sui generis* encarnando toda a injúria, toda a hediondez do conceito.

Escrevia bem e falava mal, assim se manifestava à crítica.

A prontidão e a fecundidade das idéias, sob o controle da pena, estendiam com suavidade e até com certa estética o pensamento nas laudas de papel almaço, mas atropelavam os períodos, rebolavam as frases, empastelavam os conceitos na oratória de improviso.

É claro que falamos num tom de franca generalidade. O arcebispo também tinha, justiça se lhe faça, seus momentos felizes no púlpito ou na tribuna.

Cremos, além do mais, que à idade cabia grande parte da culpa nesses deslizes, porque, pelo menos de 1886 a 1893, era D. Adauto um dos principais pregadores do então clero olindense.

Temos à mão várias prédicas de D. Adauto realizadas na Sé Catedral de Olinda durante a Quaresma e a Semana Santa, como alguns panegíricos pronunciados em outros pontos da diocese, e os seus sermões da Imaculada pregados na Matriz de Areia, sermões de que se encarregou ele por quase dez anos.

Foi assim que exordiou o primeiro deles em 8 de dezembro de 1882:

"Ó Virgem Santíssima! O mais vivo sentimento de gratidão se apodera neste instante do meu pobre coração.

Ontem, estando para deixar com lágrimas de tristeza este meu caro torrão natal e a minha querida pátria, eu me encomendava a Vós na Igreja da Penha do Recife.

Hoje, com lágrimas de alegria, de incontido júbilo, eu me vejo a falar deste lugar sobre a vossa Imaculada Conceição.

Ontem, em países estranhos, derramava o pranto da saudade e colocava sob o pálio de vossa Imaculada Conceição os parentes e amigos, o berço estremecido e a pátria bem amada.

Hoje, agora, de vossa mesma Imaculada Conceição venho tratar, igualmente aos meus patrícios e conterrâneos, esperando de todos a mais devota atenção".

À Santíssima Virgem, cuja mediação universal ele tanto desejava ver definida como dogma de fé, coube aliás uma parte preeminente em suas pregações.

E muitos momentos de inegável relevo oratório teve ao traçar-lhe o panegírico como no sermão de N. S. da Luz, pronunciado na Matriz de Guarabira em fevereiro de 1886:

"Interrogai todas as gerações: não encontrareis uma voz dentre essas vozes altissonantes de cristianismo – desde os primeiros sucessores de Pedro até o imortal Leão XIII; desde os Inácios, os Irineus, os Epifânios, os Cirilos, os Ambrósios, os Agostinhos, até os Bossuets, os Bourdaloues, os Fenelons, os Rodrigues e tantos outros – não encontrareis uma voz que não tenha levantado um hino de eloqüência e de poesia em louvor das grandezas de Maria Santíssima como foco misterioso de luz em todos os séculos. Não encontrareis nenhum soberano caro à religião que não tenha colocado a sua coroa e o seu cetro debaixo de tão valiosa proteção. Não encontrareis nenhuma ilustração na ciência, na literatura, nas belas artes que lhe não tenha consagrado o mais primoroso dos seus trabalhos como a fonte de todas as luzes depois de Deus.

Que obras-primas em todos os gêneros cuja inspiração brotou da frondosa haste de Jessé!..."

Idéia *mater* do sermão do Mandato, na Catedral de Olinda, em 7 de abril de 1887, é a suprema humilhação do Filho de Deus,

frisada com rigor teológico:

"No abismo da encarnação, fazendo-se o Verbo Homem, se abismou, é verdade, e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana que aquela desapareceu totalmente, uma vez que estando nesta não aparecia. Mas no abismo do Lava-Pés, semiprostrado diante de seres humildes, a sua mesma humanidade se sumiu para se verificar o que dissera pela boca do Batista: *"Ego autem sum vermis et non homo, opprobrium hominis et abjectio plebis"*. (Eu sou um bichinho da terra e não um homem porque sou o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe).

E quem era esta plebe? E que era esta abjeção? A plebe eram os apóstolos, por natureza, por geração e por ofício. Plebe porque eram pobres pescadores. A abjeção desta peble é hoje Jesus Cristo, posto aos seus pés e lavando-lhes, pois não pode haver ato mais vil e abjecto à mesma plebe que ajoelhar-se diante dela e lavar-lhe os pés".

Não desadorava o orador às vezes uma certa pompa de estilo, como neste exórdio do sermão da Imaculada em Areia, no dia 8 de dezembro de 1887:

"Dos quatro ângulos do mundo cristão as vistas de todos os fiéis confundidas num só olhar de doce esperança elevam-se para a Virgem Admirável, cuja vitória completa sobre a serpente infernal se comemora hoje em todo o orbe católico. Na capela que coroa o monte. Na ermida que enfeita o vale. Na igreja que adorna a cidade e no templo augusto, majestoso, do Chefe dos Apóstolos. Comprimem-se e confundem-se ondas de imensas multidões que vêm acercar-se do altar da Virgem, como para adorar o cristianismo todo na sua mais bela aurora boreal..."

Sobremodo eloqüente é este final de exórdio do sermão do Rosário, pregado na Matriz de Goiana em 1888:

"Que contraste, meu Deus! Um século que não nos representa senão um constante, quase universal, drama de apostasia, de impiedade, de abomináveis erros e vícios; um século de caliginosas e medonhas trevas morais – protegido de um modo especial pelo abismo de todas as grandezas, pelo centro de todos os prodígios, pelo foco de todas as

perfeições, pelo receptáculo de todas as bênçãos, pelo mar profundíssimo de todas as virtudes, pela Virgem do Rosário nos pedindo que a honremos e invoquemos sob este título e com esta denominação".

Os sermões dessa época eram bem elaborados, de acordo com um plano preestabelecido, destacando-se perfeitamente a ordem clássica do exórdio, do corpo e da peroração.

Dá-nos mostra disto o início deste sermão de N. S. da Luz, pronunciado na Matriz de Guarabira em 1888:

"Meu entendimento se confunde, vendo uma criatura escolhida entre todas as mulheres para mãe do seu mesmo Criador. Minha razão deixada a si mesma precipitar-se-ia ao contemplar uma filha de Adão eleita para esmagar a orgulhosa cabeça daquela serpente infernal que seduzira a primeira mulher. A revelação, porém, me anuncia estas verdades nas sagradas páginas que me descrevem tão grandes maravilhas. Os S. S. Padres me ensinam a discorrer sobre estes objetos tão insignes. E fundado nestes fecundos princípios não duvido de cometer tão árdua empresa. Ela é sem dúvida superior às minhas forças, mas a vossa piedade suprirá a minha insuficiência.

Propondo-me, pois, a descrever-vos esta incomparável Virgem, a Senhora da Luz, debaixo do título que mais a engrandeceu – como mãe de Deus, ela será cheia de graça, ornada de privilégio e cooperadora da redenção do mundo. Como mãe dos homens, será cheia de misericórdia e compaixão pelos pecadores.

Eu desenvolverei estas duas idéias não menos gloriosas para Maria do que interessantes para nós, e por meio delas vereis que a invocação de Maria em nossas aflições é o mais seguro meio de conseguirmos as graças do Altíssimo. Eis aqui o ponto principal a que se encaminha o meu discurso. Serei feliz se o puder bem desempenhar e vós instruídos se atentamente me ouvirdes" (Princípio).

Do seu sermão sobre a esmola, que apenas traz a data de 10 de novembro de 1889, destacamos a enunciação da tríplice concupiscência de que fala o apóstolo S. João, para a entrada no assunto:

"A concupiscência toma três formas que são como três ramos

desta raiz de todo o mal e que produzem os pecados que se vêem no mundo. São na frase do discípulo amado: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, isto é, o amor desordenado dos prazeres dos sentidos, o amor desordenado das riquezas e o amor desordenado de si mesmo. Aconselhando aos ricos a esmola e aos pobres a conformidade, realizou Nosso Senhor, desta maneira, o aparecimento da igualdade no seio da mesma desigualdade, constituiu os ricos seus ecônomos e os pobres seus pupilos.

Ó admirável Providência do criador, exclamarei eu com o grande Papa S. Leão, ó bondade industriosa de Deus que, para uma distribuição tão desigual, soube procurar ao mesmo tempo vantagens ao pobre e ao rico. *O mira providentia creatoris ut uno facto esset succursum omnibus*.

Seria fácil ao nosso Deus dar por si mesmo imediatamente aos pobres o supérfluo dos ricos. Porém, julgou mais conveniente santificar o pobre pela paciência humilde e salvar os ricos pelo exercício da miserabilidade e da caridade.

Assim, enquanto os mentirosos reformadores, para estabelecerem sua igualdade, sublevam os pobres contra os ricos, a religião por este caminho da caridade aperta os laços da união entre uns e outros, e ensina os ricos a socorrerem os pobres, e ensina os pobres a rogarem pela salvação dos ricos, o que fez dizer Santo Agostinho que o rico é para o pobre e o pobre é para o rico. *Dives propter pauperam et pauper propter divitem* ".

O seu entusiasmo pela cidade de Areia, berço que lhe foi da inteligência, adivinha-se nesta peroração ao sermão da Imaculada, de 1889:

"Quão poderosa é a intercessão de Maria em favor daqueles que se dedicam ao seu serviço e daqueles que a honram, especialmente no mistério da sua Conceição Imaculada, prodígio que ela mais que todos aprecia!

Fale o Brasil, colocado debaixo da proteção da Virgem Santíssima, neste título de tanta glória, e ligado por juramento e defendê-lo.

Fale a augusta cidade de Areia, que recebeu e tem conservado religiosamente a devoção à Virgem Puríssima. Areia, que ergueu talvez o primeiro templo da província em honra da Conceição Imaculada de Maria".

O exórdio do sermão da Ressurreição, na Catedral de Olinda, em 1890, tem um sabor escriturístico muito ao gosto da época:

"Converteram-se enfim os suspiros e gemidos da triste e aflita Raquel em cânticos festivos de consolação e alegria. Mudou-se o luto e a viuvez da solitária Judite em bênçãos e aclamações de glorioso triunfo. Trocou-se a injusta acusação da casta e fiel Suzana em testemunho brilhante de fidelidade e de inocência. Tornaram-se os sustos e os desmaios da virtuosa Ester em sólido fundamento de esplendor e de glória. Recobrou a filha de Sião a antiga auréola de que havia sido despojada. Já não é mais tributária a princesa das províncias. Triunfa dos inimigos a soberana dos gentios. Firma-se a nova aliança sobre as ruínas da antiga. O vendido José sai do cárcere para o trono. Liberta-se Jonas ao terceiro dia, vivo, ileso e vitorioso do seu túmulo flutuante. Rasgam-se finalmente os véus. Fogem as sombras. Verificam-se os oráculos. Aparece a luz e a verdade. Para dizê-lo de uma vez e não demorar a consolação de proferi-lo: Ressuscitou Jesus Cristo imortal e glorioso. Triunfante da morte do inferno e do pecado. *Surrexit!"*

A vida e a atualidade, por assim dizer, militante do Cristo e da Igreja através dos séculos dão testemunho irrecusável da Ressurreição do Salvador. É a tese desenvolvida no corpo deste notável sermão.

"Concluo, senhores, que se a Igreja fosse obra dos homens teria ficado sepultada no túmulo de Cristo, e que se Cristo fosse somente homem, não tendo por conseguinte ressuscitado, não se levantariam contra ele tantos inimigos no perpassar dos séculos, porque ninguém faz guerra a um morto, ninguém luta contra uma sombra".

Bem interessante é o seguinte trecho do sermão da Imaculada, de 1890, em Areia, pela imagem formosíssima, adequadíssima e de fino lavor estético que o orador soube encontrar e desenvolver com muita felicidade:

"O conjunto das verdades reveladas pode comparar-se com

uma harpa misteriosa cujas ressonâncias são na terra os prelúdios das alegrias do céu. Cada corda da harpa é uma verdade revelada. Entre as mãos dos hereges estas cordas afrouxam ou se quebram e não produzem senão sons irregulares e discordantes. Só a Igreja recebeu de Deus a graça de as conservar em sua perfeita afinação e de as dedilhar sempre com real habilidade. E assim como na música ordinária há certas notas, certos sons a que é preciso estar continuamente recorrendo, porque são o fundamento de toda a composição, e outros pelo contrário de que se faz uso menos vezes e unicamente segundo o gênio da inspiração – do mesmo modo entre as verdades que a Igreja ensina, umas são fundamentais e a elas incessantemente recorre o magistério da Igreja, enquanto outras por este mesmo magistério são enunciadas com menos freqüência e isto mesmo em obediência a um desígnio particular de Deus.

Tal é a verdade da Imaculada Conceição, que tão antiga como as outras cordas da harpa santa, não tem vibrado senão de longe em longe debaixo dos dedos dos Santos Padres e dos Santos Doutores. Estava reservado para nossa época ver, ou melhor, ouvir a sua harmonia misturar-se com todas as ressonâncias do louvor cristão, para vingar com sua magnificência as duas verdades que a incredulidade do nosso tempo mais ataca: o pecado original e a divindade de Jesus Cristo".

O sermão da Paixão, de 1891, na Sé olindense, recorda em seu exórdio os tons sombrios dos célebres sermões das sete palavras tão em voga nas soleníssimas Semanas Santas da Colônia e do Império, e ainda hoje anualmente repetidos na velha cidade de Ouro Preto:

"*Consummatum est!* Hora solene e grave. O templo envolto em grande pano mortuário. Em toda parte um silêncio sepulcral, uma tristeza profunda... avistam-se apenas lúgubres sombras que passam como fantasmas. O selo da morte parece ter calado as mil vozes da Criação. Não se ouve o gorjeio de uma ave, o cicio de uma folha, o sussurro de uma fonte!... Mas além alveja um vulto. Descortina-se através das sombras. Percebe-se. Distingue-se já. Uma cruz e junto dela uma saudade viva! Silêncio! Senhores, não ousemos interrogar a Virgem que, contemplativa e triste como a estátua da dor, santa como

uma bênção de Deus, inocente como um sorriso de anjo, pura como as estrelas, formosa como a rainha delas, sublime de heroísmo, vela entre essa cruz e um mundo. Não a interroguemos – aquela coroa de mistérios que lhe envolve os cabelos, aquelas pérolas que lhe assomam aos olhos cor do céu, aquela ansiedade que lhe entreabre os olhos arroxeados pela dor, aquela piedosa resignação, aquele perfume de virtude revela tudo. Quem há aí para quem a campa se não tenha cerrado sobre o cadáver de alguém querido e saudoso? Quem há aí que não tenha sentido estalarem, um após outros, esses laços que nos prendem à vida como as raízes seguram as árvores à terra? Ninguém, talvez! No entanto, ai de nós! Passando uma vida cheia de decepções e de agonias sobre os restos mirrados dos mortos, entre os vagidos do berço e os horrores do sepulcro – porque a alegria nos visita um dia, uma hora um momento, esquecemos que a dor vive sempre conosco. Mas o que nos diz aquela montanha esparzida de sangue? Aquela cruz esgalhada? Aquele testemunho orvalhado de pranto? Aquela virgem desolada? O que nos revela tudo isto senão que uma consagração divina acaba de ser dada ao sofrimento?...”

O sermão do Lava-Pés em 1892, na Catedral de Olinda, é o elogio da virtude da humanidade firmado na teologia e nos santos padres.

Depois de fazer ressaltar pormenorizadamente os efeitos da humildade nas almas como fundamento de sua sobrenatural perfeição, pergunta:

“Dizei-me, agora, ó homens orgulhosos, se a humildade é uma virtude obscura!

Ousareis vós dar semelhante qualificativo a uma penetração que, apreciando todas as cousas, só em Deus vê o princípio de todos os bens, não reconhecendo nas criaturas senão uma participação desses bens?

Ousareis vós dar semelhante qualificativo a uma recordação que honra a bondade divina, confessando seus benefícios?

Ousareis vós dar semelhante qualificativo a uma sinceridade que não estabelece jamais honras imaginárias sobre títulos inventados?

Ousareis vós dar semelhante qualificativo a uma solidez que se prende ao bem que a mesma virtude encerra e que deixa dissipar-se o fumo que a glória exalta?

Ousareis vós dar semelhante qualificativo a uma caridade prudente que evita a ocasião da inveja?

Que virtude, meus irmãos, ou antes, quantas virtudes reunidas em uma só – nesta virtude única! Quantos traços exprimindo a generosidade!

Logo, a humildade pode ser a virtude das almas grandes e nobres.

Não disse bem. Logo, a humildade não pode convir senão às almas grandes e nobres.

Ela só, é a nota da verdadeira grandeza como da verdadeira felicidade, já nesta vida".

E chegamos enfim ao último sermão dos que temos sob os olhos - o de S. José, pronunciado na capela do Seminário em 19 de março de 1893.

O texto é o da solenidade litúrgica – *Joseph autem vir ejus quum esset justus et nollet eam traducere voluit occulte dimittere eam*. (José, esposo de Maria, sendo justo e não querendo infamá-la, resolveu deixá-la secretamente).

Neste sermão, como em muitos outros, se observa a seqüência lógica muito do seu agrado – gosto certamente adquirido nos estudos filosóficos e teológicos, segundo o método escolástico.

"Por força da virtude da justiça que o Espírito Santo lhe atribuiu, diz ele, é S. José modelo perfeito da vida cristã.

Consiste a virtude da justiça em dar a Deus e em dar ao próximo aquilo que lhe é devido.

Em amar, portanto, a Deus e ao próximo conforme a letra do Decálogo.

Mas amar assim a Deus e ao próximo é cumprir toda a lei. *Plenitudo legis dilectio*.

E cumprir a lei em toda a sua integridade é ser perfeito.

A justiça não é apenas uma virtude. É a síntese de todas as

virtudes".[9]

Os sermões e as prédicas do arcebispo, nos trechos vistos ou ligeiramente comentados, são como aqueles propósitos que anteriormente citamos – revelações do seu espírito. Espírito que é sempre o mesmo nos lastros de verdades que adquiriu e solidificou, para desenvolver depois em face de circunstâncias mutáveis, diversas e até contrárias.

É aqui que se constata o valor da formação.

Nos embates da vida, nos entrechoques de idéias, na defesa e no ataque de doutrinas e argumentos, o que é acidental vai e volta incessantemente, voa e revoa. Mas o que é substancial permanece fixo, como o fulcro onde se apóia a alma.

Faltando essa substância ao homem que vive pela inteligência, considera ele como substância os acidentes que dançam e que revoluteiam – transformando-se destarte numa ventoinha a girar em torno dos seus preconceitos e a pender, numa dolorosa intermitência, ora para a verdade, ora para o erro.

Em todas as lutas de idéias em que se empenhou – e foram muitas – sempre se mostrou D. Adauto rico dessa substância ideal: a fé inconcussa nas verdades reveladas; a razão alicerçada nos postulados da vera filosofia.

Notas

(1) "Olinda Conquistada". Do pastor luterano João Baers, capelão da armada invasora holandesa. Citação do Cônego José do Carmo Barata.

(2) Citação do Dr. Pereira da Costa nos "Anais Pernambucanos", transcrita pelo Cônego José do Carmo Barata.

(3) Histórico calcado na obra do Cônego José do Carmo Barata "Escola de Heróis", edição de 1926. Imprensa Industrial de J. Néri da Fonseca. Recife.

(4) Sobre a vida e a organização do Seminário de Olinda no tempo de D. Adauto, recebemos preciosas informações de antigos

alunos, especialmente dos venerandos Cônegos Aprígio Espínola e José Betâmio.

(5) Ver "O Padroado e a Igreja Brasileira", de João Dornas. Companhia Editora Nacional.

(6) Da carta do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, D. Augusto Álvaro da Silva, escrita ao autor em 25 de junho de 1945.

(7) Dados colhidos no arquivo do Orfanato de S. Teresa, de Olinda.

(8) Dados colhidos no arquivo do Seminário de Olinda.

(9) Todos os originais dos sermões citados pertencem ao arquivo do autor.

CAPÍTULO VII
O decênio 1882–1892 (II)

Sentido humano de uma biografia. O ambiente familiar de D. Adauto. Tristezas e alegrias de umas férias. O primeiro casamento. Américo Novais, humorista e filósofo. Alegrias e tristezas de umas núpcias. Uma campanha contra o espiritismo. O abolicionismo em Areia. Os vigários Bastos e Odilon, amigos de D. Adauto. Como a República foi recebida em Areia. Uma reunião secreta, mas benéfica. As últimas grandes férias. Demarches dolorosas de um episcopado. Rumo ao Velho Mundo.

Acontecimentos vários marcaram cada período das férias de D. Adauto no engenho Buraco – uns em que foi ele parte principal; outros mais relacionados com a família, com o meio e com o tempo.

Muitos deles talvez não se enquadrassem bem no corpo desta obra, segundo o pensamento de alguns: as biografias clássicas não saem do ambiente largo das praças públicas e dos salões; não penetram os interiores domésticos – as salas de jantar, que entre nós constituem os verdadeiros *living rooms* do lar; as cozinhas onde os serviçais livremente comentam todos os fatos com possíveis transições do pitoresco para o picaresco – à brasileira, digamos.

As biografias clássicas são círculos de raios mui limitados – centralizados num homem de cuja perspectiva não se pode afastar o autor, que dele, assim, se distancia o menos possível.

São esses pundonores que privam a biografia clássica de vida, de movimento, de humanidade mesmo, porque os grandes homens não são naturais no salão e na praça pública, uma vez que precisam manter o bem que a naturalidade fá-los perder diante das massas este caráter, esta linha.

Não há grandes homens para os criados de quarto, escreveu alguém.

Todos nós, quando estamos com os íntimos, nos vulgarizamos, e ai do pedante que assim não fizer...

Todos nós, quando a sós nos achamos, fazemos as nossas criancices: monologamos, solfejamos, gesticulamos num gesto de liberdade – vingando-nos,assim, dos grilhões do convencionalismo.

Dava-se isto até com o austero Fenelon:

"Estou contente, afirmava o insigne prelado, desde que possa estar sozinho no meu quarto, divertindo-me com ninharias qual uma criança".

São esses pundonores que fazem aparecer muitas vezes o retrato do biografado canhestro e claudicante numa moldura que não é a sua: deslocada a personalidade do seu tempo e do seu meio.

O biógrafo moderno já tem o máximo interesse para dar do seu biografado um retrato completo, e é por isto que o encara sob aspectos os mais variados, em poses as mais diversas, as mais contraditórias até. E os seus cuidados se estendem ao ambiente, ao meio geográfico e social em que se desenrolou aquela vida, ao palco em que aquele papel foi bem ou mal representado.

Não foi este movimento natural e humano que faltou, conforme o parecer de alguns críticos, na magnífica biografia de Rio Branco, escrita por Álvaro Lins?

O nosso papel, porém, não é o papel de biógrafo clássico ou moderno do arcebispo. É o papel de subsidiário, ainda uma vez repetimos, de colecionador de fatos e documentos, comentados e criticados à luz da verdade, do mais objetivo critério.

Ora, neste caráter, não temos, *a fortiori,* o direito de omitir quaisquer fatos e quaisquer documentos que nos caiam diante dos olhos, referindo-se direta ou indiretamente à vida de D. Adauto, porque não sabemos quais os que merecerão ou deixarão de merecer a atenção do futuro biógrafo – moderno como presumimos.

Durante esses dez anos, pôs-se ele em contato com um afeto equilibrado, mas intenso, ao seu velho lar, por ele visitado ininterruptamente nas duas férias: de junho e do fim do ano.

Durante esses dez anos, pôs-se ele em contato com quase todos os seus parentes, que nele viam, sempre que o consultavam a respeito de problemas e dificuldades surgidas no meio da família, o

mesmo discernimento revelado pelos grandes patriarcas árbitros: o velho Capitão-Mor, Xavier da Bolandeira, Nuno de Miranda Henriques e Nuno Guedes Pereira.

Durante esses dez anos, manifestou ele a grandeza do seu coração, socorrendo material, moral e espiritualmente aqueles que eram mais intimamente seus:

Caritas bene ordinata... Era a direção espiritual e até uma certa instrução literária às jovens primas.

Eram os auxílios pecuniários fornecidos aos que pelo seu estado de pobreza viviam na sombra da casa-grande do Buraco.

Era a alforria do mulato "de alma pura e aristocrática, que nunca, conforme dizia ele ao Coronel Ildefonsiano, poderia ser a alma de um escravo".

Os jantares, os recreios, os serões íntimos do "Buraco" se passavam assim nessa atmosfera de perfeita compreensão; de respeito e acatamento à palavra do seu padre culto e amigo; de diversões sadias dentro ou fora do lar, em visita a outras mansões senhoriais da redondeza, sem esquecer a vivenda acolhedora do velho Simão Patrício nas festas da padroeira em Areia.

Os passeios ao "Pitombeira" do velho Nuno, bem pertinho, eram impagáveis, sobretudo quando o patriarca, em momentos de bom humor, recitava para as meninas as trovas da sua época, dentre as quais gravaram as remanescentes o A B C da semana como ele chamava:

Domingo – fartura
Segunda – inda atura
Terça – inda tem
Quarta – já falta
Quinta – faminta
Sexta – padeça
Sábado – encher a pança.

esgotante dos estudos foram fatais a sua delicada compleição, e José Pires faleceu santamente no Pio Latino, aos 3 de fevereiro de 1880, assistido por seus mestres e por seus colegas.

D. Adauto, que estivera presente ao desenlace, trouxe para os desolados pais de José Pires, o velho boticário Simão Patrício e sua esposa, D. Rosa, esta amaríssima recordação.

As duas famílias estavam ligadas pelos laços de uma velha amizade. Era em casa do velho Simão que se hospedava com os seus o Coronel Ildefonsiano por ocasião das festas. Não admira, pois, que, com sincera expressão de pesar, narrasse D. Adauto vez por outra, no decorrer daquelas férias, a agonia lenta do querido companheiro.

Uma nota de fino e apurado sentimento.

Desejando José Patrício transmitir notícias suas aos genitores distantes, quis escrever-lhes do próprio leito de dor. Achando-se já extremamente fraco, pegou-lhe D. Adauto carinhosamente na mão...

"Eu não sinto a morte, registrava o moço levita, só sinto a vossa angústia, queridos pais"...

Faltavam dois anos para se ordenar de presbítero.

Dentre as lembranças enviadas por José Patrício a sua mãe destacava-se, linda e significativa, uma estampa da Mater Dolorosa. Entregou-lha D. Adauto, mas não fez o mesmo com a carta que ajudara José Patrício a escrever.

Guardou-a consigo, não querendo despertar com ela em seus velhos amigos mais pungentes emoções.[2]

E eles bem compreenderam a caridosa delicadeza dessa atitude.

Um novo motivo de alegria, porém. A velha cepa dos Miranda Henriques reverdecia, como uma homenagem àquele filho ilustre. Dois pimpolhos receberam de suas mãos naquelas férias as águas santas do batismo: Joana (Niná), filha do mano mais velho Joaquim,[3] e Augusto, filho de Nuno Guedes Pereira Junior, do Pitombeira.

Férias de 1882-1883.

22 de dezembro de 1882.

Presidiu D. Adauto no engenho Pitombeira ao primeiro enlace matrimonial: o casamento de seu irmão Efigênio Franklin de Miranda Henriques com D. Ana Amélia de Albuquerque Gama.

A noiva era filha de José Francisco Alves Gama, tabelião público, que com sua família constituía elemento dos mais finos da sociedade areiense do tempo, e cuja irmã, Maria Carolina, já se casara com Nuno Guedes Pereira Junior.(4)

Férias de 1883-1884.

Correram rápidas e alegres, sendo-lhes a figura central o Pe. Américo Novais,(5) que D. Adauto trouxera consigo, quase valetudinário, para restaurar as energias perdidas no clima salubre da serra.

Américo Novais era um encanto de bonomia humorística. Natural de Cabrobó, Pernambuco, fora também companheiro de D. Adauto em sua viagem à Europa naquele já longínquo 1875. Aluno do Pio Latino e da Gregoriana, ordenou-se em 19 de abril de 1884 e, voltando doente à pátria, seriamente enfraquecido, viera com o amigo até ao seu engenho em busca de forças para ingressar nos duros labores do ministério.

Que bela alma o Novais! Tornou-se logo um membro da família.

O próprio Coronel Ildefonsiano sorria com as suas graças, mesmo quando o Novais o chamava de Dr. Calcário, pondo-lhe em relevo os pendores homeopáticos.

Gostava Novais de fazer uns versinhos epigramáticos recitados nos alegres serões da sala de jantar . Seus epigramas, porém, a ninguém feriam, porque tinham quase sempre por objeto a própria figura do autor, que ele mesmo retratava em tons caricaturais.

Viera Novais, de Timbaúba ao engenho, cavalgando o "alazão" do Coronel Ildefonsiano, não fizera má figura – tanto que resolveu

fixar numa quadra a façanha hípica:

Montado no alazão esquipador
Do Calcário homeopático doutor;
Eis que vem teso como um cipó
O padre do sertão de Cabrobó.

O Brejo, sobretudo a zona dos engenhos, é em certas épocas do ano o paraíso das chamadas "pulgas de bicho", que os sertanejos, para deprimir a região e os seus habitantes, qualificam de "espinhos de bananeira".

Não sabemos por que segredos biofisiológicos mereceu o sangue do Novais as preferências hematófagas dos impertinentes parasitas que lhe fizeram os pés em pandarecos. O recurso à cirurgia doméstica de D. Laurinda se impôs naquela emergência. Com os pés envolvidos em ataduras improvisadas de trapos, coxeando, saía o Novais todas as tardes a passeio com D. Adauto e *ad perpetuam rei memoriam* produziu estoutra quadra:

Diz quem o vê pela tardinha
Passear tão requebrado:
Como galante caminha
O Novais padre cambado!...

Uma bela alma o Novais. Notava-lhe D. Adauto às vezes as criancices e ele engatilhava logo o texto: "Se não vos fizerdes como crianças não entrareis no Reino de Deus", continuando a ensaiar os seus sermões para quem quisesse ouvi-los no patamar da escada.

"Que cousa horrível, Adauto, enquanto você rezava o terço, eu vi dois diabos fazendo piruetas ao seu lado".

Era assim que Novais afastava do ambiente a monotonia irmã do tédio.

Inofensivamente indiscreto, chegava a descobrir às meninas curiosas que os jovens seminaristas em Roma usavam cilícios e

disciplinas, incluindo neste número a ele próprio e a D. Adauto.

Passando ao sério contava Novais a origem de sua vocação sacerdotal:

Amigo e colega de Fontes, um jovem de lá de sua terra, que não se distinguia àquele tempo pela piedade e pela irrepreensibilidade da conduta. Um dia morre o Fontes. Aparece-lhe em sonhos e travam o seguinte diálogo:

- Fontes, como estás?

- Sofrendo ainda em conseqüência das minhas leviandades.

- Fontes, eu me salvarei?

- É muito difícil.

Pouco tempo depois, envergava Novais a batina, voava a Roma e ali estava agora padre e bem padre, interessado pela própria salvação e pela salvação dos outros.

Terminadas as férias, volta Novais para Olinda com D. Adauto, forte, corado e bem disposto, sendo provisionado vigário de Vitória, em 24 de dezembro de 1885.

Convidado insistentemente pelo Coronel Ildefonsiano para passar as férias seguintes no engenho, escusou-se Novais com uma carta que retrata ainda uma vez o seu espírito:

"Deixo de atender seu bondoso convite, meu caro coronel, porque casei-me com uma mulher extremamente ciumenta.

Ela não me permite afastar-me de sua presença um só momento".

Assim traduzia Novais as exigências do paroquiato, os árduos e constantes deveres do pastor de almas.

Férias de 1884-1885.

Já é D. Adauto cônego de meia prebenda do Cabido de Olinda.

Dentre os inúmeros parabéns recebidos pelo novo titular, não podemos deixar de fazer sobressair os do velho vigário Chacon, naquela tarde de dezembro em que D. Adauto com a família – mãe e irmãs - foi visitá-lo.

Era festa da padroeira. Chacon, já quase nonagenário, cego, nem ia mais à Matriz.

Não presidia mais o mês mariano, recebendo todas as noites, diante do altar-mor, os ramalhetes perfumosos que as crianças ofereciam à Virgem.

Não atuava mais nas eleições, efetuadas dentro da Matriz naqueles bons e maus tempos de união entre a Igreja e o Estado: o seu prestígio de chefe do Partido Conservador não se eclipsara, mas se estabilizara estacionário para o grande mergulho no passado, para o grande esquecimento do futuro.

Modestíssima a saleta onde vegetava Chacon, não recomendando pelo seu arranjo e asseios os créditos do liberto Zé Rosa que cuidava do velho eclesiástico.

O móvel de mais relevo era uma mesa redonda pejada de livros velhos, estragados, bolorentos como o dono. Uma mesa cujo tronco grosso e cilíndrico montava em tijolos para corrigir o desnível do pavimento. A palestra não foi longa. Na despedida, o velho abraçou a todos afetuosamente e, trêmulo de emoção, quase tombava desequilibrado ao procurar apoiar-se na mesa com uma das mãos, porque a outra sustentava o "cornimboque" e o "alcobaça", companheiros inseparáveis de sua velhice.

"Me leve no seu coração", disse num tom de galante súplica à irmã mais nova de D. Adauto.

Os velhos são tão ciosos de afetos!...

Fora, ela fazia espírito, perguntando à outra irmã:

"Mas o meu coração tão pequeno pode caber o Pe. Chacon?"

O que ficou da visita foi uma certa impressão de desamparo, que talvez desamparo não fosse ao velho vigário colado de Areia, mas à solidão da ancianidade, solidão terrivelmente lógica, convenhamos.[6]

Férias de 1885-1886.

No dia 23 de janeiro de 1886, pelas 11 horas, na capela do engenho Buraco, presidiu D. Adauto ao recebimento matrimonial de

sua irmã Maria Matilde de Miranda Henriques.[7] Verificou-se o casamento *intra missam*, testemunhado pelo primo Nuno Guedes Pereira Junior e pelo mano Joaquim José Pereira de Miranda, àquele tempo já casado e também senhor de engenho.[8]

De pleno gosto de todos, após um noivado de nove anos, justificou o enlace uma das maiores festas íntimas da família. A noiva, porém, tivera as saudades aumentadas com o ambiente de perene alegria e conforto moral que a volta do irmão sacerdote viera trazer ao velho lar naquelas suas férias anuais tão desejadas. Quase não se conformava em trocá-la pelo novo ambiente doméstico que ia criar, não obstante as melhores esperanças de perfeito entendimento com o seu esposo.[9]

Férias de 1886- 1887.

Sacerdote zeloso e atinado, nunca enterrou D. Adauto os talentos que Deus lhe dera. Fazia-os render o mais possível, escolhendo para isto as oportunidades garantidoras do êxito.

No seu tempo já grassava em Areia o erro espiritista, muito mais do que hoje, pois os seus núcleos eram bem numerosos e bem numerosos também os corifeus de posição: bacharéis, professores, jornalistas, funcionários públicos.

Membros eminentes da família de D. Adauto, dos Guedes Pereira, professavam a teoria e faziam proselitismo.

Empreendeu D. Adauto uma série de conferências na Matriz de Areia, contra o espiritismo, durante as férias de 1886- 1887.

Todos os domingos à noite, expunha ele ao numeroso e variado auditório os absurdos do kardecismo, arejando aquelas almas tão fáceis de se abrigarem à sombra nefasta da superstição, do fanatismo, do catimbó, por força da ignorância religiosa. Reptou mesmo os mestres do espiritismo local para uma disputa *coram populo,* disputa que *pro bono pacis* se não realizou.[10]

Férias de 1887- 1888.

Era plena campanha abolicionista.

A escravaria do "Buraco", todavia, se fora com o tempo.

Não viu o Coronel Ildefonsiano o seu nome gravado no "Quadro Negro", instituição criada pela "Emancipadora Areiense" para castigo dos senhores recalcitrantes que teimavam em não alforriar os seus escravos, em não averbá-los livres na Coletoria.

A medida deu resultado, comentavam os linguarudos: Matias Soares Cavalcanti liberta os seus 3 escravos restantes: Claudino Dias de Araújo, 6; Belmiro Cavalcanti Souto, 6; Ladislau Cabral de Vasconcelos, 4; Remígio Lins, 1; e escravocratas da gema, o italiano Francisco Antônio Casulo se insurgira contra a exigência, enquanto Elísio Madureira alforriara seu último escravo "com a condição de servi-lo cinco anos", e Glicério Cavalcanti andava procurando uma escrava que arribara de sua senzala após uma sova de bolos.

A "Emancipadora Areiense" pelos seus membros beneméritos, entre os quais se anotavam o vigário Pe. Bastos e depois o seu substituto, Pe. Odilon Benvindo, não dava tréguas aos saudosistas do regime servil. Asperamente censurada vinha sendo a polícia de Alagoa Grande por se prestar ao empiquetamento das estradas em busca de escravos fugidos.(11)

Férias de 1888- 1889.

Já encontrou D. Adauto à frente da paróquia de Areia o Pe. Odilon Benvindo, cuja posse se verificara no dia 19 de março de 1888 como resultado do concurso a que se submetera em novembro de 1887.(12) Substituiu o Pe. Odilon ao Pe. Sebastião Bastos que vinha governando a paróquia desde 1878 como pró-pároco, e que fora provisionado vigário encomendado após a morte do Vigário Chacon em 1886.

Foi sempre D. Adauto muito amigo desses dois grandes vigários de sua terra. Sebastião Bastos, que lhe preparara os papéis para a

ordenação, era assíduo freqüentador do "Buraco" por ocasião das férias.[13] Odilon Benvindo mereceu, até morrer, o maior respeito e acatamento do seu prelado, que o levou ao canonicato – o que muito representa, porque o arcebispo considerava os vigários colados que encontrou em sua diocese verdadeiros presentes de gregos que a monarquia lhe deixara, o que, aliás, muito bem se explica. Bispo dos novos tempos, precisando desenvolver uma ação intensa de apostolado firmado no sacrifício, encontrava muitas vezes no seu caminho um obstáculo tremendo: o comodismo de certos vigários colados que se haviam fossilizado na sacristia e no batistério de suas matrizes. Presidiam casamentos, celebravam missas, batizavam crianças e ... dormiam prolongadas sestas. Ao se adiantarem na velhice, lá se apresentava a necessidade do pró-pároco, que comumente não suportava as rabugices do vigário.[14]

Novas dificuldades.

Exceções, havia, Deus louvado.

O vigário Odilon, de Areia, era uma delas, e das mais eloqüentes, pois morreu na estacada pugnando como um guerreiro antigo pela elevação do nível cultural e pela moralização dos costumes de sua terra.

Luto na família.

No dia 30 de novembro de 1888, às quatro horas da tarde, faleceu na casa-grande do engenho Pitombeira o velho Nuno Guedes Pereira.[15] Finou-se aos 85 anos deixando aos seus descendentes opulento patrimônio moral: uma tradição de trabalho e honradez a toda prova. Ministrou-lhe D. Adauto o sacramento da extrema-unção e assistiu-lhe os últimos momentos. À frente do engenho ficou o seu filho Nuno Guedes Pereira Júnior, que havia muito o substituíra, irmão daquele José Inácio Guedes Pereira em cuja casa se hospedava D. Adauto quando dos seus primeiros estudos na cidade de Areia, e que depois, mudando-se para o Recife, ali fixara residência.

Os filhos de José Inácio, Francisco Xavier e Álvaro Jefferson, bacharéis em direito, foram altos funcionários da polícia do Recife nos primórdios da República, e vez por outra visitavam o engenho do tio,

em gozo de férias. Quando isto sucedia, os jantares e os serões dominicais da casa-grande do "Buraco" possuíam dois assíduos freqüentadores.

Poucos dias após a morte do velho Nuno, presidia D. Adauto, na capela do engenho, ao enlace matrimonial de sua irmã Laurinda Laura de Miranda Henriques (Sinhá) com Antônio Peregrino de Albuquerque Montenegro (Caboclo), de tradicional família da Província. Foi grande a satisfação de todos os parentes. Festa, contudo, não pôde haver, atendendo-se ao luto recente.(16)

Ainda vibravam pelas quebradas de Areia os ecos do 3 e do 13 de maio de 1888. Ninguém sabe qual das duas datas maior entusiasmo provocou na região – se a da Lei Áurea trazendo a emancipação nacional; se a de 3 de maio conduzindo triunfante o estandarte da emancipação areiense com aqueles artigos curtinhos e flamantes da "Verdade" assinados por Rodolfo Pires, Simão Patrício, Firmino Costa, Tito Silva, José Buril, Gomes Marinho, Manuel da Silva, Giuseppe Perazzo... Entusiasmo que foi contagiar lá na Europa o gênio de Pedro Américo produzindo aquela magnífica carta de saudação aos seus conterrâneos pelo auspicioso evento, datada de 4 de junho de 1888.(17)

Assuntos enfim não faltavam para os comentários dominicais da casa-grande do "Buraco":

As notícias que do Sul veiculava a "Verdade" sobre a propaganda republicana.

O prolongamento da linha férrea Conde d'Eu, de Mulungu a Alagoa Grande, e de Pilar a Itabaiana, projetado pelos poderes públicos, com o intuito de realizá-lo dentro de pouco tempo.

A censura áspera ao governo central pelo "recrutamento" posto em prática com sérios vexames para a população dos sítios e engenhos – "recrutamento" que visava a preencher os claros do Exército quando para tal fim já existia a lei do alistamento.

A caiação mal cheirosa que mal cheirosos areienses fizeram em outubro de 1888 no frontespício da residência do Juiz de Direito, o Comendador Gonçalo de Faro.

A pauta da festa da padroeira para o ano de 1888.

O sucesso do mágico, prestidigitador e esoterista Balabrega, que assombrara a platéia areiense lendo no palco do Teatro "Recreio Dramático" qualquer livro aberto pelos espectadores no recinto, e cuja mulher operava prodígios nos domínios da telepatia.

O insulto de loucura do Coronel Manuel Pereira (Neco do Geraldo).

A formatura em Direito dos dois areienses, filhos de José Inácio Guedes Pereira – Francisco Xavier e Álvaro Jefferson, pela Academia do Recife.

A impertinência suspeita da "Verdade" estampando sempre em sua gazetilha as notícias mais extravagantes de crimes cometidos por sacerdotes contra a ordem, a propriedade, a honra e os bons costumes.

Os epítetos com que os republicanos *a outrance* mimoseavam o marido da princesa herdeira – feio, surdo, grosseiro, deselegante, solecista, sovina, cruel, briguento, etc. etc. etc.

Os roubos de cavalos perpetrados quase semanalmente por quadrilhas bem organizadas – com ladrões e compradores, trocadores e coiteiros, constelação em que brilhava como astro de primeira grandeza o célebre "Babado".

A colação de grau, na Bahia, dos médicos areienses João Lopes Machado e Cristóvão Augusto de Queiroz Barros.

A publicação seriada nas páginas da "Verdade" do escrito de Silva Jardim "A República no Brasil" debatendo o carcomido estribilho: todos os males do Brasil provêm do trono.(18)

Férias de 1889- 1890.

D. Adauto se achava em casa quando foi proclamada a República, pois chegara do Recife a 14 de novembro, véspera do grande acontecimento, numa quinta-feira.

Só no sábado, 23 de novembro, chegou a notícia da queda do trono às grotas do "Buraco".

"A Verdade", o jornalzinho de Areia, dirigido por Manuel da Silva, estampara no domingo, 17, o seguinte boletim:

"Cartas da cidade de Guarabira nos transmitem o telegrama abaixo, oriundo da corte, com data de 15 de novembro:

Exército sublevado. Ladário gravemente ferido. Ministério preso. Governo republicano provisório: Deodoro, Bocaiúva, Benjamin. Ministério intimado deixar poder obedeceu, menos Ladário. Família imperial seguiu ontem para a Europa. O Batalhão 27 desta província aderiu à República.

Parabéns ao país.

Areia, 17 de novembro de 1889".

O número de terça-feira, 19, confirmava a notícia, referindo-se ao foguetório com que os republicanos de Areia festejaram a boa nova.

O número de quinta, 21, publicava uma saudação ao 15 de novembro que vira "a demolição da única instituição monárquica no solo americano cujo pavilhão era um ponto negro a manchar a limpidez do céu do Novo Mundo".

Publicava ainda as congratulações de Francisco Xavier Júnior ao "cidadão Manuel da Silva por ter visto convertidas em realidades as suas patrióticas inspirações". E num furo de reportagem fornecia aos leitores a organização completa do governo provisório e da Junta Governativa da Paraíba aclamada no dia 18.

O número de sábado, 23, abria com o editorial "A nova situação", concitando os democratas que "fizeram a República" a extinguir os vícios da instituição morta".

Em colaboração apaixonada, escrevia um anônimo que na República, de modo algum, poderiam os cargos de relevo ser confiados aos neoconvertidos, "aos réprobos monarquistas".

Na "Secção Livre", Manuel da Silva, do leito onde se achava, acometido por "grave hemorragia, conseqüente a padecimentos crônicos", agradecia as visitas que recebera com as felicitações pelo

magnífico evento.

Estava firmada a República. Os velhos senhores de engenho não deixavam de olhar com desconfiança para o novo estado de cousas, e o Coronel Ildefonsiano formava entre estes.

D. Adauto, que iniciara a vida eclesiástica quando os ecos da "Questão Religiosa" ainda ressoavam estridentes, via sem tristeza o desmoronar da Realeza, mas não saudava com alegria o advento da República, filha do liberalismo de 89. Felizmente se achava no Rio, de olhos bem abertos, o guia do episcopado brasileiro, D. Antônio de Macedo Costa, orientando o movimento de defesa da Igreja contra os seus adversários naquela fase difícil.

Em 7 de janeiro de 1890, era assinado o decreto que separava a Igreja do Estado.

Em 19 de março, saía publicada a primeira pastoral coletiva do episcopado nacional, obra de D. Antônio, sobre o momento:

"Com admirável clareza foi exposta a doutrina da Igreja mostrando o que se deveria pensar da separação, o que assegurava o decreto de 7 de janeiro, e o que estavam os católicos do Brasil obrigados a fazer em face da nova situação criada para a Igreja em nossa Pátria".(19)

Logo depois, com o beneplácito do Santo Padre Leão XIII, promovia D. Antônio a reunião dos bispos do país, a fim de serem tomadas medidas para a garantia da Igreja no Brasil, ora dentro de um regime sectariamente leigo.

Em 16 de julho se verificava a reunião em S. Paulo presidida pelo mesmo D. Antônio, já Arcebispo Primaz. Nela se traçaram as diretrizes que iam dar à Igreja no Brasil, com a mais completa independência do poder civil, a mais sólida estabilidade.(20)

Admirador profundo do talento e da energia apostólica de D. Macedo Costa, em breve acharia D. Adauto uma brecha para defender também os sagrados direitos da Igreja contra o laicismo oficial. A ele caberia, porém, a glória de entoar o *requiem aeternam* na tumba da República de 89, após a Revolução de 30.

Os visitantes do "Buraco" comentavam, de mistura com os

grandes acontecimentos que precederam de perto o desmoronamento do trono, os "grandes" acontecimentos locais:

A carta de Pedro Américo pedindo aos artistas conterrâneos o apoio, nunca negado, para a sua eleição de deputado à Constituinte.

As chuvas esperançosas de janeiro, prenúncio de fartura e bom inverno quando levas de retirantes já passavam para o Curimataú procurando o xique-xique e a macambira para escapar ao repiquete.

O carnaval de 90, sem entrudo, é verdade, mas bastante animado com as exibições do "Zé Pereira",do "Rei do Congo" dos "Caboclinhos" e dos clubes "3 de Maio" e "Cavaleiros do Luar" – sem faltarem, é claro, as tão apreciadas cavalhadas.

O casamento de Cândido Fabrício do Espírito Santo Júnior, filho do tabelião Espírito Santo, com uma sobrinha do Coronel Ildefonsiano, o que genealogistas ferrenhos desaprovaram por não correrem nas veias do noivo um sangue tão azul.

A censura do pessoal da "Verdade" ao Dr. Gitirana que, Juiz de Direito em S. Ana do Parnaíba nos confins do Brasil, mantinha a família no Recife e advogava em Areia.

As nomeações múltiplas de inspetores de quarteirões para todos os pontos do município, com a determinação de colocarem placas em suas residências trazendo a designação do tão "alto" posto – isto em benefício da segurança pública...

A moléstia grave de Nuno Guedes Pereira Junior, do Pitombeira, que, apesar de longa estada na cidade, em tratamento com o Dr. José Evaristo, voltara desenganado ao engenho.[21]

A morte de Joaquim Silva, o latinista brilhante, o professor emérito, o cidadão progressista a quem Areia devia a estrada do "Gregório" que a ligava a Alagoa Grande, o primeiro engenho central para algodão, o teatro e a tentativa arrojada do abastecimento dágua.

Férias de 1890- 1891.

Chegou D. Adauto no dia 19 de novembro. A 6 do mesmo mês, havia professado como terceiro franciscano na Igreja da Penha

do Recife, tendo ingressado na fraternidade em 21 de outubro de 1889. A sua piedade e o seu amor à ordem de S. Francisco fizeram-no registrar o acontecimento numa página em branco do seu breviário.

A exemplo do que fazia o episcopado nacional, reunindo-se para tratar de definir a posição da Igreja, a súmula dos seus direitos no novo regime, reuniam-se também os vigários nas várias dioceses do país, *mutatis mutandis* com o mesmo fim.

Por ocasião da festa da padroeira, em 8 de dezembro de 1890, resolveram os sacerdotes presentes em Areia levar a efeito uma reunião daquele feitio.

D. Adauto, cônego prebendado do Cabido de Olinda, doutor em Direito Canônico e professor da mesma disciplina no Seminário, era naturalmente o mais adequado para presidir ao pequeno conclave e neste caráter foi admitido pelo voto unânime dos seus colegas.

Encontramos a notícia dessa reunião na "Verdade", número de 11 de dezembro de 1890, censurando, aliás, aqueles membros do clero o se terem reunido secretamente (sic), quando deviam tê-lo feito em lugar público e explicado o motivo da reunião (sic).

Com esta nota do seu minúsculo jornal, provava apenas Areia que era uma das células da comunidade brasileira do tempo. Comunidade que, legalista, não morria de amores pela Igreja, e enamorada do liberalismo já ensaiava contra a Igreja as suas arremetidas de sectária intolerância.

Mas vamos à integra da publicação:

"Anteontem, em casa do Revmo. Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, Vigário Colado desta paróquia, reuniram-se, conforme estava anunciado, os sacerdotes seguintes: Cônego Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Pe. Antônio José Borges, Cônego José Antunes Brandão, Vigário Colado de Alagoa Nova, Pe. Manuel Jácome Bezerra, Pe. Francisco Targino Pereira da Costa, Vigário de Pilões, Pe. Manuel Correia de Sousa Lima, Vigário de Araruna, Pe. José Alves Cavalcanti de Albuquerque.

Ignoramos o motivo de tal reunião, uma vez que foi ela feita secretamente, e na mesma ignorância fica quase toda a população desta

cidade, inclusive aqueles cidadãos que, firmados em suas crenças religiosas e tendo dado sempre as mais exuberantes provas do seu espírito religioso, supunham que semelhante reunião seria feita em lugar público e nela se tratasse de consolidar a fé católica (sic) organizando-se um partido, procurando firmar em sólidas bases o edifício onde se assenta a religião, a Igreja (sic).

Triste desilusão, porém, para aqueles católicos que, supondo poderem assistir à reunião, viram aqueles 11 sacerdotes encerrarem-se secretamente em uma casa particular onde resolveram não sabemos o quê.

Não estamos na altura de dar conselhos, mas podemos francamente externar a nossa opinião.

Se os senhores padres entendem consolidar as crenças religiosas no país com reuniões secretas, enganam-se certamente e fiquem convencidos de que os fins puros, como devem ser e são os da religião do Nazareno, não se resolvem em conciliábulos e sim no lugar público (sic) como deu o exemplo o mártire sublime do Calvário. Areia, 11 de dezembro de 1890. O Crente".

Curioso e pitoresco documento de uma época.

Os sacerdotes presentes am Areia, naquele dia 9 de dezembro de 1890, se reuniram, é verdade, mas para discutir e assentar medidas que visavam "neutralizar os maus efeitos da impiedade e do indiferentismo" no seio da comunidade que dirigiam.

Não haveria de certo entre eles um que fosse bastante ingênuo para acreditar que a fé se pudesse consolidar com a fundação e organização de partidos políticos. Bastante pascácio para acreditar-se capaz de dar uma base mais sólida ao edifício da religião e da Igreja.

Sugeriu D. Adauto naquela reunião que os sacerdotes pastores de almas deveriam manter as melhores e mais cordiais relações com as autoridades públicas e com os professores particulares e oficiais. Assim evitariam as perseguições e os mal-entendidos, elementos perturbadores do apostolado, e teriam em suas mãos as crianças para a catequese: a formação do futuro.

Que em todos os povoados e sítios das paróquias fundassem

os vigários núcleos da catequese para as crianças, dirigidos por senhoras piedosas e capazes, núcleos visitados constantemente pelo pároco.

O principal escopo da pregação, continuava D. Adauto, no tempo em apreço, seria precaver os fiéis dos males acarretados pela falta de fé; seria apontar os meios para a aquisição, conservação e restauração da fé.

Mas essa campanha, terminava D Adauto, deveria ser levada a efeito com as armas da prudência. Nada a prejudicaria tanto como o ataque direto e pessoal dos seus vanguardeiros a quem quer que fosse.

Era, pois, no terreno dos princípios que se deveria combater para "neutralizar as manifestações da impiedade e do indiferentismo".[22]

Ponderemos um pouco e não deixemos de anotar que não foi um espírito medíocre o que concebeu esses conceitos áureos no ruge-ruge daquela época de transição; que não foi uma mentalidade vulgar a que abarcou com essa soberba visão de conjunto o campo da luta que se ia travar e as forças do adversário – para concluir estabelecendo o plano único garantidor da vitória, a estratégia infalível em batalhas dessa natureza.

As sugestões do catedrático de Olinda foram aprovadas pela assembléia, que discutiu com interesse as várias modalidades de pô-las em prática diante das circunstâncias de tempo, pessoa e lugar, após o que foi dissolvido pacificamente o congresso tão malsinado pela "Verdade".

Na boca de todos, durante as palestras daquelas férias no Buraco, rolavam os assuntos do momento:

Os estudos para o assentamento da linha telegráfica Paraíba-Cajazeiras.

A morte do bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda.

A morte de Nuno Guedes Pereira Júnior, do engenho Pitombeira.

A reeleição de Deodoro da Fonseca para grão-mestre da maçonaria brasileira.

A notícia do cardinalato concedido a D. Antônio de Macedo Costa, Primaz do Brasil.

A irreverência sacrílega do zelador do cemitério de Areia, Canuto Simpliciano, que tocou fogo nas cruzes de madeira da mecrópole para fundir um pouco de chumbo.

A morte em Santa Rita, do Dr. Crispim Antônio de Miranda Henriques, tio do Coronel Ildefonsiano e pai do grande educador Dr. José Sizenando de Miranda Henriques.

Os primeiros casamentos civis em Areia logo após o decreto que instituiu a inovação, realizados num ambiente de prevenções hostis por parte dos católicos ultramontanos, e de quase escárnio à Igreja por parte dos elementos infensos a ela.

O absurdo da obrigatoriedade do casamento civil, felizmente posta abaixo pela emenda Epitácio, que o tornou facultativo.

O início dos trabalhos do jardim público de Areia, empreendimento arrojado de Júlio Silva, que para ele obteve o apoio do povo e dos poderes públicos.(23)

Férias de 1891- 1892.

Novo luto na família. E desta vez atingindo mais diretamente os membros da casa-grande do "Buraco". Faleceu, a 23 de janeiro de 1892, no engenho Ribeiro Grande do vizinho município de Alagoa Grande, a esposa do irmão mais velho de D. Adauto, Joaquim José Pereira de Miranda. Ainda jovem, pois nascera em 1856, tendo-se casado em 1876, D. Amélia de Miranda Henriques era filha de Delfim de Miranda e de sua esposa, D. Mariquinha. Deixou na orfandade materna cinco filhos menores.(24)

Os freqüentadores assíduos do Coronel Ildefonsiano e de D. Adauto, senhores de engenho da vizinhança e velhos amigos da cidade, comentavam em suas visitas:

O golpe de estado de Deodoro, seguido da revolta da esquadra, da renúncia do presidente e da ascensão de Floriano.

O furto da Caixa das Almas da Matriz de Areia.

A deposição do Dr. Venâncio do Governo do Estado, que passou a uma junta constituída pelo general Savaget e pelos Drs. Eugênio Toscano e Joaquim Fernandes de Carvalho.

A elevação do Dr. Venâncio de Almeida à presidência da Intendência de Areia, com o novo estado de cousas, sendo seus companheiros Maximino de Almeida Nobre e Antônio Pereira dos Anjos.

A festa da padroeira de 1891, única no deslumbramento dos fogos de artifício, no artístico da *charola* da Virgem, confecção primorosa de João Antônio de Figueiredo, no profuso da iluminação da cidade transformada num "imenso bazar oriental".

A morte do Pe. Jácome, vigário colado de Cuité, "um padre inteligente, sem os preconceitos do jesuitismo", segundo a "Verdade".

O enterro pomposo da mãe do major Sindulfo, D. Maria Umbelina de Sá e Melo, com a presença de quatro padres : o Cônego Adauto e os padres Odilon, Borges e Estevão.(25)

Férias de 1892- 1893.

Últimas grandes férias passadas por D. Adauto no engenho natal.

O Seminário de Olinda era um viveiro de futuros bispos e os Cônegos Adauto e Rego Maia estavam na agulha.

Em 23 de outubro de 1890, aos pés do Soberano Pontífice, se sagravam Arcoverde e Jerônimo Tomé. O primeiro deveria ser o primeiro cardeal da América Latina e o segundo, por muitos anos, o Primaz do Brasil. Dois predestinados até pela pessoa do sagrante, o célebre Cardeal Mariano Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII, ao qual teria de suceder, legitimamente eleito pelo conclave, não fora o veto da Áustria naquela famosa eleição pontifícia em que pela última vez vigorou a tão abusiva praxe destruída pela energia de Pio X.(26)

Fabrício, futuro prelado doméstico, e Marcolino, futuro protonotário apostólico, não aspiravam mais e talvez nunca tenham

aspirado à plenitude do sacerdócio, não obstante o prestígio do primeiro e a grande nomeada de teólogo e moralista do segundo, um dos notários do Concílio Plenário Latino-Americano.[27]

Cabia aos novos enfrentar a luta contra o Estado leigo, que pretendia ignorar a existência da Igreja.

Cabia aos novos positivar no Brasil o lema do Pontífice – *instaurare omnia in Christo.*

Em 27 de abril de 1892, pela bula *Ad universas orbis eclesias,* criara Leão XIII as dioceses de Curitiba,[28] Niterói,[29] Amazonas e Paraíba[30] e elevara a sede do Rio de Janeiro a metrópole dos bispados do Sul.

Dando execução à bula, o Internúncio Gotti[31] publicou o decreto de 21 de janeiro de 1893, em que sujeitava as novas dioceses à administração e jurisdição dos bispos de cujas dioceses haviam sido desmembradas, até a eleição dos seus respectivos ordinários.[32]

Ficou assim D. João Esberarard, bispo de Olinda, designado administrador apostólico da nova diocese da Paraíba.

Corriam boatos do próximo episcopado de D. Adauto, e ele mesmo os achava fundamentados. Não aceitaria, porém, diocese no Sul, dizia nas rodas íntimas. O que o velho Arcanjo Cabral, senhor do engenho Saboeiro e muito amigo dos Miranda Henriques, não compreendia, avançando que haveria de querer ser bispo até do inferno.

De preferência aceitarei a Paraíba, confessa D. Adauto, o meu Estado, ao qual desejo fazer o maior bem possível. *Caritas bene ordinata.*

A falta de educandários bem montados e bem organizados para ambos os sexos era na Paraíba uma grande lacuna, pensava D. Adauto, que há muito vinha alimentando a idéia de fundar na capital um colégio masculino que correspondesse bem às necessidades. Mui próxima de realização se achava a idéia, porque no mesmo ano do início do seu episcopado, 1894, lançou D. Adauto as bases do Colégio Diocesano, cuja história gloriosa se registrou nos fastos da educação paraibana por tantas décadas.

Vários parentes já tinham como certa a sua eleição para a

Paraíba.

Candidatos vários lhe surgiam para o futuro Seminário, como os jovens Jerônimo e Álvaro, filhos de senhor de engenho do Cepilho, Efrém Justianiano César Falcão, e de sua esposa, D. Ana Aurora, da família Miranda Henriques.

Terminadas aquelas férias, regressou D. Adauto ao Seminário, levando o pressentimento de que tinham sido as suas últimas grandes férias no engenho paterno, cada vez mais querido, com os pequenos "nadas" que constituem o grande todo da vida cotidiana...

Com os gritos do Coronel Ildefonsiano dirigindo o serviço da janela do sobrado.

Com as reuniões e palestras da família na sala de jantar e os divertidos serões da mocidade no salão vizinho ao seu, durante aquelas inesquecíveis noites dominicais.

Com os passeios vespertinos através dos canaviais e dos pomares, à vista das grotas muito verdes e dos serros pouco distantes.

Com o Mundaú tão doce, tão manso, tão serviçal no verão, mas tão orgulhoso com a inflação das primeiras enchentes, alagando canaviais, prejudicando a safra.

Com o açude pequenino, humilde, porém não menos útil; onde os gansos navegavam em formações elegantes, onde se asseavam as alimárias do cambito e da almanjarra; onde os raios do sol, brincando ao meio-dia, a dardejar, produziam aquelas cintilações, aquelas rásteas trêmulas lá no seu gabinete.

Com o grande cercado atrás de casa, a engorda dos porcos de D. Laurinda, confiados aos cuidados da preta Antônia, que sabia o segredo da torná-los nédios e luzidios à força de garapa e cachaça.

Com a choupana da preta Delfina, inválida pelo reumatismo, lá no fundo do cercado, e carinhosamente tratada pela senhora do engenho.

Com as viagens a cavalo em companhia de Belarmino, misto de sacristão e pajem, a Areia para as festas da padroeira; às capelas e matrizes da região para as missas de festa e sermões; aos engenhos e sítios vizinhos para o ministério de assistência aos enfermos: "Praxinhos"

de João Canuto, "Almas" de Joaquim Costa, "Serrotinho" e "S. Mateus" dos manos Miranda e Efigênio, "Várzea Nova" do major Sindulfo, "Saboeiro" de Arcanjo Cabral.

Com a casinha simpática da tia Margarida, onde funcionava a escola da prima Emídia, rodeada de um pomar de cajueiros constantemente martirizado pelas incursões clandestinas dos moleques, não obstante o ralhar severo da dona da casa.

Com a vivenda não menos simpática da tia Emília que, de caráter dominador, mantinha em ordem seus filhos – moças e rapazes na escola do trabalho e da digna conformidade com a pobreza.

Com Pedro Valetim e Zé Mindóia, feireiros e recadistas; com a mulata Rufina, uma fera para os filhos que infringiam as suas ordens; com Madalena e Justina, Luzia, Antônia, Jovina e toda a corte de serviçais da casa-grande.(33)

A visita do Governador Álvaro Machado a Areia, seu berço natal, seguido de um brilhante cortejo de cavaleiros, entre os quais figurava garboso o Coronel Ildefonsiano, embora sem os seus galões e as suas dragonas de Coronel Comandante da 7ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional, acompanhado do filho Efigênio e do genro Caboclo.

O trajeto da comitiva governamental, a cavalo, de Mulungu a Alagoa Grande e Areia. A volta por Guarabira com a descida da serra numa madrugada brejeira bem desagradável aos friorentos.

A festa da padroeira, de 1892, com a sua nota de destaque: a marcha *aux flambeaux* promovida pela mocidade areiense na véspera da Conceição.

O escândalo dos "vales", com cuja emissão procuraram os comerciantes areienses resolver o problema da falta de troco, degenerando tudo, porém, em tão descabelados abusos contra a economia popular, na linguagem de hoje, que os poderes públicos se acharam no dever de intervir energicamente.

Os célebres pastoris do Teatro Recreio Dramático, dirigidos por Francisco Torres, que constituíram na cidade uma verdadeira coqueluche, sobretudo quando o vigário se negou a receber qualquer

auxílio em benefício da Igreja obtido por meio de tão perigosa diversão.

A inauguração solene do jardim público, que o Dr. Eugênio Toscano, cronista da visita do Governador, teve o desplante de comparar a um cemitério, por causa de seus muros brancos, de sua contigüidade aos fundos de uma igreja e de seus canteiros rasos de ... cravos de defuntos.[34]

Em 27 de fevereiro, reúne-se a Congregação dos Professores, sob a presidência de Fabrício, para a organização costumeira do horário e distribuição dos docentes.

Mais um ano letivo se iniciava no velho Seminário de Olinda.[35]

Meados de maio de 1893.

Em conseqüência de um forte insulto de gripe pneumônica, obteve D. Adauto licença para tratar-se na casa paterna, tendo de voltar após as férias de junho.

Saltando em Timbaúba, lá encontrou o Enéas, administrador da fazenda que o Coronel Ildefonsiano possuía em Alagoa Grande: o Fundão. Moço pobre, porém de boa família, íntegro de caráter, forte e disposto para todo trabalho, era Enéas Cavalcanti o homem de confiança do Coronel Ildefonsiano. Conduzia quase sempre D. Adauto por ocasião das férias, de Timbaúba ao engenho, e acompanhava as senhoras e as moças da casa-grande quando se dirigiam a Areia para a festa da Conceição.

Não podendo D. Adauto suportar a viagem a cavalo, arranjou Enéas na cidade um "cabriolet" com o respectivo boleeiro, e lá se foram em demanda do brejo, vencendo o mesmo itinerário de costume. Com mudas sobressalentes de que se premuniram em face da grande distância a percorrer, foi feita a viagem em marcha regular e sem incidentes.[36]

Gostava D. Adauto de se referir ao pitoresco dessa travessia, para ele também o seu tanto fantástica...

Impressionara-se com o episcopado que todos diziam rondá-lo, adiantando-se mesmo a sua próxima eleição para a Sé curitibana.

Não. Não queria mais distanciar-se do berço natal. A nostalgia

sob a presidência de Fabrício, para a determinação das bancas

examinadoras. D. Adauto foi, como sempre, designado examinador de Dogma e Filosofia com os respectivos lentes, além de 1° examinador das matérias que então lecionava: Francês, no ginásio, e Direito Canônico, no curso superior.(40)

Da ata redigida pelo Pe. Otávio Costa destacamos o trecho:

"Por proposta do Revmo. Cônego Reitor, a Congregação cumprimenta ao Revmo. Cônego Dr. Adauto, manifestando-lhe seu contentamento por sua nomeação para bispo da Paraíba, o que se insere nesta porque é uma glória para esta casa ser ele chamado pelo Espírito Santo para reger a nova Sé episcopal da Paraíba, ele que é um dos membros deste Seminário como lente de Direito Canônico e que tantos serviços tem prestado à causa da instrução nesta casa".(41)

Assinam a ata os Cônegos Antônio Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Manuel João Gomes, Antônio Fabrício de Araújo Pereira, Dr. Luiz Francisco de Araújo, Dr. Francisco do Rego Maia, Marcolino Pacheco do Amaral, Joaquim Graciano de Araújo e os padres Ananias Correia do Amaral, Júlio Maria do Rego Barros, João Marques de Sousa, Jonas Batinga, José Batista de Araújo, Otávio Costa, Frutuoso Rolim de Albuquerque, Fernando Rangel de Melo e Augusto Adolfo Soares.(42)

Em novembro, atirou-se D. Adauto pela segunda vez em busca da Europa relembrando a 1ª viagem, de 1875, jornada de sacrifício que Deus lhe compensara com o sacerdócio.

Correspondera à graça.

Daquela 2ª viagem, uma verdadeira marcha triunfal, haveria de voltar com maior prêmio:

A plenitude do sacerdócio.

Notas

(1) As informações mais minuciosas a respeito do ambiente familiar do engenho Buraco e do engenho Cafundó nos foram dadas por D. Maria Moreira, residente em Areia, prima legítima do arcebispo como filha de sua tia paterna, D. Emília, que, enviuvando, procurou a

sombra do coronel Ildefonsiano.

(2) Informações dadas por D. Rosa Amélia de Almeida, viúva do Coronel Francisco Galdino de Almeida e irmã de José Patrício da Costa. D. Rosa reside em Areia.

(3) Informações de D. Laurinda Laura de Miranda Henriques (Sinhá), irmã de D. Adauto, já falecida, viúva do major Antônio Peregrino de Albuquerque Montenegro, que por muitos anos residiu em Alagoa Grande.

(4) Informações colhidas da família do major Efigênio.

Ao major Efigênio pertenceu também o Pitombeira, que possuía uma das mais belas quedas dágua do Brejo e das mais ricas em potencial hidroelétrico. Possui também o Pimtobeira vantajosíssima situação para uma barragem que resolveria o problema do abastecimento dágua das cidades vizinhas. É atualmente propriedade da família Ávila Lins.

(5) Américo Soares de Novais Melo ingressou no Colégio Pio Latino-Americano em 17 de abril de 1875. Ordenado sacerdote em 19 de abril de 1884, foi provisionado vigário de Vitória (Pernambuco) em 24 de dezembro de 1885. Quatro anos depois, em 1889, era noviço da Companhia de Jesus. Faleceu em 5 de junho de 1924 deixando grande renome de professor e conferencista. Cita-se como notável a sua conferência pronunciada em S. Paulo por ocasião do 4° Centenário de Anchieta. (De uma carta do Cônego José do Carmo Barata ao autor).

(6) Impressões pessoais de D. Olívia de Miranda Henriques, irmã sobrevivente do arcebispo, residente em João Pessoa.

(7) Do Arquivo Paroquial de Areia consta o registro de casamento de Crispiniano Antônio de Miranda Henriques e Maria Matilde de Miranda Henriques. É o que se segue: "Aos vinte e três de Janeiro de mil oitocentos e oitenta e seis, no "Buraco", *in celebratione Missae* , e pelas onze horas do dia, perante as testemunhas Joaquim José Pereira de Miranda e Nuno Guedes Pereira Júnior, expresso o mútuo consenso *juxta RR Pauli V*, de minha licença, o Revmo. Dr. Adauto Aurélio de Miranda Henriques assistiu recebimento matrimonial de Crispiniano Antônio de Miranda Henriques e D. Maria Matilde de

Miranda Henriques. Ele filho legítimo de Francisco de Paula Xavier Henriques e D. Luiza Eufrosina de Miranda Henriques. Ela filha legítima de Ildefonsiano Clímaco de Miranda Henriques e D. Laurinda Esmeralda de Sá e Melo. Do que para constar fiz este termo que assino. Pró-Pároco Sebastião de Almeida Pessoa". (Liv. 2 fls 83 v. n. 33). Francisco de Paula Xavier Henriques era irmão do Coronel Ildefonsiano.

(8) Já era proprietário do engenho Ribeiro Grande, do município de Alagoa Grande, onde residia.

(9) Impressões pessoais de D. Olívia de Miranda Henriques.

(10) Informações de antigos membros da família Miranda Henriques e de velhos areienses contemporâneos do acontecimento.

(11) "A Verdade", jornalzinho fundado em Areia para pugnar pela abolição do cativeiro e pela República. Dirigiu-o primeiro o seu fundador, o farmacêutico diplomado Manuel da Silva, espírito altamente progressista e amigo de sua terra. Depois da morte de Manuel da Silva, em 9 de outubro de 1890, dirigiram-no sucessivamente Rodolfo Pires, Otacílio de Albuquerque e Francisco Xavier Junior. A coleção de 1888 trata de toda a campanha abolicionista.

(12) Da biografia do Cônego Odilon Benvindo, trabalho inédito do seu sobrinho, professor Antônio Benvindo, já falecido.

(13) O Pe. Sebastião Bastos de Almeida Pessoa nasceu em Areia aos 20 de janeiro de 1852. Em 1870, ingressou no Seminário de Olinda, tendo recebido o presbiterato das mãos de D. Vital em 1877. Foi a seguir, respectivamente, coadjutor das paróquias de S. Antônio e S. José no Recife.

Em 1878 recebeu a designação de coadjutor pró-pároco da freguesia de Areia, onde permaneceu até 1888, sendo que, em 1886, com a morte do velho vigário Chacon, foi provisionado vigário encomendado.

Em 1888 assumiu o posto de vigário colado de Serra da Raiz, posto que desempenhou até 1891. Em 1891, 30 de maio, tomou posse da freguesia de Palmares (Pernambuco) como seu vigário encomendado. Aí faleceu no dia 10 de maio de 1920.

Em 1919 lhe foi oferecido o cargo de vigário geral da nova

Diocese de Garanhuns, mas o Pe. Bastos preferiu morrer à frente da paróquia que dirigia, havia quase 30 anos.

Encontramos no arquivo da Cúria Arquiepiscopal de Olinda-Recife a petição com que o Pe. Bastos iniciou o processo canônico para a ordenação de D. Adauto.

Ei-la na íntegra:

"Exmo. Revmo. Sr.

Adauto Aurélio de Miranda Henriques, filho legítmo de Ildefonsiano Clímaco de Miranda Henriques e D. Laurinda Esmeralda de Sá e Melo, natural da freguesia deN. S. da Conceição de Areia, atualmente residindo no Colégio Pio Latino-Americano de Roma, tendo de ser promovido às ordens menores e sacras e faltando-lhe ainda habilitar-se *de vita et moribus*, pede a V. E. R. que se digne fazer expedir comissão para o pró-pároco de sua naturalidade proceder às diligências do estilo.

"N. T.

Pede a V. E. R. deferimento *et orabit ad Dominum.*
Recife, 22 de maio de 1878.
Pelo suplicante.
Pe. Sebastião Bastos de Almeida Pessoa".

A petição do Pe. Bastos foi despachada favoravelmente logo no dia seguinte com os seguintes termos.

"P. C.
Soledade, 23 de maio de 1878.

Pe. Araújo.
Governador do Bispado".

Trata-se do Pe. Joaquim Graciano de Araújo, que fora 3° Governador do Bispado no tempo da "Questão Religiosa". Com a

prisão do segundo Governador do Bispado, Pe. Sebastião Constantino de Medeiros, que não se submeteu às exigências do Governo quanto ao levantamento dos interditos às irmandades maçonizadas, o Pe. Joaquim Graciano de Araújo assumiu o Governo do Bispado em setembro de 1875. Em 6 de outubro de 1876, reassumiu D. Vital o seu posto, para deixá-lo, doente, em maio de 1877, quando viajou para a Europa, ficando novamente no Governo do Bispado o Pe. Joaquim Graciano de Araújo. Morrendo D. Vital em 4 de julho de 1878, passou o Pe. Joaquim Graciano de Araújo o Governo do Bispado ao Vigário Capitular eleito, o chantre José Joaquim Camelo de Andrade, em 11 de julho de 1878. (Notas do Cônego José do Carmo Barata).

(14) Impressões pessoais de D. Adauto.

(15) A "Verdade". Coleção de 1888.

(16) Impressões pessoais de D. Laurinda Laura de Miranda Henriques.

(17) A "Verdade". Coleção de 1888.

(18) Ibidem.

(19) "A Igreja no Brasil". Pe. Manuel Barbosa. Edição da "A Noite". Rio, 1945, pág. 86.

(20) Ibidem, pág. 32.

(21) A "Verdade". Coleção de 1890.

(22) As sugestões de D. Adauto na conferência de que se trata encontramo-las num dos seus cadernos de sermões. O mais na "Verdade". Coleção de 1890.

(23) A "Verdade". Coleção de 1891.

(24) A "Verdade". Coleção de 1892.

O coronel Joaquim José Pereira de Miranda, irmão mais velho de D. Adauto, convolou segundas núpcias, em 15 de novembro de 1892, com D. Elisa Cavalcanti, irmã de Enéas Cavalcanti e do ex-vigário de Alagoa Grande, falecido em 1933, Cônego Firmino Cavalcanti. São falecidos também o coronel Joaquim de Miranda e sua segunda esposa. (Informações da família).

(25) A "Verdade". Coleção de 1891.

(26) Aula de Direito Canônico do Monsenhor José Tibúrcio, no Seminário da Paraíba em 1931.

(27) "A Igreja no Brasil", já citada, pág. 140.

(28) Abrangia os Estados de Paraná e Santa Catarina.

(29) Foi depois transferida a sede para Petrópolis, em 1895, voltando, porém, com mais algum tempo e definitivamente para a capital fluminense. Abrangia os Estados do Rio e Espírito Santo.

(30) Abrangia os Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.

(31) D. Frei Jerônimo Maria Gotti era carmelita, Arcebispo titular de Petra, e foi Internúncio no Brasil, de 3 de junho de 1892 a 23 de outubro de 1895. Trouxe a missão de restaurar as ordens religiosas do Brasil, suspensas pelo aviso de 19 de março de 1855. Em sua missão diplomática se orientou de modo diverso do seu antecessor. (Mons. Domingos Gualtieri). Teve em suas mãos extraordinários poderes, mas a sua única preocupação foi restaurar as ordens religiosas. Observador das regras da sua ordem, viveu em Petrópolis como se estivesse dentro do seu convento. Foi Cardeal no Consistório de 20 de novembro de 1895 (A Igreja no Brasil, já citada, pág. 224).

(32) Ibidem, pág. 36.

(33) Impressões pessoais de D. Maria Moreira, de D. Olívia de Miranda Henriques e de outros antigos membros da família.

(34) A "Verdade". Coleção de 1892 - 1893.

(35) Do arquivo do Seminário de Olinda.

(36) Impressões pessoais do major Enéas Cavalcanti, residente em Alagoa Grande, casado com uma sobrinha de D. Adauto, D. Joana de Miranda Henriques Cavalcanti (Niná), filha do 1º matrimônio do coronel Joaquim José Pereira de Miranda.

(37) A "Verdade". Coleção de 1893.

(38) Impressões pessoais de D. Adauto.

(39) Ibidem.

(40) Do Arquivo do Seminário de Olinda.

(41) Ibidem.

(42) Ibidem.

CAPÍTULO VIII
Da sagração ao findar do século (1894 – 1899)

A 1ª volta ao Velho Mundo. Recordações de uma viagem. Sagração episcopal. 1ª. audiência com Leão XIII. A "Pastoral de Saudação". Um conselho do Geral dos Jesuítas. Regresso de Roma. A posse na diocese. Aspecto da Paraíba no qüinqüênio 1894-1899. Primeiros atos no governo da diocese. Os fatos do Juazeiro. A 1ª ordenação. Primeiras efemérides de um episcopado (1895, 1896, 1897). Um conflito social-religioso: o célebre caso da Festa das Neves (1898-1899).

O Galícia, da "Mala Real Inglesa", levantou ferros do Recife para a Europa, no dia 30 de novembro de 1893.[1] Nele viajou D. Adauto em demanda do Velho Mundo, de Roma, aonde ia receber a sagração episcopal junto ao túmulo de S. Pedro.

Com destino à Europa tomaram passagem também, no confortável barco inglês em Recife, F. Schlatr, C. J. Matias, suas senhoras e filhos, Geits Piter Neilsen e sua esposa, conforme lemos nas velhas relações da época.[2] Eram pessoas desconhecidas do novo bispo eleito, com as quais, no decorrer da travessia, iria ele entreter aquelas relações de bordo tão interessantes pela nota de cordial intimidade, fundamentando às vezes as mais duradouras amizades. Acompanhava-o um jovem pernambucano de 14 anos, Pompeu Duarte de Sousa Diniz, aluno do Seminário de Olinda, que ia completar as humanidades e tirar o curso eclesiástico no Pio Latino e na Gregoriana.

Entre D. Adauto e o Cônego Rego Maia, que seguira antes até a Cidade Eterna, igualmente para sagrar-se bispo, preferiu Pompeu a D. Adauto, ao qual o prendiam laços de mera simpatia e admiração.

A memória do monsenhor Pompeu Diniz, venerando "chantre" do Cabido Metropolitano de Olinda, ainda hoje conserva em traços bastante nítidos a lembrança daquela jornada, o maior acontecimento,

talvez, de sua adolescência. O Lamarão do Recife, fugindo aos poucos da visão que a saudade começava a empanar; Madeira, com lenços acenando ao longe, na despadida; Dakar, águas plácidas onde negrinhos faziam cabriolas escafandristas em busca das moedas que lhes atiravam da amurada do navio... O enjôo de bordo, naqueles primeiros dias, não lhe deixara vagar para observações mais minuciosas, pois passava quase sempre a maior parte do tempo no camarote, carinhosamente assistido e até medicado pelo ilustre companheiro.

8 de dezembro. O Galícia fundeou no Tejo, à vista de Lisboa. D. Adauto foi a terra para celebrar o santo sacrifício em dia tão solene, deixando a bordo o seu juvenil secretário bastante carecido de repouso por força dos abalos sofridos.

Bordeaux – ponto terminal do trajeto marítimo. Bordeaux é o centro de convergência das grandes comunicações internacionais do Atlântico Sul. É a capital do Departamento da Gironda, célebre pela abundância e pela generosidade dos seus vinhos. É a cidade das velhas igrejas dos séculos XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI. É um dos mais soberbos parques industriais de toda a França. Mais nada disto poderia ainda impressionar ao futuro repórter daquela viagem. Apenas registrou sua memória a baldeação do "Galícia", que ficara no anteporto de Panillac, para aquele vaporzinho que os levara aos cais de Bordeaux, atravessando o canal da Gironda. E, contraste avolumado pela sua fantasia infantil: o vaporzinho corria, enquanto o paquete gigantesco durante todo o percurso, era como se tivesse parado...

De Bordeaux a Paris, 500 quilômetros por estrada de ferro. Nenhum incidente digno de nota.

Os três dias de Paris foram, porém, um deslumbramento. D. Adauto visitou com Pompeu Diniz o célebre museu histórico do Louvre, e diante dos gestos admirativos do rapaz lembrou-lhe o "jardim de aclimatação", talvez mais interessante, ao qual, dizia, não visitariam pela urgência da partida. Espicaçado pelo desejo de conhecer aquela maravilha, entristeceu o pequeno diante da impossibilidade. O Sr. Bispo, contudo, num gesto que bem o definia, adiou por mais 24 horas a viagem, e Pompeu Diniz gozou a gratíssima emoção desejada.

Ei-los finalmente no comboio que os levaria de Paris à Cidade Eterna.

Uma noite inteira de trem.

As cidades intermediárias passavam em visão de caleidoscópio, esbatendo-se por instantes no claro-escuro das estações iluminadas e da noite negra em que se alternavam precípites.

Ao amanhecer, Roma surgiu nas linhas austeras dos seus monumentos e na corrente austera do seu velho rio – o Tibre.

D. Adauto ingressou como hóspede no seu querido Pio Latino, onde como aluno ingressou Pompeu Diniz, para passar pelas mãos dos grandes educadores que lhe plasmaram o espírito com a formação inaciana e que lhe ilustraram a inteligência à luz do mais puro tomismo – Luís Costa, Madureira, Sotovia.[3]

7 de janeiro de 1894! Na elegante capela do Colégio Pio Latino-Americano, mais um dos bispos ex-alunos recebia a plenitude do sacerdócio. Era o antístite da longínqua Paraíba, que assim resolvera, não só para usufruir a consolação de sagrar-se na cidade-mãe da cristandade, mas ainda para levar dali como régio presente aos seus diocesanos as bênçãos diretas do Sumo Pontífice, as instruções e outros elementos necessários ao bom início do seu governo pastoral.

D. Adauto foi sagrado pelo eminentíssimo Cardeal Lúcio M. Parochi, bispo de Albano, e teve como consagrantes os reverendíssimos D. Luiz Canestrari, bispo de Termes e D. Augusto Berluca, bispo de Heliópolis, todos especialmente designados pelo S. S. Padre Leão XIII.[4]

Dias após à sagração a visita a Sua Santidade.

Leão XIII, o antigo Cardeal Conde Joaquim Vicente Pecci, nos seus 84 anos de idade, governava a Igreja desde 1878. Sentara-se no sólio pontifício aos 68 anos e só haveria de deixá-lo por morte no pleno uso de suas faculdades, aos 93.

Desconhecidas não eram do novo bispo a santidade, a ilustração e a argúcia de Leão XIII, demonstradas em todas as etapas de sua longa vida – como prelado diocesano, com núncio apostólico, como cardeal camerlengo e como chefe clarividente da Sé Romana.

Aí estavam a sua luta e a sua vitória contra a *Kulturkampf*, na Alemanha; a sua preocupação de restabelecer a unidade cristã, procurando dominar as prevenções dos gregos-ortodoxos; as suas idéias sociais exaradas na carta magna do operariado, a "Rerum Novarum".

Leão XIII interrogaria o seu jovem bispo em memorável sabatina, conforme lhe era dos hábitos. E D. Adauto, um intuitivo, um homem que não morria de amores pelas fórmulas, se escudava para o combate na sua franqueza filial, na sua simplicidade de "senhor de engenho" do Nordeste, no seu admirável senso prático do qual tinha plena consciência.

Costumava Leão XIII presentear aos bispos que se sagravam em Roma com algumas das insígnias episcopais. E D. Adauto, observando a secretaria da Sua Santidade, ali divisara, em rico estojo, preciosa cruz peitoral. Mas ó decepção! Em vez de se apresentar ao papa com a sua cruz mais modesta, apresenta-se com a rica cruz de ouro artisticamente lavrada e cravejada de rubis. Paternalmente, tomou-a Leão XIII em sua mão admirando-a e o presente de D. Adauto foi um lindo camafeu com a imagem do Sumo Pontífice em marfim.

Fixando-o com aquele seu olhar de águia, perguntou-lhe Leão XIII: "Que obra pretendes realizar antes de tudo em tua diocese?"

- "O meu Seminário, S. S. Padre", respondeu D. Adauto.

- "E fazes muito bem, aprovou o papa, é por onde deves começar".

O pior, todavia, não passara ainda.

Lendo Leão XIII, no semblante do novel prelado, a sinceridade e a justeza do pensamento, passou naquela entrevista, mesmo sem ponto de transição, para o terreno político, e inquiriu o bispo brasileiro sobre a queda das instituições monárquicas no Brasil e a possibilidade de sua restauração.

Claramente vemos pelo exposto que Leão XIII não desconhecia a luta de Floriano pela consolidação da República e os intuitos restauracionistas de muitos brasileiros, inclusive altas patentes da armada.

Inclinando-se um pouco para D. Adauto, em voz pausada e de tom confidencial, perguntou-lhe Leão XIII: "Julgas possível a restauração monárquica no Brasil?"

Leão XIII não desejava a restauração monárquica no Brasil, raciocinou D. Adauto. As repercussões da "Questão Religiosa" em Roma foram bastante intensas e quase tocaram o início de seu pontificado, para que ele tivesse ilusões quanto à atitude do trono relativamente à Igreja... Mas a princesa, a futura imperatriz no caso, era extremamente dedicada à Santa Sé, tendo sido galardoada em 1888 com a "Rosa de Ouro" pelo próprio Leão XIII. Bem recentes eram, contudo, as duas atitudes do papa: animando o Cardeal Lavigerie, sábio e prestigioso prelado francês, a aderir solenemente ao regime republicano, e procurando desviar os franceses, por uma encíclica, de toda a oposição sistemática àquela forma do governo (1890).

Tudo isto passou de relance pela mente do bispo. Mas, fiel ao seu pensamento, respondeu categoricamente a Leão XIII:

- "É inteiramente impossível S. S. Padre".

- "Dá-me as razões do que afirma, retrucou-lhe o papa".

- "S. S. Padre, avançou D. Adauto, o sustentáculo dos tronos é a nobreza de sangue, e esta nobreza não existe no Brasil, um país novo sem tradições. A nossa nobreza, que não tem assim foros de fidalguia nem de hereditariedade, figura apenas como prêmio de serviços prestados à nação, ao regime monárquico ou à dinastia reinante. Demais, S. S. Padre, a monarquia na América é uma planta exótica. A mentalidade americana é refratária ao sistema monárquico como bem prova o caso do México: o sacrifício do imperador Maximiliano"...

Silencioso e pensativo, confirma Leão XIII com um aceno de cabeça os argumentos do jovem prelado.

O terreno, porém, mais delicado se tornou, quando o papa interpelou D. Adauto sobre a pessoa do ministro brasileiro junto à Santa Sé, que lhe fora, aliás, companheiro de viagem a bordo até a Europa.

"Eu apanhei bem a responsabilidade do juízo que ia emitir; qualquer que ele fosse, mas só enxerguei no momento a retidão de

Leão XIII, procurando todos os meios lícitos para orientar, e a retidão que ele esperava do meu asserto".[5] Assim comentava D. Adauto esta passagem da audiência pontifícia, quando a ela se referia. Não teve dúvida, pois, em expor ao Soberano Pontífice, sem rodeios nem inibições o que lhe parecia da personalidade do Dr. Francisco Badaró,[6] o ilustre diplomata e escritor que o Brasil mandara para representá-lo junto ao Vaticano.

Soou o instante final da entrevista. Leão XIII penetrara com a sua visão de experimentado psicólogo um dos caracteres mais torsos, uma das almas mais retilíneas, um dos espíritos mais lúcidos do episcopado brasileiro.

O futuro ia confirmá-lo.

A "Pastoral de Saudação" de D. Adauto aos seus diocesanos tem a data da sagração episcopal: 7 de janeiro de 1894, "dada e passada em Roma, fora da Porta Flaminea". Otimamente impressa em papel acetinado, saiu das oficinas da Tipografia Poliglota, da Sagrada Congregação de Propaganda da Fé, em Roma, e foi o primeiro elo dessa cadeia de quase quarenta escritos pastorais que se inicia com ela, atinge o zênite com a magnífica "Deus e Pátria", em 1909, e só termina com a pastoral sobre o encerramento do Ano Jubileu, "dada e passada no Paço Arquiepiscopal aos 19 de março de 1935".

"Neste primoroso trabalho, escreve Francisco Severiano, se referindo à Pastoral de Saudação – neste primoroso trabalho repassado de uma linguagem verdadeiramente apostólica, depois de ter feito algumas referências à necessidade da criação da diocese e sobre a belíssima atitude tomada por S. Santidade, o papa, pondo termo à falta de recursos espirituais em tão remotas paragens, o ilustre prelado trata proficientemente da magnitude do sagrado depósito da fé; dos deveres de submissão à autoridade divina; das altas prerrogativas que tem a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo – obra colossal de amor, pureza e verdade; das necessidades que mais urgiam na sua diocese e das medidas que em câmbio deviam ser tomadas. Fala, finalmente, da confiança que depositava no seu clero para, com auxílio da Virgem Santíssima sob cuja proteção estava, impedir o mal e fazer sempre o

bem às almas que pelos desígnios de Deus o possuíam como pastor e guia.[7]

Logo após a sagração visitou D. Adauto o Santuário de N. S. de Loreto, o templo de sua primeira missa, aonde foi consagrar também o seu episcopado à Virgem, guia e amparo dos fiéis, cuja imagem lhe centralizava o simples e piedoso escudo, sobre a legenda – *iter para tutum.*[8] Voltando, solicitou uma audiência do Geral dos Jesuítas, ao tempo o R. P. Luiz Martin, que regeu os destinos da Companhia de 1892 a 1906. Desejava o jovem antístite garantir os destinos do seu futuro Seminário, entregando-o à sábia orientação dos filhos de S. Inácio, aos quais devia muito de sua formação. Sendo recebido com toda a deferência pelo Pe. Martin, impetrou-lhe a graça, afirmando-lhe contentar-se em último caso com a direção espiritual de um jesuíta designado pelo Geral para os seus seminaristas.

"Não temos pessoal para satisfazer os seus desejos, Excelência, lhe disse o Pe. Martin, e quanto à última parte da proposta, ou o padre designado para a direção espiritual do seu Seminário seria um ótimo religioso ou não. Se o fosse, começaria logo a escrever-me cartas pedindo para voltar ao seio dos seus irmãos – se não o fosse, não conviria a Vossa Excelência. Aceita Vossa Excelência um conselho meu sobre o assunto?".

- " Com o máximo prazer, respondeu-lhe D. Adauto, Vossa Paternidade tem experiências e luzes para dá-los excelentes".

- "Pois bem, continuou o sábio jesuíta, escolha dentro do seu clero os melhores elementos que possuam aptidões para o fim, e lhes entregue sem medo o seu Seminário, porque é certo, certíssimo: padres regulares formam padres regulares a padres seculares formam padres seculares".[9]

É escusado dizer que o lúcido parecer do Pe. Martin foi aceito e posto em prática com os melhores frutos, pois o clero paraibano, por seus padres antigos e modernos, pelos bispos que dele têm saído, vem honrando a Igreja e elevando a seara divina que D. Adauto cultivou e fez progredir com o húmus fecundíssimo de sua sabedoria.

No dia 16 de janeiro partiu D. Adauto da Cidade Eterna em

demanda de Bordeaux, onde a 19 tomou passagem no "Congo", paquete francês, da "Messageries Maritimes", deslocando 2.017 toneladas e trazendo 121 homens de equipagem. Capitaneava o barco um velho marinheiro que, talvez por força de contrastes, possuía o mais poético e primaveril dos nomes – Comandante Rossignol.

O "Congo", que veio consignado à firma A. H. Burle & Cia, trouxe carga variada para os armazéns do Recife e 23 passageiros. Ostentava um cartaz que traduzia na época o mais refinado conforto – era iluminado à luz elétrica. Gastou 14 dias de Bordeaux a Recife, chegando em 2 de fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora, 38° aniversário do batismo de D. Adauto.[10]

Hospedando-se no seu velho Seminário que o recebeu com transportes de real satisfação, aguardou D. Adauto a posse, marcada para 4 de março. Os preparativos, as visitas, as respostas aos inúmeros telegramas, cartões e cartas de felicitações não lhe deram vagar para um salto ao velho "Buraco", que só teria de revê-lo já à frente de sua diocese.

No dia 3 de março viajou do Recife pelo comboio interestadual com destino a Pilar, na Paraíba, onde pernoitou, chegando à capital em trem expresso, pelas 8 horas da manhã do dia 4.[11] "A União" do dia 11 de março assim noticiava a chegada e a posse de D. Adauto:

"No domingo, 4 do corrente, segundo estava anunciado, desembarcou na estação Conde d'Eu S. Excia. Revma. o Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, 1° Bispo nomeado para este Estado. A multidão que esperava ansiosa a chegada de S. Excia. conduziu-o à Igreja de S. Frei Pedro Gonçalves, donde, depois de revestido com o seu rico trajo de Bispo, em baixo do pálio sagrado, foi levado à Matriz desta capital, que lhe serve de Catedral.

As ruas por onde tinha de passar o santo ministro de Deus estavam caprichosamente enfeitadas de arcos e bandeiras.

De cada canto feria o ar estrepitosa girândola de foguetes denunciando sua passagem que era louvada e aclamada com flores.

Nesta ocasião, por uma comissão particular foi distribuído um hino em homenagem a S. Excia., poesia esta grandemente inspirada.

Acompanhado em procissão desde os mais altos personagens até o ínfimo filho do povo, chegando à Matriz e com as cerimônias de estilo, tomou posse, havendo *Te Deum* e sermão a cargo da robusta eloqüência do Pe. Dr. Amorim que brilhantemente extasiou o auditório. Em seguida foi conduzido à sua residência, preparada com todo o esmero, pelo povo e irmandades ainda em procissão.

Pomposa, imensa, grandiosa das poucas que já têm havido neste Estado foi a recepção de S. Excia. Revma. o Sr. Bispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques.

Todo o povo se regozijava como amantes de sua religião, por ver nele o fiel representante da sublime doutrina de Cristo".[12]

"O Artista", de 9 de março, se referia de um modo especial na sua reportagem à organização do cortejo, com "numeroso concurso de povo de todas as classes, sacerdotes, irmandades, meninas vestidas de branco e a banda de música do 27° Batalhão", anotando a seguir a missa oficiada pelo bispo e "as formalidades litúrgicas da posse", cujo termo foi redigido pelo Pe. Dr. Santino Coutinho, secretário do bispado, recebendo a assinatura do Bispo, das autoridades e cavalheiros presentes.[13]

Honraram a solenidade com a sua presença pessoal o Presidente e o 1° Vice-Presidente do Estado, respectivamente, Dr. Álvaro Lopes Machado e Monsenhor Valfredo Leal.[14]

"Vou subindo o meu calvário", dizia D. Adauto, naquela manhã estival e ardente, aos ministros que o ladeavam, quando o cortejo galgava suarento a ladeira do Rosário em demanda da Conceição.[15]

Antevisão das muitas cruzes que o episcopado lhe traria, mas que ele as levaria todas com firmeza, com dignidade e com aquele estoicismo cristão bem filho de sua confiança máxima na Providência de Deus.

O aspecto da futura João Pessoa era, antes de tudo, nesse último qüinqüênio do século XIX, acentuadamente colonial: casas de beira e bica, imprensadinhas umas pelas outras, com longos corredores, camarinhas escuras, portas e janelas avantajadas de postigos em xadrez.

Os sobrados de azulejo, ostentando já algumas platibandas com "pinhas" e "condessas" portuguesas, se alternavam nas ruas mal calçadas, e mal alinhadas, e mal iluminadas à noite, primeiro a lampiões de querosene e depois a acetileno.

Sem abastecimento dágua, que só veio muito depois, no quatriênio João Machado,[16] sem esgoto, sem os cuidados profiláticos e higiênicos de hoje, suas condições sanitárias seriam sem dúvida inferiores às do último povoado do Estado no momento presente.

As cores variadas e algo berrantes com que se pintavam as fachadas residenciais: o verde, o azul, o amarelo, o encarnado, o róseo, o arroxeado davam à cidade uma nota alegre.

Praças e avenidas arborizadas não existiam, mas o Jardim Público, gradeado de ferro e com seu coreto recoberto de zinco, defronte do Palácio do Governo, já oferecia ao povo, nos domingos, animadas retretas pela banda da Polícia, que começava a celebrizar-se entre as bandas de música do Norte.

O velho Teatro S. Cruz, à Praça 1817, e o novo Teatro S. Roza, obra do último presidente da monarquia,[17] proporcionavam à população com certa freqüência aplaudidos espetáculos de amadores locais.

As igrejas vetustas de S. Francisco, do Carmo, da Misericórdia e de S. Bento quase intactas atravessaram os séculos anteriores, e resistiram o quanto possível ao iconoclastismo e ao mau gosto do último quartel do século XIX e do primeiro do século XX. A mesma vitória não cantaram os venerandos templos da Conceição, das Mercês, da Mãe dos Homens e do Rosário.[18]

As festas religiosas daquele tempo tinham um cunho profano ruidoso e o seu tanto carnavalesco, a notar-se sobretudo nas passeatas e procissões. Das diversões populares, além do carnaval e do "entrudo", salientavam-se a nau catarineta, os bródios e piqueniques de S. João e as serenatas românticas ao luar.

Os bondes de burro e um ou outro "cabriolet" punham um traço distinto de civilização na paisagem e eram comuns os passeios a cavalo pelas ruas da cidade.

Os nomes tradicionais das velhas ruas se conservam com todo o prestígio, embora uma ou outra já se começasse a enfeitar com novas designações: de vultos, datas e fatos da História.

Ainda hoje, não poucos dentre nós identificamos, de mistura com as mui conhecidas ruas Direita, Nova, da Areia e das Trincheiras, as ruas do Melão, do Portinho, da Medalha, das Convertidas, da Ponte, o Cordão Encarnado, o Passeio Geral, a Cruz do Peixe. A rua do Zumbi, o bairro de Cruz das Armas, as ladeiras de S. Francisco e da Catedral são casos notáveis de resistência a inovações. Perderam seus topônimos as ladeiras do Góis, das Pedras e do Rosário, respectivamente, Feliciano Coelho, Peregrino de Carvalho e Guedes Pereira nos dias de hoje.

Pelos escritos de nossos historiadores e folcloristas, pelas crônicas do nosso passado podemos fazer uma idéia bem clara do que era a cidade da Paraíba e mesmo o Estado na época em apreço.[19]

A cidade, para Ademar Vidal, era já nesse tempo a rua Direita, por onde passavam as procissões dos "farricocos" e "fogaréus", por onde transitavam todas as passeatas políticas, jornais empastelados, discursos inflamados, correrias e tiroteios, a cavalaria da Polícia dispersando gente, as resistências dos jornalistas da oposição cercadas pelas autoridades".[20]

Os primórdios da República marcaram de fato em todo o país uma época agitadíssima, perturbadíssima, confusíssima. As instituições políticas sem estabilidade, pelos pruridos de restauração monárquica; as atitudes dos próceres revelando muitas vezes uma perplexidade torturante, com o medo de perder as posições conquistadas; os extremistas do tempo, a ala esquerda, como chamaríamos hoje, caluniando, injuriando, ridicularizando elementos os mais dignos, de qualquer partido, com cor ou sem cor política, na expansibilidade dos seus instintos açulados pelas paixões do momento.

Um lance de d'olhos pelas folhas da época "A União", "O Comércio", "A Imprensa", e tudo isso cairá sob os nossos olhos na mais palpitante das evidências. Folhas havia que eram o pelourinho dos adversários de suas idéias: as penas dos seus redatores lanhando-

lhes sem piedade a reputação e a vida. Esses jornalistas eram muitas vezes bisonhos no português, mas mestres exímios na ironia, na sátira mordaz, no desaforo grosso.

"Se as faces lívidas do miserável que na "A União" de domingo último etc". Assim começava um artigo de "O Comércio".

"Se em alguns intervalos lúcidos pudesse conhecer das torpezas que diariamente pratica na cadeira presidencial"... essas amabilidades são exaradas no órgão da oposição e visam ao presidente Gama e Melo.

Paulo Bourgard de Magalhães, em seu livro "A Paraíba e a evolução da sua gente", da Artur Aquiles, figura de proa no jornalismo dessa época, como inaugurador na Paraíba da imprensa doutrinária e noticiosa, mestre de um grupo de rapazes que se orientando pelos novos rumos freqüentemente demonstravam ainda uma acentuada " "nonchalance" de forma e de fundo no que escreviam. Essa "nonchalance" de forma e de fundo denota, para o autor citado, um desamor geral pelas letras e pela cultura, não obstante alguns espíritos esclarecidos que naquele oceano tão horizontal emergiam como paradigmas: Pedro Américo, Retumba, Jóffili, Artur Aquiles, Abel da Silva, Eugênio Toscano... *rari nantes in gurgite vasto.*

"Os conhecimentos da época, escreve Paulo Bourgard, quase se cingiam ao latim, à teologia, à retórica, bisantinamente seqüestrados por um cardume de cônegos alegres, que esgrimiam as suas habilidades oratórias, invectivando-se nos júris com chalaças escarninhas, pondo a pasto de auditórios gulosos as mútuas, descabeladas mazelas"[21].

A "ambiência espessa", a "cerração filosófica" da Paraíba era para Paulo Bourgard a conseqüência de uma fatalidade geográfica:

"Encravada num ângulo morto do continente, ficou defesa ao alcance das correntes de conhecimentos que dos laboratórios, dos museus, dos anfiteatros da Alemanha e da França vinham nas monografias e se vulgarizavam em Pernambuco"[22].

E tripudiando terrível nesse recinto fechado, dois fanatismos: o fanatismo religioso da plebe, para a qual a religião era apenas os "farricocos" e os "fogaréus", e o fanatismo anti-religioso dos sectários

da maçonaria pronto para deflagrar a cada momento.

Na Paraíba desse tempo, poucas famílias faziam a sua páscoa(23).

Foi este o ambiente em que pousou, naquela manhã ardente de 4 de março de 1894, a personalidade rija e luminosa de D. Adauto, disposta a iluminá-lo e a destruir todos os obstáculos que ele opusesse à luz(24).

Operário da primeira hora por um imperativo do seu temperamento ciclotímico, D. Adauto fundou, no mesmo dia da posse e no próprio palacete Abiaí, 1ª residência episcopal, o Seminário e o Colégio Diocesano, instalando-os no dia 2 de abril(25).

Conseguira do provincial dos franciscanos, por oito anos, a transferência do domínio útil do convento de S. Antonio construído na Paraíba e, desde muito, abandonado pelos religiosos em favor da diocese, com o fim de nele estabelecer o Seminário. Sucede, porém, que o dito mosteiro, nas mãos do Governo Central havia 10 anos, estava servindo de quartel à Companhia de Aprendizes Marinheiros, não sendo assim viável a sua ocupação pela diocese. E não havendo tempo a perder, recebeu o velho solar de Trincheiras, com as honras de Paço Episcopal as de Seminário Maior, vendo transitarem pelos seus estreitos corredores os teólogos e filósofos que D. Adauto trouxera de Olinda, como súditos da nova circunscrição eclesiástica: Fernando Lopes e Silva, Marcos Aprígio de Sousa Santiago, Aprígio Carneiro da Cunha Espínola, João Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, José Thomaz Gomes da Silva, Manuel Antônio de Paiva, Francisco Gonçalves de Almeida, Francisco Severiano de Figueiredo, José Betâmio de Gouveia Nóbrega, Agnelo Fernandes, João Borges, Luiz Borges e Antônio Galdino de Sales.(26)

Aproveitando D. Adauto a estada no Governo da Paraíba do seu grande amigo Dr. Álvaro Machado, engenheiro militar e oficial superior do Exército, rogou-lhe os bons ofícios junto ao marechal Floriano, então presidente da República, no sentido de ceder o Governo à diocese o convento de S. Antônio.

Obtido o favor e transferida dali a Companhia de Aprendizes

Marinheiros, em 26 de abril, na mesma data lá ingressava D. Adauto com os seus seminaristas.

"Saíam eles por uma porta e entrávamos nós pela outra", relembrava jocosamente o arcebispo, vez por outra, em suas palestras.[27]

O velho convento maltratado pelo tempo e mal cuidado pelos seus eventuais ocupantes ameaçava ruína, e o bispo diocesano teve de gastar logo com os serviços necessários de adaptação e conservação a respeitável soma de 15 contos.

Assumiram respectivamente a reitoria e a diretoria espiritual do Seminário os padres Sabino Coelho e Dr. Santino Coutinho, que ocupava também as cátedras de Teologia Dogmática e Direito Canônico. Lecionavam Teologia Moral, História Sagrada e Filosofia, a seu turno, os padres Estevão Dantas, Sabino Coelho e o Clérigo Fernando Lopes. As primeiras aulas de Direito Canônico, ainda no palacete Abiaí, receberam-nas os alunos do próprio D. Adauto.

O Colégio Diocesano era ao tempo um "pusillus grex" de 10 alunos que recebiam do clérigo Fernando Lopes lições de Português, única disciplina ministrada.[28]

Resolvido o problema do Seminário, lançou D. Adauto as suas vistas para as obras da nova Matriz-Catedral. Erigira-a majestosa, atraente e bela – gigantesca, imensa para aqueles tempos, o velho Vigário Francisco de Paula Melo Cavalcanti. Mas, a 31 de julho de 1894, morria o santo cura das Neves sem a consolação de ver o remate do seu sonho arquitetônico. Conseguiu D. Adauto concluir os trabalhos com o auxílio do povo e do Governo, que aliás já concorrera oficialmente com 10 contos (Lei nº 17, de 3 de outubro de 1893) para as ditas obras. E em 1º de agosto de 1894 foi entregue ao culto público a nova Matriz-Catedral após a sua sagração pelo bispo diocesano.[29]

O segundo escrito pastoral de D. Adauto foi o "Mandamento", de 6 de setembro de 1894, sobre os pretensos milagres do Juazeiro, na Diocese de Fortaleza, preceituando aos seus diocesanos a atitude que deveriam tomar em face das determinações da Santa Sé.

"Depois de mostrar, sumária, porém claramente, o dever que

assiste aos fiéis de respeitar, amar e obedecer à autoridade legítima, ao representante de Jesus Cristo na terra, mandou S. Excia. fossem rigorosamente observados a decisão e os decretos da Sagrada Inquisição Romana Universal relativamente àqueles fatos que tantos males causaram aos incautos. Proibiu a todos os sacerdotes de sua Diocese, *sub poena suspensionis ipso facto incurrenda,* e aos diocesanos leigos, sob pena de privação dos sacramentos, defenderem por palavra ou por escrito, de qualquer modo, os supostos milagres do Juazeiro".[30]

O Juazeiro e seu famigerado patriarca, Pe. Cícero Romão Batista, tem sido objeto entre nós de vários ensaios, no terreno da literatura, da história, do folclore e mesmo nos setores mais avançados da sociologia e da psicologia individual e coletiva.

Ordenado sacerdote em 1870, aos 26 anos, foi o Pe. Cícero designado em 1872 para Capelão de Juazeiro, e dentro de pouco tempo, por força de seu zelo apostólico e de seu misticismo algo delirante e fantasmagórico, tão ao gosto das populações incultas do sertão, transformou o mísero povoado dos cariris num centro de piedosas romarias.[31]

Doentes, angustiados, famintos de pão e até de justiça, vinham ajoelhar-se pressurosos diante do pregador melífluo, dulçoroso, diante do confessor paciente e confortador.Muitos voltavam consolados aos seus campos natais perdidos no confins do Nordeste; não poucos por ali mesmo ficavam debaixo das bênçãos do "Padrim", engrossando a população da "Meca" sertaneja.

O fanatismo religioso, a adoração do apóstolo perpetrador de prodígios impossíveis, como o exaltava a imaginação ardente dos "jagunços", tomou vulto, e o sentimentalismo mórbido, indômito daquele ambiente explodiu logicamente nos falsos milagres que visavam endeusar o falso taumaturgo.

"Na manhã de 11 de junho de 1890, numa humilde capelinha de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar, a beata Maria de Araújo, depois de receber das mãos do Padre Cícero Romão Batista a hóstia consagrada, caía por terra em violenta crise nervosa. Os fiéis

presentes, que a socorreram, notaram que um fiozinho de sangue lhe escorria da boca entreaberta; e, examinando melhor, verificaram depois que as mesmas espécies eucarísticas se haviam transformado em sangue rubro e palpitante".[32]

Alvoroçou-se o sertão, pois o Pe. Cícero e alguns sacerdotes seus amigos apregoaram o milagre, que *toties quoties* se repetia...

O bispo diocesano de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira, prelado de fé profunda e esclarecida, viu clara a situação.

Não se tratava propriamente de um embuste, mas nenhuma das notas características do milagre quanto ao perpetrador, ao intento e ao modo, apresentava o fato em apreço.

"Maria de Araújo era uma cacodemoníaca, cuja personalidade se adivinhava nos próprios traços impressionantes da fisionomia, na conduta sui generis de toda a sua vida, e no fanatismo militante em que sempre viveu".[33]

Se por absurdo a Igreja oficializasse aquilo, oficializaria o mais desbragado fanatismo religioso, entronizaria a ignorância, desserviria a causa santa e única da glória de Deus.

Não enxergavam os sacerdotes ingênuos que defendiam a sobrenaturalidade daqueles atos as irreverências mais cruas, as injúrias mais grosseiras a que ali se sujeitavam as espécies eucarísticas.

Uma comissão de sacerdotes e de médicos de Fortaleza incumbida pelo bispo de examinar os fatos e dar parecer, depois de repetidas observações, "declarou, num primeiro memorial documento, que o caso não podia ter explicação natural e devia ser tomado como expressão realmente miraculosa".[34]

D. Joaquim não aceitou essas conclusões levando a mesma comissão a retratar-se depois de mais acurado e refletido exame.

"Surgiram hipóteses para explicação do fenômeno, prevalecendo, no entanto, a de que o sangue proviesse das gengivas maltratadas da beata, da língua ou de uma ferida na garganta que sangrasse sob a intensa comoção do ato".[35]

Levado o fato ao conhecimento da Santa Sé, para decisão final, transmitiu esta o seu julgamento por meio da Sagrada Congregação

Inquisitorial, considerando falsos os tais "milagres do Juazeiro", e tomando medidas no sentido de remediar os males advindos da situação.

É a esse despacho e a essas determinações da Sagrada Congregação Inquisitorial que D. Adauto se refere no seu "Mandamento", de 6 de setembro de 1894.

O 1° ano episcopal de D. Adauto se encerra praticamente com a 1ª ordenação ministrada por S. Excia.

Na Catedral, aos 28 de outubro de 1894, conferia ele o sagrado presbiterado aos jovens diáconos Fernando Lopes e Silva, Marcos Aprígio de Sousa Santiago e Aprígio Carneiro da Cunha Espínola; o diaconato ao subdiácono Antônio Rodrigues do Rego; o subdiaconato ao menorista João Cavalcanti de Albuquerque Maranhão; ordens menores aos tonsurados José Thomaz Gomes da Silva e Manuel Antônio de Paiva, e a primeira tonsura aos seminaristas Francisco Gonçalves de Almeida, Francisco Severiano de Figueiredo, José Betâmio de Gouveia Nóbrega, Agnelo Fernandes, João Borges, Luis Borges, Antonio Galdino e Irineu Otávio de Sales, alunos do curso superior.[36]

A messe loirejava nas mãos do infatigável obreiro da 1ª hora...

E loirejaria sem solução de continuidade por oito lustros.

1895. O ano inicial dos quatro decênios episcopais de D. Adauto, que não poderia prever atingir tão longínqua meta à sua trajejetória de apóstolo.

Quis Deus dar-lhe, ao operário infatigável e reto da 1ª hora, a consolação de colher frutos dos primeiros frutos colhidos no seu labor – a consolação de ver outros bispos saídos de suas mãos, formados em sua escola, propagando o ardor de sua fé viva e operante no seio de rebanhos distantes...

As atividades de D. Adauto começam no ano de 1895 com a publicação do "Regulamento e prescrições sobre fábricas,[37] e irmandades de sua diocese",enquadrando essas entidades nas boas normas canônicas, firmando o direito dos párocos quanto à administração do patrimônio de "fábricas", exigindo das irmandades o

submeterem os seus compromissos à aprovação do Ordinário Diocesano, sob pena "de ficarem suspensas da administração de todos os seus bens".[38]

Denota tudo isto a existência, na época, de abusos com relação aos patrimônios doados a matrizes e capelas, nas mãos de administradores leigos, cujo fito único era se locupletarem com tais rendimentos, defraudando a Igreja. Entremostra ainda um certo espírito de rebeldia ou pelo menos de independência das irmandades, procurando isentar-se do governo e da fiscalização dos respectivos párocos, remanescência da mentalidade que o Império formara a respeito e que provocara a crise da "Questão Religiosa".

Lançando as suas vistas para a educação feminina, instalou Dom Adauto na sede episcopal, em 14 de março de 1895, o Colégio de N. S. das Neves, que ocupava o mesmo local de hoje, e com proporções mais reduzidas. À frente do estabelecimento ficaram as religiosas do Coração Eucarístico, sendo a sua primeira diretora Madmoiselle Julia Sérive. O Colégio das Neves já se iniciava, conforme F. Severiano, com os cursos primário, médio e superior, sob o regime de internato e externato, "acusando no mesmo ano de sua fundação avultado número de alunas, não incluindo o de crianças pobres de aulas gratuitas".[39]

Era, pois, uma necessidade premente que o alcance e o zelo do novel pastor resolvia.

No intuito de salvaguardar os interesses do Seminário, escreveu D. Adauto em data de 3 de junho de 1895 uma carta ao Santo Padre Leão XIII pedindo-lhe para, na qualidade de supremo administrador dos bens da Igreja, adjudicar ao patrimônio da Diocese da Paraíba o convento de S. Antônio com toda a área que lhe pertencesse, a fim de nele continuar funcionando o Seminário. Argumentava com a situação de abandono em que se achava o convento, há muito desabitado pelos religiosos, com o perigo de usurpação pelo Governo em face desse abandono, pois tentativas já houvera; com o estado de pobreza da diocese impossibilitada de construir um novo Seminário; com a necessidade de reparos e ampliações de vulto necessários ao bom

funcionamento da casa, o que só seria interessante sob a garantia do direito de propriedade; com as aspirações dos habitantes da diocese, que viam agora o velho mosteiro adaptado a um fim perfeitamente digno.(40)

Em 1° de novembro de 1895 efetuou S. Excia. a segunda ordenação geral, conferindo, na Igreja Catedral, o presbiterato aos diáconos Antônio Rodrigues do Rego e João Cavalcanti de Albuquerque Maranhão; o diaconato aos subdiáconos José Thomaz Gomes da Silva e Manuel Antônio de Paiva; as ordens menores aos clérigos Antônio Galdino de Sales, Francisco Gonçalves de Almeida, João e Luiz Borges; a primeira tonsura aos seminaristas Severino Pinto Ramalho e Alfredo Pegado.(41)

Chega, porém, o momento de positivar D. Adauto um dos seus maiores desejos. O bispo missionário ia entregar-se às lides estafantes do pastoreio, correndo pela primeira vez em busca das ovelhas até os últimos confins da diocese.

Calculamos o alvoroço de satisfação que possuiu a alma do jovem prelado naqueles instantes pelo prazer que víamos estampado em seu semblante de septuagenário, sempre que ele planejava as suas visitas pastorais. Para D. Adauto tudo na visita pastoral era um encanto; as viagens, a visão dos campos cultivados, o contato com aquela gente laboriosa e honesta de mãos calejadas e alma pura; a filosofia matuta que se externava confiante diante do bispo paternal e amigo; os traços caricatos de certos personagens que não passavam despercebidos à sua perspicácia de impenitente observador dos homens e das coisas; a ingenuidade das crianças; a atitude curiosa das mulheres; os auditórios numerosos e atentos a sua voz de doutrinador; os conflitos ou mal-entendidos que sua presença e sua palavra autorizada dirimiam; a alegria do dever cumprido; a antevisão dos frutos espirituais naquelas messes abençoadas...

As visitas pastorais eram para ele conforto e higiene do corpo e da alma, conforme confessava.

Que de assuntos pitorescos floreados pela sua verve não lhe forneciam aquelas visitas pastorais nas zonas do Brejo, do Cariri, do

Alto Sertão! Delas falava em toda parte, assim se oferecesse oportunidade, nas palestras familiares, nas entrevistas com os grandes do mundo, nas altas rodas eclesiásticas, até no próprio Vaticano. *Os loquitur ex abundantia cordis*. D. Adauto vivia constantemente voltado para o povo, cujas virtudes e cujas falhas se prezava de conhecer, de conhecer para aproximá-lo ou reaproximá-lo de Deus, pelo seu apostolado.

Assim noticia F. Severiano a 1ª visita pastoral de D. Adauto:

"Espírito de fé, coração magnânimo, vontade inquebrantável, o Sr. D. Adauto aguardava uma ocasião, suspirava por um ensejo, para levar aos seus diocesanos mais distantes o pábulo da palavra divina, o conforto de um conselho paternal e o pão que alimenta eternamente o homem. Esperou tudo isso e o alcançou por ocasião de sua primeira visita pastoral

Na tarde de 12 de novembro de 1895 estava já Excia. a bordo do "S. Francisco", da Companhia de Navegação Costeira Pernambucana, em demanda da cidade de Natal, do Estado do Rio Grande do Norte, onde chegou no dia seguinte, encetando a sua visita.

Dois meses passou o Sr. D. Adauto naquelas paragens amenas.

Percorreu nove paróquias: Natal, Ceará-Mirim, Macaíba, S. José de Mipibu, Papari, Arez, Goianinha, Penha e Nova Cruz.

Houve 24.121 crismas, 16.356 comunhões, 1.115 reparações de uniões ilícitas".(42)

1896 se escoa placidamente através dos trabalhos e dos ótimos resultados espirituais da visita pastoral às freguesias de Pilar, Ingá, Campina Grande, Alagoa Nova e Alagoa Grande; da organização da Cúria e nomeação de 1º Vigário-Geral, o Pe. Dr. Santino Coutinho, da eleição dos primeiros cônegos honorários da Catedral – os Revmos. Srs. Padres Santino Coutinho, Estevão Dantas, Fernando Lopes, Joaquim de Almeida e Francisco de Assis; da ordenação geral de 15 de novembro, da qual saíram presbíteros José Thomaz Gomes da Silva e Manuel Antônio de Paiva, subdiácono Francisco Gonçalves de Almeida, menoristas Antônio Tabosa Braga Sobrinho, Joaquim Marques

Peixoto, Severino Pinto Ramalho, Irineu Otávio de Sales e José Betâmio de Gouveia Nóbrega, clérigos Abdon Melibeu Lima e João Irineu Jófili.

1896 acusa para o Seminário a matrícula de 121 alunos e para o Colégio Diocesano a de 63.(43)

D. Adauto sempre viu claro a necessidade de um Seminário Ferial, para melhor formação e mais segura defesa da vocação dos seus seminaristas.

Parte das férias, pelo menos, deveriam os seminaristas gozá-las no Seminário Ferial, opinava ele já nos últimos anos.

"O 1° mês de férias em casa, dizia, mata as saudades e é monopolizado pelo carinho, pelas atenções dos pais e parentes.

O 2° mês, forçosamente, há de pagar o seu tributo ao tédio, que para se resolver introduz o seminarista no caminho das "relações externas" com grave perigo de perder ele a sua vocação".(44)

Infelizmente, circunstâncias alheias à vontade do bispo diocesano levaram o Seminário Ferial de Serra da Raiz ao fracasso: os incômodos de um trajeto longo para tão numerosos alunos, a dificuldade de manuntenção destes durante o período de férias, a falta de uma montagem própria e estável na casa, que os limitados recursos pecuniários não permitiam.(45)

De 1897 a 1902 inclusive, gozaram os seminaristas as suas férias em Serra da Raiz.(46) Daí em diante, nos seus próprios lares...

Mas a persistência de D. Adauto voltaria ainda à tentativa do Seminário Ferial.

Duas cartas pastorais publicou D. Adauto em 1897: uma reservada, a 2 de janeiro, sobre os "Deveres Paroquiais" e outra a 5 de agosto sobre "O Sacerdócio e o Seminário Diocesano", assim sumariada por F. Severiano:

"Confronto da sociedade antiga com a moderna; prova de supremacia do culto divino em todos os tempos, desde o começo do mundo até os nossos dias; descrição da maneira por que foi estabelecida a Igreja Católica, qual o seu fundador e qual o seu objetivo; evidência da necessidade da formação de sacerdotes instruídos e piedosos; apresentação dos meios que devem ser empregados na conservação

de um clero que esteja na altura de seus grandes deveres".[47]

O complemento prático dessa carta pastoral foi a "Obra de Maria Imaculada", centralizada na sede episcopal e irradiada em todas as freguesias, tendo por fim "melhorar o edifício do Seminário e constituir o seu patrimônio" com donativos e esmolas angariados pelos seus zeladores. Título de benfeitores e beneméritos da Catedral e do Seminário também distribuiu D. Adauto àqueles dos seus diocesanos que por essa época concorreram com mais generosos óbulos para o término das obras da Sé Diocesana e do Seminário.[48]

Na 1ª quinzena de setembro realizou a visita pastoral às paróquias de Araruna, Bananeiras e Pilões, voltando para a ordenação geral de 14 de novembro, quando, na Igreja Catedral, promoveu ao presbiterato os diáconos Francisco de Almeida, Joaquim Cirilo de Sá, Severino Leite Ramalho e Joaquim Marques Peixoto; ao diaconato os subdiáconos João Borges de Sales e José Betâmio de Gouveia Nóbrega; ao subdiaconato os menoristas Francisco Severiano de Figueiredo e Irineu Otávio de Sales e Silva; às quatro ordens menores aos clérigos Abdon Melibeu Lima, João Cruz, João Irineu Jófili e Samuel Ferreira de Andrade; à primeira tonsura a Aristides Ferreira da Cruz, Francisco Ernesto de Vasconcelos, Gabriel Toscano da Rocha, Inácio de Almeida Júnior, Leôncio Fernandes da Costa, José João Pessoa da Costa, Moisés Sizenando Coelho, Odilon da Silva Coutinho, Pedro Paulinho Duarte da Silva e Simão Fileto da Costa.[49]

1897. Um ano cheio de bênçãos e de realizações de vulto. Abre com a adjudicação do Convento de S. Antônio ao patrimônio da diocese para nele funcionar o Seminário – adjudicação feita pelo S. S. Padre Leão XIII atendendo ao apelo que lhe endereçara D. Adauto em 1895. A cessão foi efetuada por despacho de 11 de janeiro de 1897 do Cardeal Secretário de Estado[50] transmitido ao encarregado de negócios da Santa Sé junto ao Governo Brasileiro,[51] que por sua vez o comunicou a D. Adauto, sendo de tudo dada ciência ao Geral dos Franciscanos em Roma e ao Provincial da mesma ordem na Bahia.

Em março instalou D. Adauto o seu primeiro Paço Episcopal à

Praça S. Francisco, onde hoje se acha o Seminário Menor. Comprara três prédios existentes no local e remodelando-os levantava a residência, algo suntuosa para o tempo, com suas 16 janelas coloniais pompeando nas duas fachadas, com as "armas" do prelado dominando os janelões, muros e gradis de ferro.(52)

A obra máxima, todavia, de 1897, é "A Imprensa", órgão oficial da diocese, fundada em 27 de março. O semanário católico que, ao calor do seu entusiasmo e à luz da sua orientação, atravessou crises, curtiu dissabores, cometeu preconceitos em meio às vezes hostil, para se transformar em bi-semanário e finalmente em diário – um dos poucos diários católicos do Brasil.

O arcebispo conhecia o valor decisivo deste elemento, a imprensa na vida social, levando-a à perfeição ou à decadência conforme seus princípios:

"Porque a imprensa, assim dizia ele, constitui hoje, mais que nunca, o principal alimento do espírito, tanto para a vida como para a morte, para o bem como para o mal.

Boa, transmite aos indivíduos e à família a vida moral, trazendo concomitantemente a segurança das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos.

Má, arrasta consigo a decadência, amontoa destroços, gera a morte".(53)

O arcebispo conhecia a eficiência dessa arma, a imprensa, na luta pela defesa da verdade.

"Solapado pelo indiferentismo, fruto da apostasia social, carcomido pelo orgulho humano que tem por senha a razão independente, torturado, alfim, pela sede de ambição e do gozo material, o nosso século, continua ele, está bem a necessitar da verdade plena, do cristianismo integral.

À imprensa católica, sobretudo, está confiada a missão de salvar a sociedade, de vivificá-la. A ela cabe defender Jesus Cristo e a sua Igreja".(54)

1897 é o ano da fundação do 1° Seminário Ferial, localizado em Serra da Raiz, onde iniciou o prelado a constituição do patrimônio

rural da diocese.

Referindo-se ao Seminário Ferial e ao patrimônio, assim se externava em 1898 o Dr. Irineu Jófili, autor das famosas "Notas sobre a Paraíba":

"Com seu zelo admirável adquiriu (D. Adauto) uma vasta propriedade na vila de Serra da Raiz, na distância de 25 léguas da capital e nela construiu um grande edifício para seminário de férias, de plantação de café em toda a propriedade. Acha-se, pois, esta diocese com um rendoso patrimônio como talvez bem poucas das suas irmãs".(55)

1898 se inicia com a 1ª visita pastoral à vizinha paróquia de Santa Rita, realizada em meados de janeiro. De fevereiro a julho visitou ainda D. Adauto as paróquias de Guarabira, S. Miguel de Taipu e Mamanguape, acompanhando-o a esta última na qualidade de pregador o famoso Pe. Dr. Amorim, glória da tribuna sacra olindense.(56)

Essas primeiras visitas pastorais constituíam quase sempre um verdadeiro trabalho de ajustamento e integração espiritual no programa que trouxera o novel antístite.

Quantas dificuldades a vencer para a consecução desse desideratum?

Quantos preconceitos a destruir, ora com gestos misericordiosos de cristã diplomacia, ora com golpes justos de energia máscula, conforme as circunstâncias de que se revestem os casos!

Várias vezes os próprios pastores entravavam a marcha do rebanho nas veredas divinas, já por injustificável comodismo, já por arrefecimento de zelo, fruto não raro de atividades político-partidárias ou pior, ainda, de escandalosos deslizes morais...

E o bispo se via na dura contingência de substituí-los, dentro das normas canônicas, de cercear os abusos, arcando embora com revoltas, odiosidades e picuinhas de elementos menos esclarecidos. Ossos inevitáveis do ofício, problemas que por mais cruciantes não tinham força para interromper as realizações do prelado no que se referia à catequese e à formação do seu clero.

No dia 19 de março de 1898 encontramo-lo na Igreja Catedral assistindo pontificalmente à missa em honra de S. José, pregando sobre as virtudes do insigne patrono consubstanciadas no dístico – justiça e caridade.(57)

Oito dias depois (26 de março), conferia ele o presbiterado ao diácono João Borges de Sales, para nomeá-lo a seguir vice-reitor do Seminário.(58)

E a 13 de abril já o temos em Serra da Raiz fiscalizando pessoalmente as obras do Seminário Ferial.(59) Escolheria também o pacato e bucólico vilarejo da Cupaoba para breve estância de repouso, quando necessário, instalando os seus venerandos genitores em sua propriedade agrícola que ali adquiria com esse fim.

De volta à sede, presidiu em 31 de maio, pela manhã, ao encerramento do mês mariano do Seminário, erigindo solenemente à tarde, no mesmo estabelecimento, a Confraria do Coração Eucarístico, incentivo à piedade dos jovens levitas.(60)

Nesse ano de 1898 são dados sob a orientação e inteira responsabilidade de D. Adauto os primeiros passos para a recristianização da Festa das Neves, que andava então muito secularizada, ou melhor ainda, paganizada, por força de tradições abusivas que haviam deitado profundas raízes no meio social.

Esses excessos perpetrados nas festas religiosas, sobretudo nas festas em homenagem aos santos padroeiros, não eram, como não são ainda hoje, exclusivos da Paraíba.

Em todos os recantos do Brasil observavam àquele tempo, qual ainda presentemente se observam, guardadas as restrições impostas pela civilização.

Múltiplas e complexas são as causas do fenômeno que em pleno século XIX não queria, e em pleno século XX, ainda não quer abrir mão de obsoletos lusismos; uma velha indiferença religiosa que relega a segundo plano a verdadeira religião – espírito e simplicidade, para contrapor-lhe essa religiosidade balofa de mirabolantes pompas externas, uma ignorância crassa, supina, da religião em sua essência, em seu princípio e em sua finalidade, engrossada muitas vezes pelo

sectarismo anticlerical patente ou velado, o qual se aproxima solerte de todos os que visam, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, ao desprestígio da Igreja.

A Igreja não condena nem pode condenar o culto externo legítimo e ortodoxo. Mas é claro que não pode tolerar em silêncio os abusos que nele se introduzem.

Que cousa condenava D. Adauto da Festa das Neves tradicionalmente realizada na antiga Matriz então elevada à dignidade de Catedral?

Compulsando os jornais do tempo, testemunhas de mui subido valor, poderemos fazer da situação uma idéia clara.

Pela "A Imprensa" de 6 de fevereiro de 1898, o Vigário da Catedral, Cônego Francisco de Assis Albuquerque, fez um apelo a todos os fiéis no sentido de dotarem a Matriz-Catedral das necessárias alfaias e de concorrerem para o aformoseamento da capela do Santíssimo, portas a dentro do mesmo templo.[61]

No número de 31 de julho, publicando a notícia do início da Festa das Neves (27 de julho), a redação fazia por sua vez um outro apelo às comissões organizadoras dos festejos para que se não esquecessem de iluminar e de ornar o templo – excessivamente preocupada com a iluminação e ornato das ruas e charolas.[62]

Em 21 de agosto saiu enfim, como editorial, um artigo de franca repulsa às comissões desabusadas que não quiseram atender a tão razoáveis sugestões, excedendo-se ainda, como de costume, nos festejos profanos.

Eis os trechos mais candentes da publicação:

"O espetáculo poderia ser mais apreciável e falar mais em favor de nossas homenagens à Virgem Santa, se as comissões encarregadas de promover os festejos durante o novenário, possuídas do verdadeiro espírito de fé cristã, não desvirtuassem o curso desses festejos dando-lhes uma cor de festas civis ou pagãs, e até algumas vezes, arrastadas pela imprudência, não quisessem contrariar as sagradas disposições a pretexto de que a seu lado permanecia o costume.

Mas cientifiquemo-nos bem que o costume contra a lei é abuso

e corruptela. A Igreja proíbe que em suas festas, festas para honrarmos o Criador, venerarmos e honrarmos os santos, nossos advogados, se introduzam elementos de solenidades civis ou militares, porque, sendo diverso o fim a que tendem, os meios deverão o ser também".

E condenava o articulista com toda a veemência "as passeatas em que se conduziam ao som de músicas, ao estrepitar de foguetes, no meio de bandeiras nacionais e estrangeiras, simples estampas que ainda não haviam recebido as bênçãos da Igreja, atravessando assim as ruas e atraindo talvez a veneração do povo".

O descaso pela festa religiosa era verberado em português claro: "o abandono completo do templo, sabendo-se que ele não tem patrimônio e faltam-lhe alfaias, e sem ornato esteve quase todas as noites, se bem que as comissões angariassem do povo, para a Festa de N. S. das Neves, cada uma, as quantias de três e quatro contos de réis".

"Os sorvedouros de todo esse dinheiro, explicava o editorialista, eram as grandes passeatas, os fogos em demasia, os enfeites das casas e das ruas, os feixes de luzes espargindo-se por toda parte, recuando as trevas e a noite, enquanto que a igreja e o altar da ínclita padroeira vestiam-se pobre e singelamente. Para estes a muito rogo era destinada a mesquinha verba de trinta a cinqüenta mil réis, sujeita a iluminação a gás, a velas, a aquisição de outros objetos indispensáveis ao culto e à decência, a recompensa etc. etc. etc."(63)

Não nos foi possível compulsar a revanche dos jornalistas do lado de lá, mas sabemos que ela houve, e que visava sobretudo à pessoa do bispo diocesano.

"A Imprensa" de 30 de agosto, exaltando as qualidades do prelado por ocasião do seu 43° aniversário natalício, bem o denotava:

"Pouco importa que soem aos ouvidos do querido pastor os ecos de alguns desafetos, se está escrito nas Sagradas Escrituras:

Maldito sejas tu se todos os homens falarem bem de ti, porque assim fizeram vossos pais com os falsos profetas".(64)

Datada de 18 de setembro de 1898, saiu a lume das oficinas de "A Imprensa" a pastoral de D. Adauto sobre a "Devoção ao

Sagrado Coração de Jesus e a sua influência social", onde ele mostra, com a sublimidade do culto divino ao Sagrado Coração, a grandeza e as vantagens dessa devoção, ordenando aos párocos o maior zelo possível pelo desenvolvimento do Apostolado da Oração que considera como "principal obra diocesana".(65)

1898 registra uma visita mui honrosa à Paraíba e a D. Adauto – a do Arcebispo do Rio de Janeiro e futuro 1º Cardeal latino-americano, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Viajando a bordo chegou S. Excia. Revma. a Cabedelo no dia 25 de outubro, sendo recebido por D. Adauto e pelo clero da capital. Na estação do Conde d'Eu esperavam-no o Seminário e os colégios da cidade. Em companhia de seu secretário, Pe. José Francisco de Moura Guimarães, demorou-se D. Arcoverde dez dias, hóspede do Paço Episcopal, tendo no decorrer de sua estada recebido duas belas manifestações – uma no Seminário, onde foi saudado pelos alunos Francisco Severiano e Odilon Coutinho, outra no Colégio de N. S. das Neves. O Arcebispo do Rio presidiu no dia 30 de outubro a festa da Pia União das Filhas de Maria do Colégio das Neves, tendo celebrado a santa missa, distribuído a comunhão e pregado eloqüentemente sobre o tema "*Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*". Seguiu a bordo para Recife em 5 de novembro, com bota-fora bastante concorrido.(66)

No dia seguinte, 6 de novembro, conferiu D. Adauto, na Catedral, a ordem de presbítero aos diáconos Antônio Tabosa Braga Sobrinho, Antônio Galdino, Irineu Otávio de Sales e José Betâmio de Gouveia Nóbrega,(67) viajando a 8 para Serra da Raiz a fim de presidir os últimos retoques no Seminário Ferial.(68)

1899, último ano do século, encontra a Diocese da Paraíba já com 73 paróquias, 43 no Estado da Paraíba e 30 no Rio Grande do Norte, sendo 53 providas, 31 no primeiro e 22 no segundo Estado. O clero era de 83 sacerdotes seculares e 1 regular (beneditino).(69)

Começa o ano com o retiro espiritual do clero, primeiro promovido por D. Adauto, sendo pregador o Pe. Bartolomeu Taddei S J, apóstolo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Brasil.

"Ninguém poderá jamais imaginar, comenta o Cônego Francisco Severiano, se referindo ao término do retiro – ninguém poderá jamais imaginar que júbilo neste feliz momento resplandecia no semblante daqueles levitas que, fortificados cada vez mais na fé e no zelo pela glória de Deus, voltaram para as sedes de suas freguesias a levar-lhes o pábulo bendito da virtude mais sólida, a luz inextinguível do exemplo mais belo e dignificador.

Parece que Deus, abrindo as nuvens do céu, deixou cair sobre a jovem diocese, em ondas de ternura e amor, uma chuva abundantíssima de bênçãos infinitas".[70]

Em prosseguimento à execução do seu programa de larga catequese, deparamo-nos com D. Adauto no púlpito da Catedral pregando por ocasião do Pontifical do Domingo da Qüinquagésima (12 de fevereiro). Durante quase uma hora discorreu com eloqüência convincente e prática sobre as vantagens espirituais da devoção das 40 horas e o seu sentido eminentemente reparador.[71]

Mas a restauração do bom espírito cristão nos festejos das Neves o empolgava.

Com data de 4 de março sai a respeito uma portaria, na qual determina que só façam parte das comissões de festas religiosas os verdadeiros católicos obedientes às legítimas prescrições da autoridade diocesana – e que expliquem os vigários aos fiéis o sentido das esmolas aos santos padroeiros, o qual não é nem pode ser a sua aplicação em passeatas, jantares, bailes, foguetes e cousas semelhantes, esquecendo, entre outros elementos essenciais, a própria ornamentação do templo.[72]

Passando da teoria à prática, celebrou nesse ano D. Adauto a festa de Corpus Christi com todo o esplendor litúrgico, havendo adoração ao SS. Sacramento durante todo o dia e pregação do bispo diocesano sobre a devoção a N.S. Sacramentado (1° de julho). [73]

"A Imprensa de 9 de julho publicava uma pastoral do bispo de Goiás, D. Eduardo Duarte da Silva, sobre o culto externo, na qual o eminente prelado condenava como abusivos, nas festas religiosas, "os estampidos de foguetes, de rumores de instrumentos musicais, os

temerários espetáculos pirotécnicos, as exibições carnavalescas pelas ruas acompanhadas de burlescas e indecentes pantomimas, os divertimentos hípicos e as grotescas representações teatrais – cousas talvez úteis a princípio para chamar à fé o embrutecido gentio".(74)

Organizadas as comissões para o novenário das Neves como de costume, propôs o Vigário, Cônego Francisco de Assis, que cada comissão cedesse à Igreja a metade da importância arrecadada, para a limpeza do templo e a compra de ornamentos.

Em princípio concordaram as comissões. Depois, porém, insufladas por elementos da maçonaria, então militante e apaixonadamente sectária, do 27º Batalhão de Caçadores e do Comércio, se insurgiram contra a proposta.

Nos clubes, nas boticas, nas praças públicas, atribuíam-se ao bispo e ao clero intenções prepotentes e gananciosas.

Boletins insultuosos à autoridade diocesana foram espalhados a granel e comentados de maneira mais insultuosa ainda.

Era uma válvula de escapação que se abrira para os mais irreverentes desabafos.

Com essas comissões rebeladas e nesse ambiente de hostilidade ao clero, viu D. Adauto que não era possível fazer-se a Festa das Neves. E como estava de viagem para o Recife, onde ia presidir as festas das bodas de prata da obra vicentina, adiou a Festa das Neves, aguardando que amainasse a procela.(75)

E a procela atingiu o auge. Os mesmos membros insultantes e maldizentes das comissões lá se foram ao Paço Episcopal com o fim de levar o bispo a reconsiderar o seu ato...

F. Severiano, o benemérito cronista dos primeiros dias da diocese, nos narra:

"Apresentaram-se a S. Excia. Revma. no dia da sua partida para o Recife (19 de julho) pedindo-lhe não transferisse o dia da festa. Como, porém, obtivessem do digno prelado a resposta de que não seria reconsiderado o seu ato refletido, um deles, oficial militar, em tom alto e ameaçador, afirmou que a festa se faria.

Então contestou como devia o destemido e venerando antístite

dizendo: "A um bispo não se ameaça. Um bispo não teme nem a calúnia, nem o punhal, nem o veneno, mas somente uma cousa – o pecado".[76]

Não gostaram da recepção e se foram queixar ao Dr. Gama e Melo, presidente do Estado, de que o bispo os tinha recebido como a carroceiros (sic).

Diante dos seus descontrolados ademanes, teve o Dr. Gama uma atitude que mais os descontrolou: pausadamente, em absoluto silêncio, austero e digno, na sua indumentária protocolar... se retirou do salão.[77]

E a procela se transformou em dilúvio.

"A Imprensa" do tempo fala em "aluvião de escritos e imensidade de acusações" partidos dos arraiais adversários e recebidos pelos jornalistas do hebdomadário católico ou com o silêncio – muitas vezes a mais adequada das respostas, ou com a narração circunstanciada e desapaixonada do caso desde os seus primórdios – orientando a opinião.

Seguindo D. Adauto no dia 19 de julho para o Recife, lá se demorou mais de um mês, forçado por vários e insistentes convites para presidir diversas solenidades na ausência do bispo diocesano.[78]

"A Imprensa" de 20 de agosto historia a vingança das comissões rebeldes contra a autoridade diocesana:

"No decurso dos dias em que se celebrava dantes a festa, houve festejos profanos no adro da Catedral, passeata saída do quartel do 27°, de algum clube e do edifício da Associação Comercial. O comércio abriu as suas arcas para as classes pobres, a fim de que houvesse, como houve, ostentosa concorrência de povo.

Chegando a passeata à Catedral, com afetado e desusado acatamento e respeito hasteava-se a bandeira da noite. Apupava-se então, apodava-se o clero e ameaçava-se derrubar a porta principal do templo que permanecia fechada. Cantavam-se a seguir as litanias da Virgem ao som de um piano, de uma rebeca e de uma flauta...

No último dia levantaram um pavilhão de madeira em forma de capela, contíguo à porta principal do templo, vedando assim ali as funções religiosas. Cantaram-se como acompanhamento de costume

as litanias da Virgem. Esmolaram no momento dos presentes em benefício dos pobres e saíram em procissão com uma imagem de Nossa Senhora.

O clero se portou com prudência e dignidade.

As irmandades das Mercês, da Conceição e dos Passos acompanharam o préstito.

As fardas do exército nele rebrilhavam.

Pessoas gradas o integravam levando-o a sério.

Os galhardos aprendizes marinheiros, em forma ao som marcial dos clarins e ao ruflar alegre do tambor, armas caladas, enfloradas de oliveira, marchavam também".

"A Imprensa", continuando a análise da pseudoprocissão das Neves, se refere ainda ao jogo do "confetti', nela introduzido, como também a "pouco engenhosos fogos de uma pirotécnica pornográfica, indigna e vergonhosa para quem sabe ruborizar as faces".

Terminada a encenação ridícula da festa caricata, continuaram os insultos ao bispo e ao clero através dos boletins.[79]

28 de agosto. Chega D. Adauto do Recife a bordo do paquete "Brasil", que fundeou em Cabedelo.

A sociedade sadia da capital quis fazer-lhe e de fato lhe fez uma recepção condigna.

O mundo oficial, inclusive o presidente do Estado com e seu corpo de imediatos auxiliares, nela tomou parte.

Às 11 horas, após o desembarque na estação da Conde d'Eu, formou-se ali o cortejo para conduzir à Catedral e a seguir ao Paço Episcopal o bispo diocesano.

À bênção do pontífice da Igreja paraibana e em sua passagem todos tiravam os chapéus. Flores também foram lançadas das sacadas dos sobrados à passagem de S. Excia. Chegando à Catedral em cujo adro externo a banda marcial do Batalhão de Segurança saudou a entrada de S. Excia. no majestoso templo, outras muitas famílias e pessoas de todas as classes respeitosamente lhe beijaram o anel. Em seguida teve lugar solene *Te Deum* em ação de graças ao Todo Poderoso pelo feliz regresso do ínclito chefe da Igreja paraibana, subindo

por essa ocasião ao púlpito o eloqüente orador sacro, o Revmo. Sr. Cônego Fernando Lopes. Terminada a cerimônia religiosa, recolheu-se S. Excia. Revma. ao Palácio Episcopal".[80]

Em companhia de D. Adauto chegou do Recife, vindo do Rio, o Monsenhor Luiz Sales, Vigário de Campina Grande, há pouco eleito bispo do Maranhão.[81]

Nessa campanha uma nota de muito destaque é a manifestação de solidariedade dada ao bispo e ao clero da Paraíba por várias dioceses do País, como também por diversos e prestigiosos órgãos de publicidade.[82]

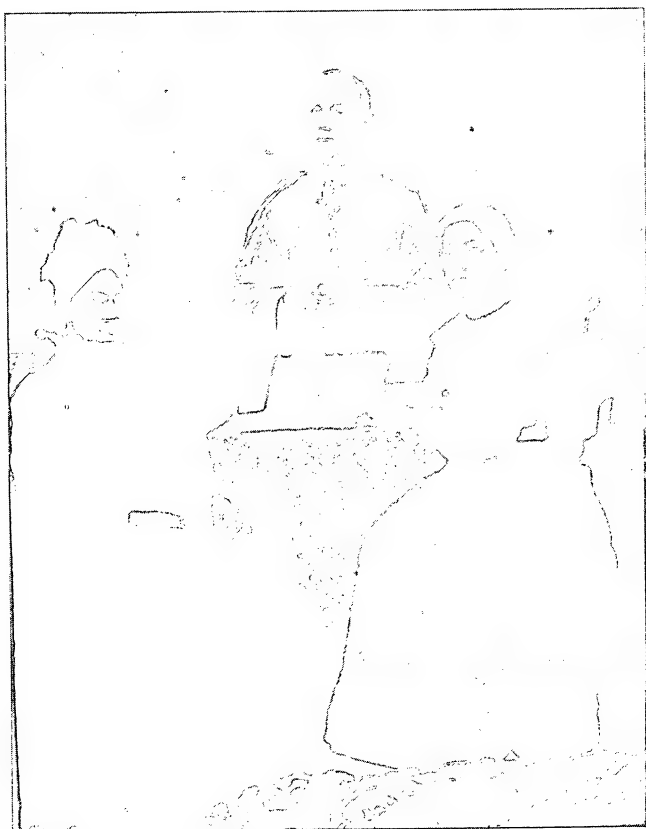
No dia 30 de agosto, aniversário natalício do prelado diocesano, multiplicaram-se ainda as demonstrações de apreço e desagravo a sua pessoa, agradecendo ele tudo aquilo com muita nobreza, superioridade e sereno espírito cristão.

Descobrimos no número de "A Imprensa" de 13 de setembro desse ano de 1899 uma justificativa à atitude frouxa, nula mesmo, dos poderes públicos, em face dos abusos perpetrados na primeira cidade do Estado e sede daqueles mesmos poderes, entre 27 de julho e 5 de agosto.

"As autoridades civis, escreve o editorialista, em atitude de vencidos, assistiam estupefactas àquelas cenas de vandalismo sui generis, temendo sérios conflitos pela aterradora perspectiva da força federal, cuja oficialidade se achava envolvida no movimento, animando com sua presença e concurso os amotinadores das turbas".[83]

No meio, porém, de toda essa agitação a alma católica da Paraíba teve ainda bastante força para se concentrar e chorar a perda do Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim, falecido em Cajazeiras aos 16 de setembro, e para lhe traçar os mais sentidos e encomiásticos necrológios.[84]

O mês de outubro de 1899 traz como acontecimento de mais relevo a visita dos eminentes prelados D. Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, D. Francisco do Rego Maia, Bispo de Petrópolis, e D. Joaquim José Vieira, Bispo de Fortaleza, ao antístite paraibano. Voltavam os venerandos itinerantes de Roma, onde

haviam assistido ao Concílio Plenário Latino-Americano, encerrado em 10 de julho.(85)

D. Adauto com sua genitora, D. Laurinda, e sua irmã, D. Olívia. Fotografia de 1910.

A 5 de novembro, na Catedral, promoveu D. Adauto ao presbiterato o diácono Alfredo Pegado de Castro; ao diaconato os subdiáconos Abdon Odilon Melibeu Lima, Agnelo Fernandes e Francisco Ernesto de Vasconcelos; às ordens menores os tonsurados

Aristides Ferreira da Cruz, Bernadino Vieira da Silva, Jerônimo César, Joaquim Honório da Silveira, José Augusto de Freitas, Misael Justiniano de Carvalho, Moisés Ferreira do Nascimento e Simão Fileto Patrício da Costa; à primeira tonsura os seminaristas Benedito Basílio, Bianor Aranha, Francisco Coelho de Albuquerque, Jéferson Urbano Rodrigues da Costa, João Gomes de Albuquerque Maranhão, Joaquim Ludgero Pereira Diniz, Lúcio Gomes Gambarra, Manuel Marcelino de Brito Filho, Matias da Silva Freire e Vital Medeiros (86).

Quinze dias depois, a 20, seguiu para Serra da Raiz(87) em gozo de ligeiras férias, antevendo já o prazer de saudar a aurora do novo século que se aproximava.

Notas

(1) Diário de Pernambuco. Coleção de 1893.

(2) Ibidem.

(3) O Monsenhor Pompeu Diniz transmitiu gentilmente ao autor as impressões da viagem de D. Adauto a Roma, quando de sua sagração episcopal.

(4) "A Diocese da Paraíba." F. Severiano, pág. 13. Edição de "A Imprensa", 1906.

(5) Impressões pessoais de D. Adauto, transmitidas em palestras nas quais tomou parte o autor.

(6) Dr. Francisco Coelho Duarte Badaró. Natural de Minas Gerais, foi propagandista da República, sendo eleito deputado federal na 1ª Câmara do novo regime. Em 1893, no governo de Floriano Peixoto, foi nomeado ministro do Brasil junto à Santa Sé. Como publicista deixou as seguintes obras: La republique du Brésil et le royaume de Portugual"; "L' Eglise du Brésil pendant l'Empire et pendant la Republique". "Les Convents ou Brésil". "Discursos parlamentares" e "Parnaso Mineiro" (poesia). (Arquivos do Itamarati).

(7) F. Severiano. "A Diocese da Paraíba". Tipografia de "A Imprensa". Paraíba do Norte, 1906, pág. 13.

(8) Visita registrada por D. Adauto na "Pastoral de

Saudação", pág. 34.

(9) Impressões pessoais de D. Adauto em palestras assistidas pelo autor.

(10) Todos os dados a respeito do "Congo", no Diário de Pernambuco, nº. de 2 de fevereiro de 1894.

(11) F. Severiano, obra citada, pág. 14.

(12) Ibidem, págs. 15 e 16.

(13) "Auto de posse que toma deste Bispado da Paraíba o Exmo. e Revmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques:

Saibam quantos este público instrumento de posse virem em como aos quatro do mês de março de 1894, às 11 horas do dia, reunido o clero e o povo desta cidade episcopal e de outros lugares da Diocese na antiga Igreja do Colégio dos Padres Jesuítas que ora serve provisoriamente de Matriz e Catedral de Nossa Senhora das Neves, estando presente eu, Pe. Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, Secretário do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques e testemunhas abaixo assinadas, compareceu pessoalmente o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba, e apresentou o Breve e Letras Apostólicas de nosso Santíssimo Padre Leão XIII com data de dois de janeiro do corrente ano, que são do teor seguinte:

LEO XIII

Dilecti fili salutem et apostolicam benedictionem.

Apostolatus officium, meritis licet imparibus, Nobis ex alto commissum quo ecclesiarum ommium regimini divina providentia praesidemus, utiliter exequi adjuvant domino cupientes solicite corde reddimur et solers ut quum de ecclesiarum ipsarum regiminibus agitur com mittendis, tales eis in pastores praeficere studeamus, qui populum suum curae creditum sciant non solum doctrina verbi, sed etiam exemplo boni operis informare, commissasque sibi ecclesias in statu pacifico et tranqüilo velint et

valeant, auctore Domino salubriter regere et feliciter gubernare. Dudum siquidem provisiones ecclesiarum omnium nune vocantium quaeque in posterum vacaturae erunt ordinationí et dispositioni Nostrae reservavimus decernuntes ex tune irritum et inane si secus super hjis a quoquam quavis auctoritale scienter vel ignoranter contigerit attentari. Jam vero Episcopali Eclésia Parahybensi a primaeva erctione sua vacante. Nos ad ejusdem ecclesiae provisionum in qua nemo praeter. Nos se potest poteritve immíscere reservatione et decreto supradictis obsistentibus paterno ac sollicito studio intendentes ad te dilecte fili e legitimes nuptus progenitum atque etiam in legitima aetate constitutum qui ecclesiasticis disciplinis opprime excultus, pietates aliarumque virtutum, laude praestas oculos mentis Nostrae convertimus. Peculari te igitur benevolentia complectentes, et a quibusvis excommunicationes suspensionis et interdicti aliisque ecclesiadticis sententilis censuris et poenis si quas forte incurreris, hujus tantum rei gratia absolventes et absolutum fore consentes, eandem Cathedralem Ecclesiam Parahybensem novae erectionis sub archepiscopo S. Salvatoris de Bahia de persona tua Nobis ob tuorum praestantim meritorum accepta Apostólica Nostra auctoritate providemus teque illi in Episcopum praeficimus et Pastorem curam regime net administrationem dictae Ecclesiae tam in spíritualibus quam in temporalibus tibi plenarie committendo certa spe freti te omnia ad maiorem Dei gloriam animarum que salutem in Domino esse expleturum. Volumus autem ut Canonicatus quo in Cathedrali Ecclesia olindense potiris per huiusmodi provisionem vacet eo ipso. Non obstanlibus Constitutionibus et Ordinationibus Apostolicis nec non dictae Ecclesiae Parahybensis etiam iuramento confirmatione aut quavis alia firmitati roboratis statutis ceterisque contrarilis quibuscumque. Datum Romae apud S. Petrum sub annulo Piscatoris die II januari MDCCXCIV Pontificatus Nostri ano Décimo Sexto.

4 † S. Aluisius Card. Secrafini.

Depois de lidas por mim em voz alta e inteligível tomou o Exmo. e Revmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques a posse real, atual e corporal da dita Santa Igreja e Bispado da Paraíba, segundo a forma do mencionado Breve e Letras Apostólicas. O clero e o povo, como filhos de obediência, disseram que estavam prontos a cumprir o que por elas Sua Santidade manda. Com grande regozijo de todos, com sermão, canto, música e mais solenidades costumadas foi o Exmo. e Revmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo desta Diocese da Paraíba, colocado na Cadeira Episcopal, fazendo-se outros atos em sinal de dita posse. E para que tudo assim conste mandou-se lavrar o presente Auto, em que assinaram S. Excia. Revma., vigários, sacerdotes, clérigos e seculares dos muitos que presentes estavam. E eu, Pe. Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, Secretário do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo o escrevi e assinei.

† Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba, Francisco de Paula Melo Cavalcanti, Vigário da Capital; Manuel Gervásio Ferreira da Silva, Vigário de S. Rita; Pe. Antônio Pereira de Castro, Cônego Vigário Floriano de Queirós Coutinho, Walfredo Leal, Vigário de Guarabira; Vigário Nazário David de Sousa Rolim, Vigário José Eufrosino de Maria Ramalho, Pároco de Bananeiras; Pe. Firmino Herculano de Figueiredo, Pe. Joaquim Lopes Galvão, Vigário do Conde; Pe. Francisco Targino Pereira da Costa, Vigário de Pilões; Pe. Felipe Benício da Fonseca Galvão, Pe. Dr. Manuel Golçalves Soares de Amorim, Pe. Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, Secretário do Bispado; Pe. Sabino Coelho, João Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, seminarista José Betâmio de Gouveia Nóbrega, seminarista Aprígio Carneiro da Cunha Espínola, Francisco do Vale Melo, Vice-Ministro da ordem 3ª de S. Francisco; João Francisco Aranha, João José Lopes Pereira, Júlio Joaquim de Melo, Marcolino Guedes da Rocha, José Cândido de Melo Filho, Fausto Firmino de Vasconcelos, Cassimiro Correia das Neves, Francisco F. Xavier, Raimundo Gregório das Neves, Primo Feliciano de Sousa, Segismundo Guedes Pereira, Efigênio de Miranda Henriques, Zózimo Zeferino de Miranda

Henriques, Antônio Lustosa Cabral, Cícero Brasiliense de Moura, Francisco de Sá Pereira, Dr. Álvaro Lopes Machado, Abílio Ferreira Baltar, Antônio da Trindade, Antunes Meira Henriques, Antônio Alfredo da Gama e Melo, Joaquim Soares de Pinho e Manuel Martins Viegas".

(14) O Dr. Álvaro Machado, o Monsenhor Walfredo Leal e o Dr. João Tavares de Melo Cavalcanti haviam assumido, respectivamente, os postos de Presidente, 1° Vice-Presidente e 2° Vice-Presidente do Estado em 22 de outubro de 1892, postos para os quais tinham sido eleitos. (Manuel Tavares Cavalcanti. Epítome de História da Paraíba. Imprensa Oficial. Paraíba, 1914, pág. 107).

(15) Impressão pessoal do Cônego Aprígio Espínola transmitida ao autor: A ladeira do Rosário é hoje a avenida Guedes Pereira.

(16) O Dr. João Machado governou o Estado no quatriênio 1908- 1912, tendo sucedido ao Monsenhor Walfredo Leal que governara de 1905 a 1908.

(17) Dr. Francisco Luiz da Gama Roza.

(18) A Igreja da Conceição, rezam as crônicas, foi construída pelos jesuítas, tendo sua origem na primitiva capela de S. Gonçalo que os padres da Companhia erigiram em 1585. Após a dominação holandesa, os jesuítas ampliaram a capela e levantaram junto um convento e um colégio, onde se acham hoje, respectivamente, o Palácio do Governo e a Secretaria do Interior. Em 1929 foi desapropriada a Igreja da Conceição, deixando livre o espaço entre o Palácio do governo e o antigo Liceu Paraibano, para ampliação do Palácio. A nova igreja da Conceição se acha hoje na rua S. Miguel, próxima ao cemitério do Senhor da Boa Sentença.

A Igreja de N. S. Mãe dos Homens foi desapropriada por exigências do plano urbanístico em 1923. Era situada na atual praça Antônio Pessoa e foi transferida para a rua Monsenhor Walfredo.

A Igreja das Mercês, para embelezamento da Praça 1817, foi desapropriada em 1935 e construída nas proximidades.

A Igreja do Rosário, desapropriada em 1924 com a construção da praça Vidal de Negreiros, se ergue hoje, aliás o mais belo e estilizado

templo moderno da capital, junto ao convento franciscano, no bairro de Jaguaribe.

(19) Fonte valiosíssima de consulta no assunto: a obra do Coronel Francisco Coutinho de Lima e Moura "Reminiscências", em 3 volumes, publicados, respectivamente, em 1938, 1939 e 1946 (Imprensa Oficial. João Pessoa). Os historiadores Maximiano Machado, Coriolando de Medeiros, Tavares Cavalcanti, João Lira e Irineu Pinto oferecem igualmente altos subsídios.

(20) Ademar Vidal. "Guia da Paraíba". Rio de Janeiro, 1943, pág. 69.

(21) Paulo Bourgard de Magalhães. "A Paraíba e a evolução da sua gente". Imprensa Oficial. Paraíba, 1926, pág. 101.

(22) Ibidem, pág. 102.

(23) Testemunho pessoal de D. Adauto.

(24) Para o levantamento histórico da época, consultamos também números esparsos de "A União", coleções de "A Imprensa" e de "O Comércio", pertencentes estas ao Dr. Oscar de Castro.

(25) A Diocese da Paraíba. F. Severiano. Tip. de "A Imprensa", 1906, pág 135.

(26) Ibidem, pág. 136.

(27) Impressões pessoais de D. Adauto.

(28) Anuário Eclesiástico da Paraíba do Norte. Cônego Francisco Severiano. Est. Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba, 1919. Volume 1°, pág. 28.

(29) A Diocese da Paraíba, já citada, pág. 23.

(30) Anuário Eclesiástico da Paraíba, já citado, pág. 24.

(31) "Padre Cícero". Reis Vital. Edições Argus. Rio de Janeiro, 1936, pág. 30.

(32) Padre Cícero, o Santo do Joazeiro. Edmar Morel. Empresa Gráfica "O Cruzeiro". Rio de Janeiro, 1946. pág. 24 e 25.

(33) Joazeiro do Padre Cécero. Lourenço Filho. Editora "Melhoramentos". S. Paulo, 1926, pág. 92.

(34) Ibidem, pág 92.

(35) Ibidem, pág. 93.

(36)Anuário Eclesiástico da Paraíba, já citado, pág. 25.

(37) "Fábrica", na linguagem canônica: "Capitais e rendas aplicadas às despesas de culto e manutenção de uma igreja". Por extensão: " A conservação e manutenção da igreja com estas rendas". (Enciclopédia e Dicionário Internacional. W. M. Jackson, Inc. Editores. Rio de Janeiro, pág. 4.506).

(38) Cônego Francisco Severiano, obra citada, 1° vol., págs. 63 a 67.

(39) Ibidem, pág. 68.

(40) Do Livro do Tombo do Seminário da Paraíba, ano de 1895.

(41) Cônego F. Severiano, obra citada, 1° vol. pág. 70.

(42) Obra citada, págs. 69 e 70.

(43) Obra citada, pág. 116.

(44) Impressões pessoais de D. Adauto colhidas em palestras com o mesmo.

(45) Informações do Mons. Odilon Coutinho, Vigário-Geral da Arquidiocese.

(46) Livro do Tombo do Seminário Arquidiocesano.

(47) Cônego Francisco Severiano, obra citada, pág. 152.

(48) Ibidem, págs. 153, 154 e 155.

(49) Ibidem, pág. 156.

(50) O Eminentíssimo Cardeal Mariano Rampolla.

(51) Mons. Dr. João Batista Guidi.

(52) Conforme uma fotografia da época.

(53) D. Adauto. Carta Pastoral "Do nosso dever para com a imprensa", pág. 4.

(54) Ibidem, pág. 19.

(55) Citado por F. Severiano, obra citada, pág. 145.

(56) "A Imprensa". Coleção de 1898.

(57) Ibidem.

(58) Ibidem.

(59) Ibidem.

(60) Ibidem.

(61) "A Imprensa" de 6/2/1898.
(62) "A Imprensa" de 31/7/1898.
(63) "A Imprensa" de 21/8/1898.
(64) "A Imprensa" de 30/8/1898.
(65) Cônego Francisco Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estabelecimento Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba, 1º volume, pág. 195.
(66) "A Imprensa". Coleção de 1898.
(67) Cônego Francisco Severiano, obra citada, pág. 196.
(68) "A Imprensa". Coleção de 1898.
(69) "A Imprensa". Coleção de 1898.
(70) Cônego Francisco Severiano, obra citada, pág. 235.
(71) "A Imprensa". Coleção de 1899.
(72) Ibidem.
(73) Ibidem.
(74) "A Imprensa" de 9/7/1899.
(75) "A Imprensa". Coleção de 1899.
(76) F. Severiano. "A Diocese da Paraíba". Tip. de "A Imprensa", 1906, pág. 218.
(77) Subsídio fornecido por João Veiga Júnior, secretário do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.
(78) "A Imprensa". Coleção de 1899.
(79) "A Imprensa" de 20/8/1899.
(80) F. Severiano, obra citada, pág 239.
(81) Ibidem.
(82) Entre esses órgãos de publicidade registramos: "O Trabalho", de Alagoas, a "Era Nova" do Recife, o "Estado de Pernambuco", o "Estado do Ceará", a "República" e o "Diário de Natal", ambos do Rio Grande do Norte.
(83) "A Imprensa" de 13/9/1899.
(84) "A Imprensa". Coleção de 1899.
(85) Ibidem.
(86) Cônego Francisco Severiano, obra citada, pág. 238.
(87) "A Imprensa". Coleção de 1899.

CAPÍTULO IX
O qüinqüênio 1900-1905

Conseqüência da Festa das Neves de 1899. Recrudesce a campanha anticlerical. O clímax da clerofobia indígena. Júlio Maria na Paraíba. O 1º decênio da diocese.

1900. O primeiro dia do século XX encontra D. Adauto em Serra da Raiz, fruindo com os seus seminaristas e à sombra doce do lar o justo repouso das férias.

Notava-se, porém, no arcebispo, mesmo depois de transpostos os 70 anos, uma espécie de remorso do descanso gozado – mui parecido com aquele remorso que Jackson de Figueiredo experimentava com a tranqüilidade sentida. A ânsia, a angústia na expressão do grande pensador católico, são sentimentos de que não pode prescindir um cristão na sua peregrinação em demanda do Infinito.

Para D. Adauto era a ação, a ação de todos os dias, o elemento necessário à resolução oportuna dos seus problemas de governo. Era agindo que ele respondia aos que o censuravam. Era agindo que ele descobria o mal para destruí-lo ou contorná-lo. Era agindo que ele propagava o bem em todas as suas modalidades.

Interrompendo aquelas férias que bem prolongadas lhe pareciam, seguiu D. Adauto a 10 de janeiro para Natal, em visita às paróquias do Rio Grande do Norte.[1]

Tendo partido de Nova Cruz em trem especial, desembarcou na capital potiguar horas depois, sendo alvo de festiva recepção por parte do povo, do clero e das autoridades. Duas bandas de música puxavam o cortejo, que se movimentou em direção à Matriz, onde foi cantado soleníssimo *Te Deum*. Estimaram a multidão presente em 8.000 pessoas.[2]

De Natal se dirigiu para as freguesias de Macau, Assu, Mossoró, Carnaúbas, Campo Grande, Sta. Ana de Matos e Santa

Cruz, com um percurso total de 125 léguas a cavalo, permanecendo em cada uma delas três e mais dias nos trabalhos próprios do pastoreio.[3]

Durante esta ausência de quase três meses, faleceu-lhe o venerando genitor, Coronel Ildefonsiano, em casa do filho Efigênio, no engenho Pitombeiras do Município de Areia,em 20 de janeiro de 1900.

Só voltaria D. Adauto à sede episcopal nas vésperas daquele carnaval de 1900, tão ligado à "Festa das Neves de 1899".

Numa manifestação de pequenina vingança contra o bispo que soubera agir com tanto vigor e com tanta prudência na correção de abusos injutisficáveis – os da velha festa pagã, "um alferes do Exército, desrespeitando a Constituição do país, na parte concernente à tolerância dos cultos, vestiu-se de bispo, praticando cinicamente pelas ruas da capital toda a sorte de facécias e afrontas à Igreja, lançando com suas mãos crispadas em covardes gestos a bênção a todos os que encontrava ou avistava".[4]

Transcrevemos de um cronista da época esta versão expressiva, ressumante de revolta, mas fiel à verdade conforme testemunhos fidedignos.

Perpetrado o delito, que mereceu, aliás, a repulsa dos elementos sadios da sociedade, no domingo, 25 de fevereiro, foi aquele oficial detido com um dos seus cúmplices, dois dias depois, no Estado Maior do 27° Batalhão a que pertenciam. E só recuperaram a liberdade no dia 7 de março.[5]

"O Comércio", órgão da imprensa que fazia a campanha contra o bispo, censurou a penalidade imposta, com uma argumentação pitoresca. Afirmava categoricamente que crítica pública não era crime; que o padre (D. Adauto) não era um símbolo ou objeto do culto católico, respeitados segundo a letra da Constituição – era apenas um funcionário (sic) da religião; que a crítica só merecia repressão se pusesse em perigo a pessoa do bispo.[6]

De qualquer modo a farsa do alferes ficou indelével nos anais do tempo como documento de uma época e como prova dos "bons intuitos" da maçonaria quanto à Igreja.

D. Adauto respondeu, magnífica e eloqüentemente, a esses dispautérios promovendo nos dias 27, 28 de fevereiro e 1° de março o soleníssimo tríduo de preparação para a consagração da diocese ao Sagrado Coração de Jesus - consagração que se realizou de fato, por ele presidida na igreja Catedral, aos 2 de março de 1900, como homenagem também ao 90° aniversário natalício de Leão XIII.(7)

O velho princípio – "amai os homens odiando aos seus erros" - era sempre posto em prática pelo arcebispo. "Eu não deixo de pedir a Deus castigo para os maus, dizia, mas castigos medicinais, castigos de misericórdia".

E "O Comércio" continuou, durante todo o ano de 1900, na sua tarefa inglória de desprestigiar o bispo diocesano, o clero em geral, primando no *metier* um dos seus redatores, distinguido luminar da "seita".

Ora saía a verrina disfarçada em artigos de alambicado sabor renaniano, com acusaçõe por demais aéreas:

"Hoje, admirável loiro, casto e manso revolucionário, querido das mulheres, adorado de Maria, amado de Magdalena! a fórmula de teu culto é quase impossível.

Teus ministros mercadejam, fazem-se lobos, saem mansos, na calada do confessionário e depois é... a desolação e o luto.

Nem mais um Bossuet. Agora os Sabinos e os Franklins".(8)

Ora vinha a dose camuflada de reabilitação histórica, como naquele concurso literário promovido sobre Branca Dias, suposta vítima da intolerância inquisitorial do clero, na sua qualidade de judia.

Ora se apresentava o ataque em forma de discurso maçônico, onde a maçonaria era focalizada como "a seguidora do sonho querido de Jesus, onde a Igreja era denominada – "20 séculos de pesadelo medonho, 20 séculos sem ar, sem luz, sem dia".

Ora se expelia a bílis do adversário em forma de angustioso apelo às senhoras para abandonarem as fileiras católicas:

"A Igreja atrofia a nossa raça, Exmas. senhoras, ela vos insinua graves pecados. Abandonai o fanatismo. Não vos relaxeis aos pés do confessor".

Ora gerava o ódio dos inimigos uma variedade bem rica de denúncias contra o clero – denúncias muitas delas pueris, algumas delas estapafúrdias, nenhuma delas fundamentada.

Lia-se em "O Comércio" que o reitor do Seminário ali instalara uma bodega e um matadouro sem pagar imposto; que o vigário, Cônego Assis, assistira ao casamento de dois paroquianos seus, desprezando o impedimento da falta do consentimento materno; que o bispo vendera o patrimônio da Matriz de Itabaiana; que o Pe. Francisco de Almeida, vigário da Penha, cometera graves crimes contra os bons costumes etc. etc. etc.(9)

Os padres, conforme a substância do libelo, ou silenciavam, ou respondiam pelas colunas de "A Imprensa", ou chamavam à responsabilidade os seus detratores, como fez o Pe.Francisco de Almeida.(10)

A "Festa das Neves de 1899" teve, porém, o seu epílogo na Semana Santa de 1900.

Para o Sábado de Aleluia, 14 de abril, a turma dos trincafortes da maçonaria e do 27° B C organizou um espetáculo inédito: a exposição de dois "Judas" na praça fronteira à Delegacia Fiscal (hoje Rio Branco) os quais, representando em trajes característicos as venerandas figuras do bispo diocesano e do cura da Sé, Cônego Francisco de Assis, seriam anarquicamente rasgados quando, após a missa de Aleluia, regressasse D. Adauto, com a solenidade de costume, a sua residência.

Na manhã radiosa passavam os fiéis em busca da Catedral a fim de tomarem parte nas cerimônias do dia. E passavam indiferentes aos civis e militares maçônicos ou maçonizados que, reunidos no Clube Astréia (hoje Instituto Histórico) em um dos quarteirões da praça, esperavam o grande momento.

Moleques rodeavam os manequins, prontos para as vaias e os apupos tradicionais.

A cena, todavia, teve um desfecho completamente imprevisto.

Pouco antes da hora aprazada para o despedaçamento do "Judas", penetrou a praça sozinho, faca e revólver, rija bengala na destra, um jovem crioulo, pequeno e ágil, que, separando com duas

braçadas a canalha em derredor, pôs abaixo os dois "Judas" e sumariamente os "liquidou". Impondo silêncio à claque, ordenou ainda a um popular seu conhecido que conduzisse os ridículos despojos para os fundos da Intendência (hoje Paço Municipal), se retirando então serenamente diante do pasmo de todos...

Era Lourenço Graça, copeiro do Seminário, que espontaneamente tomara a iniciativa de desafrontar a família católica e de afrontar a "troupe" maçônica militar da Paraíba.(11)

Oito dias depois embarcava D. Adauto para Serra da Raiz em visita a sua veneranda genitora, regressando a 1° de maio para ministrar no dia 6 a 1ª comunhão e a crisma aos novos alunos do Seminário.(12)

Em 27 de maio, na Catedral, ordenou de diácono o subdiácono Luiz Borges de Sales e de subdiáconos os menoristas João Cruz e José Augusto de Freitas. A 3 de junho ordenou de presbítero o diácono Luiz Borges de Sales, de diáconos os subdiáconos João Cruz e José Augusto de Freitas, de subdiáconos os menoristas Moisés Coelho, Pedro Paulino Duarte, Gabriel Toscano e José João, conferindo a primeira tonsura aos seminaristas Epaminondas Rolim, Abel Pequeno e Inácio Cavalcanti.(13)

O mês de junho de 1900 apresenta de mais notável a participação do bispo diocesano no Congresso Católico da Bahia, presidido pelo Arcebispo Primaz. D. Adauto se fez representar pelo Cônego Fernando Lopes, diretor espiritual do Seminário.(14)

No dia 24 de junho tomou posse da vigararia da Catedral e curato da Sé o Cônego Floriano Queiroz Coutinho, ex-vigário de S. Miguel de Taipu.(15)

Era o dedo de D. Adauto procurando acentuar e fixar, caridosamente conciliante, a nova orientação da festa.

O Cônego Floriano, muito estimado no meio social da Paraíba, graças as suas maneiras polidas, ao seu espírito compreensivo, iria inaugurar, sem desinteligências nem estremecimentos, as normas que dali em diante regulariam os tradicionais festejos.

Em 29 de junho promoveu D. Adauto ao subdiaconato, na capela do Seminário, os clérigos salesianos José Blangetti e Teófilo

Tworz, conferindo aos mesmos o diaconato em 1° de julho.[16]

Aproximava-se a Festa das Neves.

No dia 22 de julho publicou "A Imprensa" a lista das comissões designadas pelo vigário, Cônego Floriano, de acordo com as prescrições do Ordinário Diocesano.[17]

E, oh Providência! Partiu D. Adauto, doente, com destino a Serra da Raiz, a 1° de agosto, para só regressar a 13, a fim de assistir ao término da Festa das Neves e presidir o solene pontifical. A festa foi adiada, como em 1899, mas dessa vez sem protestos nem insultos. Começando aliás com a solenidade de uma missa cantada, no dia 5, encerrou-se a 15, dia da Assunção de Nossa Senhora.[18]

O pontifical, a procissão e o *Te Deum* excederam em solenidade aos dos anos anteriores.

Pregaram, pela manhã, o Cônego Dr. Santino, e à noite o Pe. Pegado.

A parte coral da missa, a grande instrumental, foi confiada aos maestros Plácido e Vercelêncio César.[19]

"O novenário correu com muita ordem. O templo adrede preparado por bons artistas, pelas incansáveis zeladoras do Coração de Jesus e pelo distinto pároco, Cônego Floriano, apresentava bela perspectiva não só pela simétrica distribuição de variegados enfeites e flores artificiais como também pelo esplendor das luzes que se viam em profusão, e à proporção que passavam os dias revestia-se de mais ricos adornos o vasto templo. Fora da igreja, todas as noites houve primores de pirotecnia. Dois bonitos cruzeiros adornados com lindas lanternas de cores várias e muitos postes donde pendiam outros tantos focos de luz clareavam perfeitamente a rua, do Beco da Companhia ao Largo da Catedral, tudo de acordo com a seriedade da festa e a imponência dos atos religiosos.

A comissão encarregada dos festejos externos fez acertadamente um pedido para não se usar do "confetti" senão depois de todos os atos. Foi muito louvável o procedimento da comissão, porque o jogo do "confetti" de todo abolido já em algumas festividades religiosas, a não ser aqui na Paraíba, é uma coisa esdrúxula que, por

estapafúrdia, muito compromete o nosso nome de povo mais ou menos civilizado.

A procissão foi acompanhada pela guarda de honra do capitão Toscano e três bandas de música.

Muito respeito, muita ordem, muito brilhantismo.

O Exmo. Sr. Bispo oficiou também no *Te Deum*; e na procissão os Cônegos Floriano, Assis e Paiva.

Durante a bênção do Santíssimo, uma possante girândola de 300 dúzias de foguetes atroou os ares".

É assim que "A Imprensa" registra a Festa das Neves de 1900.[20]

"A semente da verdade penetrou com dificuldade o terreno fértil, mas obstruído pelos calhaus dos preconceitos. Penetrou, porém, brotando vigorosa e sadia até hoje."

No dia 27 de agosto partiu D. Adauto para Serra da Raiz em convalescença de forte insulto gripal, retornando somente a 25 de outubro, razão pela qual não pôde assistir pessoalmente à posse do novo presidente, Desembargador José Peregrino, em 22 de outubro, posse cristãmente solenizada com *Te Deum* na Igreja da Conceição, vizinha ao Palácio do Governo, e oração gratulatória do Cônego Dr. Santino.[21]

Em 8 de setembro, festa da natividade de Nossa Senhora, na Matriz de Serra da Raiz, elevou ao subdiaconato o clérigo beneditino de Olinda D. Leão Dias Pereira e ao presbiterato os diáconos Frei Boaventura Poll, franciscano, José Blangetti e Teófilo Tworz, salesiano.[22]

Em 2 de outubro, de Serra da Raiz, assinou o decreto transferindo a sede paroquial de Pilões para a vila de Serraria, sem alteração dos limites preestabelecidos.[23]

Em 4 de novembro, conferiu, na Catedral, o sagrado presbiterato aos diáconos Abdon Melibeu Lima, Agnelo Fernandes, João Cruz e José Augusto de Freitas, súditos da diocese, e o diaconato a D. Leão Dias Pereira, beneditino de Olinda.[24]

Em 15 de novembro, rumou com o Seminário para Serra da

Raiz no gozo das costumeiras férias.[25]

Estava encerrado praticamente o primeiro ano do século, sendo indício do movimento religioso da diocese a multiplicação dos centros do Apostolado da Oração, que de 12 em 1898 passaram a 60 em 1900.[26]

"Duas luminosas cartas, escreve o Cônego F. Severiano, publicou o Exmo. Sr. D. Adauto no corrente ano. Uma, com data de 7 de janeiro, sobre a consagração de gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus, ordenada por S. S. Padre Leão XIII; outra datada de 7 de outubro sobre a preparação da diocese para a solene homenagem a Jesus Cristo e ao seu vigário na terra.

Na primeira diz S. Excia. Revma. achar-se compenetrado do mais vivo e doce sentimento de gratidão para com o Sagrado Coração de Jesus que se dignou preparar para a reparação das ingratidões, injúrias e desprezos que são feitos ao sacramento de amor, o campo abençoado da sua amada diocese. Declara haver perdoado de todo o coração aos seus filhos que o insultaram e maltrataram no ano anterior. Agradece às exmas. famílias que, compartilhando de seus sofrimentos, ofereceram a Jesus Sacramentado atos de reparação.

Agradece ainda aos magistrados, às outras autoridades do Estado, aos confrades vicentinos e aos demais cavalheiros que deram naquela ocasião o mais belo exemplo de acatamento e respeito à autoridade eclesiástica. Mostra aos fiéis da diocese que a consagração do gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus era um dever de gratidão para com Aquele que tanto nos tinha amado.

Ordena aos seus vigários um tríduo preparatório para o grande ato recomendado pelo Sumo Pontífice.

Na segunda, fala S. Excia. sobre a devoção do Sagrado Coração de Jesus, mostrando ser a única salvadora da sociedade atual. Trata dos vícios e seduções, da incredulidade moderna e do indiferentismo religioso que muitíssimos males têm causado em todos os séculos à pobre humanidade.

Ensina a todos o dever e a necessidade de reconciliação com Deus para a suspensão dos castigos da justiça divina e reparação de

tantos crimes. Finalmente pede encarecidamente a todos os seus cooperadores, sacerdotes, almas piedosas, associados do Apostolado da Oração, que na noite de 31 de dezembro supliquem a Nosso Senhor Sacramentado para que, logo nos primeiros anos do século XX, se propaguem as conferências de S. Vicente de Paulo e as escolas paroquiais em todas as freguesias de sua jovem diocese".[27]

(* * *)

1901. A campanha anticlerical de "O Comércio" recrudescia.

Menos por obtusidade intelectual do que por má-fé, as penas que faziam "O Comércio" confundiam o clero com a Igreja – arrastando-a pela rua da amargura, culpada nos dislates muitas vezes pretensos ou exagerados dos seus ministros.

A seara paraibana era maninha de crimes clericais? Para preencher a lacuna respingavam os redatores de "O Comércio" escândalos de padres aqui e acolá, expondo-os aos seus leitores mesmo sem provas.

E quaisquer atitudes do clero docente da capital sofriam o escapelo daqueles críticos que, unilaterais e facciosos, as interpretavam a seu bel-prazer.

A propósito dos donativos pedidos aos fiéis da diocese para a festa do Cristo Redentor e do seu vigário na terra – em 29, 30 e 31 de janeiro, comentava "O Comércio":

"A Igreja de porta em porta mendiga uma esmola para a grande homenagem ao Redentor.

A Igreja rica, onipotente, mendiga para fazer uma festa ao Salvador do mundo, ao seu Deus!

A Igreja não deve pedir esmolas para festas, faça-as que muito tem.

A Igreja não presta homenagem a Jesus, presta-as a Leão XIII.

A Igreja não crê no bom Jesus das criancinhas.

Ela quer o Redentor Divino exposto no calvário para dizer que o poder foi antes conferido a Pedro (sic) tipo sem significação que negou o seu companheiro, o seu mestre".[1]

Estiradas novelescas sobre a confissão e os abusos que em tal sacramento os padres perpetravam...

Versos satíricos ridicularizando os padres conhecidos, com funções destacadas na Igreja e na sociedade...

Ataques ferinos ao celibato e ao "fanatismo" dos padres – "o celibato que constitui o padre uma pedra de escândalo, o fanatismo que faz do padre um atentado à paz dos espíritos".

Advertências às senhoras católicas, "enganadas, iludidas, mistificadas todas, supondo servir ao bom Deus quando apenas alicerçavam o prestígio e o predomínio do padre".[2]

O padre e sempre o padre – eis o assunto predileto de "O Comércio", inclusive dos seus editoriais nesse ano de 1901.

Censuras ao povo do Maranhão por causa da recepção festiva que fez ao seu novo bispo, D. Antonio Xisto Albano, "festa que não fora um sintoma cristão, mas um resto de paganismo".

Censuras ao presidente da República porque beijara a mão do Núncio Apostólico numa reunião oficial.

Censuras ao governo do Estado porque permitia no Quartel da Polícia a reza do terço de Nossa Senhora – "o berreiro dos soldados no corpo da guarda entoando descompassadamente uma ladainha lúgubre, à guisa de antigos mercenários, assalariados para cortejos funerários".[3]

Quem percorre a coleção de "A Imprensa", o semanário católico da diocese, correspondente a 1901, constata o espírito de apostolado dos seus redatores, instruindo os leitores católicos a respeito das seitas condenadas pela Igreja, mormente sobre a maçonaria e os seus intuitos; a defesa segura e convincente contra os ataques sérios do adversário, quase sempre esgotando o assunto; a decadência de atitudes, a correção de maneiras restringindo o editorialista e os demais redatores ao terreno dos princípios.

"A Imprensa" fez a campanha em "grande estilo" representada

pelos vultos que mais significavam então no jornalismo católico da terra – os padres Santino Coutinho, Manuel de Paiva e José Thomaz.

O anticlericalismo da "grei", que tinha como porta-voz "O Comércio" se refletiu fora do Estado. Na própria capital federal, em plena Câmara dos Deputados.

Discursando o deputado Adolfo Gordo, de Minas Gerais, sobre o famigerado projeto da precedência obrigatória do casamento civil quanto ao casamento religioso, afirmou ter um bispo do Norte obrigado (sic) certo indivíduo, já casado civilmente, a casar-se religiosamente com outra mulher; que sua asserção se firmava na palavra de um deputado do Norte, não querendo, porém, declinar o nome do bispo nem o do Estado...

Num aparte infeliz, o nosso representante Dr. Francisco Camilo de Holanda, estreando na Câmara, asseverou que o Estado fora a Paraíba e o bispo D. Adauto.

Esse arranco sensacional do novel licurgo provocou um discurso de protesto do seu colega de bancada, Dr. Antônio Marques da Silva Mariz, oração enérgica, concisa e apoiada em farta documentação. Nela teve D. Adauto a mais ampla e completa defesa, pois ficou provado que o tal indivíduo já casado civilmente, requerendo do bispo diocesano licença para casar-se religiosamente com outra mulher, teve o seu requerimento indeferido.

Vários deputados que conheceram D. Adauto quando de sua estada em Olinda, no exercício de docente do Seminário, deram o mais belo testemunho dos seus méritos, da limpidez do seu caráter, do seu nome impoluto de padre e de cidadão.[4]

O deputado Camilo se viu na dura contingência de forjar qualquer cousa a título de provas, mas as provas eram apenas as mesmas acusações repetidas numa persistência voltaireana, acrescidas de um "slogan" então muito em voga nos meios anticlericais do Estado: "A Igreja na Paraíba está transformada em um balcão".

Os maçons daquele tempo consideravam D. Adauto um grande capitalista, um rico latifundiário, um financista hábil que mal disfarçava a sua avidez de ouro.[5]

Porque, fruto do seu zelo e do seu tino administrativo, como da generosidade dos fiéis e de doações da Santa Sé, o patrimônio material da diocese crescia a olhos vistos.

O editorial de "O Comércio", que respondeu ao de "A Imprensa" sobre o desenrolar desses fatos, foi moldado no gênero da célebre fábula – "o lobo e o cordeiro", fugindo de um argumento destruído em busca de outros para justificar seus ataques:

"Se D. Adauto não forçou o cidadão de que se tratava a casar-se religiosamente com outra mulher, pelo menos autorizou; se não autorizou, mas era certo que permitia fazerem os padres campanha cerrada contra o casamento civil a que chamavam de mancebia legal".(6)

A verdade em tudo isto ressalta com meridiana transparência: o clero combatia às claras a precedência obrigatória do casamento civil, e com todas as veras, por ser um abuso. O clero não considerava casamento ao chamado casamento civil, restringindo a designação ao matrimônio, contrato e sacramento realizado sob as bênçãos e a assistência da Igreja.(7) *Et inde irae.*

O tempo se encarregou de provar que as paixões do momento grande culpa tiveram na atitude do deputado Camilo.

No quatriênio governamental 1916- 1920, o Dr. Francisco Camilo de Holanda, presidente do Estado, aliás dos mais beneméritos, manteve cordialíssimas relações com D. Adauto, cercando-o sempre de toda a consideração.

O ano de 1901 foi um ano de franca atividade em toda a diocese.

Chegando de Serra da Raiz em 31 de janeiro, último do tríduo diocesano em homenagem ao Cristo Redentor e ao seu vigário na terra, D. Adauto ainda tomou parte no encerramento das solenidades promovidas pela paróquia de N. S. das Neves.(8)

Aos 2 de fevereiro tomou posse na freguesia das Neves, na qualidade do pró-páraco, o jovem sacerdote José Augusto de Freitas, que, não obstante ter comunicado a "O Comércio", em pálida missiva, a sua ascensão, se viu alvo de críticas as mais desarrazoadas por parte

da irrequieta folha. Motivaram de fato essas críticas a pregação da verdade evangélica, buscando a correção de costumes repreensíveis no seio do rebanho, e a recusa do pároco aos maçons que se apresentavam para padrinhos de batismo.(9)

Em 17 de fevereiro promoveu D. Adauto, na Catedral, os diáconos João Irineu Jófili e Simão Fileto Patrício da Costa ao sagrado presbiterato. Em 26 do mesmo mês, foram igualmente elevados ao sacerdócio os diáconos Aderbal Gomes de Castro e Pedro Paulino Duarte da Silva.(10)

Por ocasião do 91° aniversário natalício de Leão XIII, em 2 de março de 1901, se prestaram ao grande pontífice justíssimas homenagens em toda a diocese, rematadas com o *Te Deum* na Catedral, assistido pelo Bispo Diocesano, pelo Presidente do Estado e auxiliares imediatos, pelos membros da Relação, da Intendência, etc.(11)

Em magnífico editorial publicado em "A União", o ex-presidente Gama e Melo focalizava a situação jurídica da Santa Sé perante as nações como "pessoa de direito público internacional", ressaltava a preeminência da corte espiritual de Roma aceita e honrada pelos povos cultos como se fora a representação de um poder.Convencera a adversários os mais respeitáveis de que a ciência e a fé não são antagônicas.(12)

No dia 4 de março, 7° aniversário da instalação da diocese e posse do seu primeiro bispo, houve na Catedral missa cantada, com a presença do bispo diocesano, Presidente do Estado, auxiliares do Governo, desembargadores, deputados, etc.(13)

O editorial de "A União" de 4 de março retratava D. Adauto como legítimo representante da missão d'Aquele que tornou a civilização dos povos e o progresso da humanidade uma resultante necessária de suas palavras e de suas ações. Referia-se ao florescimento do Seminário do qual já haviam saído 27 sacerdotes, acusando uma matrícula de 145 alunos, sendo 56 do curso superior; salientava a obra educativa do egrégio prelado concretizada no Colégio Diocesano, no de N. S. das Neves e no S. Luzia, de Mossoró, recém-fundado; mostrava o zelo sacerdotal e o espírito religioso *culminando em* toda a

diocese com as obras – vicentina, das mães cristãs, do apostolado da oração, do Seminário Ferial, do patrimônio da Mitra já bem iniciado – com as cartas pastorais do antístite abrindo às suas ovelhas as rotas da verdade.(14)

A 6 de junho conferiu D. Adauto o presbiterato ao diácono Francisco Ernesto de Vasconcelos; a 11 viajou para o Ceará a bordo do "S. Salvador" que zarpou do Porto de Cabedelo. Ia assistir à sagração do bispo do Maranhão, D. Antônio Xisto Albano, só estando de volta no fim do mês.(15)

O mês de junho foi todo ocupado pela questão Camilo de Holanda *versus* D. Adauto na Câmara Federal e na província, onde o fato foi largamente divulgado e comentado segundo o que temos referido. A imprensa do Rio também o ventilou no seu serviço de informações telegráficas, publicando ainda em "O País" brilhante defesa do acusado,feita pelo ilustre paraibano Dr. Francisco Seráfico da Nóbrega.(16)

A Festa das Neves, realizada como no ano precedente, de 5 a 15 de agosto, correu com muita ordem e brilhantismo.(17)

Com o fim de tomar parte na Conferência Episcopal da Bahia seguiu D. Adauto a bordo do "S. Salvador" até Recife em 1° de setembro. No dia 6 chegava pelo trem do horário a Maceió, onde tomou passagem no "Alagoas" em companhia do bispo de Maceió, D. Antônio Brandão. A 15 embarcou na Bahia com destino ao Rio onde se demorou até 4 de outubro, quando regressou, chegando à Paraíba após 11 dias de viagem.(18)

1° de novembro. Ordenação geral na Catedral. Receberam o sacerdócio das mãos de D. Adauto os diáconos Aristides Ferreira da Cruz, Epaminondas da Cunha Rolim, Gabriel Toscano da Rocha, José João Pessoa da Costa, Leôncio Fernandes da Costa, Moisés Coelho e Odilon da Silva Coutinho. Nos dias 20 e 27 de outubro, respectivamente, haviam recebido do mesmo prelado o subdiaconato e o diaconato.(19)

D. Adauto, que estivera em Serra da Raiz várias vezes durante o ano, regularizando negócios do patrimônio, para lá viajou a 20 de

novembro em gozo de férias.[20]

"Em março desse ano (1901), segundo o Cônego F. Severiano, publicou D. Adauto um edito anunciando à sua diocese a promulgação do Concílio Plenário Americano, feita pela S. S. Padre Leão XIII.

Nesse edito ordena S. Excia. Revma. aos seus vigários que tenham e conservem no arquivo paroquial um exemplar do Concílio Plenário; aos demais sacerdotes que se dediquem com empenho e constância ao estudo do mesmo Concílio; aos professores do Seminário Maior que encareçam aos alunos a importância desse estudo, pedindo, sempre que a matéria o exigir ou permitir, a citação do mesmo Concílio, a fim de que todos os aspirantes ao sacerdócio se familiarizem com ele.

Com data de 28 de abril publicou também S. Excia. uma substanciosa carta pastoral anunciando a extensão e prorrogação do jubileu do ano santo de 1900.

Nesse valioso documento S. Excia. Revma. fala dos inúmeros favores concedidos aos fiéis pela Igreja Católica, divina esposa de Jesus Cristo; do santo jubileu, cujas indulgências são lucradas segundo as disposições de cada um; explica com precisão aos seus diocesanos a maneira como devem lucrar, neste tempo precioso, os favores e as graças do céu; ensina, finalmente, a todos que a Santa Igreja, Mãe Carinhosa, abrindo os tesouros de sua infinita misericórdia, só pode inspirar-lhes sonhos de uma eterna felicidade".[21]

(* * *)

Durante todo o decorrer do ano de 1902, a campanha anticlerical, que tinha como porta-voz "O Comércio", chegou ao seu clímax.

A linguagem do órgão das classes conservadoras, título que ostentava em seu cabeçalho,[1] desceu mais do que nos anos anteriores quanto à forma e quanto à substância, enveredando pela mentira, pelo

o juiz.[5]

O advogado Abel Peixoto escalpelou o crime de Princesa, mostrando a sem-razão das acusações contra o padre e pondo tudo em seus justos limites.

"Quando se atassalhava, termina ele um dos seus artigos, quando se atassalhava a reputação do Revmo. Padre Manuel Raimundo Nonato Pita, não se tinha em vista sua humilde individualidade. Todo empenho era que as infâmias irrogadas ao inocente refletissem no clero. As exposições jornalísticas só tinham um fito – chamar a atenção para o sacerdote que mandara matar o ateu por um fanático e um ex-seminarista".[6]

Após a desprонúncia, chegou às mãos de D. Adauto um manifesto do povo de Princesa encabeçado pelo deputado Marcolino Pereira Lima e pelo presidente do Conselho, João Batista da Silva, confirmando a inocência do padre e dando testemunho da sua conduta irrepreensível.[7]

Transferido padre Pita da freguesia da Princesa para a de Touros, Rio Grande do Norte, no mesmo ano e por motivos firmados na prudência do bispo diocesano, novas manifestações de apreço àquele sacerdote chegaram a D. Adauto. Abaixo-assinados pedindo a permanência do padre Pita na paróquia, com a assinatura de proeminentes representantes de todas as classes.

Não foram, porém, atendidos.[8]

"O Comércio", em sua faina costumeira de tudo deturpar, afirmou sem provas, é excusado dizer, que os abaixo-assinados vinham forjados do Seminário, para serem publicados no "Órgão Preto" – assim acoimava "A Imprensa".[9]

E ninguém na Paraíba projetasse o elemento religioso como suprema força orientadora da sociedade, porque "O Comércio" o combatia sistematicamente, uma vez que para os seus redatores religião e Igreja Católica eram na prática uma e a mesma cousa.

Daí a crítica e a refutação ao jovem D. Castro Pinto, porque este, num rodapé de "A União", escrevera o artigo "O ensino deve ser religioso".[10] Respondendo-lhe o editorial de ataques, fez "A Imprensa"

novembro em gozo de férias.[20]

"Em março desse ano (1901), segundo o Cônego F. Severiano, publicou D. Adauto um edito anunciando à sua diocese a promulgação do Concílio Plenário Americano, feita pela S. S. Padre Leão XIII.

Nesse edito ordena S. Excia. Revma. aos seus vigários que tenham e conservem no arquivo paroquial um exemplar do Concílio Plenário; aos demais sacerdotes que se dediquem com empenho e constância ao estudo do mesmo Concílio; aos professores do Seminário Maior que encareçam aos alunos a importância desse estudo, pedindo, sempre que a matéria o exigir ou permitir, a citação do mesmo Concílio, a fim de que todos os aspirantes ao sacerdócio se familiarizem com ele.

Com data de 28 de abril publicou também S. Excia. uma substanciosa carta pastoral anunciando a extensão e prorrogação do jubileu do ano santo de 1900.

Nesse valioso documento S. Excia. Revma. fala dos inúmeros favores concedidos aos fiéis pela Igreja Católica, divina esposa de Jesus Cristo; do santo jubileu, cujas indulgências são lucradas segundo as disposições de cada um; explica com precisão aos seus diocesanos a maneira como devem lucrar, neste tempo precioso, os favores e as graças do céu; ensina, finalmente, a todos que a Santa Igreja, Mãe Carinhosa, abrindo os tesouros de sua infinita misericórdia, só pode inspirar-lhes sonhos de uma eterna felicidade".[21]

(* * *)

Durante todo o decorrer do ano de 1902, a campanha anticlerical, que tinha como porta-voz "O Comércio", chegou ao seu clímax.

A linguagem do órgão das classes conservadoras, título que ostentava em seu cabeçalho,[1] desceu mais do que nos anos anteriores quanto à forma e quanto à substância, enveredando pela mentira, pelo

embuste, numa verrina pasmosa.

Inimigos do padre Manuel Raimundo Nonato Pita, vigário de Princesa, o envolveram no assassinato do médico Dr. Ildefonso de Lacerda Leite, fato ocorrido na vila de Princesa, aos 6 de janeiro de 1902.

"O Comércio", é claro, se embandeirou e se preparou para explorar o caso à luz dos seus "princípios".

Ocupava o centro da primeira página, no número de 11 de maio, o clichê para duas colunas do Padre Pita, tendo por baixo gravada uma garrucha cruzada com um punhal gotejando sangue, garrucha e punhal envolvidos numa cadeia. Macabro simbolismo.

Por legenda, em letras bem destacadas, escrevia o seguinte: "Padre Manuel Raimundo Nonato Pita – Vigário – recolhido preso à cadeia pública da vila de Princesa, como co-réu no assassinato do Dr. Ildefonso de Lacerda Leite, ocorrido naquela vila em 6 de janeiro de 1902, assassinato que, pelas circunstâncias cruéis que o revestiram, alarmou o espírito público paraibano".

O editorial a respeito vinha sob o título "Ei-lo". A impressão era mesmo de um *Ecce Homo* pelas injúrias soezes assacadas contra a pessoa do padre Pita, que ali recebia os qualificativos de bandido, tarado, pervertido moral, hipócrita, pernicioso etc., em tópicos como este: "Maldição sobre o que, escandalizando as insígnias de uma religião respeitável (sic), fez-se o demônio de uma nobre família e o terror de uma sociedade inteira".

Rezava o romance de "O Comércio" que o padre Pita se interessara para que uma jovem de boa família local se casasse com um moço, parente dela e radicado também no meio.

Ora, preferindo os pais da donzela o Dr. Ildefonso, que clinicava então em Princesa, e sendo este livre-pensador declarado, o padre lhe movera forte campanha pelo púlpito e induzira o ex-pretendente a eliminar o rival, já em plena lua-de-mel. Acresce que, ao se verificar no meio da rua a luta entre o assassino acompanhado de um ajudante e a vítima, gritava o padre Pita da janela de sua residência: "Morra o doutor" e não "corra, doutor" conforme outra versão.(2)

O mais eram comentários ferinos sobre o cinismo, a analgesia moral do padre, procurando prestar socorros espirituais ao morto...

Cousa era de estarrecer, mas não havia quem duvidasse de que a verdade não podia estar envolvida nas roupagens suspeitas de "O Comércio".

Princesa àquele tempo ficava no fim do mundo, mas se aproximava o "retiro" do clero, o vigário veio, como de costume, tomar parte nos exercícios espirituais e tudo se esclareceu.

O moço homicida, delegado de polícia de Princesa e membro de importante família da região, pretendera de fato casar-se com a jovem em apreço, sendo barrado em suas aspirações pelo Dr. Ildefonso. Não fora, porém, este o motivo mais grave pelo qual se indispusera com o titulado a ponto de matá-lo e sim a convicção que se lhe arraigara de ter o Dr. Ildefonso propositadamente lhe envenenado um tio, em poção que ao mesmo propinara. O criminoso invectivara a vítima no momento do pugilato com tal acusação e confessara em interrogatório ter sido este o único móvel de sua vingança.

O sogro do Dr. Ildefonso responsabilizara pelo fato ao padre Pita com o qual se malquistara, por ser o padre Pita amigo do assassino, e neste caráter foi o padre Pita denunciado e pronunciado.(3)

O Governo enviou a Princesa o Chefe de Polícia para averiguar os fatos. O Chefe de Polícia, sofrendo de certo a influência dos inimigos do padre, considerou-o culpado, admitindo ser o criminoso um títere nas suas mãos. Não obstante tudo isto, deixou o Chefe de Polícia de representar ao juiz formador da culpa sobre a conveniência da prisão preventiva do padre, prisão preventiva que foi decretada pelo juiz.(4)

Terminou o incidente pelo triunfo da verdade.

A promotoria pública julgou improcedente a queixa contra o padre e o juiz o despronunciou numa sentença erudita firmada na doutrina do sábio criminalista Maltermaer sobre o uso da prova artificial nos crimes obscuros e a preferência da prova natural nos crimes claros, como era o de Princesa.

As circunstâncias que se invocavam como comprometedoras do padre só em opiniões preconcebidas podiam ter algum valor, opinava

o juiz.[5]

O advogado Abel Peixoto escalpelou o crime de Princesa, mostrando a sem-razão das acusações contra o padre e pondo tudo em seus justos limites.

"Quando se atassalhava, termina ele um dos seus artigos, quando se atassalhava a reputação do Revmo. Padre Manuel Raimundo Nonato Pita, não se tinha em vista sua humilde individualidade. Todo empenho era que as infâmias irrogadas ao inocente refletissem no clero. As exposições jornalísticas só tinham um fito – chamar a atenção para o sacerdote que mandara matar o ateu por um fanático e um ex-seminarista".[6]

Após a desponúncia, chegou às mãos de D. Adauto um manifesto do povo de Princesa encabeçado pelo deputado Marcolino Pereira Lima e pelo presidente do Conselho, João Batista da Silva, confirmando a inocência do padre e dando testemunho da sua conduta irrepreensível.[7]

Transferido padre Pita da freguesia da Princesa para a de Touros, Rio Grande do Norte, no mesmo ano e por motivos firmados na prudência do bispo diocesano, novas manifestações de apreço àquele sacerdote chegaram a D. Adauto. Abaixo-assinados pedindo a permanência do padre Pita na paróquia, com a assinatura de proeminentes representantes de todas as classes.

Não foram, porém, atendidos.[8]

"O Comércio", em sua faina costumeira de tudo deturpar, afirmou sem provas, é excusado dizer, que os abaixo-assinados vinham forjados do Seminário, para serem publicados no "Órgão Preto" – assim acoimava "A Imprensa".[9]

E ninguém na Paraíba projetasse o elemento religioso como suprema força orientadora da sociedade, porque "O Comércio" o combatia sistematicamente, uma vez que para os seus redatores religião e Igreja Católica eram na prática uma e a mesma cousa.

Daí a crítica e a refutação ao jovem D. Castro Pinto, porque este, num rodapé de "A União", escrevera o artigo "O ensino deve ser religioso".[10] Respondendo-lhe o editorial de ataques, fez "A Imprensa"

sobressair a suspenção da folha anticlerical no assunto.

"Ora, é sabido que "O Comércio", bem longe de respeitar a religião vigente na Paraíba, assumiu a inglória tarefa de travar uma guerra contínua à mesma, procurando até conspurcá-la com a lama pútrida do ridículo. Tanto é assim que o seu redator-chefe, em sua "Ligeira Resposta" ao Dr. Castro Pinto, escreveu o seguinte: "O ceticismo que lavra na sociedade não vos vem da falta da religião, mas do excesso da péssima religião com que nos querem levar à força para o céu".(11)

"O Comércio", que fazia ao Governo José Peregrino a mais ferrenha e declarada oposição, oposição que aliás maus momentos lhe trouxe, não via com bons olhos as boas relações existentes entre a Igreja e o Estado na Paraíba.

Por esse tempo saíram publicadas no "Diário de Natal" umas cartas da Paraíba, assinadas com pseudônimo, contra a administração e a política de José Peregrino(12).

O redator-chefe de "O Comércio" assegurou gratuitamente que tais correspondências eram dos padres de "A Imprensa", despeitados por causa da atitude do Governo no caso do padre Pita.

"A Imprensa", em editorial intulado "Provocando", reptou o redator-chefe de "O Comércio":

"Ou prova, como afirmou, ser algum padre, e nomeadamente algum de "A Imprensa", o autor das missivas ao "Diário de Natal" ou não passa de um mentiroso e "O Comércio" de um papelucho sujo e imundo".(13)

A paciência bem que tem os seus limites.

A linguagem do órgão diocesano ia descer um pouco, para aberturar o adversário em seu próprio terreno.

Duríssima condição.

Não podendo o responsável direto pelo "O Comércio" provar os seus assertos, feitos no calor da paixão, "A Imprensa" o identificou com todas as letras segundo prometera:

"S. Sa. é mentiroso e caluniador".

"Quer nos aparecer, escrevia o editorialista de "A Imprensa", S. Sa. extravassando-se em doestos e desaforos no momento em que

escrevia, talvez não houvesse refletido.

Somos poucos, somos pequenos, mas não tememos ser esmagados no atrito de sua aquilea presunçosa. Temos, sim, pena de ver S. Sa. aos nossos pés, esmagado ao peso de uma enorme decepção".(14)

Perfurando ainda mais, o jornalista inclemente atacava "a meia dúzia de escrevinhadores que se agrupavam em torno do escorpião ágil que infelizmente serpeja no meio de nossa sociedade".(15)

Tudo isto é muito forte e muito chocante, mas tudo isto se explica. É a história de uma indignação recalcada, de um ressentimento profundo. Os padres de "A Impresora", além de moços e humanos, viam claro ainda que aquela campanha voltaireana em sua essência e em seus métodos visava envolver o clero todo, a Igreja, a sociedade cristã – e entraram abertamente na luta, já agora com o intuito de não dar quartel ao inimigo.

Foi um grande momento.

Mas há cousa pior.

"Os padres novos da Paraíba são uns patifes dignos de serem repelidos da sociedade paraibana", verrinava "O Comércio" entrando logo pelo terreno das mais torpes acusações de ordem moral e mencionando respeitáveis nomes do clero.(16)

Ainda aí responderam os padres de "A Imprensa" em toda a altura, desmoralizando pelo ridículo os aleivosos acusadores.

Contra "O Comércio" de resto, nessa fase trágica de sua vida, se levantaram também órgãos tradicionais de opinião em Recife e Natal, como o "Jornal do Recife", "A Província", a "Era Nova" e o "Diário de Natal", condenando os seus processos de combate aberrantes da boa ética jornalística.(17)

"O Comércio" faz da nobre clava da imprensa um bosiro de esgoto de ódios para desabafos inconfessáveis, asseverava o "Diário de Natal" defendendo relevante figura do clero pelo "O Comércio" caluniada(18).

Os documentos que focalizavam esses fatos são raríssimos hoje. Dentro de algum tempo talvez nem existam mais, tão cruel e

devastadora é a traça. Perlustrando-os com o maior carinho, resumimo-los, sumariamo-los num verdadeiro arrojo de síntese, para informarmos o historiador do futuro. Está assim justificada a nossa bisbilhotice nesta passagem da obra que empreendemos. Somos nisto apenas um retratista da época, *sine ira nec ironia.*

O superficialismo dos redatores de "O Comércio" se manifestava às claras quando eles, na campanha contra o clero, pretendiam dar-lhe um caráter filosófico-científico.

Aí se divulgava perfeitamente a diferença cultural entre os contendores.

Enquanto os padres discutiam com lógica e segurança, comentando e criticando autoridades no assunto, do lado de lá o raciocínio era substituído por massudas citações, como se fossem elas a última palavra na questão ventilada, como se envolvessem elas por si mesmas a mais apodítica das argumentações.

Foi o que se deu quando "O Comércio" assestou as suas baterias contra o celibato e o voto de castidade sacerdotal firmado em F. Chavard, que os padres reduziram às suas justas proporções.[19]

Não é favor aliás ressaltar, na época que vimos estudando, o papel doutrinário de "A Imprensa" em suculentos editoriais.

O primeiro deles "Marchemos", que inicia a campanha em 1902, é magistral, como o demonstram os seguintes tópicos:

"A impiedade de muitos homens na sua imprensa ferina e desvirtuada pelos maus conceitos que emite e colúnias soezes de que se faz digno órgão de publicidade, não é capaz de remover os obstáculos que a sociedade hodierna encontra no caminho da moralidade, nem tampouco arredar de seus ombros o gravame das muitas vexações pelas quais é ela assoberbada e atrofiada.

O erro da imprensa que se vende à politicagem, ao metal faccioso das seitas, e se prende ao cargo de questiúnculas de aldeia, redunda em gravíssimo dano para a sociedade quando esta ainda não está completamente educada e cônscia dos seus deveres nos múltiplos fenômenos de sua ação."[20]

Rico de atualidade é aquele editorial que traz o título "O

Socialismo", no qual se trata da sorte do operário em face do socialismo, sem o estímulo e o apoio futuro da propriedade privada. No qual se encara o socialismo sob o aspecto de fomentador das greves, naquele tempo em que a doutrina socialista já começava a toldar os nossos céus.

"São falsos os fundamentos do socialismo, escrevia o editorialista, porquanto baseia-se ele na negação de Deus, da espiritualidade da alma humana, da existência da vida futura, na teoria materialista da evolução, na igualdade de direitos em todos os homens, etc. etc. etc.

É real a igualdade de direitos *in abstracto*. Mas *in concreto* é falsa; isto é, tendo-se em vista as condições individuais de cada homem.[21]

1902, 07 de janeiro, 8° aniversário de sagração do bispo diocesano, que foi solenemente comemorado. Houve missa com assistência pontifical e por ocasião do *Te Deum* fez a oração gratulatória o Pe. Francisco Severiano de Figueiredo. Celebrando a data, assinou D. Adauto o decreto pelo qual institui a "Obra Pia Diocesana, com o fim de providenciar os meios para a fundação e conservação dos patrimônios da Mitra, do Seminário e da Catedral, e formação da Caixa Diocesana".[22]

Na 2° quinzena de janeiro, realizou-se o retiro espiritual do clero, pregado pelo R. P. Teófilo Levignani S J, tendo comparecido 59 sacerdotes. Dentro do retiro foi fundada e teve seus estatutos aprovados pela autoridade diocesana a sociedade "União do Clero", ainda hoje existente, visando ao socorro material e espiritual dos seus sócios. A 1ª mesa da "União do Clero" foi constituída pelo Cônego Dr. Santino Coutinho, presidente; Pe. Manuel de Paiva, vice-presidente; Cônego Sabino Coelho, tesoureiro, e Pe. Francisco Severiano de Figueiredo, procurador.[23]

Concluída a pregação do retiro ao clero, permaneceu o Pe. Levignani na sede episcopal até o dia 9 de fevereiro. Pronunciou por esse tempo o sábio jesuíta uma série de conferências apologético-

doutrinárias na Catedral e na Igreja das Mercês, respectivamente, desenvolvendo temas da mais alta importância como "a credibilidade humana", "a fé sobrenatural", "o magistério da Igreja em sua instituição divina e em sua autoridade", etc.[24]

No dia 13 de fevereiro seguiu D. Adauto para Natal, a fim de promover e presidir a abertura do Colégio das Dorotéias. Foi recebido triunfalmente na capital riograndense o operoso antístite. O "Jaboatão", paquete em que viajara, penetrou embandeirado no porto ao som das bandas e ao espoucar dos foguetes, organizando-se ali mesmo o préstito que rumou para a igreja Matriz.[25]

Em princípios de março, estava já de volta o prelado, iniciando a 16ª visita pastoral, na paróquia do Conde.[26]

No dia 18 de abril, partiu para Areia, convidado para benzer e inaugurar o majestoso templo paroquial ali construído pelo Vigário Odilon Benvindo sobre os velhos alicerces da antiga Matriz. Aproveitando a ocasião, realizou logo a visita pastoral na freguesia[27].

Em 18 de maio, na igreja Catedral, promoveu ao presbiterato o diácono Inácio de Almeida; ao diaconato o subdiácono Jerônimo César; ao subdiaconato os menoristas Bianor Aranha, Francisco Coelho, João Gomes Maranhão, Lúcio Gambarra e Moisés Ferreira do Nascimento.[28]

A 2 de junho partiu para Itabaiana e Natuba em visita pastoral. Daí prosseguiria para Cabaceiras, S. João do Cariri, Batalhão, Alagoa do Monteiro, Teixeira, Piancó, Misericórdia, Princesa, Conceição, S. José de Piranhas, Cajazeiras, S. João do Rio do Peixe, Sousa, Belém, Pau dos Ferros, Martins, Patu, Mossoró e Macau.[29]

Esta visita pastoral, uma das maiores do episcopado de D. Adauto, prolongar-se-ia até fins de agosto, de modo que não assistiu ele, em 1902, à Festa das Neves, que decorreu com a ordem e a solenidade do ano anterior, começando a 5 e terminando a 15 de agosto.

Como terminasse a visita no litoral do Rio Grande do Norte, embarcou para Natal em vapor costeiro, ali chegando nos primeiros dias de setembro. De Natal seguiu para Serra da Raiz, a fim de repousar

das fadigas desse jornadeio apostólico em que percorrera cerca de 270 léguas a cavalo.

Somente a 28 de setembro estava de volta à capital.(30)

A recepção do bispo diocesano foi calorosa e solene: mundo oficial, música, girândolas, *Te Deum* com sermão de Pe. Paiva. No banquete oferecido a D. Adauto pelo clero, brindou S. Excia. o presidente José Peregrino.(31)

O mês de outubro de 1902 deu à Paraíba pela 2ª vez a honra de receber o Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde. Veio o ilustre prelado em visita a D. Adauto, hospedando-se na residência episcopal, acompanhado do seu secretário, Monsenhor Antônio Alves.(32)

Retribuindo a visita do presidente Peregrino no dia 22 de outubro, dirigiu-se D. Arcoverde com D. Adauto ao Palácio do Governo, sendo ali recebido com todas as honras, inclusive as continências de uma guarda de honra postada em frente ao Palácio.

A data de 24 de outubro, mui grata ao Arcebispo do Rio como aniversário de sua posse, foi comemorada no Seminário Diocesano com uma brilhante manifestação a S. Excia., manifestação em que discursaram, por parte dos discentes, o diácono Jerônimo César e o seminarista Leão Fernandes.

No dia 25 embarcou D. Joaquim Arcoverde para o Recife.(33)

Foi ainda em outubro de 1902 que D. Adauto criou, por provisão datada do dia 21, a paróquia de Umbuzeiro, extinguindo a sede paroquial de Natuba.(34)

Em 9 de novembro houve colação de ordens na igreja Catedral. Conferiu o bispo diocesano o sagrado presbiterato aos diáconos Bernardino Vieira, Joaquim Honório, Misael Carvalho e Moisés Ferreira; o diaconato aos subdiáconos Bianor Aranha, Francisco Coelho, João Gomes Maranhão e Leôncio Fernandes; as primeiras ordens menores aos clérigos Álvaro César, Belisário Dantas, Clarindo Lopes, Esmerino Gomes, Florentino Barbosa, Francisco Miranda, Genésio Cabral, Inácio Cavalcanti, João Batista, João Milanez, Joaquim Agra, Joaquim Andrade e Moisés dos Santos; a primeira tonsura aos

seminaristas Abelardo Carrilho, Afonso Lopes, Antônio Assis, Antônio Menezes, Antônio Ramalho, Augusto Cicó, Balbino Gomes, Elesbão Gurgel, Francisco Sampaio, João Coutinho, João de Deus, José Onofre, José Raimundo, Josino Gomes, Manuel Cristóvão, Pedro Anísio e Sinval Coutinho[35].

No dia 12, sob a presidência de D. Adauto e com a assistência do presidente do Estado, realizou-se a solene distribuição de prêmios aos alunos do Seminário e Colégio Diocesano. Alguns dias após embarcava D. Adauto para Serra da Raiz em gozo de férias. Daí se transportou, em dias de dezembro, para Natal onde ordenou, no dia 14, o seu 39° sacerdote – o jovem presbítero Jerônimo Juvenal César Falcão.[36]

Nesta ano de 1902, registra o Cônego F. Severiano, publicou o Exmo. Sr. D. Adauto um belo escrito "Disposições Diocesanas", com 15 páginas, contendo as leis promulgadas e explicadas por S. Excia. Revdma. no segundo retiro espiritual, iniciado a 15 de janeiro, na sede episcopal.

Encontram-se, entre outras, as seguintes disposições:

Determinação de uma sessão magna da diretoria da "Obra Pia Diocesana" no fim de cada retiro do clero, devendo ser apresentado nessa ocasião o relatório de todo o movimento da mesma; recomendação da prática salutar da visita ao S. S. Sacramento nas igrejas matrizes; preceito da desobriga ou visita paroquial anual nas capelas e oratórios públicos; nomeação de uma comissão de três sacerdotes,professores do curso teológico do Seminário, para velar sobre a plena execução, na diocese, das disposições do Concílio Plenário, devendo a mesma comissão indicar a S. Excia. Revdma. outros sacerdotes do interior da diocese, capazes de desempenhar essa importante missão.[37]

As conferências magistrais do Pe. Júlio Maria deram indiscutivelmente a nota de mais relevo ao ano de 1903 na capital do Estado, não sendo de estranhar, posta a fama que lhe aureolava o nome, o interesse de todos por ouvi-lo – dos gregos e dos troianos da

fé, dos fiéis, dos indiferentes e dos refratários ao ensino e orientação da Igreja.

Até "O Comércio", folha oposicionista em política e em religião vermelhamente anticlerical, não pôde fugir ao contágio. Ouvidos atentos ao verbo áureo do redentorista, notava-se entre os presentes, todas as noites, recostado a uma arcada próxima do púlpito, o Major Artur Aquiles dos Santos, redator-chefe de "O Comércio".

E no dia seguinte, por entre os mais lisongeiros encômios ao talento, à facúndia e à dialética do orador, publicava "O Comércio" resumos e apanhados tão completos da conferência, que admiração causavam ao próprio Pe. Júlio Maria, conforme ele se externara.(38)

Chegando a 30 de março, logo na noite de 2 de abril, deu início o Pe. Júlio Maria à série de suas instruções na Catedral, com a presença do que a Paraíba tinha de mais nobre no meio social de então: O bispo diocesano com o clero e o Seminário, o presidente do Estado com vários dos seus auxiliares imediatos, deputados, jornalistas, literatos, educadores, etc.

"A crise contemporânea e o nosso estado social" foi o título da 1ª conferência, que o orador desenvolveu com felicidade e aprumo, afirmando assumir a crise conteporânea no Brasil o mais grave e perigoso dos aspectos, pois, em outros países, "publicistas como Molinari, gênios como Taine, embora livre-pensador, literatos como Hugo, escreviam e proclamavam que a religião era a pedra fundamental de todo o vasto edifício social – enquanto no Brasil a religião era uma palavra, uma quimera, estrato apenas de um misticismo agradável ao espírito..."

De 2 a 26 de abril se fez ouvir o Pe. Júlio Maria na Catedral, às quintas e domingos, começando sempre às seis e meia da tarde e com um auditório cada vez maior.

Na conferência do domingo, 12 de abril, 4ª da série, submetida ao título "A Igreja e o preconceito racionalista", "fragmentou as hipóteses e demonstrações de Renan, quando brilhantemente dissertara sobre a divindade de Jesus Cristo. Deixando as fontes da Revelação, suspeitas para os incrédulos, enveredou com triunfal segurança pelos roteiros da História e da crítica, mostrando aí com admirável clareza

as razões do grande dogma".

Continuando o mesmo assunto na conferência de quinta, 16 de abril, "provou a verdade da Revelação Divina, conservada e propagada pela Igreja, com argumentos colhidos na Filosofia e na História. Refutou magistralmente os erros contra a autoridade da Igreja: o protestantismo e o racionalismo, sustentando contra o primeiro a necessidade e a realidade do magistério, contra o segundo a harmonia da fé com a razão".

A conferência de 23 de abril, "A Igreja e o preconceito teológico", foi uma das mais vastas do programa e uma das que deixaram na assistência mais funda impressão.

Quais esses preconceitos teológicos?

O preconceito da Justiça de Deus lhe superando a Misericórdia, e o preconceito da Misericórdia de Deus lhe superando a Justiça. "Não, Deus não podia ser considerado nem como um senhor de escravos despótico a mais não ser, nem como uma caricatura burlesca de rei de ópera, incompatível com as suas perfeições, com a sua grandeza. Todas as prerrogativas divinas se caracterizavam por uma indefinível harmonia". Estendeu-se ainda o Pe. Júlio Maria nessa conferência sobre a racionalidade das penas de dano (privação da vista de Deus) e sobre as penas de sentido (os suplícios). A natureza das penas de sentido não fora ainda definida pela Igreja, ressaltava, de modo que por conta da Igreja não corriam as pinturas grotescas representando os tormentos infernais. A existência do inferno era atestada pela Revelação Divina, pela Escritura, pela tradição e pelo senso comum. Desenvolveu ele *per longum et latum*, fundamentando ainda a sua argumentação cerrada na História, na Crítica Histórica, na Metafísica, na Psicologia, no Direito Natural, no Direito Criminal e na Economia da Redenção...

"O amor nasceu numa mangedoura, perorava então eloqüentemente, o amor cresceu, o amor nos ensinou, o amor sofreu, o amor martirizou-se, o amor morreu...

E o amor perdoa tudo. Todas as injúrias, todos os vilipêndios, todos os sarcasmos. O amor só não perdoa não ser amado. (Aplausos estrepitosos abafaram a voz do orador).

Logo, Deus, concluía, não pode deixar de abandonar eternamente aquele que eternamente não o quer pelo pecado" (Estrugiu na Catedral uma calorosa salva de palmas).

Das outras conferências do Pe. Júlio Maria, igualmente eruditas, igualmente vibrantes e igualmente enquadradas no século cujas mazelas batiam de rijo, nos ficaram somente os títulos, por sinal bem significativos "Os incrédulos e o ateísmo doutrinário". "Os crentes e o ateísmo prático". "A falsa idéia de Deus e a noção da Providência Divina". "Jesus Cristo, sua humanidade". "Jesus Cristo, sua divindade". "Jesus Cristo e a incredulidade".

"A Igreja e o preconceito moral", enfim, encerrou a série no dia 26 de abril.[39]

É de crer que grande parte dos ouvintes do Pe. Júlio Maria na Paraíba e alhures se deixasse envolver muito e muito pelo homem que pregava, numa febre de sensação e sentimento provocadora daquelas aprovações ruidosas.

Rematada temeridade, contudo, seria assegurar a ineficiência daquela palavra de fogo, comparando-a a um simples rastilho de pólvora de efêmera cintilação nas almas.

Os mistérios do subconsciente ainda não foram desvendados e nada indica estarem próximos de sê-lo.

Dos planos divinos quase sempre só percebemos esbatidos e fugitivos traços...

A presença de Júlio Maria no púlpito da Catedral da Paraíba em 1903 deixou patente, quando nada, a vitalidade parene da Igreja de Jesus Cristo no moral, no espiritual, no intelectual.

E para a época, para a situação, para o momento não foi pequena conquista.

Lutuoso acontecimento veio lançar uma nota de tristeza nas grandes férias do Seminário de 1902 - 1903. A morte por afogamento e apoplexia cerebral do jovem clérigo Augusto Cicco, fato ocorrido em 16 de novembro de 1902, no Seminário Ferial de Serra da Raiz.[40]

A 1° de fevereiro de 1903, quando o Seminário reabriu as suas portas, respirava-se por entre aquelas paredes sombrias uma aura

de saudade do aluno tão querido pelos seus colegas e tão chorado pelos seus próprios mestres como uma das mais belas esperanças da Igreja, bem cedo fenecida.

Iniciava-se o ano, porém, debaixo de uma atmosfera de paz e de trabalho. "O Comércio" amainara na sua campanha contra o clero, preocupando-o agora a oposição que fazia sistemática e ferina ao Governo Peregrino; o bispo, como de costume, delineava os seus planos de visita pastoral às paróquias mais carecidas de evangelização e com sérios problemas de ordem social-religiosa a resolver; o clero e o povo em geral aguardavam com ansiedade a vinda do grande missionário redentorista Pe. Júlio Maria, misto de pregador, literato e cientista que em sua cruzada de regeneração e recristianização social pelos centros mais cultos do país se faria ouvir também na Paraíba a convite do bispo diocesano.

Chegando a 30 de março, logo na noite de 2 de abril deu início o Pe. Júlio Maria à série de suas instruções na Catedral, encerrando-as no dia 26 com pleníssimo êxito.(41)

Respingando aqui e ali, nas folhas diárias e nos periódicos, nas publicações paraibanas e nas antigas reminiscências de personagens da época, pudemos registrar ainda os fatos que se seguem com suas respectivas datas:

Em 31 de janeiro seguiu D. Adauto para Itabaiana a fim de benzer o novo templo, que o zelo do capelão residente, Cônego Franquilino Cabral de Vasconcelos, ali fizera construir, e que é hoje uma das mais belas matrizes da arquidiocese. Aproveitaria S. Excia. a oportunidade para fazer a visita pastoral na região, se dirigindo após, com o mesmo intento, à paróquia de Gurinhém e ao curato do Espírito Santo, então sede da freguesia de S. Miguel de Taipu. Em Espírito Santo lançou também as suas bênçãos sobre o novo templo ali erigido com as esmolas dos fiéis, angariadas por uma alma benemérita de mulher que consagrou o resto de seus velhos dias àquele nobre empreendimento: Teresa de Jesus, cognominada pelo feito Teresa do Divino.

F. Severiano, em nota ao seu livro "A Diocese da Paraíba",

publicado em 1906, considera o altar-mor da igreja do Espírito Santo o 1° da Diocese, "talhado pelo mestre Venâncio Freire de Maria com muita perícia e perfeição, obedecendo ao estilo romano-coríntio" e constituindo a obra-prima imortalizadora do seu artífice.[42]

Como resultado desta visita pastoral foi criada a freguesia de Itabaiana, por decreto de 2 de fevereiro de 1903, desmembrada da freguesia do Pilar, sendo seu primeiro vigário o Pe. Francisco Targino Pereira da Costa.[43]

Nos dias 20 de fevereiro e 2 de março, respectivamente, foram celebrados o jubileu pontifício (25 anos) e o 93° aniversário natalício do Santo Padre Leão XIII, data esta última que se festejou com a santa missa celebrada às 7 horas, na Catedral, pelo bispo diocesano, grande comunhão dos fiéis, *Te Deum* e bênção do S. S. Sacramento à noite.

A data de 2 de março de 1903 marca igualmente a inauguração do Colégio "S. Antônio", para o sexo masculino, fundado por Dom Adauto em Natal, sendo seu primeiro diretor o Pe. Alfredo Pegado de Castro Cortês, substituído aliás pouco depois pelo Pe. João Irineu Jófili.

O 4 de março, 25° aniversário da coroação de Leão XIII, foi condigna e piedosamente comemorado, mesmo na ausência do prelado, que se dirigia a Serra da Raiz em visita às paróquias vizinhas da sede – Taquara e Alhandra com as capelas praeiras de Pitimbu e Tambaú.

Em fins de março viajou para Cajazeiras o Cônego Sabino Coelho, delegado pelo Sr. Bispo para reinstalar na velha cidade do Pe. Rolim o colégio que tanto brilhara outrora com o nome aureolado do grande humanista sertanejo, nome que continuaria – símbolo de verdadeiro alevantamento espiritual - no frontispício do educandário restaurado. Acompanharam o Cônego Sabino como futuros docentes os seus irmãos Crispim, Acácio e Juvenal Coelho. Ia o Cônego Sabino com autorização para permanecer em Cajazeiras durante todo o ano de 1903, como efetivamente permaneceu, tendo reinaugurado ocolégio no dia 22 de abril desse ano.

20 de julho de 1903. Cobriu-se de luto a Diocese da Paraíba

com todo o mundo católico pelo falecimento de S. S. Padre Leão XIII. No dia 27 celebraram-se na Catedral solenes exéquias comparecendo as autoridades, os escolares, as famílias, o povo. Fez a oração fúnebre o Cônego Fernando Lopes.

Começando a 5, teve seu término a 30 de agosto a Festa das Neves de 1903. Na missa solene foram ministros os padres José Augusto de Freitas, vigário, Odilon Coutinho e Francisco Severiano.

Ocupou a tribuna para o panegírico o Cônego Fernando Lopes. Antes do sermão tocou a orquestra do Clube Sinfônico a sinfonia do Guarani. À noite, por ocasião do *Te Deum*, pregou o Pe. Alfredo Pegado, diretor espiritual do Seminário. Presidiu ao *Te Deum* o Cônego Joaquim de Almeida, reitor do Seminário, então no governo do Bispado, estando ainda ausente, em visita pastoral, o Ordinário Diocesano.

O Seminário comemorou festivamente o aniversário natalício do Sr. Bispo, em 30 de agosto, com uma missa solene em sua capela, tendo havido ainda na Catedral missa com cânticos e *Te Deum*. Trouxe "A Imprensa" do dia uma rica coletânea de artigos assinados por vultos da maior representação no clero a respeito da enferméride. Em todos eles se respirava, de mistura com uma filial veneração à pessoa do prelado, um entusiasmo incontido pela sua obra, pelo seu zelo, uma admiração profunda pelo seu espírito de pastor e pai.

D. Adauto soube alimentar em seus padres esses sentimentos até o último instante da vida. Ainda hoje, os mais velhos, que com ele viveram a 1ª hora, os médios, que com ele ainda trabalharam e os mais novos, que apenas o conheceram, recordam-lhe os predicados de egrégia virtude; as atitudes do chefe, os conselhos do mestre, as complacências do amigo que tudo isto sabia ele ser com real maestria, filha dos seus dotes naturais aprimorados na escola da graça.

Era uma personalidade por demais rija, às vezes, sobretudo quando a indignação fazia ferver-lhe o sangue, que tinha à flor da pele. Mas a retidão de seu caráter e de suas intenções era tão visível através de todos aqueles arrojos, que ninguém se enganava.

A misericórdia do arcebispo nunca se deixou dominar pela justiça.

Diante disto, não é de admirar, por um lado, o respeito às suas determinações, mantendo a diocese em perfeita disciplina, e por outro o gosto da obediência sob as ordens de um tal antístite. Por um lado o temor de desagradar-lhe e por outro a confiança de abrir-lhe o coração a qualquer falha perpetrada no "Promitto" para as benesses do perdão.

Regressou D. Adauto de Serra da Raiz, onde se achava repousando do jornadeio pastoral, em 17 de setembro. Grande massa popular acompanhou-o com o clero, da estação à Catedral, aonde chegou por volta de dez e meia, sendo recebido com música e girândolas, entrando no templo ao som do "*Ecce Sacerdos Magnus*", por entre alas de crianças que lhe atiravam flores.

No palecete episcopal esperava-o a Banda do Seminário sob a regência do maestro Camilo Ribeiro. Seguiu-se a recepção ao presidente do Estado e demais autoridades, e logo após, o jantar, no remate do qual foi o bispo diocesano saudado pelo presidente José Peregrino, que disse cumprimentá-lo no momento como a um dos seus maiores amigos; pelo Chefe de Polícia, Dr. Simeão Leal, que falou na qualidade de paraibano e areiense; pelo desembargador Bôto de Menezes, num eloquentíssimo improviso; pelo padre Pegado, em nome do clero; pelos professores Teodoro de Sousa e Brasilino Vanderlei, representantes da "Mocidade Católica" e da família paraibana.

Agradeceu D. Adauto a todos, com expressões de vero carinho, terminando com o brinde de honra à pessoa de Pio X, recentemente eleito e coroado Chefe Supremo da Igreja Universal.

Prosseguiram no dia seguinte as homenagens.

Às seis e meia celebrou S. Excia. a santa missa na Capela do Seminário, distribuindo a comunhão a todos os alunos.

Às 8 horas realizou-se a manifestação do Seminário e do Colégio Diocesano, falando em nome do Seminário os alunos João de Deus, José de Almeida, Leão Fernandes e Bianor Aranha, representando o Colégio Diocesano o aluno Severino Peregrino. Após a manifestação, foi entoado um hino de saudação ao bispo que regressava dos duros labores da evangelização - "nos sertões do norte" – letra do clérigo Balbino Gomes e música do Cônego Almeida.

Às 6 da tarde houve *Te Deum* e bênção do S. S. Sacramento na Catedral, pronunciando eloqüente oração gratulatória o Cônego Fernando Lopes.

Por um mandamento datado de 21 de setembro comunicou D. Adauto oficialmente à diocese o falecimento de Leão XIII e a ascensão de Pio X ao governo da Igreja Universal, ordenando um *Te Deum* para o dia 4 de outubro na Catedral, em regozijo pelo evento do novo pontificado; *Te Deum*, missa e outras solenidades religiosas com o mesmo fim, na mesma data, no Seminário e nas igrejas matrizes; a oração "Pro Papa" nas missas, de conformidade com as rubricas; o registro no Livro do Tombo das Paróquias das datas do falecimento de Leão XIII (20 de julho) da eleição e coroação de Pio X, respectivamente, 4 e 9 de agosto.

Foi de fato soleníssimo o *Te Deum* de 4 de outubro na Catedral. Houve exposição do S. S. Sacramento durante todo o dia. Às 6 horas da tarde, perante seleto auditório, subiu à tribuna o Cônego Dr. Santino, docente do Seminário, que dissertou sobre o texto "*Tu es Petrus*", provando a estabilidade da cátedra de S. Pedro através dos séculos. O bispo, presente, oficiou no *Te Deum*, entoado a seguir.

Em 4 de outubro conferiu D. Adauto as ordens menores ao clérigo Manuel Marcelino de Brito Filho e o subdiaconato a Frei Gregório Henzog – o 1° súdito da Diocese e o 2°, beneditino.

Ocorrendo a 22 o 3° aniversário da posse do desembargador José Peregrino, foi visitá-lo oficialmente no Palácio do Governo o prelado diocesano, sendo recebido com todas as honras, o que "O comércio" mencionou singelamente, sem manifesta acrimônia pelo menos.

O mês de novembro, como de costume, foi o mês designado para as ordenações gerais.

No dia 1° receberam das mãos do Sr. Bispo as ordens menores o clérigo José Raimundo e o subdiaconato os menoristas Inácio Cavalcanti, Joaquim Ludgero Pereira Diniz, Matias Freire e Vital de Medeiros Pais. No dia 8 foram promovidos também ao subdiaconato os menoristas Antônio Brilhante, Belizário Dantas, João Batista Milanez,

João Clemente, Vicente Pimentel e Vital Vitaliano de Paiva; ao diaconato os subdiáconos Inácio Cavalcanti, Joaquim Ludgero Pereira Diniz e Vital de Medeiros Pais. No dia 15 ascenderam ao presbiterato os diáconos Bianor Aranha, Francisco Coelho, Inácio Cavalcanti, Joaquim Ludgero Pereira Diniz e Vital de Medeiros Pais. No dia 15 ascenderam ao presbiterato os diáconos Bianor Aranha, Francisco Coelho, Inácio Cavalcanti, João Gomes Maranhão, Joaquim Ludgero Pereira Diniz, Lúcio Gambarra, Manuel Marcelino e Vital de Medeiros Pais; ao diaconato os subdiáconos Antônio Brilhante, Belizário Dantas, João Clemente, João Milanez, Vicente Pimentel e Vital Vitaliano de Paiva; às ordens menores os clérigos Afonso Lopes, Antônio de Assis, Antônio Menezes, Antônio Ramalho, Balbino Gomes, Elesbão Gurgel, Francisco Sampaio, João Coutinho, João de Deus, José Barbalho, José Onofre, Josino Gomes, Manuel Cristóvão e Pedro Anísio; à primeira tonsura os seminaristas Abdias Leal, Amâncio Ramalho, Florentino Diniz, João Onofre, Leão Fernandes, Luiz Adolfo e Manuel Barreto.

No mesmo dia 15 encerrou o Seminário festivamente o seu período letivo.

Não voltaram os seminaristas ao Seminário Ferial de Serra da Raiz. E não voltariam mais.

Fechado em conseqüência das dificuldades financeiras que a seca de 1903 de certo agravara, não reabriria mais as toscas portas para os seus hóspedes juvenis, depois de viver com eles as alegrias de quatro grandes férias.

Como conseqüência da crise geral, "A Imprensa", o valente semanário católico, após sete anos de lutas e de reais vitórias na defesa dos seus princípios, se viu obrigada também a encerrar sua publicação[44].

Somente em 1912 reocuparia o seu posto na estacada da verdade.

As finanças do Seminário igualmente se ressentiam. E com o intuito de equilibrá-las, o seu benemérito reitor, Cônego Joaquim de Almeida, mesmo antes de encerrar o ano letivo de 1903, iniciou uma peregrinação pelo "hinterland" dos dois Estados que constituíam a

diocese, agenciando o óbulo generoso do rico e do pobre em favor da primeira obra diocesana. Por espaço de bons oito meses levou ele avante a ingente tarefa, regressando ao seu cargo em meados de 1904.

A Diocese da Paraíba viu passar o seu primeiro decênio de instalação em 1904, sob o signo impiedoso da seca que assolou os nossos sertões por todo aquele ano.

O editorial de "A União", de 19 de janeiro, noticiava o flagelo em cores carregadas: "A fome que estão passando (os sertanejos) causa horror, na expressão judiciosa do honrado cajazeirense, Coronel Vital de Souza Rolim" (45)

A crise, portanto, que começara a tomar vulto em meados de 1903, passara para o ano imediato, refletindo-se em todos os setores da vida paraibana, paralisando ou entravando, como de costume, iniciativas e atividades.

Já nos temos referido à suspensão de "A Imprensa" e à situação financeira quase desesperadora do Seminário, tributos que a diocese pagou à prolongada estiagem. Acrescente-se a isto a supressão das visitas pastorais em todo o ano de 1904, desde que as populações desnudas e famintas do interior envidavam agora todos os esforços no sentido exclusivo de garantir a própria subsistência.

Justifica-se assim, e aliás com muita honra para o espírito equilibrado e compreensivo do bispo diocesano, a ausência de comemorações festivas na data de 4 de março de 1904, em que a diocese celebraria o segundo lustro de sua inauguração e da posse de seu primeiro antístite.

Não obstante as dificuldades da época, foi o ano de 1904 fértil em realizações para a diocese.

Por decreto de 11 de janeiro criou D. Adauto a paróquia de Batalhão (Taperoá), desligando o seu território da paróquia de S. João do Cariri (46).

Foi também em janeiro de 1904 que S. Excia. mandou demolir o altar-mor de talha dourada da capela do Seminário, já mui carcomido e arruinado, ameaçando desabar a cada momento (47).

Pelas descrições que conhecemos era o altar-mor da Igreja

de S. Antônio (convento de S. Francisco) uma obra de vero relevo artístico, e confessamos francamente que o seu substituto de alvenaria é, como bem disse um dia Gilberto Freyre, "um borrão de argila" destoando abusivamente daquele maravilhoso conjunto. Podem decorá-lo de mil maneiras, podem dar-lhe as nuances mais delicadas, podem ampliá-lo ou mutilá-lo quanto quiserem, nunca deixará ele de ser uma nota bárbara no meio da fina elegância daquelas cornijas e molduras talhadas a capricho, daquelas colunetas, fustes e capitéis adornados de pampanos, daqueles anjos e daquelas cariátides riquíssimas de vida e expressão – que tudo isto admiramos ainda no púlpito, nos altares laterais e na Capela da Ordem Terceira, dependência da igreja (48).

Mas daí a fazer coro com os acusadores de D. Adauto por motivo daquela demolição vai muito.

O gosto e a defesa dos monumentos artísticos do passado é coisa nova no Brasil, porque o seu passado é também relativamente recente.

O espírito prático do bispo diocesano vira somente o perigo que representava talvez para vidas humanas preciosas o desmoronamento daquele madeirame carunchoso e desconjuntado.

A diocese não podia arcar com a despesa enorme de restaurar aquilo que o tempo havia gasto, denegrido ou deturpado.

Crime maior, de resto, teriam cometido os arrazadores do histórico morro do Castelo, na capital federal; os destruidores da velha Sé da Bahia e do igualmente vetusto Arco da Conceição, no Recife; as centenas de iconoclastas que ainda hoje, instituído o "Patrimônio Histórico Nacional", sacrificam a um modernismo de fancaria jóias raríssimas de nossa pintura, de nossa escultura, de nossa arquitetura quinhentista, seiscentista e setecentista.

"O Comércio", das velhas pugnas contra o clero, e a situação política dominante, já se preparavam a esse tempo para incensar o futuro sol – Álvaro Machado, que assumiria a presidência em 22 de outubro, continuando a ridicularizar com trovas epigramáticas o sol que brevemente atingiria o seu ocaso – o presidente Peregrino com

seu secretariado.

As relações entre os governos estadual e diocesano mantinham-se cordialíssimas.

No dia 28 de fevereiro o Presidente, em companhia do Chefe de Polícia, assistiu à bênção das imagens da Igreja da Conceição, vizinha ao palácio, bênção procedida por D. Adauto.

Na solenidade, que foi rematada com as indefectíveis girândolas, tocou a banda do Batalhão Policial.

Voltando de Cajazeiras aonde fora restaurar o "Colégio do Pe. Rolim", chegou a Paraíba a 13 de março o Cônego Sabino Coelho, que em relatório ao prelado expôs o resultado feliz de sua missão.

Com o Colégio Diocesano e o de N. S. das Neves, na sede principal, o Diocesano de S. Antônio e o da Imaculada Conceição, em Natal, e mais o Diocesano de Sta. Luzia, de Mossoró – todos fundados por D. Adauto – o Colégio Diocesano do Pe. Rolim reiniciava uma carreira que ainda agora prossegue brilhante no meio educacional da Paraíba. D. Adauto o colocara em sua nova fase sob o patrocínio do Sagrado Coração de Jesus [49].

Por decreto de 5 de abril, foi criada a freguesia de S. Sebastião de Flores, Rio Grande do Norte, destacada da freguesia do Acari e já possuidora de um belo templo paroquial, quase inteiramente construído pelo Padre Mestre Ibiapina em 1866 [50].

Em meados de maio foram elevados ao monsenhorato pela Santa Sé, em recompensa dos bons serviços prestados à causa da Igreja, dois sacerdotes de real distinção no clero diocesano – o Cônego Joaquim de Almeida, reitor do Seminário, e o Pe. Walfredo Leal, vigário colado de Guarabira, representando então a Paraíba na Câmara Federal. Foram os dois primeiros monsenhores da diocese.

Concluídos os trabalhos da igreja de Cabedelo, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, celebraram os habitantes daquela vila uma festa de ação de graças no dia 11 de junho, com a presença do bispo diocesano que para lá se transportara a esse fim.

De regresso de sua excursão ao interior da Paraíba e Rio Grande do Norte em busca de recursos para equilibrar as finanças do

Seminário, reassumiu-lhe a direção no dia 20 de julho o seu benemérito reitor, Monsenhor Joaquim de Almeida.

Em 27 de julho aportou a Cabedelo, de passagem para o Recife, o Núncio Apostólico, Monsenhor Júlio Tonti, Arcebispo Titular de Ancira. Vinha S. Excia. da excursão que fizera ao Norte do país e foi cumprimentado a bordo por D. Adauto, pelo secretário do Governo, Dr. Duarte Dantas, em nome do Presidente do Estado, por autoridades, representantes do clero, das classes conservadoras, dos colégios da capital, etc.

28 de julho de 1904 foi dia aziago para "O Comércio", o velho paladino do anticlericalismo, que nessa data se viu empastelado pela primeira vez com o seu companheiro de lutas e de idéias "O Combate". Estava provado que as "revanches" da política dominante contra a folha do Major Artur Aquiles não eram tão platônicas como as do clero. E coisa pior ainda viria. É certo que "A União" assegurava ser tudo aquilo uma comédia do pessoal do major para levar aos ouvidos do Governo da República, do Parlamento Nacional, a nota falsa da insegurança que a presidência Peregrino trouxera à Paraíba. Em seu depoimento, porém, ao Chefe de Polícia, o Major Artur Aquiles, claramente afirmara: "Só atribuo (o empastelamento) à polícia do Estado, único elemento que pode agir livremente no caso". Os autores da obra agiram de surpresa. Atacaram pela madrugada. Mascarados, fizeram o serviço com rapidez e sanha destruidora, não havendo, ainda bem, vítimas humanas a lamentar. Consta que entre eles, comandando a "razzia", se achava o famigerado capitão Vitorino do batalhão policial[51].

O Marechal Almeida Barreto, senador pela Paraíba, da facção contrária ao Presidente Peregrino, discursando em agosto na Câmara Alta do país, mimoseou Vitorino com o título de bandido, invocando ainda contra o Presidente Peregrino a "lei da responsabilidade", a que o próprio Presidente da República estava sujeito.

De passagem para o Maranhão esteve em visita a D. Adauto, no dia 20 de agosto (1904), o Bispo de Olinda, D. Luiz Raimundo da Silva Brito.

D. Adauto acompanhou-o depois até o "Manaus", surto no porto de Cabedelo. O Presidente do Estado mandou visitá-lo e conduzi-lo à estação no carro presidencial. Durante sua ligeira estada na Paraíba, foi ainda D. Luiz de Brito recepcionado pelo Colégio de N. S. das Neves.

Em 30 de agosto, aniversário natalício do prelado diocesano, publicava a "A União" longos e bem elaborados artigos do Monsenhor Joaquim de Almeida, do Cônego Fernando Lopes e do Pe. José Thomaz, fazendo justiça aos méritos do bispo e ressaltando brilhantes aspectos de sua gestão à frente da diocese.

1904 foi o áureo ano jubilar do dogma da Imaculada Conceição.

Iniciadas as festividades do jubileu no dia 8 de setembro, houve na Catedral missa cantada com assistência pontifical e sermão do Pe. Bianor Aranha. À tarde realizou-se a romaria, da Igreja das Mercês para a Catedral, terminando com a bênção solene do S. S. Sacramento.

Era então cura da Sé e vigário de N. S. das Neves o Pe. João Gomes Maranhão.

Em setembro teve também início, sob os auspícios de D. Adauto, uma série de conferências lítero-religiosas em homenagem ao jubileu da Imaculada, conferências pronunciadas por elementos de destaque no seio do clero e do laicato. Realizaram-se todas no Teatro Sta. Roza, de setembro a novembro, à noite, sempre muito concorridas e assistidas pelo bispo diocesano.

No dia 11 de setembro falou Dr. Manuel Tavares Cavalcanti sobre o tema "A Ciência e a Fé"; no dia 18, o Dr. Pereira Pacheco, encarando a religião em suas relações com a democracia; no dia 2 de outubro o mesmo, desenvolvendo o texto "O Catolicismo, a Moral e a Imaculada Conceição"; no dia 6 de novembro, o Cônego Fernando Lopes dissertou sobre "Jesus Cristo e o seu Reinado"; no dia 20 o Cônego Dr. Santino encerrou a série com a conferência "O Dogma e o Progresso" [(52)].

"O Comércio", já restabelecido das feridas que recebera na noite fatídica de 28 de julho, lembrou-se da sua velha ojeriza clerical,

bordando comentários às palestras lítero-religiosas do "Sta. Roza": "Conferências chorosas e melancólicas sobre assuntos esgotados admiravelmente pelos gênios de Bossuet, Chateaubriand, Anchieta e outros...

Essas chapas de Deus e ciência, religião e democracia, dogmatizava, são ridículas fraquezas de inteligências desnorteadas.

As crenças religiosas são hoje, conclui, questões secundárias diante da crise social, econômica e política do século".(53)

Se "A Imprensa" estivesse em circulação, provaria ao major que ele nada aproveitara ouvindo Júlio Maria e que a crise social, econômica e política do século era apenas uma crise moral-religiosa.

Interessante singularidade é que os protestantes presbiterianos da cidade promoveram também ao tempo conferências públicas, estudando a Imaculada Conceição à luz dos textos bíblicos e condenando, é claro, a definição dogmática.

5 de outubro. O Seminário Diocesano fez celebrar em sua capela uma missa solene de ação de graças aos S. S. Corações de Jesus e de Maria pelo insigne favor recebido durante a recente epidemia de "câmaras de sangue", a qual, atingindo embora o Seminário, a ninguém vitimou.

No dia 22, teve lugar a posse festiva do presidente Álvaro Machado, que recebeu o Governo das mãos do desembargador José Peregrino, no Palácio da Praça Comendador Felizardo. Na Catedral às 5 da tarde, houve *Te Deum* e bênção do S. S. Sacramento por motivo do feliz evento, fazendo a oração gratulatória o Cônego Dr. Santino.

A 13 de novembro presidiu D. Adauto a solene distribuição de prêmios no Seminário às 4 horas da tarde, notando-se o comparecimento do Presidente Álvaro Machado, acompanhado do 2° Vice-Presidente, Dr. Francisco Seráfico da Nóbrega. Tocou por ocasião a banda do Batalhão Policial. Vários números de canto e piano foram levados, sendo ainda distribuído ao aluno mais distinto do ano um lindo brinde – oferta da "Casa Colombo". Obteve-o por sorte o clérigo Leão Fernandes, dentre os seus colegas igualmente classificados

Pedro Anísio e Antônio Augusto.(54)

Na mesma data ordenou S. Excia. na Catedral, de presbíteros os diáconos Antônio Brilhante de Alencar, Belizário Dantas Correia de Góis, João Batista Milanez, João Clemente de Morais Barreto, Vicente Ferrer Pimentel e Vital Vitaliano de Paiva Cavalcanti; de subdiáconos os menoristas José Neves, Álvaro César, Antônio Ramalho, Clarindo Lopes, Esmerino Gomes, Francisco Sampaio, João Batista de Albuquerque, Joaquim Andrade e Manuel Cristóvão; de monores (completas) os clérigos Abdias Leal, Amâncio Ramalho, Florentino Diniz, Leão Fernandes, João Onofre e Luiz Adolfo. Receberam a primeira tonsura os seminaristas Amando Cabral, Francisco Bandeira e Odilon da Silva.(55)

No dia 17 o bispo diocesano e o Presidente do Estado assistiram à premiação do Colégio de N. S. das Neves, às 2 da tarde, sendo ambos saudados em primoroso discurso pela aluna Maria Moreira. Respondeu D. Adauto pelos dois.

A 20, celebrou a sua 1ª missa solene, na capela do Colégio de N. S. das Neves, o jovem presbítero Vicente Ferrer Pimentel. Serviu de presbítero assistente o Monsenhor Joaquim de Almeida, bispo eleito do Piauí e reitor do Seminário. Desempenharam as funções de diácono e subdiácono, respectivamente, os padres Odilon Coutinho e João Clemente. Pregou o Pe. José Thomaz.

A assistência foi numerosa e seleta: o bispo diocesano, o Presidente e o 2° Vice-Presidente do Estado, os desembargadores José Peregrino, Cândido Pinho, Caldas Brandão, os Drs. Apolônio Zenaide, Izidro Gomes e outras pessoas gradas.

Em razão do jubileu da Imaculada foi a Festa das Neves adiada para 8 de dezembro, sendo hasteada solenemente a bandeira, no dia 28 de novembro. Assistiu à cerimônia o Presidente Álvaro Machado com a exma. esposa, tomando parte no cortejo da bandeira sua filha ainda criança.

A noite dos militares, em 3 de dezembro, foi assinalada pela brilhante passeata que os mesmos realizaram, acompanhados pelas bandas do Batalhão de Segurança e da Escola de Aprendizes

Marinheiros.

O acetileno do pátio deu uma nova vida aos festejos com seus tons de avançada modernidade.

Às 11 horas do dia 8 foi celebrado o soleníssimo pontifical e à noite o *Te Deum*, presidido por D. Adauto, sendo oradores respectivos dos dois cerimoniais o Cônego Dr. Santino e o Pe. Odilon Coutinho.

Na procissão à tarde, após o pálio, seguiam o bispo diocesano e o Presidente do Estado, acompanhado do 2° Vice-Presidente.(56)

Tinha toda razão o finíssimo humorista paraibano, Cônego Dr. Leonardo Antunes Meira Henrique:

"Areia, do cimo de suas serras, das escarpas de suas grotas, monopolizava o poder público na Paraíba, pois até um dos vice-presidentes do Estado, o 1°, Dr. Antônio Simeão, era areiense."(57)

Mas o sal da pilhéria do cônego – autoridades de "Areia" para significar falta de consistência e de estabilidade nos propósitos, viveu pela originalidade do trocadilho e nunca pela realidade do conceito.

Notas

(1) "A Imprensa". Coleção de 1900.

(2) Ibidem.

(3) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estabelecimento Gráfico Torre Eifel. Paraíba do Norte, pag. 278 do 1° vol.

(4) "A Imprensa". Coleção de 1900.

(5) "O Comércio". Coleção de 1900, pertencente ao Dr. Oscar de Castro. José Leal, em sua obra "A Imprensa, na Paraíba" fala de dois jornais com esse nome: "O Comércio", que circulava em 1882, e "O Comércio" dirigido por Artur Aquiles desde 1899, "empastelado na noite de 28 de julho de 1907 em conseqüência da exaltação dos ânimos provocada pela campanha movida à situação dominante de então" ("A Imprensa na Paraíba". Imprensa Oficial. João Pessoa, 1941, pags. 24 e 28).

(6) "O Comércio". Coleção citada.

(7) "A Imprensa". Coleção citada.

(8) Referência ao Cônego Sabino Coelho, professor do Seminário da Paraíba, e ao Pe. Augusto Franklin, redator da "Era Nova", folha católica do Recife.

(9) "O Comércio". Coleção citada.

(10) "A Imprensa". Coleção de 1900.

(11) Informações diretas do hoje quase octogenário Lourenço Graça, contínuo da Câmara dos Vereadores e orador do Círculo Operário Católico de João Pessoa. Informações corroboradas por testemunhos fidedignos contemporâneos aos fatos narrados.

(12) "A Imprensa". Coleção citada.

(13) Ibidem.

(14) Ibidem.

(15) Ibidem.

(16) "A Imprensa", de 22 de julho de 1900.

(17) "A Imprensa". Coleção de 1900.

(18) Ibidem.

(19) Ibidem.

(20) Ibidem.

(21) Cônego F. Severiano. "Anuário Eclesiástico da Paraíba". Estabelecimento Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, pág. 279 do 1° volume.

(22) Ibidem, pág. 278.

(23) Ibidem, pág. 279.

(24) "A Imprensa". Coleção citada.

(25) Ibidem.

(26) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 277 e 278.

(27) Ibidem.

Notas

(1) Coleção de "O Comércio", correspondente ao ano de 1901.

(2 e 3) Ibidem.

(4) "A Imprensa", coleção de 1901, menciona os deputados

que com o Dr. Silva Mariz tomaram parte nos debates em favor de D. Adauto: Malaquias Gonçalves, Aureliano Santos e Moreira Alves. Na oposição ao projeto da precedência obrigatória do casamento civil, cita o deputado pernambuco Esmeraldino Bandeira.

(5) "O Comércio". Coleção citada.

(6) Ibidem.

(7) "A Imprensa". Coleção citada.

(8) Ibidem.

(9) "O Comércio". Coleção citada.

(10) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estabelecimento Gráfico Torre Eiffel. Paraíba do Norte, pág. 319, 1° volume.

(11) "A Imprensa". Coleção citada.

(12) "A União". Coleção de 1901, número de 3 de março.

(13) "A Imprensa". Coleção citada.

(14) "A União", coleção de 1901, número de 4 de março.

(15) "A Imprensa". Coleção citada.

(16) Ibidem.

(17) Ibidem.

(18) Ibidem.

(19) Cônego F. Severiano, obra citada.

(20) "A Imprensa".Coleção citada.

(21) Cônego F. Severiano. Obra citada.

Notas

(1) A respeito do título "O Comércio", "órgão das classes conservadoras", observava "A Imprensa" de 26 de outubro de 1902: "Já o emérito homem de letras, Dr. Irineu Jófili, de saudosa memória, revoltou-se indignado contra este disfarce e negregado embuste de "O Comércio", dizendo-lhe em suas "Cartas Sertanejas" escritas em "A União": "Quais são as classes conservadoras? Quereis ser órgão dos agricultores, dos criadores, do funcionalismo público atacando as suas crenças? Quereis ser órgão do clero, que é também uma classe conservadora? Se não é escarnecer do público, é um enorme contra-

senso".

(2) "O Comércio", número de 11 de maio de 1902. Coleção pertencente ao Dr. Oscar de Castro.

(3) "A Imprensa" . Coleção de 1902, existente na redação.

(4) Ibidem.

(5) Ibidem.

(6) Ibidem.

(7) Ibidem.

(8) Ibidem.

(9) "O Comércio". Coleção citada.

(10) "O Comércio" e "A União". Coleção de 1902.

(11) "A Imprensa". Coleção citada.

(12) Ibidem.

(13) Ibidem.

(14) Ibidem.

(15) Ibidem.

(16) "O comércio". Coleção citada.

(17) "A Imprensa". Coleção citada.

(18) "O Diário de Natal". Coleção de 1902.

(19) "O Comércio" e "A Imprensa". Coleção citada.

(20) "A Imprensa", número de 9 de fevereiro de 1902.

(21) Ibidem.

(22) Cônego Francisco Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estabelecimento Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, pág. 539 do 1° volume.

(23) Cônego Francisco Severiano, obra citada, pág. 360, e "A Imprensa". Coleção citada.

(24) "A Imprensa". Coleção citada.

(25) Ibidem.

(26) Ibidem.

(27) Ibidem.

(28) Cônego Francisco Severiano. Obra citada, pág. 361.

(29) "A Imprensa". Coleção citada.

(30) Ibidem.

(31) Ibidem.
(32) Ibidem.
(33) Ibidem.
(34) Cônego Francisco Severiano. Obra citada, pág. 357.
(35) "A Imprensa". Coleção citada.
(36) Ibidem.
(37) Cônego Francisco Severiano. Obra citada, pág 360.
(38) Informações do Monsenhor Odilon Coutinho.
(39) "A Imprensa". Coleção de 1903.
(40) Cônego F. Severiano. "A Diocese da Paraíba".
(41) "A Imprensa". Coleção de 1903.
(42) Cônego F. Severiano. "A Diocese da Paraíba".
(43) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estabelecimento Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, 1° volume, pág. 399.
(44) "A Imprensa". Coleção de 1903.
(45) "A União". Coleção de 1903.
(46) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 441.
(47) Do Livro do Tombo do Seminário.
(48) A obra do cônego Florentino Barbosa, "Monumentos Históricos da Paraíba", publicada pela "A União Editora" (Paraíba), em 1954, traz o chichê do altar-mor antigo da Igreja de S. Francisco, bem como minuciosa descrição do mesmo.
(49) "A União". Coleção de 1904.
(50) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 442.
(51) "O Comércio". Coleção de 1904.
(52) "A União". Coleção de 1904.
(53) "O Comércio". Coleção de 1904.
(54) "A União". Coleção de 1904.
(55) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 443.
(56) "A União". Coleção de 1904.
(57) O Cônego Meira, pilhericamente, comentava que na Paraíba as supremas autoridades temporal e espiritual "eram de areia".

CAPÍTULO X
O qüinqüênio 1905-1910

A visita *ad limina* de 1905. A 1ª sagração episcopal na Paraíba. Eleição e sagração de D. Santino Coutinho, Arcebispo de Belém do Pará. As conferências do Pe. Levignani, S J. A pastoral "Deus e a Pátria".

De grande relevo na vida de D. Adauto e da jovem Diocese da Paraíba foi a visita *ad limina* de 1905.

Após dez anos de duros labores na seara das almas, quis o infatigável prelado apresentar à Santa Sé, pessoalmente, um circunstanciado relatório do que realizara sob as luzes do Divino Espírito Santo e orientação geral do sucessor de S. Pedro. De lá voltaria cada vez mais estimulado para prosseguir na rota que se traçara, enriquecido com os sábios conselhos do pontífice reinante, o imortal Pio X, e de membros eminentes das Sacras Congregações.

Não é sem razão que o governo da Igreja encara com o maior interesse esse contato periódico dos bispos do mundo católico com a Sé Romana. De um lado lêem os pastores no coração do Pastor Supremo a súmula de sua vontade a respeito dos problemas expendidos, de outros chegam ao trono pontifício informações vivas e minuciosas concernentes a todas as dioceses do orbe.

Redundam aqueles entendimentos para o papa numa melhor visão de conjunto quanto à realidade católica, e para os bispos numa mais perfeita coordenação de forças, cuja resultante é esta magnífica unidade de ação que caracteriza a Igreja como sociedade organizada.

Depois de se despedir dos amados diocesanos e de se recomendar às suas orações, partiu D. Adauto do Recife a bordo do "Rio Amazonas", da "La Ligure Brasiliana", *Societá Italiana di Navegazione,* no dia 4 de março de 1905, tomando parte na 1ª peregrinação brasileira à Terra Santa, pois a visita aos Santos Lugares

lhe constituía também um dos escopos da viagem. Acompanharam-no no caráter de secretários particulares os padres José Paulino Duarte e Francisco Severiano de Figueiredo.

A 22 aportou o "Rio Amazonas" em Gênova, ponto terminal da escala. Daí se transportaram os peregrinos em outro paquete, o Jafa, ao Oriente Próximo, aonde chegaram no dia 5 de abril, para logo a 6 entrarem em Jerusalém.(1)

"Depois de ter adorado o Santo Sepulcro, registra F. Severiano, percorreu D. Adauto as localidades de Ramle, Emaús, S. João da Montanha, Belém, Hebron, Betânia, Jericó, Tiberíades, Caná, Nazaré, Caifa, Carmelo, etc., todas célebres na história do cristianismo nascente.(2)

Numa carta enderaçada ao Monsenhor Joaquim de Almeida, Governador do Bispado, e dirigida também aos sacerdotes, seus imediatos auxiliares, D. Adauto, emotivo e piedoso, lhes transmitia impressões da visita aos mais importantes santuários da Redenção:

"Às 5 ½ da tarde do mesmo dia, em procissão cantando o *Benedictus* e o *Magnificat*, fomos fazer a primeira visita ao glorioso Sepulcro do Divino Mestre. Ainda quando muito quisesse, certamente não lhes poderia dizer, meus caros amigos, o que então se passou em minha alma. Banhado sem querer em lágrimas abundantes, pedi nesse santo lugar remédio para todas as necessidades da diocese e bênçãos profusas para cada um de nós.

Logo no dia seguinte fruí a ventura, a inefável consolação de celebrar sobre o glorioso Sepulcro do nosso Salvador e Mestre, e então os sentimentos de adoração e amor, de reparação e penitência, tiveram em meu ser toda a expansão. Súplicas ardentes renovei não só por mim, mas ainda pela nossa cidade episcopal.

Anteontem a mesma cena se repetiu no Presépio de Belém, onde tudo nos fala ao coração, e ontem na Gruta do Getsêmani, onde N. S. suou sangue por nossa causa.

Já podia voltar satisfeitíssimo para a minha diocese e bem recompensado de todo e qualquer sacrifício.

Ontem foi todo o dia dedicado aos sacros lugares do Monte

das Oliveiras, um por um carinhosamente visitados.

A peregrinação portou-se edificantemente, chamando a atenção dos próprios turcos.

Fizeram-me pregar no Pretório de Pilatos".[3]

Em Tiberíades foi D. Adauto acometido de forte acesso pneumônico, conseqüência da queda brusca da temperatura, a que o seu organismo sempre se manifestou por demais sensível.

Nas proximidades, em dois bem montados consultórios, clinicavam os dois melhores médicos da cidade – um judeu e um protestante.

Perplexo na escolha, pediu o Pe. José Paulino a opinião do enfermo e este, não obstante a opressão que o martirizava, respondeu prontamente:

- "Venha o cristão".

Às preces dos peregrinos, ajudando a ciência do facultativo, aliás dedicadíssimo, e à reação orgânica do prelado, se deveu o seu restabelecimento em poucos dias.

Após a convalescença, empreendeu ele a viagem de volta pela Cidade Eterna, que alcançou a 20 de maio.[4]

Recebido sem delongas por Pio X, demorou-se uma hora com o Soberano Pontífice, que o encantou com a cordialidade e a singeleza do seu trato. Pedindo-lhe uma bênção especial para si próprio e para todos os sacerdotes da diocese, mostrou D. Adauto a S. S. a fotografia ampliada do último retiro do clero, realizado em janeiro. Pio X dignou-se escrever de próprio punho, à margem do retrato:

"Deus Omnipotens, repleat omni benedictione venerabilem fractrem nostrum episcopum et dilectos filios sacerdotes Dioceses Parahybensis fausta quaeque cunctis ad precantes. Piu P. P. X".

Deus Onipotente, abençoe ao nosso venerável irmão bispo e diletos filhos sacerdotes da Diocese da Paraíba e para todos suplicamos toda sorte de felicidades. Pio Papa X.[5]

Informou D. Adauto, sucinta e integralmente, ao Santo Padre a respeito da vida social-religiosa daquela circunscrição longínqua do seu reino. E Pio X, vivamente interessado, recomendou-lhe que na

primeira carta à Paraíba comunicasse que o papa abençoava também de todo o coração a diretoria, os professores e os alunos do Seminário Episcopal, os Colégios Diocesanos de meninos e meninas, o Apostolado da Oração, as Conferências de S. Vicente de Paulo, as Mães Cristãs e todas as associações pias construídas no Bispado.(6)

Uma segunda audiência particular, igualmente demorada, deu Pio X a D. Adauto, ouvindo nesta, atentamente, os pedidos que o antístite paraibano lhe fizera em favor da diocese e despachando-os com benigno deferimento pelos trâmites das Sagradas Congregações.(7)

"Dezoito dias que passou em Roma, escreve F. Severiano, hospedado no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano, recebeu D. Adauto as maiores provas de consideração e apreço, quer do Revmo. Pe. Reitor e alunos do estabelecimento, quer do Exmo. Sr. Dr. Bruno Chaves, Ministro do Governo do Brasil junta à Santa Sé.

Concluída a visita *ad sacra limina apostolorum* e apresentado o relatório da diocese, conforme a praxe, regressou ao Brasil o venerando prelado".(8)

Saindo de Roma em meados de junho, se dirigiu D. Adauto a Bordeaux (França) donde tomou passagem para o Recife, no dia 7 de julho. Quatorze dias depois chegava a Pernambuco e a 24 de julho já se achava no meio dos seus queridos diocesanos.(9)

Uma comissão formada pelos Drs. Lima, Bôto de Menezes, Cunha Pedrosa, Flávio Maroja, Seráfico da Nóbrega e Tavares Cavalcanti e mais pelos Coronéis João Lira, Antônio Pinho e Jacinto Cruz, foi encontrar-se com ele em Itabaiana, onde o vigário, Pe. Francisco Targino, lhe promovera calorosa manifestação.

Às cinco da tarde do dia 24, desembarcou S. Excia. na estação da Conde d'Eu, sendo festivamente recebido pelo povo, pelas famílias, pelo clero, pelo mundo oficial.

O cortejo que se formou para acompanhá-lo desenvolveu-se através das ruas 5 de Agosto, Maciel Pinheiro, Areia e Misericórdia, discursando no trajeto o Dr. Tavares Cavalcanti, que apresentou ao bispo diocesano as saudações de boas vindas em nome do povo, e uma filha do presidente Álvaro Machado, que lhe ofereceu artístico

ramalhete de flores naturais em nome da família paraibana.(10)

Às 11 horas do dia 25 de julho realizou-se em um dos salões do Paço Episcopal lauto banquete de regozijo pela volta de D. Adauto. Na mesa, em forma de U, tomaram parte 70 convivas. *Au dessert* foi D. Adauto saudado pelo Monsenhor Joaquim de Almeida, Governador do Bispado em sua ausência, representando a Diocese; pelo dêsembargador Bôto de Menezes num discurso rico de conceitos filosófico-religiosos, em nome da sociedade; pelo Dr. Cunha Pedrosa, redator-chefe de "A União", porta-voz da imprensa orientadora do povo com as luzes e princípios emanados da fé; pelo Cônego Dr. Santino Coutinho, que interpretou os sentimentos filiais do clero.

O Dr. Seráfico da Nóbrega, 2° Vice-Presidente do Estado, ergueu um eloqüente brinde ao Presidente Álvaro Machado em nome da Comissão Central promotora daquelas homenagens ao prelado diocesano, confessando que a religião, súmula das mais nobres aspirações humanas, inspirava e dirigia os atos do governo do Estado. Com muita elevação, respondeu o Presidente Álvaro Machado externando as convicções de sua fé, agradecendo e como supremo magistrado do Estado apresentando ao Sr. Bispo as saudações da Paraíba.

D. Adauto, bastante emocionado, agradeceu em incisiva alocução homenagens tão sinceras, ofereceu mais uma vez aos amados diocesanos, ali mui bem representados, o seu coração de pai, de irmão e de amigo, e levantou o brinde de honra a Pio X, chefe supremo da Igreja Universal.

Tocou durante a solenidade a banda do Batalhão de Segurança.

Às 5 da tarde teve lugar na Catedral solenissimo *Te Deum.* D. Adauto penetrou no templo ao som do *Ecce Sacerdos,* do maestro Abdon Milanez, regido por Elias Pompílio e ensaiado que fora sob as vistas do autor. Cândida de Sá Andrade cantou com muita alma a "Ave-Maria", de Abdon Milanez. No *Salutaris* e no *Tantum Ergo* se salientaram as vozes de Jacinta Neves, Áurea, Maria e Urânia Correia de Sá, Maria Juventina Coelho, Angelina Baltar, Iracema Feijó, Olívia de Sá Pereira e Ambrosina Bandeira de Melo. Na orquestra estiveram

à altura do momento Camilo Ribeiro e Nicodemus Neves.

A oração gratulatória foi pronunciada pelo vigário, Cônego Fernando Lopes, e no final de tudo transmitiu D. Adauto a bênção especial de Pio X.

Após o *Te Deum* foi S. Excia. levado pelo povo até o Paço Episcopal, ladeando-o o Presidente Álvaro Machado e o Dr. Abdon Milanez.(11)

Afora o acontecimento marcante do ano (1905), a visita *ad limina*, vários outros demonstraram na diocese a intensidade da vida, o prestígio e a influência sempre crescente da religião em todos os setores sociais.

O aniversário de sagração do bispo diocesano, 7 de janeiro, transcorreu por entre as provas de real carinho do clero e dos católicos em geral à sua pessoa.(12)

Terminou a 20 de janeiro o retiro espiritual do clero, 3° na ordem cronológica, pregado pelo Pe. Caetano Benevente, da Companhia de Jesus.

"Aos exercícios espirituais, testemunha F. Severiano, assistiram 77 sacerdotes e também o Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Nessa ocasião, continua, promulgou D. Adauto os Estatutos Diocesanos em que diz ter visitado pessoalmente todas as paróquias da diocese e conhecer perfeitamente as necessidades mais palpitantes de sua Igreja. Recomenda ao seu clero muita piedade e zelo nos exercícios de seu sagrado ministério e cria no Seminário uma cadeira de Teologia Pastoral, compreendendo a explicação dos decretos do Concílio Plenário Latino-Americano e toda a parte prática dos estudos dos três anos do curso teológico.

Acompanhava os estatutos uma mui bem organizada tabela sobre os emolumentos da diocese com um apêndice concernente à Cúria Episcopal. Mui sábias medidas e delibarações, termina Severiano, foram então tomadas por S. Excia. Revma. que tudo empregava pelo desenvolvimento moral e religioso do abençoado rebanho que lhe fora confiado".(13)

Em 26 de janeiro fez D. Adauto a nomeação do seu primeiro vigário-geral, recaindo a escolha na pessoa do Monsenhor Joaquim de Almeida, que recebeu a respectiva provisão.(14)

A 1° de fevereiro, numa das dependências do Convento do Carmo, desde muito abandonado, na sede episcopal, fundou D. Adauto o Colégio "S. José", para meninos pobres.

O Colégio, sob regime de externato, era dirigido por sacerdotes seculares nomeados pela autoridade diocesana, ministrando gratuitamente com os conhecimentos fundamentais da doutrina cristã o ensino do curso primário e noções elementares de artes e agronomia.(15)

Aproveitando mais tarde sua estada em Roma por ocasião da visita *ad limina,* obteve D. Adauto a concessão da Igreja e do Convento do Carmo com todos os seus pertences e dependências à diocese, para fins de culto e educação. Foi ela feita pelo M. R. Pe. Geral dos Carmelitas, ratificada e confirmada pelo Soberano Pontífice, conforme despacho da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, datado de 6 de junho de 1905.(16)

No dia 5 de fevereiro conferiu o prelado diocesano, na Igreja Catedral, a ordem de presbítero aos diáconos José Raimundo e Moisés Ferreira dos Santos e no dia 22 tomou passagem para Recife na estação da linha férrea Conde d'Eu com destino à Cidade Eterna. Ao bota-fora de S. Excia. compareceu crescido número de pessoas com o clero e o Seminário. Assistiram a ele o Vice-Presidente Seráfico da Nóbrega, em exercício, e o Secretário do Governo, Dr. Duarte Dantas. A banda dos Aprendizes Marinheiros abrilhantou o ato.(17)

Não passou despercebido o 4 de março, 11° aniversário da posse de D. Adauto. Missas e orações subiram ao céu implorando luzes para o prelado amigo e o vigário, Cônego Fernando Lopes, em luminoso artigo publicado em "A União", focalizou vivíssimos traços da personalidade do pastor.(18)

A Semana Santa foi realizada com as cerimônias e as solenidades possíveis na ausência do bispo diocesano, sendo digno de maior destaque o mês mariano, que por toda a parte, em 1905, decorreu muito festejado.(19)

"A União" dos meses de maio e junho trazia sempre em seu noticiário informações precisas sobre a peregrinação de D. Adauto, trechos de cartas suas, resenha dos lugares visitados, etc.

Reassumindo o governo diocesano logo ao chegar em julho, já em 5 de agosto instalava D. Adauto o Cabido da Diocese.

"Devidamente facultado pela Sagrada Congragação do Concílio, escreve o Cônego F. Severiano em escrito de 12 de junho, o Exmo. Sr. D. Adauto erigiu, a 5 de agosto, o Cabido da Santa Igreja Catedral de N. S. das Neves, constando o mesmo de dez cônegos, sendo duas dignidades – Deão e Arcediago; quatro cônegos presbíteros, um teólogo e um penitenciário; dois cônegos diáconos e dois subdiáconos.

Por decreto de 8 do mesmo mês nomeou para exercer as funções de Deão ao Cônego Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, de Arcediago ao Cônego Manuel Antônio de Paiva, de Presbítero Teólogo ao Cônego José Thomaz Gomes da Silva, de Presbítero Penitenciário aos Cônegos Odilon da Silva Coutinho e Moisés Coelho, e de Subdiácono ao Cônego Vicente Ferrer Pimentel .(20)

A Festa das Neves de 1905 foi prejudicada pelas chuvas e pela crise então reinante. No dia 5 pontificou D. Adauto, sendo oradores da missa o Cônego Manuel Paiva, e após a procissão, o Cônego Dr. Santino.(21)

Eleito Bispo de Piauí, seguiu para o Rio a 17 de agosto o Monsenhor Joaquim de Almeida, a fim de se preparar para a sagração, tendo passado desde fevereiro a reitoria do Seminário ao novo reitor nomeado pelo bispo diocesano, o Cônego Manuel Paiva. Acompanhou-o o Pe. Alfredo Pegado. Só em fins de outubro estaria de volta o Monsenhor Almeida.(22)

"Com data de 30 de agosto, escreve o Cônego F. Severiano, publicou o Exmo. Sr. D. Adauto uma luminosa carta pastoral "Dos Males da Ignorância Religiosa", apresentando aos seus diocesanos a encíclica "*Acerbo nimis*" do magnânimo Vigário de Jesus Cristo.

Após a tradução da encíclica S. Excia. faz ver aos seus diocesanos que os males da época têm a sua origem e fonte,

principalmente, no indiferentismo religioso – emanação perfeita da ignorância das cousas de Deus; mostrando-lhes, com muita clareza, que, sem a instrução religiosa, as famílias mais cedo ou mais tarde hão de ser perturbadas pela discórdia e libertinagem: "os esposos sem fidelidade, os filhos sem obediência, os servos sem sujeição".

Chama a atenção de todos, lembrando aos pais e mães de famílias, patrões e outros superiores que, para a salvação da sociedade agitada por um dilúvio de males, não bastava que o bispo, os vigários e os sacerdotes, em geral, cumprissem o seu grave dever de ensinar: era de absoluta gravidade que todos os fiéis observassem a rigorosa obrigação de assistir às instruções religiosas e de fazer que seus filhos e dependentes sigam nisto o seu exemplo; finalmente, recomenda, ou melhor, ordena a cada vigário e cura d'almas de sua diocese rigorosa e íntegra execução das Prescrições Apostólicas da perfulgente encíclica do S. S. Padre Pio X".(23)

Mui solene foi a 1ª comunhão deste ano na Igreja Catedral, realizada em 17 de setembro. Presidiu-a o bispo diocesano, que falou às crianças em eloqüente fervorino. Presidiu ainda a cerimônia da renovação das promessas do batismo por parte dos neocomungantes, após a qual pregou o vigário, Cônego Fernando Lopes.(24)

No dia 7 de outubro iniciava "A União" a publicação da última pastoral mencionada "Dos Males da Ignorância Religiosa".(25)

Aceitando a moção da Assembléia Legislativa, que lhe pedia candidatar-se ao Senado para lá defender os interesses vitais do Estado, renunciou o Presidente Álvaro Machado ao Governo, em 28 de outubro, assumindo-o, na mesma data, o Monsenhor Walfredo Leal, na qualidade de 1° Vice-Presidente anteriormente eleito com a renúncia do 1° Vice-Presidente Dr. Antônio Simeão.

A posse do novo Presidente foi solenizada com um *Te Deum* na Catedral, pronunciando a oração gratulatória o vigário Cônego Fernando Lopes. Recebeu ainda o Monsenhor Walfredo por motivo do grato acontecimento uma grande manifestação de apreço que ostentava numerosa representação de todas as classes do Estado.(26)

Em 12 de novembro, na Igreja Catedral, conferiu D. Adauto o

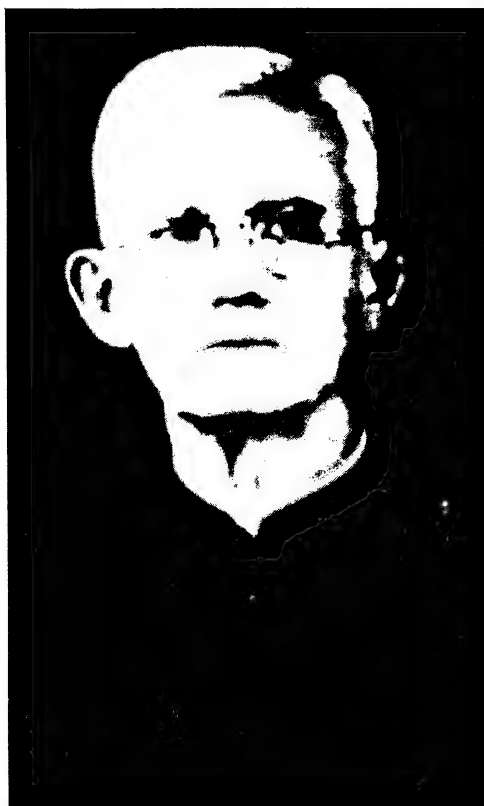
sacro presbiterato aos diáconos Antônio Francisco Ramalho, Esmerino Gomes da Silva, Francisco Hermenegildo de Lucena Sampaio, Álvaro César, João Batista de Albuquerque, Joaquim Gomes da Cunha Andrade, José Neves de Sá, Florentino Barbosa, Manuel Cristóvão Ribeiro Ventura e Clarindo Lopes Ribeiro. O diácono Matias Freire recebera o presbiterato das mãos do Bispo de Olinda, D. Luiz de Brito, na Capela do Palácio da Soledade – 1° de março de 1905. Não pudera ordenar-se em fevereiro por falta da idade canônica.[27]

Com data de 15 dezembro, o eminentíssimo Cardeal Vicente, Bispo de Preneste e Prefeito da Sagrada Congregação do Concílio, respondeu ao relatório que D.Adauto apresentara àquela Congregação, quando de sua visita *ad limina*.

Demonstrando perfeito conhecimento da matéria do relatório e madura reflexão a respeito dos problemas diocesanos nele ventilados, a Congregação faz inteira justiça ao zelo e à capacidade do prelado paraibano, segundo se colige do seguinte trecho:

"*Multa amplitude tua peregit concrediti sibi gregis emolumento ex quo Parahybensis Ecclesiae Regimen suscepit Haec Emi. Patres Tridentini iuris Interpretes et Vindices excepientes ex litteris a Te nuperrime datis pro 32 decennio commendatam voluere meritis laudibus pastoralem solicitudinem tuam, quae pro Dei gloria animarumque salute labores pertulit haud interruptos*".

Em vernáculo: "Muito já tendes feito pelo governo da Igreja Paraibana, em benefício do rebanho que vos foi confiado. Os Eminentíssimos Padres Intérpretes e Defensores do Direito Tridentino cientes disto pelo relatório que há pouco enviastes pelo 32 decênio, quiseram que de merecidos louvores fosse recomendada a vossa pastoral solicitude, empreendedora de não interrompidos trabalhos pela glória de Deus e salvação das almas.[28]

A primitiva diocese da Paraíba e posteriormente a arquidiosece sempre foram consideradas, não só como sementeira de sacerdotes plenos do espírito evangelístico, mas também como verdadeiro seminário de bispos apostólicos, capazes de se enfileirar entre os que mais o sejam.

Cônego Aprígio Espínola, 1º sacerdote da Diocese da Paraíba ordenado por D. Adauto, aos 28 de outubro de 1894.

É, todavia, impossível ocultar a influência do episcopado de D. Adauto na formação desses novos prelados. Influência de um episcopado que se desenrolou contínuo no espaço e no tempo por longos 40 anos; de um episcopado vivo, agitado, não poucas vezes reacionário – encabeçando movimentos de purificação cristã no próprio

âmbito nacional; de um episcopado que, pela sua ação construtora notabilíssima no plano sobrenatural-espiritual e igualmente notabilíssima no plano econômico-financeiro, impressionou forte a gregos e troianos, desconcertando os inimigos perplexos diante da obra realizada logo no primeiro qüinqüênio; de um episcopado que deu ao Brasil uma coorte de padres cultos, disciplinados e ardentes na defesa dos direitos de Deus – por isso mesmo disputados pelas outras dioceses como elementos capazes de liderar a restauração social-cristã.

D. Adauto ensinava os seus seminaristas a serem padres e ensinava os seus padres a serem bispos.

Conhecedor profundo do século, de suas inclinações, de suas fraquezas, de suas exigências, de suas necessidades, inculcava ele no sacerdote a pureza da vida: sem isto não se imporia o padre no meio da corrupção geral – não seria o sal da terra; convencia ele o sacerdote da própria dignidade: era preciso que o padre não perdesse de vista o seu caráter sagrado, para se manter firme em face das seduções humanas, pois sem essa fortaleza ninguém o consideraria um outro Cristo; impunha ele ao sacerdote a cultura eclesiástica e profana, sob pena de se tornar o padre ineficente, inoperante, e como tal desautorizado e até ridicularizado em seu ministério, não podendo assim ostentar perante os homens a auréola incomparável de luz do mundo; apontava ele ao sacerdote o amor de Deus e do próximo – idéia única a polarizar toda a sua atividade na cura das almas, porque do contrário poderia o padre merecer dignificantes títulos, menos o mais dignificante de todos eles – o título de homem de Deus.

Muitas vezes, analisando a obra e as atitudes dos bispos paraibanos, se nos deparam aqui e ali com os traços inapagáveis do seu grande mestre...

O primeiro bispo saído do clero paraibano foi D. Joaquim Antônio de Almeida (1868-1947), primeiro Bispo do Piauí (1906-1911), primeiro Bispo de Natal (1911-1915), Bispo titular de Lari (1915-1947).[29] A sua sagração episcopal, primeira realizada na Catedral da Paraíba, foi ministrada no dia 4 de fevereiro de 1906 pelo então Núncio Apostólico junto ao nosso Governo, D. Júlio Tonti,

Arcebispo titular de Ancira, assistido pelos Bispos da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, de Olinda, D. Luiz Raimundo da Silva Brito, e de Alagoas, D. Antônio Brandão.(30)

7 horas da manhã. A Catedral regorgitava. O povo, as autoridades, as famílias, o clero, o Seminário.

No coro, o maestro Elias Pompílio regia a grande orquestra.

A imponência das cerimônias litúrgicas processadas com todo o rigor do "Pontifical Romano"; a presença de quatro bispos reunidos, num tempo em que as sedes episcopais no Brasil eram ainda tão raras; o caráter de novidade de que se revestia o fato, pois as sagrações episcopais comumente se verificavam nas sedes metropolitanas – concorriam para aguçar o espírito curioso de nossa gente, que com respeito e emoção tomou parte em tudo, desde a missa até o cortejo realmente majestoso que acompanhou o jovem prelado ao Paço Episcopal. À uma e meia da tarde teve lugar ali o banquete oferecido por D. Adauto a D. Joaquim de Almeida e aos bispos presentes. Na mesa, em forma de T, tomaram parte, além dos prelados, o Monsenhor Walfredo Leal, então no governo do Estado, o Senador Álvaro Machado, autoridades públicas, representantes do clero e da sociedade conterrânea.

Au dessert foi D. Júlio Tonti saudado pelo bispo diocesano e pelo presidente do Estado. O senador Álvaro Machado, renovando as saudações da Paraíba ao ilustre representante da Santa Sé, brindou também ao bispo recém-consagrado. Respondendo aos brindes que lhe foram feitos falou o Núncio em italiano bastante compreensível. Externou o seu agradecimento pelas homenagens recebidas, focalizando a posição da Paraíba na vanguarda das manifestações de júbilo nacional pela elevação do Arcebispo D. Joaquim Arcoverde, Metropolita do Rio de Janeiro, ao cardinalato, pois a sua Assembléia Legislativa fora à única do país que tomara parte oficialmente naquelas manifestações. Terminou saudando o novo bispo, no que foi secundado pelos Bispos de Olinda e Alagoas. A saudação de D. Adauto a seguir, com a oferta do báculo pastoral a D. Joaquim, foi uma comovedora confissão de amizade. Logo após, o desembargador José Peregrino brindou ao clero

paraibano e por fim se ergueu o já antístite piauiense que externou a todos o seu profundo reconhecimento. Vivamente emocionado apresentou as suas despedidas a D. Adauto e ao clero paraibano e levantou o brinde de honra a Pio X. O Núncio encerrou a série dos discursos brindando à prosperidade da pátria brasileira.

À noite foi cantado na Catedral, à grande orquestra, o *Te Deum* de Abdon Milanez. Mas a nota altissonante foi o sermão gratulatório do Bispo de Olinda, 1° orador sacro do seu tempo no Norte do Brasil. D. Luiz arrebatou os seus ouvintes dissertando, eloqüente e magistramente, sobre a perenidade vitoriosa da Igreja.

"O condor afronta as tempestades livrando-se no espaço indefinido e encarando a procela".

"A curva do seu cajado facilita-lhe o apanhamento da ovelha desgarrada..."

"As cáligas lhe diriam do império da força divina; as luvas, da abundância das graças em suas mãos; a mitra, da sabedoria de Deus e da Igreja...".[31]

Que lições para o moço pontífice!

Tentando uma resenha dos demais fatos ocorridos na diocese em 1906, fatos de real importância para a sua história, tão ligada à do Estado, muitos deles podemos enumerar.

Em obediência à encíclica "*Acerbo nimis*", de 15 de abril de 1905, o decreto diocesano de 6 de janeiro de 1906 criou a Congregação da Doutrina Cristã, com sede na cidade episcopal, formada em toda a diocese por um conselho diocesano e em cada paróquia por um conselho paroquial com o fim de promover, incentivar a instrução religiosa.[32]

A 2 de fevereiro aqui chegou o Núncio Apostólico, D. Júlio Tonti, para a sagração do Bispo do Piauí.

Destinada ao Recife, a fim de acompanhá-lo à Paraíba, seguiu uma comissão constituída pelos padres José Thomaz e José Betâmio, em nome da diocese, e pelo alferes Abel Carneiro, em nome do governo do Estado.

Às cinco da tarde desembarcava S. Excia. na estação da Conde d'Eu, sendo recebido com todas as honras oficiais, inclusive as continências de estilo, prestadas por um contingente do Batalhão de Segurança. Da estação rumou o Núncio em cortejo para o Paço Episcopal onde ficou hospedado.(33)

No dia 6 todos os bispos presentes à sagração visitaram o Presidente do Estado, por volta de 11 horas, com exceção de D. Luiz de Brito, que ligeiramente indisposto, apresentara suas escusas.

Às 11,30 se realizou em um dos salões do Palácio Presidencial o almoço oferecido pelo Governo aos prelados. *Au dessert* brindou o Dr. Castro Pinto ao clero brasileiro, tendo respondido D. Júlio Tonti, que externou os seus melhores votos pela grandeza do Brasil.

À uma hora da tarde foi o embaixador da Santa Sé cumprimentado pelo funcionalismo público da capital representado pelos chefes de repartições.(34)

Às 7, regressaram às suas dioceses os Bispos de Olinda e Alagoas e no dia seguinte o Núncio, acompanhado de luzida e ilustre comitiva, se dirigiu em visita a Areia, então com os foros de berço dos estadistas paraibanos. Entre muitos, tomaram parte no passeio o bispo diocesano, D. Joaquim de Almeida, o Monsenhor Walfredo, o senador Álvaro Machado e o deputado Coelho Lisboa.

A viagem se fez a trem até Alagoa Grande. Após ligeiro descanso naquela localidade galgaram a serra 400 cavaleiros, que atingiram garbosos o espinhaço da Borborema, onde se espreguiçava a Princesa do Brejo.

Vivas retumbantes, girândolas sem fim, faixas saudatórias, entusiasmo incontido.

O coronel Graciano Cavalcanti pôs a sua residência à disposição dos altos próceres políticos.

O Cônego Odilon Benvindo, vigário, hospedou no palacete paroquial o Núncio e os senhores bispos.

Os outros visitantes se distribuíram pelas vivendas das mais importantes famílias locais.

No dia seguinte, 8 de fevereiro, ofereceu o vigário um almoço

a D. Júlio Tonti e à sua comitiva.

Como delegado do povo de sua terra, saudou por essa ocasião o senador Álvaro Machado ao nobre visitante, que, retribuindo, dirigiu eloqüente saudação a todos os areienses, "ali representados com tanta honra por D. Adauto, Monsenhor Walfredo e senador Álvaro Machado".

O Cônego Odilon Benvindo renovou os cumprimentos da paróquia de Areia ao venerando representante da Santa Sé, agradecendo ainda a todos os que concorreram para o brilho de sua recepção.

À noite a cidadezinha se ostentava profusamente iluminada.

Amanheceu radioso o dia 9. Antes do meio-dia, porém, desabou forte aguaceiro. Areia queria mostrar-se aos olhos europeus do diplomata pontifício em todos os seus aspectos. Na garridice alegre dos dias ensolarados, como na austeridade nevoenta dos dias de inverno...

Passada a nuvem, restituiu-lhe o sol as cores e os tons de Petrópolis paraibana.

10 de fevereiro. Um sábado. Areia vibrava emotiva na romaria de visitantes à casa do pároco, na missa do Sr. Núncio com a Matriz repleta de fiéis, na bênção apostólica que S. Excia. transmitira ao povo.

D. Júlio Tonti com todos os seus companheiros de jornada esteve nos principais pontos da cidade, maravilhando-se diante do paronama único que às suas vistas se desenrolava: serras e vales verdejantes sucedendo-se variados num luxo de cosmorama.

A feira o deixou encantado.

No domingo 11, além das missas celebradas pelos três prelados, houve grande passeata cívica e concerto pela banda local no pavilhão defronte da Matriz. À noite a família areiense homenageou ao presidente Walfredo, ao senador Álvaro Machado e ao deputado Coelho Lisboa com um espetáculo dramático.

O teatro da cidade teve um dos seus dias de grande gala.

Após a representação, em um trono adrede preparado, os retratos dos três ilustres e beneméritos areienses foram cobertos de

flores.

Pela manhã do dia imediato, segunda-feira, regressaram os visitantes em dois grupos, um dos quais se dirigiu à Paraíba e outro com o Sr. Núncio e os bispos rumou para o "Avarzeado", engenho da família Coutinho, donde seguiu na terça-feira para Guarabira, e após um dia de permanência ali para a capital.

A fim de preparar a sua sede paroquial para a visita do embaixador da Santa Sé, seguira logo para Guarabira o Monsenhor Walfredo.

Guarabira recepcionou ao Sr. Núncio e comitiva de maneira fidalga.

Após um percurso de quatro léguas, a cavalo, desde o "Avarzeado", alcançaram os visitantes a pequena cidade na tarde de 13 de fevereiro.

Repetiram-se as manifestações de regozijo popular que vinham recebendo em caminho, dos povoados à margem da estrada: Alagoinha, Cuité.

Às 8 da noite, houve o banquete oferecido pela família guarabirense a D. Júlio Tonti e aos bispos. Saudou ao Núncio o Dr. Pedro Bandeira, juiz de direito local, fazendo-o em nome da sociedade e da justiça, de que a Igreja sempre se mostrara grande defensora e real salvaguarda, ressaltava o orador. Na resposta o Sr. Núncio agradeceu de coração a homenagem, sobretudo ao Monsenhor Walfredo, revestido naquele instante, observava, de uma grande dignidade em face da Igreja: a de pastor no meio de suas ovelhas.

No dia seguinte, celebraram a santa missa prelados e sacerdotes, e depois do almoço, despedindo-se da multidão que se apinhava em torno, tomaram o expresso para a capital, onde desembarcaram às 5,30. Na estação se encontravam as Casas Civil e Militar da Presidência do Estado, a banda do Batalhão de Segurança e inúmeras pessoas que foram aguardar os ilustres itinerantes.

O Sr. Núncio, em companhia dos bispos e do Monsenhor Walfredo, subiu de carro até o Palácio Episcopal.

O dia 15 de fevereiro foi consagrado ao repouso e, no dia 16,

D. Júlio Tonti embarcou para o Recife, com destino ao Rio, por entre sinceras manifestações de apreço dos amigos que aqui soubera fazer, mercê de seu trato lhano e fidalgo. Acompanharam-no até Espírito Santo D. Adauto, D. Joaquim, o Cônego Dr. Santino, o Cônego Manuel Paiva e o Pe. Simão Fileto. Até o Recife seguiram com ele o Cônego José Thomaz, representante do bispo diocesano, e o alferes Abel Monteiro, representante do governo do Estado.

Em meados de fevereiro desse ano (1906) transferiu a autoridade diocesana a direção do Colégio de N. S. das Neves, das Damas do Coração Eucarístico para as Irmãs da Sagrada Família de Ville-Franche aux Rouergues (França).[35] Ótimos serviços prestaram à frente daquele eduncandário as Damas do Coração Eucarístico, sob a orientação do espírito da verdadeira educadora, Mademoiselle Julia Sérive. O único motivo do afastamento das Damas foi e deficiência de pessoal docente, quando o Colégio mais e mais se desenvolvia.

20 de fevereiro. A bordo do "S. Salvador", do "Novo Loide", surto em Cabedelo, embarcou para o Piauí D. Joaquim de Almeida, a fim de tomar posse de sua diocese. D. Adauto, Monsenhor Walfredo e grande número de admiradores do jovem prelado lhe foram apresentar as despedidas e assistir ao bota-fora. Acompanharam-no o Cônego Fernando Lopes e o Pe. Alfredo Pegado.[36]

Por ato do Ordinário Diocesano, datado de 21 de fevereiro, foi nomeado o Conselho Diocesano da Congregação da Doutrina Cristã constante dos seguintes membros: Presidente – Cônego Manuel Paiva; Vice-presidente – Cônego Francisco Severiano de Figueiredo; 1° Secretário – Pe. Pedro Paulino Duarte da Silva; 2° Secretário – Pe. Álvaro César; Tesoureiro – Cônego Moisés Coelho; Conselheiros – Cônegos Dr. Santino Maria da Silva Coutinho, José Thomaz Gomes da Silva; Francisco de Assis e Albuquerque, Sabino Coelho e Vicente Ferrer Pimentel. O cargo de diretor-geral coube ao Cônego José Thomaz. Ao tempo, já 27 centros se achavam instalados na diocese, todos com avultadíssimo número de congregados. Como o Conselho Paroquial da freguesia de N. S. das Neves, o Conselho Diocesano da Congregação da Doutrina Cristã foi instalado no dia 11 de março. O

Conselho Paroquial teve como diretor o vigário da Catedral, Cônego Vicente Ferrer Pimentel, que fez a nomeação do presidente, do secretário e do tesoureiro, escolhidos dentre os elementos mais ativos e mais zelosos das associações pias.(37)

A 10 de março foi o Colégio Diocesano desligado do Seminário Episcopal e instalado definitivamente no edifício que servia de residência ao prelado diocesano, à Praça S. Francisco. Foram primeiros membros do seu corpo diretivo os Cônegos Francisco Severiano e Odilon Coutinho, respectivamente, diretor e ecônomo, e o Pe. César, vice-diretor.

D. Adauto passou a residir no antigo Convento do Carmo, donde fiscalizava pessoalmente as obras de adaptação que o transformaram no Palácio Episcopal.(38)

Em 28 de abril, aportou a Cabedelo, o "Alagoas", da frota do "Loide", trazendo o cadáver embalsamado de Pedro Américo, que da Itália (Florença) vinha repousar no seio da Pátria.

Membros do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e do Clube Cívico Benjamin Constant receberam os despojos do grande pintor patrício, que foi transportado para a cidade, ficando na Catedral em câmara ardente.

Às 2 da tarde visitou D. Adauto o corpo do seu conterrâneo, orando junto ao catafalco por alguns minutos. Por volta das 8 horas da manhã do dia imediato, realizaram-se na Catedral solenes exéquias em que tomou parte o Governo do Estado, presididas pelo bispo diocesano, e às 5 da tarde, com vultoso comparecimento, se verificou a inumação, no cemitério do Senhor da Boa Sentença.(39)

No dia 30 iniciou D. Adauto a visita pastoral à paróquia de N. S. das Neves. Partiu solenemente da Igreja da Ordem 3ª do Carmo sob o pálio conduzido pelos Drs. Seráfico da Nóbrega, Xavier Júnior, Tavares Cavalcanti, Eutíquio Autran, Pereira Pacheco e Coronel Jacinto Cruz, ladeado pelos Cônegos Moisés Coelho e Francisco Severiano. Tomaram parte na procissão o clero, o Seminário, as associações, as irmandades, o povo e a banda de música do Batalhão de Segurança. Pregou após a abertura da visita o Cônego José Thomaz. Durante a

visita pastoral fez o prelado diocesano a visita canônica a todas as igrejas da capital, terminando os trabalhos a 24 de maio.(40)

Em maio desse ano fundou D. Adauto o "Boletim Eclesiástico" da Diocese, em substituição a "A Imprensa", órgão católico, que suspendera em 1904 a sua publicação. Revista mensal que divulgava os atos diocesanos, o "Boletim Eclesiástico" prestou relevantes serviços à causa da Igreja na Paraíba, nas diversas fases de sua existência.(41)

Em 7 de junho chegou à Paraíba, quando de sua excursão pelo Norte do país, o presidente eleito da República, Conselheiro Afonso Pena. Foi recebido com todas as honras devidas à sua alta posição. Hospedou-se no Palácio do Governo, tendo sido visitado logo no dia 8 pelo bispo diocesano, que se fizera acompanhar dos Cônegos Dr. Santino, Manuel Paiva e José Thomaz.

Até 11 de junho, dia em que se dirigiu para Natal, prosseguindo o seu itinerário, foi o presidente eleito da República alvo das maiores homenagens na Paraíba.

Visitou as repartições públicas, recebeu banquetes, percorreu a cidade nos pitorescos bondes de burro, esteve em Cabedelo, que afirmou ser o único local adequado para o porto, conheceu "de visu" a Fiação Paraibana" de Sta. Rita e a Usina S. João. Num passeio a Tambiá, teve ocasião de saborear das nossas deliciosas pitombas, e retribuindo a visita de D. Adauto, rezou piedosamente no altar da Senhora do Carmelo.

Admirando os relevos artísticos do arco que comunicava a Igreja ao Convento do Carmo, pediu Afonso Pena a D. Adauto que nas obras de remodelação que este empreendia no Convento (hoje Palácio Episcopal) conservasse intacto o arco – no que foi atendido.

Afonso Pena em elogio público fez justiça ao então presidente do Estado, Monsenhor Walfredo, que iniciava no Governo o regime dos saldos até então desconhecido.(42)

Para não perder a "performance" do seu anticlericalismo, "O Comércio", que endeusando Álvaro Machado, já ensaiava restrições ao seu sucessor, veiculou um chorrilho de acusações caluniosas contra a moral de um dos mais respeitáveis sacerdotes da diocese, o Pe.

Emídio Cardoso, Vigário de Caicó. Foi, porém, fulminado por uma resposta enérgica, serena e documentada do Dr. Seráfico da Nóbrega, em defesa do Pe. Emídio, publicada na "A União" de 20 de junho.(43)

No dia 28 chegou de Serra da Raiz o Sr. Bispo acompanhado de sua veneranda genitora. Regressava dos trabalhos da visita pastoral às paróquias de Natal (Rio Grande do Norte) e Serra da Raiz.(44)

A bordo do "Alagoas", que zarpou de Cabedelo a 30, seguiu para o Rio o prelado diocesano, a fim de cumprimentar o Cardeal Arcoverde pela sua elevação a membro do Sacro Colégio. Acompanharam-no o Cônego José Thomaz e os padres Luiz Sales e Florentino Barbosa.

No governo da Diocese ficou o Cônego Dr. Santino, Deão do Cabido.

Dias depois de sua chegada ao Rio, foi D. Adauto homenageado pela colônia paraibana com um banquete no "Salão Pascoal".

Dentre os muitos paraibanos presentes, notavam-se o senador Álvaro Machado, o deputado Coelho Lisboa, os Drs. Castro Pinto e Maximiniano Figueiredo.

Na residência do deputado Coelho Lisboa, em Rio Comprido, lhe foi oferecido outro banquete, já nas proximidades de seu regresso à Paraíba. Achavam-se presentes, entre outros, o Cônego José Thomaz, os padres Florentino Barbosa e Luiz Sales, o deputado Coelho Lisboa e sua gentilíssima filha, senhorita Rosalina Coelho Lisboa, os Drs. Acrisio Gama, Aurélio de Figueiredo e Castro Pinto, o senador Álvaro Machado e o Coronel Zoroastro Cunha, comandante do Corpo de Bombeiros. *Au champagne*, brindou o deputado Coelho Lisboa ao seu ilustre hóspede, levantando este a taça, logo após, em homenagem à distintíssima família Coelho Lisboa.

O Dr. Castro Pinto ergueu um brinde ao senador Álvaro Machado, que agradeceu elevando por sua vez a taça em homenagem ao presidente da Paraíba, Monsenhor Walfredo.

Em seguida ao ágape, foi realizada interessante hora de arte, com números selecionados de música e literatura.(45)

Durante sua estada na Capital Federal, fez D. Adauto uma

visita de cortesia ao presidente da República, Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves. Recebido com os sacerdotes que o acompanhavam, no Palácio do Catete, manteve S. Excia., por mais de uma hora, cordial palestra com o 1° magistrado da Nação. Como bom paulista, exaltou Rodrigues Alves perante D. Adauto o progresso e as possibilidades do seu grande Estado.

Esteve ainda o Bispo da Paraíba em Juiz de Fora (Minas Gerais), na tentativa de arranjar elementos da Congregação dos Padres do Verbo Divino, para a fundação de um colégio masculino em Teixeira, o que não conseguiu.(46)

De 27 de julho a 5 de agosto, realizou-se a Festa das Neves, que nesse ano teve como nota dominante os sermões pronunciados durante o novenário, salientando-se os padres Inácio de Almeida, Odilon Coutinho, Vicente Pimentel e Alvaro César. O maestro Plácido César regeu a orquestra do coro.(47)

7 de agosto. Chega do Rio D. Adauto, que viajara até Recife no "Pernambuco", do Loide. Foi recebido, como sempre, no meio das maiores demonstrações de júbilo dos seus diocesanos, reassumindo logo o múnus episcopal.(48)

"Por ato oficial de 26 de agosto, foi o Colégio Diocesano admitido ao regime do Ginásio Nacional, sob a inspeção do Governo Federal, sendo seu ensino regulamentado pelos programas trienais do referido Ginásio, abrangendo as seguintes disciplinas: desenho, português, álgebra, latim, elementos de mecânica e astronomia, física, química, história natural, geografia – especialmente do Brasil, lógica e história – especialmente do Brasil".(49)

O aniversário natalício do Sr. Bispo (30 de agosto) foi festejado com as manifestações de costume, testemunhando-lhe o clero e a sociedade paraibana o seu grande apreço.

S. Excia. celebrou na capela episcopal, recebendo após o Seminário Diocesano, que lhe foi oferecer rico aparelho de mesa de electroplate, com taças de fino cristal.

À tarde, inaugurou o Colégio Diocesano em seu salão de honra o retrato de D. Adauto, com a assistência do Presidente do Estado e

da sua Casa Civil e Militar, de deputados, desembargadores, autoridades, funcionários. Descerrando a cortina que envolvia o retrato, falou o Pe. Álvaro César, vice-diretor do Colégio, e a seguir o Dr. Pereira Pacheco. D. Adauto discursou agradecendo. O Colégio Diocesano presenteou S. Excia. com uma elegante caneta de ouro.

Logo depois das manifestações do Colégio Diocesano, recebeu D. Adauto as homenagens do corpo discente do Colégio de N. S. das Neves, que compareceu ao Palácio do Carmo, escreve o cronista da "A União", ostentando "lindos vestidos brancos enfeitados de fitas encarnadas".(50)

"A União" de 21 de setembro trouxe a notícia da eleição do Cônego Dr. Santino Coutinho, professor do Seminário Episcopal e Deão do Cabido Diocesano, para a sede episcopal do Maranhão.

O clero paraibano ia dar o seu segundo bispo.

Numerosa representação do Liceu Paraibano, tendo à frente o diretor Dr. Seráfico da Nóbrega, e o corpo docente, distinguiu com honrosa visita, no dia 27, ao Cônego Dr. Santino, que ocupava uma das cátedras do velho educandário. Em nome dos manifestantes saudou-o o Prof. Dr. Manuel Tavares Cavalcanti.

A 30 de outubro emitiu o Cônego Dr. Santino a sua profissão de fé como bispo eleito, segundo as prescrições do Direito Canônico, perante o Ordinário Diocesano.(51)

Em 1º de novembro conferiu D. Adauto na sua capela episcopal o sagrado subdiaconato aos clérigos Joaquim Teófilo Agra da Silva, Luís Adolfo de Paula, João Coutinho e Pedro Anísio Bezerra Dantas, promovendo, dias após, o primeiro ao diaconato.

No dia 11 elevou S. Excia. ao presbiterato, na Igreja Catedral, o diácono Joaquim Teófilo Agra da Silva; ao diaconato os subdiáconos João Coutinho, Luiz Adolfo de Paula e Pedro Anísio Bezerra Dantas, ao subdiaconato os clérigos menoristas Antônio Clementino de Assis, Josino Gomes Junior e João de Deus Mindelo da Cruz; às quatro ordens menores os clérigos Eliseu Diniz, Luiz Varela e Manuel Nóbrega; à clericatura os seminaristas Antônio Augusto, Antônio Felipe, Augusto Vergílio, Firmino Cavalcanti, José Bilro, Manuel Maria de Almeida e

Albuquerque, Manuel Gadelha, Ulisses Maranhão e Vicente Rodas.[52]

Nesse mesmo dia, o Colégio Diocesano fez a sua 1ª distribuição de prêmios com solenidade, no regime de separação do Seminário, presidindo-a D. Adauto.[53]

Às 4 da tarde do dia 14, realizou também a premiação do ano letivo o Seminário, levando os alunos logo após, no palco, um drama em homenagem ao bispo diocesano.[54]

No dia 16, às 2 da tarde, encerrou festivamente os trabalhos do ano escolar o Colégio de N. S. das Neves, perante numerosa assistência, onde se destacavam o prelado diocesano e o Presidente do Estado, que de início foram saudados por uma das alunas em brilhante discurso. A D. Adauto ofereceu a oradora um lindo ramalhete de flores naturais. Em seguida foi executado pelas discentes do estabelecimento um seleto e variado programa de piano, encerrando-se a festa com a encenação de engraçadíssima comédia.[55]

Uma nota do órgão oficioso do Estado, de 27 de novembro, confirmava a eleição episcopal do Cônego Dr. Santino e a sua transferência para o sólio metropolitano de Belém do Pará.[56]

Seis auxiliares imediatos de D. Adauto galgaram durante a sua gestão o episcopado, ocupando todos eles postos no Governo da Diocese.

A organização da Igreja no Brasil atravessava ainda uma fase bem difícil, por força do laicismo que informava a constituição, e do sectarismo positivista liberal de muitos de nossos legisladores.

As dioceses exigiam dos seus chefes, com um coeficiente razoável de talento e de cultura, certa projeção na vida social e certa familiaridade com os problemas políticos em foco.

Eram qualidades humanas que no momento tinham sua importância para firmar o prestígio da Igreja, que as novas instituições políticas procuravam abalar.

Daí a preferência dos sacerdotes professores e dignitários das cúrias para o preenchimento das sedes episcopais recém-criadas.

Já hoje são múltiplos os párocos modelares, os simples curas dalma do interior chamados à plenitude do sacerdócio. Não é projeção

externa o que falta à Igreja nesta época em que todas as suas forças trabalham pela recristianização da sociedade, pela reestruturação dos valores morais, no sentido do Evangelho. O que falta a muitos cristãos é a vida interior, a vida sobrenatural, sem a qual não são eles mais que ramos secos da videira divina...

Visam os novos bispos opor uma barreira forte, não tanto à apostasia consciente dos que fogem abertamente da Igreja, como à apostasia consciente dos que, dentro dela pelo batismo, tão longe dela se acham pelo espírito.

O ano de 1907 se assinalou pela sagração do segundo bispo saído do clero paraibano – D. Santino Maria da Silva Coutinho (1868-1939) – Bispo eleito do Maranhão (1906) e, antes de sagrar-se, Arcebispo eleito do Pará (1906-1923), Arcebispo de Maceió (1923-1939), em cujo posto faleceu.

Doutor em Direito Canônico, Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, desempenhou D. Santino na sede episcopal da Paraíba as funções de Secretário do Bispado, Vigário-Geral, Cônego efetivo e Deão do Cabido Diocesano, professor do Seminário e várias vezes, na ausência de D. Adauto, Governador da Diocese.

Foi sagrado em Roma, na Capela do Pontifício Colégio Pio Latino-Americano, por Sua Eminência o Cardeal Jerônimo Maria Gotti, ex-Núncio Apostólico no Brasil, voltando logo à sua terra, a fim de se preparar para assumir o elevado múnus.

Toda a Paraíba, tendo à frente o seu prelado, se movimentou para recepcionar condignamente o recém-sagrado Arcebispo de Belém, que viajando pelo "Araguaia" em companhia do Bispo do Amazonas, D. Frederico Benício de Sousa Costa, chegou a Recife no dia 3 de maio.[57]

Uma comissão constituída dos Srs. Artur Moreira, João Américo, Caldas Brandão e Aprígio Mindelo foi recebê-lo em Itabaiana.

Às 7 horas do domingo, 5 de maio, celebrou D. Santino na Catedral e às 9 recebeu solenemente das mãos de D. Adauto o sagrado

pálio, que simboliza a participação do bispo na jurisdição papal.

Às 12 horas realizou-se em um dos salões do Palácio do Carmo, onde se hospedara o ilustre antístite, lauto banquete oferecido por D. Adauto ao novo Arcebispo da Pará e ao Bispo do Amazonas, tomando parte no mesmo o Presidente do Estado, Monsenhor Walfredo.

Ao espoucar do champagne, D. Adauto brindou a D. Santino, lembrando os trabalhos da organização da diocese, da ordenação de mais de 70 sacerdotes e da sagração de um bispo e rememorando a parte que em todos esses trabalhos tivera o Exmo. Sr. D. Santino. Enalteceu-lhe as brilhantes qualidades e afirmou sua convicção de que ele ia prestar os maiores serviços na sua Arquidiocese.

Vivamente emocionado até as lágrimas, respondeu D. Santino, mostrando a parte que cabia a D. Adauto em sua elevação ao episcopado, referindo-se às virtudes, ao reconhecido talento e ao indiscutível saber do Bispo da Paraíba, ao apreço em que merecidamente era ele tido em todo o Brasil e no estrangeiro, na capital do mundo católico.

D. Adauto saudou ainda em breve e expressivo improviso a D. Frederico Costa, Bispo do Amazonas, que agradendo saudou a D. Santino em nome da Arquidiocese de Belém, sólio augusto que fora de sumidades como o Marquês de Santa Cruz e D. Antônio de Macedo Costa, da Província Eclesiástica do Norte.

D. Santino agradeceu a saudação do seu colega exaltando-lhe os predicatos que o elevaram à plenitude do sacerdócio mal atingira a idade canônica (30 anos).

Às 18 horas teve lugar na Igreja Catedral o soleníssimo *Te Deum*, oficiado pelo vigário de Campina Grande, Monsenhor Luiz Sales, e assistido por todos os bispos presentes. Fez a oração gratulatória o Cônego José Thomaz, Secretário do Bispado.

Seguiu-se grande manifestação popular a D. Santino no Palácio do Carmo, sendo orador oficial o Dr. Bôto de Menezes, cujo discurso lhe marcou verdadeiro triunfo oratório.

Respondendo, reafirmou D. Santino o seu afeto à terra natal, a primeira a receber no Brasil a sua bênção de bispo. Mostrou-se muito

grato a todos aqueles que ali se achavam para lhe demonstrar consideração e estima e a todos aqueles que levaram a benevolência a ponto de lhe oferecer magníficos e bem significativos presentes.

Por esta ocasião entregou D. Santino os títulos pontifícios de monsenhores camareiros secretos do Santo Padre Pio X aos Cônegos José Thomaz e Manuel Paiva, bem como o título mais honroso de monsenhor prelado, doméstico de Sua Santidade, ao Monsenhor Walfredo Leal. Agradeceu este em seu nome e em nome dos seus colegas a distinção recebida, estendendo esse agradecimento de um modo todo especial ao bispo diocesano.

No dia 6 o Colégio de N. S. das Neves, de que fora D. Santino capelão, desde 1896 até a data da sua eleição episcopal, lhe promoveu brilhante manifestação em que tomaram parte os Bispos D. Adauto e D. Frederico, os Monsenhores e os Cônegos do Cabido, o mundo oficial e as 130 alunas, suas ex-dirigidas. Sob rico dossel de seda encarnada, o Arcebispo de Belém agradeceu aqueles recitativos, cânticos, diálogos e saudações, assegurando o seu real afeto ao Colégio, à Diocese da Paraíba e ao seu insigne prelado, com os quais, embora ausente, haveria de permanecer espiritualmente unido.

Nesse mesmo dia à tarde recebeu D. Santino as homenagens do clero, do Seminário e do Colégio Diocesano, saudando-o em nome do clero e do Seminário o Cônego Estevão Dantas e em nome do Colégio Diocesano o seu vice-diretor, Pe. Álvaro César. Foi levado ainda com acompanhamento a piano um hino do subdiácono João de Deus.

Agradeceu D. Santino aquelas expansões tão sinceras e tão amigas dos seus ex-colegas e dos seus ex-discípulos, ouvindo-se ainda em eloqüente improviso o Bispo D. Frederico.

Às 19,30 recebeu D. Santino significativa homenagem dos acadêmicos paraibanos, então na capital, quase todos ex-alunos de S. Excia. no Liceu Paraibano – Isaac Leão Pinto, Manuel Paiva, João Câncio, João Franca, José Regis, Diógenes Caldas, Antônio Paiva, José de Borba, Inojosa Varejão, Severino Gama, Alfredo Polari, José Varandas e Felizardo Toscano. Orou em nome da turma o acadêmico

Manuel Paiva.

No dia 7, D. Santino e D. Frederico visitaram oficialmente o Presidente do Estado, fazendo, ainda, um passeio à cidade acompanhados por altos auxiliares da administração.

A 8 seguiu o arcebispo para Guarabira demandando o engenho Avarzeado, em visita aos seus venerandos genitores. Acompanharam-no o Bispo do Amazonas, os Monsenhores Walfredo, Paiva e Sales, o Cônego Floriano de Queiroz Coutinho e muitas outras pessoas de destaque.

Guarabira recebeu festivamente ao arcebispo com a sua comitiva, para isto se esforçando o pró-pároco, Pe. Inácio de Almeida, que hospedou D. Santino.

Chegando a Guarabira às 10 horas, aí almoçaram os itinerantes às 12, rumando em seguida para o "Avarzeado".

Durante os dias de sua estada no engenho paterno, visitou D. Santino o povoado de Pilões de Dentro, terra do seu berço – 18 de maio, e regressando à Paraíba, partiu para a sua Arquidiocese em 22 de junho, entrando solenemente na sede arquiepiscopal de Belém no dia 29, festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Ao seu embarque em Cabedelo compareceram o bispo diocesano, o Presidente do Estado, o senador Álvaro Machado, o reitor do Seminário, Monsenhor Manuel Paiva, os Padres Odilon Coutinho e Vicente Pimentel, os Srs. Severino Régis, Sá Pereira, Aprígio Mindelo, Major Álvaro Monteiro, inúmeros outros amigos e admiradores.

Com D. Santino seguiram para Belém o Pe. Luiz Borges, o Diácono João Coutinho, os seminaristas Alcides Paranhos, Antônio Rodrigues e Luiz Varela.[58]

Além desses acontecimentos centralizados na pessoa de D. Santino, registramos ainda em 1907 a juramentação do mesmo como Arcebispo eleito do Pará, juramentação feita perante D. Adauto e testemunhada pelos cônegos capitulares Estevão Dantas e Francisco Severiano – 18 de janeiro.[59]

No decorrer do ano encontramos mais o seguinte:

Em 28 de janeiro chegou à capital a fim de realizar uma série de conferências contra o protestantismo e o espiritismo o famoso missionário capuchinho Frei Celestino de Pedavoli.[60] Era uma extensão do apostolado do Sr. Bispo, que, visitando freqüentemente as paróquias do interior para divulgar no seio do povo simples de sua diocese a verdade evangélica, premunindo-a de erros e preconceitos pela palavra de acatados pregadores.

Frei Celestino, que honrou desta vez, como sempre, as suas credenciais de missionário e conferencista, pregou também os exercícios espirituais para os seminaristas, exercícios que se encerram no dia 8 de fevereiro.

Em 20 de fevereiro pelo trem do horário seguiu D. Adauto para Alagoa Grande, com o fim de inaugurar a visita pastoral do ano. Foram visitadas as paróquias de Serraria, Bananeiras, Santa Rita, Alagoa Grande e Alagoa Nova, colhendo S. Excia. em todas abundantes frutos espirituais.[61]

Por decreto de 25 de fevereiro de 1907 foi elevada à categoria de curato a vila de Soledade, da freguesia de S. João do Cariri. "Ao mesmo curato, escreve o Cônego F. Severiano, foram concedidos todos os direitos de isenção da sede respectiva, todos os privilégios, honras e distinções da supradita instituição". Um traçado de limites registrado na cúria separava o novo curato da freguesia de origem e das freguesias vizinhas.[62] Nomeado primeiro cura de Soledade, o Pe. José Betâmio de Gouveia Nóbrega instalou o curato em 24 de março.[63]

Desligado do Seminário desde o ano anterior, sob a direção do Cônego F. Severiano, o Colégio Diocesano recebeu no dia 23 de março novo diretor, provisionado na pessoa do Cônego Moisés Coelho.[64]

Em 22 de março e 22 de abril, respectivamente, nomeou ainda D. Adauto o Cônego F. Severiano e o Pe. Pedro Paulino, o primeiro para diretor espiritual do Seminário e o segundo para diretor do Colégio Diocesano "Sta. Luzia", de Mossoró.[65]

Durante os meses de março e abril de 1907, recrudesceu na

capital o surto de varíola, que desde janeiro fazia inúmeras vítimas. Foi esta epidemia que, atacando sobretudo e quase sempre fatalmente a pobreza dos bairros afastados, revelou as riquezas de caridade que encerrava o coração de D. Ulrico Sontag, então prior do Mosteiro de S. Bento. D. Adauto se prontificou até a suprimir as procissões da Semana Santa, se a saúde pública julgasse conveniente a medida, no sentido de prevenir o contágio do terrível morbus.(66)

1907 foi um ano duro para a Paraíba, pois com a varíola na capital se juntaram no interior a seca e o banditismo, pedindo o governo o auxílio da Força Federal para conter a horda sangrenta de Antônio Silvino.

Em Flores do Acari, Rio Grande do Norte, foi preso e recambiado para o Estado da Paraíba, a fim de responder por crime aqui perpetrado, o bandoleiro José Moleque, chefe de um grupo que operava também nos dois Estados.(67)

Não obstante esses vexames e as conseqüências que deles resultavam para a população, os capuchinhos Frei Celestino e Frei Gaudioso pregaram missões em várias paróquias da diocese com grande concurso de gente e reconhecidas vantagens espirituais.(68)

No dia 25 de abril assistiu D. Adauto, ao lado do presidente Monsenhor Walfredo, à colação de grau das novas professoras diplomadas pela Escola Normal, e no dia 30 encerrou na Catedral o tríduo do Coração Eucarístico com a missa celebrada às 6,30 e a comunhão geral.(69)

O mês de maio todo e parte de junho foram preenchidos com as homenagens da Paraíba ao seu ilustre filho D. Santino Coutinho, por motivo de sua elevação ao episcopado.

No dia 7 de junho à noite encerrou D. Adauto na Catedral a Festa do S. S. Coração de Jesus com a bênção do S. S. Sacramento em que oficiou, pregando por essa ocasião, o Monsenhor José Thomaz.(70)

A solenidade de *Corpus Christi* caiu a 29 de junho. Na procissão realizada de 16 às 19 horas, presidiu D. Adauto a bênção do S. Sacramento em altar erguido defronte do Palácio Presidencial.

Ao recolher-se a procissão na Catedral pregou o Monsenhor Manuel Paiva.(71)

Em julho de 1907 iniciou-se na Paraíba a luta política pela sucessão presidencial, fraccionando-se as forças partidárias do Estado entre os dois nomes: Walfredo e Gama e Melo. Não obstante o valor político e intelectual do senador Gama e Melo, os fortes e luminosos artigos de polemista de raça que publicou no órgão do seu partido – "A República", a superioridade das hostes alvaristas, as hostes da situação, era indiscutível.(72)

A luta arrefeceu quando a convenção do partido que apoiava Walfredo lhe substituiu a canditatura pela do então presidente da Assembléia Legislativa, João Machado, em março de 1908, e mais tarde com a morte do senador Gama e Melo, ocorrida em 10 de abril de 1908, menos de dois meses antes das eleições.(73)

Os padres militantes na política se dividiram entre Gama e Melo e Walfredo. Os não-militantes manifestavam discretamente as suas simpatias por um ou por outro. O bispo diocesano se mantinha fora e acima dos partidos.

O dia 30 de agosto, aniversário do prelado diocesano, foi festejado com as mesmas demonstrações de carinho e de apreço dos anos anteriores. Na manifestação coletiva que lhe foi feita representou o Seminário, saudando-o o diácono Pedro Anísio; o Colégio Diocesano, o Pe. Constantino Vieira e os alunos Romualdo Rolim e Henrique Siqueira; o Colégio das Neves, um grupo de alunas figurando as letras do nome de S. Excia. A Pia União das Filhas de Maria foi representada por Angelina Baltar; a Sociedade de S. Vicente de Paulo pelo Dr. Olavo de Magalhães; a Assembléia Legislativa do Estado por quase todos os seus membros discursando, em nome dos mesmos, o deputado Pe. Inácio de Almeida; a Associação das Almas por Olivina Carneiro da Cunha.

Respondendo a todos, agradeceu D. Adauto aquela filial demonstração de respeito e afeto, e terminou fazendo a Deus os mais ardentes votos para que "a santa paz fosse o ideal de todos no trabalho e no sacrifício pelo bem da Paraíba".

No Palácio do Carmo foi oferecido pelo bispo diocesano um lauto almoço ao clero. *Au champagne,* transmitiu a S. Excia. as saudações de todos os sacerdotes presentes o Monsenhor Manuel Paiva, reitor do Seminário. Respondeu D. Adauto externando a sua íntima satisfação com tão fraternal convívio. Tomou parte também no almoço o prior do Mosteiro de S. Bento, D. Ulrico Sontag.(74)

Continuando o programa das missões paroquiais, realizou-se a santa missão na paróquia de Espírito Santo, de 25 a 29 de setembro, pregada pelos padres Severino Ramalho, Antônio Galdino, João Cruz, Simão Fileto e José João que se desincumbiram a primor do apostolado. Foi a primeira missão paroquial realizada em Espírito Santo e um monumento comemorativo se ergueu para lembrança perpétua do feito – uma cruz recordando aquela que a inundação do Rio Paraíba em 1789 depositara no mesmo lugar (defronte da Matriz) anexo ao engenho Espírito Santo donde o nome – Cruz do Espírito Santo.(75)

Transcorrendo o segundo aniversário do seu governo em 29 de outubro, recebeu o Monsenhor Walfredo inúmeras felicitações dos seus amigos, inclusive dos colegas do clero paraibano.(76)

No dia 3 de novembro conferiu D. Adauto na Igreja do Carmo o diaconato aos subdiáconos João de Deus e Leão Fernandes. No dia 10, na Catedral, promoveu ao presbiterato os diáconos João de Deus, Leão Fernandes, Luiz Adolfo e Pedro Anísio; ao subdiaconato o menorista Eliseu Duarte Diniz; às últimas menores os menoristas Antônio Augusto, Firmino Cavalcanti, João Bilro, José Tibúrcio, José Viana, José Vital, José Mendes, Manuel Gadelha, Manuel de Almeida, Ulisses Maranhão e Vicente Rodas; às primeiras menores os clérigos Artur Enéas Cavalcanti e Manuel Morais; à primeira tonsura os seminaristas Antônio Vicente, Fenelon Lira, José Frutuoso Dantas, José Trigueiro de Brito Filho, Luiz Gonzaga de Araújo, Manuel Galvão Filho, Manuel da Costa Pereira e Nestor Corbiniano de Queiroz.(77)

Em princípios de dezembro nomeou D. Adauto por um ato oficial, na capital do Rio Grande do Norte, a comissão encarregada de organizar o patrimônio do futuro bispado, com poderes de organizar por sua vez comissões locais em todos os municípios do Estado. Ficou

assim organizada a dita comissão: Dr. Olímpio Manuel dos Santos Vital, presidente; Desembargador Jerônimo Américo Raposo da Câmara, vice-presidente; Dr. Luiz Manuel Fernandes Sobrinho, 1° secretário; Coronel Pedro Soares de Araújo, 2° secretário eclesiástico; Comendador Ângelo Roselli, Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara, Dr. Eloi Castriciano de Sousa, Coronel Francisco Cascudo, Pe. José de Calazans Pinheiro e Desembargador João Dionísio Filgueiras.(78)

As conferências apologéticas do Pe. Teófilo Levignani S J, exclusivamente para homens, na Igreja de N. S. do Carmo, constituíram por excelência a nota do ano de 1908, já pelo número das mesmas (quatorze), já pelos temas ventilados, já pelo talento e pela cultura do conferencista.

Por esse modo teve também em vista o bispo diocesano comemorar o ano do jubileu sacerdotal de Pio X, o grande papa do *"instaurare omnia in Christo"*.

No dia 4 de março de 1908, 14° aniversário da instalação da diocese, iniciou-se a série com a tese geral "A doutrina da Igreja se baseia na razão", que o Pe. Levignani desenvolveu magistralmente, provando que as conquistas da ciência levavam à fé e não ao ateísmo.

A segunda, pronunciada no dia 5, girou sobre a proposição: "Admitida a existência de Deus e a Revelação Divina, não se pode deixar de admitir a verdade da Revelação Divina". Falando sobre o magistério propagador dessa Revelação, se referiu o Pe. Levignani ao surto de renovador apostolado que o mundo testemunhava no momento, com bispos integrados no seio do povo, com a catequese organizada dentro das próprias fábricas e oficinas.

Na terceira, de 6 de março, demonstrou o orador com fartos argumentos que a Igreja não era obscurantista; que a doutrina católica era imprescindível à humanidade; que o ensino do cristianismo era sumamente necessário aos homens. A grande crise da honestidade, a crise moral enfim, conseqüência da falta de instrução religiosa.

Prosseguindo a série, realizou o sábio jesuíta a 4ª conferência,

a 7 de março, submetida ao esquema "O ensino católico pela pregação da palavra de Deus: obrigação de ouvi-la; a obra do catecismo; o milagre e a sua sobrenaturalidade; as profecias", esquema que ele explanou com muita felicidade.

"O Magistério de Jesus Cristo" foi o assunto da conferência de 8 de março, 5ª da série. Focalizou o Pe. Levignani a personalidade de Jesus Cristo, Deus e Homem, Mestre Divino, Verdadeira Luz do Mundo, sem nada de comum com o "grande filósofo", o "meigo nazareno" dos que alambicadamente lhe negam a divindade.

A 6ª conferência, 9 de março, versou sobre a educação cristã das crianças e da mocidade. "Cria este menino para mim e eu te recompensarei", foi o texto escolhido pelo conferencista. "A educação é a orientação para a vida, visando o fim último", definia o orador, expendendo conceitos referentes à educação física e à educação intelectual, atacando os regalistas e febronianos, partidários da educação pelo Estado.

Assunto vastíssimo e interessantíssimo este da 6ª conferência, foi continuado na 7ª, do dia 10 de março. "Erram aqueles que dizem não caber à Igreja o trabalho da educação", assegurava com provas evidentes o Pe. Levignani. "Nesta matéria, frisava, é o Estado que é o verdadeiro usurpador".

Terminou a palestra o ilustrado jesuíta confirmando a condenação do laicismo como hostilidade disfarçada contra a religião; ressaltando o poder da Igreja quanto à fiscalização e à censura dos livros; chamando a atenção para o perigo das más leituras.

A 8ªconferência, no dia 11 de março, foi uma das mais profundas. "A graça divina e o poder da Igreja de dispensá-la".

"A presença da alma no corpo é uma imagem viva da presença da graça na alma".

"A graça é para nós um efeito de luz no caos, uma participação da natureza divina".

Nessa conferência também se estendeu o Pe. Levignani sobre o espiritismo, o ocultismo, o hipnotismo e o mesmerismo, acentuando a naturalidade dos seus fenômenos. Tratou da existência, do poder, do

conhecimento e da maneira de comunicação dos espíritos angélicos, firmado na Revelação Divina e no tomismo e mostrou porque o "per-espírito" não era mais que uma burla.

O assunto da 9ª conferência, em 12 de março, foi o casamento. Estudo longo e exaustivo. "O casamento católico; a origem divina e o caráter sagrado do casamento; o casamento na tradição dos povos; o contrato do casamento inseparável do sacramento do matrimônio; a Igreja em face da indissolubilidade do vínculo matrimonial; o papel do Estado, unicamente de atribuir efeitos civis ao matrimônio".

O Pe. Levignani se externou sobre a controvérsia histórico-político-religiosa do casamento de Napoleão, afirmando que o imperador dos franceses na realidade não se casara nem com Josefina de Bauharnais, nem com a arquiduquesa Maria Luíza d'Áustria.

Não se casara com a primeira, porque ao tempo toda e qualquer cerimônia religiosa era proibida pelas leis revolucionárias, não existindo documento algum sobre esse casamento. Não se casara com a segunda, porque o papa não declarara nulo o casamento anterior, que para o público era um fato, sendo portanto nulo o casamento com Maria Luíza.

A 10ª conferência, no dia seguinte, 13 de março, foi puramente eucarística. O orador encarou a eucaristia sob o aspecto de sacramento, sinal extremo de amor de Deus pelo homem, ao qual se dando como substancial alimento quase o divinizara.

Encarou ainda a eucaristia sob o aspecto histórico, se referindo à negação e à retratação de Berengário quanto à presença real, no século XI, aos argumentos da Escritura e da tradição veiculadas pela patrística, em favor da transubstanciação.

Essa conferência foi completada com a undécima, do dia 14, na qual se manifestou o Pe. Levignani sobre a instituição divina da eucaristia, pão dos fortes, centro litúrgico da Igreja, e sobre os mártires da eucaristia.

Relacionando o assunto com a missa e a confissão, falou ainda o conferencista do dever de assistência ao santo sacrifício da missa, da necessidade da confissão e da comunhão, do sigilo sacramental da

penintência.

Nos dias 15 e 16 realizou o Pe. Levignani a 12ª e 13ª conferências, sendo o tema escolhido "A Providência Divina". "Se Deus existe, dizia o orador na introdução, criou o mundo. Se criou o mundo, governa-o". Desenvolveu a doutrina do mal metafísico, do mal físico e do mal moral em face da Providência, mostrando como no pensamento de S. Agostinho o próprio mal prova a existência de Deus. Como uma extensão ao estudo do problema do mal na sociedade, ressaltou o conferencista que "a Revolução Social era apenas o fruto da ganância e da injustiça".

Na última conferência, a 14ª, pronunciada em 17 de março, agradeceu o Pe. Levignani a atenção do auditório, que estivera sempre numeroso, desde os primeiros dias, fazendo uma súmula admirável dos princípios que expendera, no sentido de deixar bem gravadas no coração dos seus ouvintes tão sagradas e profundas verdades[(79)].

Lançando uma vista geral para o transcurso de 1908, selecionamos na vida da diocese alguns outros fatos de relevo:

"Em janeiro desse ano, registra o Cônego F. Severiano, realizou-se na capela do Seminário Episcopal o 4º retiro espiritual do clero, pregado pelo ver. Padre Teófilo Levignani S J, assistido por 74 sacerdotes, inclusive o Exmo. Sr. Bispo Diocesano. Feita a profissão de fé segundo as regras estabelecidas pelo Concílio Tridentino e apresentada a S. Excia. Revma.respeitosa homenagem de inteira adesão e obediência à Santa Igreja, na pessoa do Sumo Pontífice e do Prelado da Diocese, reuniu-se o clero no Palácio Episcopal, que nesse dia se inaugurava, assinalando deste modo importante melhoramento para a venturosa diocese,a fim de assistir à bênção do novo e elegante edifício. Em seguida, foi oferecido pelo venerando prelado um almoço íntimo aos seus dedicados cooperadores. Ainda no Palácio fotografaram-se em grupo todos os sacerdotes que assistiram aos exercícios espirituais e ostentavam a mais indizível satisfação".[(80)]

O retiro terminou no dia 28 de janeiro, quando tiveram lugar todas essas solenidades descritas pelo Cônego F. Severiano.

Em 28 de fevereiro foram promovidas na Catedral solenes exéquias a D. Carlos I e a D. Luiz Felipe, respectivamente rei de Portugal e herdeiro presuntivo da coroa, vítimas do atentado de 1° de fevereiro levado a efeito pelos elementos reacionários contra o gabinete João-Franco.

Artístico e custoso catafalco fora erguido no centro da nave. Oficiou o Monsenhor José Thomaz sob a assistência do bispo diocesano. O presidente Walfredo compareceu com os seus auxiliares imediatos e o senador Álvaro Machado. O coro foi regido pelo maestro Vercelêncio César.(81)

O mês de março se passou todo sob a perspectiva angustiante da seca. Após as chuvas de janeiro levantou-se o tempo e telegramas desanimadores chegavam diariamente à capital noticiando os prenúncios do flagelo.(82)

No dia 14 de abril assistiu também D. Adauto na Catedral às solenes exéquias do senador Gama e Melo promovidas pelo Estado, que custeara igualmente as despesas do seu enterro em 10 de abril.(83)

A 22 seguiu o bispo diocesano para Serra da Raiz e daí para Natal, onde ia ativar os trabalhos de organização da futura diocese. Só a 9 de maio estaria de volta. Durante sua estada em Natal nomeou D. Adauto para diretor do Colégio Diocesano "S. Antônio", naquela capital, ao Pe. João Batista Milanez, 2 de maio.(84)

No dia 28 de maio conferiu S. Excia. na Catedral, a ordem de presbítero aos diáconos Antônio Clementino de Assis e Josino Gomes da Silva.(85)

A 30 de maio, por decreto diocesano, elevou à categoria de paróquia a povoação de Esperança até então pertencente à freguesia de Alagoa Nova, sob o título de Paróquia de N. S. do Bom Conselho de Esperança, determinando-lhe os limites que foram registrados na cúria.(86)

Em 6 de junho, acompanhado do Pe. Leão Fernandes, embarcou D. Adauto para o Recife, a fim de tomar parte nas conferências episcopais a se realizarem ali, voltando no dia 20.(87)

Dois dias após, a 22 de junho, se realizou a eleição para a

presidência do Estado, sendo eleito o candidato da convenção alvarista, Dr. João Lopes Machado, que, proclamado pela Assembléia em 3 de setembro e empossado em 28 de outubro, exerceria o governo no quatriênio 1908- 1912.

Com a eleição de João Machado teve uma trégua a campanha política que, iniciada em 1907 pela oposição, sob a chefia de Gama e Melo, depois da morte deste, assumiria um caráter violento dirigida pelo fogoso tribuno Coelho Lisboa.

No dia 29, festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, houve missa pontifical na Catedral com sermão alusivo do Cônego Odilon Coutinho.(88)

Por ocasião do almoço oferecido nesse mesmo dia ao clero pelo bispo diocesano no Palácio do Carmo, saudaram S. Excia. o Monsenhor Manuel Paiva, reitor do Seminário, e o Dr. Manuel Tavares Cavalcanti.(89)

De 13 a 18 de julho esteve D. Adauto em Serra da Raiz visitando membros de sua família ali residentes e fazendo as suas despedidas por ter de viajar para o Rio no mês imediato.(90)

Por decreto diocesano de 7 de agosto, foi criada a paróquia de Pocinhos e elevada a dignidade de Matriz a Igreja de N. S. da Conceição da mesma localidade. Os limites da nova circunscrição eclesiástica foram estabelecidos conforme as prescrições canônicas.(91)

Com data de 12 de agosto expediu S. Excia. a todos os vigários, capelães e diretores de colégios diocesanos uma circular determinando para os dias 18, 19 e 20 de setembro o tríduo em homenagem ao jubileu sacerdotal de Pio X. Por essa ocasião se despediu oficialmente dos diocesanos, pois marcara para o dia 18 a sua viagem ao Rio.(92)

Viajou D. Adauto a bordo do "S. Salvador", que ancorou em Cabedelo, tomando passagem com ele os padres Emídio Cardoso, Inácio Cavalcanti, Pedro Anísio e Florentino Barbosa, os dois últimos com destino a Roma, aonde iam cursar a Gregoriana. No governo do bispado ficou o Monsenhor M. Paiva.(93)

No dia 30, como de costume, se celebrou com vera alegria o aniversário natalício do Sr. Bispo, salientando-se um artigo magistral

do Pe. Álvaro César, publicado na "A União".(94)

Os missionários paroquiais padres Simão Fileto, Antônio Galdino, José João, João Cruz e Severino Ramalho levaram a efeito uma frutuosa santa missão na paróquia do Ingá, iniciando os trabalhos em 7 de setembro.(95)

No dia 10 de setembro de 1908 foi o Colégio Diocesano "Pio X" equiparado ao "Pedro II" nos termos da legislação em vigor, por decreto assinado pelo presidente da República, Conselheiro Afonso Pena, e seu Ministro do Interior, Dr. Augusto Tavares de Lira (96). Já estava então o acreditado estabelecimento sob a direção do Cônego João Irineu Jófili que o fez atingir uma fase realmente áurea.

Demorou-se pouco tempo no Rio de Janeiro o prelado diocesano. No dia 26 de setembro estava de volta a bordo do "Maranhão" que escalou em Cabedelo. S. Excia. teve condigna recepção, tomando parte na mesma o Governo do Estado, o clero, o Seminário e grande número de amigos seus e admiradores. A banda de música do Batalhão da Segurança abrilhantou o ato. Às 7 da noite o Colégio Diocesano compareceu ao Palácio do Carmo para visitar e cumprimentar D. Adauto pelo decreto de equiparação. Discursou pelo corpo docente o Pe. Leão Fernandes e pelo discente o aluno Raul Cardoso. O discurso do Pe. Leão Fernandes foi uma peça notável.

"O ensino particular, dizia o Pe. Leão, é a garantia da educação religiosa no laicismo da liberal- democracia, em cujas escolas só se fala em Deus para negá-lo ou para ludibriá-lo". "A reforma que extinguiu os exames parcelados, continuava, estabelecendo os cursos seriados de madureza, seria a morte do magistério particular, se reservasse exclusivamente para o ensino oficial o direito de preparar alunos para os exames de habilitação às escolas superiores da República". "O laicismo, assegurava o Pe. Leão, foi a deposição de Deus na República, não obstante ter Rui afirmado que a secularização do ensino não fora reclamada em proveito do ateísmo". Acentuando a necessidade dos colégios particulares, perorava o orador: "Sem colégios particulares ficaríamos em face do dilema – ou ateísmo ou analfabetismo".(97)

No dia 27, encerrou-se a santa missão na paróquia do Espírito

Santo, pregada pelo grupo de missionários paroquiais já conhecido.(98)

Em setembro de 1908 publicou ainda D. Adauto a sua pastoral "Do zelo sacerdotal". A respeito da mesma assim se externa o Cônego F. Severiano:

"Uma das mais substanciosas cartas pastorais do Exmo. Sr. D. Adauto é a publicada em 18 de setembro, sobre o zelo sacerdotal. Este belo trabalho está dividido em classes ou partes distintas: a em que apresenta o Divino Mestre como modelo absoluto do zelo das cousas santas e dos sublimíssimos ensinamentos por Ele deixados no Evangelho relativamente à Igreja fundada sobre o sangue precioso do Cordeiro Imaculado; a em que mostra os apóstolos como cumpridores intransigentes da gloriosa missão que receberam de velar pela salvação das almas escolhidas do Senhor; e a que recomenda ao seu clero mansidão, candura e bom exemplo no desempenho de suas funções. É um documento de grande valor e interesse para os que devem trabalhar pela glória de Deus e pelo bem espiritual do rebanho de Cristo".(99)

Em 3 de outubro, na Igreja de N. S. da Conceição, presidiu D. Adauto ao recebimento matrimonial dos nubentes Dr. Walfredo Guedes Pereira, seu primo e amigo, e D. Maria Emília Neiva de Figueiredo, filha do juiz federal aposentado Dr. Honório Horácio de Figueiredo.(100)

Por decreto diocesano de 9 de outubro, foi alterado o traçado de limites concernente às paróquias de Goianinha e Nova Cruz, Rio Grande do Norte.(101)

Na ordenação geral de 14 de novembro, conferiu o Ordinário Diocesano o presbiterato aos diáconos Abdias Leal, Eliseu Duarte Diniz e Florentino Floro Diniz; as ordens de exorcista e acólito aos clérigos menoristas Antônio Augusto, Firmino Cavalcanti, J. Bilro, José Tiburcio, José Vital, José Mendes, Manuel Gadelha, Manuel de Almeida, Ulisses Maranhão e Vicente Rodas; as ordens de ostiário e leitor aos clérigos Antônio Vicente, Fenelon Lira, José Trigueiro Filho, Luiz Gonzaga de Araújo, Manuel Galvão Filho, Manuel da Costa Pereira e Nestor Corbiniano de Queiroz; a primeira tonsura aos seminaristas Francisco Fernandes Borges, Luiz de França Pereira Câmara, Manuel Tobias

Vitório e Zacarias de Góis Araújo.[102]

Por decreto de 8 de dezembro, aprovou D. Adauto o regulamento da "Obra das Missões Paroquiais" em sua diocese, obra que já vinha produzindo abundantes frutos. O decreto foi lido à estação da missa paroquial em todas as freguesias e registrado no competente livro de tombo. O regulamento em apreço, constando de 21 artigos, vem exarado na obra do Cônego F. Severiano "Anuário Eclesiástico da Paraíba do Norte", volume 2°, páginas 631 e 634.

Palácio Episcopal de N. S. do Carmo, construído por D. Adauto e inaugurado em Janeiro de 1906.

Dos bispos do seu tempo foi sem dúvida alguma D. Adauto o mais fecundo nessas epístolas doutrinárias e substanciosas aos fiéis, remanescência das idades apostólicas que viram a fundação e a consolidação das primeiras cristandades.

Ninguém calcula o coeficiente de ensinamentos vivos que encerram esses maravilhosos escrínios da dogmática, da moral e da liturgia cristã – as cartas magníficas de Paulo, de Pedro, de Tiago, estimulando os frios, moderando os ardentes, encomiando as virtudes, condenando os vícios, focalizando as verdades, denunciando os erros, cimentando enfim no espírito cristão esta vida interior, esta participação da vida divina onde se alicerça o edifício moral da Igreja.

Ligando os primeiros séculos ao século atual, nós observamos que essa maneira de propagar a doutrina do Verbo de Deus não sofreu nunca solução de continuidade. A patrística greco-romana aí está para demonstrá-lo à saciedade – com as epístolas dos Inácios, dos Policarpos, dos Ambrósios, dos Atanásios, dos Cirilos, dos Gregórios Nazianzeno e Nisseno, dos Basílios, dos Damascenos, aos seus rebanhos queridos.

As encíclicas papais, dos tempos mais remotos às modernas, *"Rerum Novarum"*, *"Pascendi Dominici Gregis"*, *"Quadragesimo Anno"* e as moderníssimas *"Summi Pontificatus"*, *"Mystici Corporis Christi"*, *"Summi Moerores"* atestam a juventude perene dessas letras pontificais. Isto sem contarmos os milhões de documentos pastorais emanados de todos os bispos do mundo para os seus diocesanos no decorrer de todos os séculos.

D. Adauto, com invulgares predicados de pastor e mestre, com facilidade incrível para transmitir clara, espontânea e elegantemente o seu pensamento pela palavra escrita, integrou-se no apostolado epistolar, conquistando nele, entre seus pares, uma posição realmente brilhante.

De suas três dezenas de escritos pastorais, um, porém, se destaca de maneira notável, por ter impressionado o país inteiro, por ter ecoado mesmo fora das lindes pátrias – a pastoral "Deus e a Pátria" já duas vezes readitada e que ele publicara em agosto de 1909.

Reportando-se a ela o Cônego F. Severiano assim a considera:

"Deus e a Pátria" é uma bela carta pastoral, publicada pelo Exmo. Sr. D. Adauto a 5 de agosto do presente ano (1909).

Nela, em estilo seguro e atraente, requintado de unção e polidez,

discorre S. Excia. Revma. sobre o estado atual da sociedade doméstica, civil e religiosa; vitupera a apostasia e o indiferentismo reinante no seio das famílias relativamente às cousas mais sagradas e necessárias; mostra que para salvar a sociedade desse cataclismo universal é de absoluta necessidade, por força dos princípios naturais, uma mediação ou uma interposição legal e devidamente constituída entre o homem e Deus, no exercício do culto, e só o sacerdócio pode encarregar-se de tão augusta missão; lastima a sua Pátria achar-se ainda envolta nas espessas trevas da maçonaria francesa, que procura derruir o magno alicerce do catolicismo, cujo maravilhoso e sublime plano forma esta aliança da criatura com o Criador; concita finalmente o Exército, a Marinha e o povo brasileiro a pôr termo a essa sorte de misérias imorais que se alastram por esse solo abençoado que tem o doce nome Pátria, colocando, no frontispício das leis que o regem, o cumprimento exato dos seus deveres para com Deus e a sociedade. Esta fulgurante carta pastoral teve eco em todo o Brasil e até mesmo em países estrangeiros."

Agradecendo este primoroso documento, o Eminentíssimo Sr. Cardeal Secretário, em nome do Santo Padre, dirigiu a S. Excia. Revma. a seguinte carta:

"Segreteria di Stato di Sua Santitá – Dal Vaticano die VII Octobrie 1909. Ilme. Ao Revme. Domine, M. 39846. Litterarum tuarum ad clerum et populum paraybensem exemplar, a te nuper oblatum Beatissimus Pater perlibenter accepit. Scilicet jucundissimum Ei fuit quod in illis enitet erga Sedem Apostolicam obsequium studiumque assidenti ac solicita caritate universam Brasiliae gentem nobilissiman sane, Ipse complectatur. Quare dum Amplitudini tuae de praestanti diligentia in episcopale officio obeundo gratulatur petitamque benedictionem após tolicam tibi, clero et dioecesi tuae peramanter impertit, spem fovet futurum ut omnes Brasili ac episcopi, pro ae qua excellunt pastorali vigilantia, rei catholicae adversus gliscentes et invalescentes circumquaque errores defendendas ac provehendas validices in diem adiaborent.

Dum haec tibi nuntio Adaucto Aurélio de Miranda

Henriques, Episcopo Parahybensium.
Addictissimus.
R. Card. Merry Del Val".[103]
Secretaria de Estado de Sua Santidade.
Do Vaticano, em 7 de outubro de 1909.

"Ilmo. e Revmo. Sr.

Com muita benevolência recebeu o SS. Padre o exemplar que há pouco lhe oferecestes de vossa carta pastoral ao clero e ao povo da Paraíba. É de notar que a Sua Santidade foi sobremodo grato o zelo e a submissão que nela brilham para com a Santa Sé Apostólica: na verdade envolve ele num amplexo de solícito e eficiente amor a todo o nobilíssimo povo brasileiro. E assim, enquanto se congratula convosco pela extraordinária diligência com que exerceis o múmus episcopal e vos concede com o maior afeto a bênção apostólica a vós, a vosso clero e a vossa diocese – formula ardentes votos para que todos os bispos do Brasil, por uma vigilância pastoral a toda prova, trabalhem vigorosamente na promoção e na defesa da causa católica contra os erros que hodiernamente se multiplicam e tomam vulto.

Transmitindo-vos isto, vos apresento de minha parte o testemunho de minha sincera estima.

Ao Ilmo. E Revmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Paraíba.

Obrigadíssimo.
R. Cardeal Merry Del Val".

Referindo-se à pastoral "Deus e a Pátria" assim se expressa "O País", de 11 de setembro: "É um monumento de real valor, já pelo brilho e relevo da forma elegante e simples, já pela discussão das teses que mais vivamente interessam no atual momento à sociedade católica e pela doutrinação fervorosa dos princípios religiosos.

O ilustre prelado ataca com sincero ardor combativo o nosso estatuto fundamental, que increpa de ateísmo, atribuindo a isto os males

atuais da República Brasileira.

S. R., que revela nesta pastoral como aliás em anteriores trabalhos qualidades de espírito pouco comuns, e que é sem contestação uma das figuras de mais destaque do clero nacional, não exagera por certo vendo na República grandes males".

Ne secção "Cotas aos fatos", do "Jornal do Brasil", assinado com as iniciais A. C., encontramos também o seguinte comentário sobre o brilhante escrito pastoral:

"O Bispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, não é dos tímidos que o vidente do Apocalipse equipara aos incrédultos dizendo que a participação tanto de uns como de outros será o tanque de fogo. *"Timidis autem et incredules, pars illorum est in stagno ardente igni"* (Apoc. 21-83).

"Invocando, continua, a opinião de Leroux, Proudhon e Mazzini (*facit ab hoste doceri*) de que a teologia está no íntimo de todas as questões contemporâneas e de que a questão religiosa resume e domina todas as outras, ficando-lhe necessariamente subordinadas as questões políticas, demonstra estar a origem principal dos males da República Brasileira na sua constituição atéia e baseada na falaciosa soberania do povo. Quem viola os direitos de Deus viola os de quem quer que seja".

"Repele, prossegue o crítico, a acusação dos ímpios e sectários referentes a quererem os católicos a teocracia e o predomínio do padre na sociedade. Repele igualmente a pecha de ultramontanismo, dado à palavra o habitual sentido pejorativo. Conclui enumerando os serviços dos católicos na educação nacional".

"São os bispos, os sacerdotes, os sinceros católicos, interroga D. Adauto, os que, seguindo os ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo, têm levantado sedições ao governo?

Serão eles que têm desprestigiado pela imprensa mal orientada, até ao último ponto, o princípio da autoridade?...".

A pastoral "Deus e a Pátria", dentre todas as pastorais de D. Adauto, é a que melhor lhe revela, de fato, a fibra de combatente de princípios, a intuição admirável sobre a marcha e as conseqüências

dos fenômenos sociais.

Foi um marco luminoso do ano que assinalou o terceiro lustro do seu episcopado.

Outros traços dignos de nota deixaria o ano de 1909:

Visitando pela primeira vez a terra natal, após a sua posse no Arcebispado do Pará, passou D. Santino Coutinho na Paraíba os meses de janeiro, fevereiro e parte de março, quando regressou a Belém. Durante sua estada na Paraíba foi também S. E. R. ao Rio de Janeiro, ali demorando cerca de um mês.[104]

No dia 28 de fevereiro, 1° domingo da Quaresma, iniciaram-se na Catedral as pregações quaresmais, a cargo do Cônego João Evangelista de Castro. "Culto, modesto, sem afetação, mas correto, eloqüente e incisivo", assevera um crítico do tempo, o Cônego Castro, pregando aos sábados na Igreja do Carmo e aos domingos na Catedral, impressionou muito bem ao seu auditório sempre numeroso.[105]

O dia 4 de março, 15° aniversário de instalação da diocese, foi festivamente comemorado.

Exaltando a obra educativa de D. Adauto dizia o editoral de "A União": "Já é tempo de ir o nosso povo entrando na compenetração de que deve tributar ao bispo diocesano, além da veneração e do amor que lhe são devidos pela alta investidura de seu cargo, uma homenagem de reconhecimento e admiração aos seus serviços e às suas excelsas virtudes".[106]

No banquete oferecido por D. Adauto ao clero no Palácio do Carmo, tomaram parte D. Santino, Arcebispo de Belém do Pará; D. Joaquim, Bispo do Piauí; Dr. Carlos Jovita, chefe de polícia do Estado; Desembargador Caldas Brandão, Drs. Otacílio de Albuquerque, Bôto de Menezes, Gouveia Nóbrega, Olavo de Magalhães, Miguel Raposo e Pereira Pacheco; Prof. Xavier Junior, Coronel Jacinto Cruz, Monsenhores Manuel Paiva e José Thomaz, Cônegos Moisés Coelho, Francisco de Assis, Francisco Severiano, João Castro e Odilon Coutinho, padres Marcos Santiago, Firmino de Figueiredo, Álvaro César, Matias Freire e Elesbão Gurgel, este, secretário do Sr. Bispo

D. Joaquim.

Au champagne, foi D. Adauto saudado consecutivamente pelo Arcebispo D. Santino, pelo Mons. José Thomaz e pelo Dr. Otacílio de Albuquerque.

Na resposta de agradecimento destacou S. E. R. os seus irmãos no episcopado ali presentes, os srs. Arcebispo do Pará e Bispo do Piauí, "os quais vão entoando como outrora os anjos de Belém, perorava D. Adauto, pelos seus trabalhos e pelos seus exemplos o hino *"gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis".*(107)

No dia 15 de março tiveram início na capela do Seminário os trabalhos de construção do novo altar-mor de alvenaria, para substituir o antigo, de talha dourada, que por ameaçar ruína fora demolido.

"Sua conservação, registra "A União", se tornara impossível pelo grau de ruína a que chegara, decorridos mais de cem anos da sua construção, no ambiente estreito de uma igreja escura, privada de ventilação e de calor" .(108)

A 19 verificou-se na Catedral a bênção da imagem de S. José, no altar-mor, oficiada pelo Monsenhor José Thomaz. Serviram de paraninfos o Dr. José Peregrino de Araújo, o Coronel José Francisco de Moura, os Majores José de Barros Moreira e José Lourenço da Silva.(109)

No dia 2 de abril o Colégio Diocesano "Pio X" abriu suas portas para receber a honrosa visita do Presidente João Machado, que assistiu às evoluções militares dos alunos comandados pelo instrutor, Tenente Costa Vilar.(110)

De 4 a 11 de abril realizou-se a Semana Santa com as solenidades de costume. Os sermões do Mandato, da Paixão e da Ressureição estiveram a cargo, respectivamente, do padre Álvaro César, do Monsenhor Manuel Paiva e do Cônego Moisés Coelho.

No dia 28 embarcou de Natal, onde se achava em visita à família, com destino ao Piauí, o Bispo dessa Diocese, D. Joaquim Antônio de Almeida.(111)

Em 29 de abril transitou por Cabedelo a bordo do "Acre" o

venerando bispo resignatário de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira. S. E. R. se destinava a S. Paulo onde, na cidade de Campinas, residiria até a morte.

Em nome de D. Adauto cumprimentaram-no no porto de Cabedelo o Monsenhor Manuel Paiva e o Cônego Francisco de Assis.(112)

A 30 de maio, domingo de Pentecostes, houve pontifical na Catedral, sendo o acompanhamento do coro feito a canto-chão.(113)

No dia 14 de junho faleceu na Capital Federal o Presidente da República, Conselheiro Afonso Augusto Moreira Pena, que deixara na Paraíba, quando de sua visita em 1906, um grande círculo de amigos. Em 13 de julho celebraram-se na Catedral solenes exéquias por sua alma, com assistência do bispo diocesano. A eça era constituída por grande peanha em forma de escadaria e encimada por uma cruz. Faixas negras oureladas de galões dourados velavam as tribunas. A música do Batahão de Segurança regida pelo maestro Quintela executou a marcha fúnebre. Durante o "Memento" uma companhia do mesmo Batalhão deu as descargas da praxe. Serviram no altar os Cônegos Vicente, Assis e Pe. Álvaro César. No sólio, os Cônegos Castro e Jófili. Foi cerimoniário da missa o Pe. Matias Freire e do sólio o Cônego Odilon Coutinho.(114)

Em 30 de agosto o editoral de "A União" abria o programa das homenagens a D. Adauto pela passagem do seu aniversário natalício.

"Seria não refletir o sentimento popular, comentava o editorialista, deixarmos de pôr em brilhante relevo esse acontecimento que tão de perto condiz com o nosso adiantamento religioso, moral e intelectual, pois somos (como ninguém se pode furtar de sê-lo) do número daqueles que admiram no venerando prelado brasileiro as qualidades superiores e nobres que o constituem um dos mais operosos propugnadores do bem coletivo neste Estado".(115)

Às 7 da noite teve lugar a grande manifestação a S. E. R., sendo na mesma o Seminário representado pelo cursista teólogo Manuel Morais, que lhe externou os sentimentos de filial afeto dos seus seminaristas; o Colégio Diocesano "Pio X", pelo quartanista de

madureza José Felix, o Colégio de N. S. das Neves, pela aluna Amazile Pinho; o curso "Ana Borges", pelo quartanista João da Mata Correia Lima; a Pia União das Filhas de Maria, pela senhorita Marieta Espínola; as Mães Cristãs, pela senhora Maria de Azevedo Melo; a Associação das Almas, pelo Pe. Álvaro César e as Conferências de S. Vicente de Paulo, pelo Dr. Olavo de Magalhães.

"Os grandes e inolvidáveis serviços prestados por S. E. R. a esta diocese, dizia o futuro tribuno João da Mata, e principalmente a esta capital, quer no caráter de administração fecundo e infatigável, quer no de diretor supremo dos negócios eclesiásticos, são verdadeiros títulos de benemerência que recomendam atualmente e perpetuarão para sempre o nome de tão digno prelado à estima e à gratidão dos seus diocesanos e à veneração dos pósteros".

No banquete já tradicional do Palácio do Carmo, às 3 da tarde, foi D. Adauto saudado pelo Vigário da Catedral, Cônego Vicente Pimentel, agradecendo com emoção. Às 5 horas o Colégio Diocesano "Pio X" fez evoluções militares em frente ao Palácio Episcopal, puxado pela banda do Batalhão de Segurança.(116)

O Boletim Eclesiástico, órgão da Diocese, assim se manifestou:

"Atalaia vigilante de nossos direitos espirituais, guarda avançada de nossos últimos destinos, é sob este aspecto que o Sr. Bispo da Paraíba tem de ser julgado no tribunal de nossa história, para receber a bênção das gerações futuras quando estas se lembrarem de que foi S. Excia. o primeiro a desbravar o caminho que levou a Paraíba a figurar no mapa das dioceses brasileiras com a distinta honra que ninguém lhe nega e que mui poucas das novas dioceses lhe podem disputar.(117)

Em 5 de setembro, "com aprovação do Sr. Bispo Diocesano, testemunha o Cônego F. Severiano, e sob a proteção da Pia União das filhas de Maria, foi instalada na cidade episcopal, numa das dependências da Igreja da Mãe dos Homens, a Escola "S. Inês", destinada às meninas pobres, tendo como diretor o Cônego Odilon Coutinho e como diretora D. Isabel Carneiro Monteiro, competentíssima professora pública. Seu ensino é gratuito e ministrado por distintas e

hábeis professoras normalistas: donas Etelvina Coutinho, Mariana Soares e Elvira Bentimuller. Recebe uma pequena subvenção do Governo estadual e conta um avultado número de alunas.[118]

D. Adauto agradeceu pela "A União" de 10 de setembro as homenagens do dia 30 de agosto: aquele "concerto de respeito, de piedade e de amor, dizia ele, tão apropriado para consolar um irmão e pai e para fortalecê-lo nos combates do senhor contra os adversários do bem.[119]

A 2 de outubro regressou o Sr. Bispo, de Serra da Raiz, onde se encontrava desde meados de setembro gozando ligeiro repouso das lides episcopais.[120]

No dia 14 de novembro conferiu o prelado diocesano, na Catedral, o diaconato aos subdiáconos João Onofre Marinho e Manuel Martins de Morais; o subdiaconato aos menoristas Antônio Augusto Pereira de Sousa, Firmino Cavalcante de Albuquerque, João Soares Bilro, José Mendes, José Vital, Manuel Gadelha e Vicente Ferreira Rodas; as duas últimas ordens menores aos menoristas Antônio Vicente da Costa, Fenelon Lira de Vasconcelos, José Trigueiro Filho, Luiz Gonzaga de Araújo, Joaquim Magno de Morais, Manuel Galvão Filho, Manuel da Costa Pereira, José Rodrigues Vieira e Nestor Corbiniano de Queiroz; as duas primeiras ordens menores aos tonsurados Constantino Vieira e Manuel Tobias Vitório.[121]

"Por decreto diocesano de 21 de novembro, menciona o Cônego F. Severiano, foi elevada à categoria de paróquia a povoação de Alagoinha, da freguesia de Guarabira" – limítrofe de Guarabira, Serraria, Areia e Alagoa Grande, traçando-se a respectiva linha divisória que ficou registrada no arquivo da cúria.[122]

Nessa mesma data pronunciou o jovem franciscano Frei Matias Tewes, na Igreja do Carmo, uma das mais substanciosas conferências da série que vinha realizando, submetida ao esquema: "O papel da Igreja de Jesus Cristo ao longo da história, em sua múltipla feição benfazeja de salvadora dos espíritos, de grande fatora do progresso e de fonte sagrada do amor aos indivíduos e à sociedade".

No dia 21 de novembro assistiu ainda D. Adauto ao

encerramento do ano letivo no curso "Ana Borges", que levou a efeito interessante programa lítero-artístico; no dia 22 assistiu à colação de grau dos bacharéis de madureza do Liceu Paraibano, distribuindo os anéis aos novos titulados: José Onofre Marinho, Abdias da Silva Campos, Odilon da Silva Coutinho, Celso Amâncio Ramalho e Alix da Cunha Lima; no dia 23 assistiu à festa escolar com que o Colégio de N. S. das Neves pôs termo ao ano letivo.

Em 28 de novembro proferiu Frei Matias Tewes a sua última conferência na Catedral contra o protestantismo, obtendo real sucesso.(123)

A 3 de dezembro "os sacerdotes residentes na cidade episcopal, escreve o Cônego F. Severiano, dirigiram-se por uma circular aos seus colegas da diocese, convidando-os a formarem uma Liga Sacerdotal com os fins semelhantes aos das que em diversos países da Europa foram criadas pelo clero".

A Liga teria por principal finalidade a defesa e a reivindicação dos direitos do sacerdote injustamente difamado pelos seus inimigos.

Os sacerdotes signatários confessaram ter agido na iniciativa sob a inspiração do bispo diocesano e pediam a adesão dos seus colegas.

Do documento em apreço constam as assinaturas dos Monsenhores Manuel Paiva e José Thomaz, dos Cônegos Sabino Coelho, Moisés Coelho, Francisco de Assis, Odilon Coutinho, Francisco Severiano, Vicente Pimentel e João Irineu Jófili, dos padres Matias Freire e Álvaro César.(124)

De 9 a 14 de dezembro realizou-se a santa missão na freguesia de Pombal, sendo pregador o Monsenhor José Thomaz, secretário do bispado e visitador diocesano.

Pelas Letras Apostólicas de 29 de dezembro de 1909, o S. S. Padre Pio X, atendendo as "grandes dificuldades espirituais" dos habitantes do Estado do Rio G. do Norte, pela nímia extensão territorial da Diocese da Paraíba, criou a Diocese de Natal, que ficou pertecendo, como a Diocese da Paraíba, à Província Eclesiástica de S. Salvador da Bahia.(125)

Alvorecida triunfal 1910 para a nova diocese e para o antístite que lhe promovera a criação num zelo nunca assaz louvado pela extensão do Reino de Deus.

Notas

(1) Cônego F. Severiano. "A Diocese da Paraíba". "A Imprensa". Paraíba do Norte, pág. 259.

(2) Ibidem.

(3) "A União". Coleção de 1905.

(4) Cônego F. Severiano. obra citada, pág. 259.

(5) Ibidem, pág. 260.

(6) "A União". Coleção de 1905.

(7) Cônego F. Severiano. "Anuário Eclesiástico da Paraíba". Estab. Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, 1º vol., pág. 484.

(8) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 260.

(9) Ibidem.

(10) "A União". Coleção de 1905.

(11) Ibidem.

(12) Ibidem.

(13) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 481.

(14) Ibidem, pág. 490.

(15) Ibidem, págs. 482 – 483.

(16) Ibidem, págs. 483 – 484.

(17) "A União". Coleção de 1905.

(18) Ibidem.

(19) Ibidem.

(20) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 485 - 486.

(21) "A União". Coleção de 1905.

(22) Ibidem.

(23) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 488 – 489.

(24) "A União". Coleção de 1905.

(25) Ibidem.

(26) Ibidem.

(27) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 490, e informação pessoal do Cônego Matias Freire.

(28) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 262.
(29) Arquivo da Cúria Metropolitana da Paraíba.
(30) "A União". Coleção de 1905.
(31) "A União". Coleção de 1906.
(32) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 532.
(33) "A União". Coleção de 1906.
(34) Ibidem.
(35) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 533 – 534.
(36) "A União". Coleção de 1906.
(37) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 531 – 532.
(38) Ibidem, pág. 534, e informação pessoal de D. Adauto.
(39) "A União". Coleção de 1906.
(40) Ibidem.
(41) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 535, e conhecimento próprio do autor.
(42) "A União". Coleção de 1906.
(43) Ibidem.
(44) Ibidem e Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 535.
(45) "A União". Coleção de 1906.
(46) Informação pessoal de D. Adauto e do Cônego Dr. Florentino Barbosa.
(47) "A União". Coleção de 1906.
(48) Ibidem.
(49) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 534.
(50) "A União". Coleção de 1906.
(51) Ibidem.
(52) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 535 - 536.
(53) "A União". Coleção de 1906.
(54) Ibidem.
(55) Ibidem.
(56) Ibidem.
(57) "A União". Coleção de 1907.
(58) Ibidem.
(59) Ibidem.

(60) Ibidem.
(61) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estab. Gráfico "Torre Eiffel". Paraíba, 1° vol., pág. 578.
(62) Ibidem, pág. 577.
(63) Do Arquivo da Paróquia de Soledade.
(64) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 581.
(65) Ibidem.
(66) "A União". Coleção de 1907.
(67) Ibidem.
(68 a 76) Ibidem.
(77) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 580.
(78) "A União". Coleção de 1907.
(79) "A União". Coleção de 1908.
(80) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 623, 2° vol.
(81) "A União". Coleção de 1908.
(82) Ibidem.
(83) Ibidem.
(84) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 635.
(85) Ibidem, pág. 634.
(86) Ibidem, pág 625.
(87) "A União". Coleção de 1908.
(88) Ibidem.
(89) Ibidem.
(90) Ibidem.
(91) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 630.
(92) "A União". Coleção de 1908.
(93 a 98) Ibidem.
(99) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 629.
(100) "A União". Coleção de 1908.
(101) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 630.
(102) Ibidem, pág. 634.
(103) Ibidem, págs. 623 a 625.
(104) "A União". Coleção de 1909.
(105) Ibidem. O Cônego Castro era do Rio Grande do Norte.

Muito dado aos estudos do vernáculo e da filosofia tomista, pregava com geral agrado. Sua estada na Paraíba foi breve, pois já em 1910 encontramo-lo como vigário de Natal.

(106) "A União". Coleção de 1909.

(107 a 111) Ibidem.

(112) Ibidem. D. Joaquim José Vieira foi o 2º Bispo do Ceará (1883- 1909). Sucedeu ao 1º, D. Luis Antônio dos Santos (1861-1881), transferido para a Sé Primacial do Brasil. Assumiu após dois anos de sede vacante. Em 1908 recebeu o Bispo Coadjutor com direito à sucessão, D. Manuel Antônio de Oliveira Lopes, e em 1909 renunciou. Escrevendo sobre sua atuação no célebre caso do Juazeiro, diz o Monsenhor Bruno de Figueiredo: "Irrompendo no interior da Diocese um sobrenaturalismo supersticioso e vão, gravíssima e detestável irreverência e abuso contra a Santíssima Eucaristia, como foram estigmatizados pela Sagrada Inquisição Universal de Roma, os fatos do Juazeiro (21 de abril de 1893) o Sr. D. Joaquim *fortiter et suariter* profligou o erro, salvando do naufrágio com suas crenças os fiéis.

Ficará o mal com os que não quiseram detestá-lo, conclui Monsenhor Bruno. Os homens de boa vontade terão em sua consciência a paz, fruto da sua obediência". D. Joaquim José Vieira renunciava aos 73 anos, pois nascera em S. Paulo no ano de 1836. Fora sagrado em 9 de dezembro de 1883 pelo Bispo de S. Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, e teve um episcopado operosíssimo.

(113 a 116) "A União". Coleção de 1909.

(117) Boletim Eclesiástico, de setembro de 1909.

(118) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 679.

(119) Ibidem, pág. 675.

(120) Ibidem, pág. 679.

(121) Ibidem, pág. 726.

(122) Ibidem, pág. 728.

(123 a 125) Ibidem.

CAPÍTULO XI
O qüinqüênio 1910–1915

O caso de Bananeiras. O 3º bispo saído do clero paraibano. As conferências de Fr. Eduardo Herberhold. A reposição da imagem de Cristo no tribunal do júri. A Paraíba elevada a arquidiocese.

Durante os seus quarenta anos de governo episcopal, não houve cousa que D. Adauto prezasse mais que a sua liberdade de ação. Antes de tomar qualquer resolução importante, o arcebispo pensava, rezeva, consultava, tudo isto sem grandes delongas que não condiziam com o seu temperamento sanguíneo-nervoso. Mas, formado o desígnio, cônscio de sua retidão, não se dobrava D. Adauto a nenhuma influência externa, fossem quais fossem os argumentos que os interesses e as conveniências humanas forgicassem. E conhecendo por experiência a quanto obrigam os favores concedidos, era parco na solicitação dos mesmos, sobretudo se a sua intuição lhe revelava na parte concessionária a mentalidade utilitária do "*do ut des*" sem respeito a quaisquer limites. Maus bocados experimentou e fez também experimentar o prelado a muita gente com essa intransigência. Muitas comissões desceram desencantadas as escadarias do Palácio do Carmo. Muitos abaixo-assinados receberam como resposta um telegrama negativo. E, quando as partes inconformadas insistiam, sustentava e defendia com veemência o arcebispo os seus pontos de vista, pondo em choque os melindres dos recalcitrantes...

Pois foi o que sucedeu no 1º semestre de 1910.

Provisionado vigário de Bananeiras, seguiu para aquela cidade no dia 5 de janeiro o Pe. Álvaro César, a fim de tomar posse da freguesia.

Desavindo-se com esse sacerdote por motivos políticos, o chefe político local, cidadão aliás respeitabilíssimo e conceituadíssimo em todo o Estado, se insurgiu contra a permanência do mesmo, arrastando consigo uma grande corrente.

E o Pe. Álvaro, ameaçado de morte, retirou-se da paróquia, continuando, porém, como vigário.

Numa carta pastoral reservada, datada de 27 de abril, se dirigiu D. Adauto aos fiéis da paróquia de Bananeiras que "em parte haviam tentado contra a liberdade da Igreja, escreve o Cônego F. Severiano, e contra a vida do seu zeloso pároco".(1)

"S. E. R., continua, com aquela energia conciliada com a prudência que sempre lhe assiste quando se trata de cousas tão melindrosas como esta, aconselha-lhes que peçam ao chefe político e a sua família que os deixem ter quem trate de seus interesses espirituais e do engradecimento moral e religioso de sua terra, assegurando-lhes que o seu vigário só faria o bem a Bananeiras e que todos desejam ser católicos, o que era absolutamente impossível sem o livre e pleno exercício do ministério sacerdotal; e também que recorram aos meios onipotentes da oração, rogando com toda a confiança à S. S. Virgem do Livramento, sua Excelsa Padroeira, que livre a freguesia de Bananeiras de todo e qualquer crime e de todo e qualquer castigo da justiça divina".(2)

Pelos termos da pastoral coligimos a gravidade da situação num tempo em que a politiquice trabuqueira afrontava até as autoridades civis do Estado provocando sérias desordens: atacando cidades, vilas, povoados e fazendas, depredando, massacrando, incediando.

E. D. Adauto resistiu.

Ainda em abril, esteve com ele o principal interessado na retirada do Pe. Álvaro, mas, é claro, nada obteve. O Pe. Álvaro foi vigário de Bananeiras enquanto conveio à autoridade diocesana, isto é, aos supremos interesses da Igreja.(3)

Em 1910 arrolamos mais os seguintes fatos:

No dia 20 de fevereiro, conferiu o Sr. Bispo, na Catedral, o presbiterato ao diácono João Onofre Marinho; o diaconato ao subdiácono Vicente Ferreira Rodas; o subdiaconato ao menorista Manuel Maria de Almeida e Albuquerque ; a primeira tonsura aos seminaristas Manuel Golçalves de Lima, Júlio Alves Bezerra,

Nicodemus Neves, Nicolau Leite e Pedro de Paula Barbosa.[4]

O Cônego F. Severiano registra como se tendo verificado ainda neste mês a instalação do Colégio de N. S. das Neves, no prédio que para tal fim fora reconstruído e reformado e que é hoje o edifício central do mesmo Colégio.[5]

O partido situacionista da Paraíba, obedecendo à orientação do senador Álvaro Machado, homologou para a presidência da República no quatriênio 1910- 1914 a candidatura Hermes da Fonseca contra a candidatura Rui Barbosa.

O "Correio da Tarde", folha oposicionista, publicou uma notícia afirmando que do Palácio Episcopal da Paraíba estavam sendo dirigidas cartas ao clero contendo matéria que se prendia à questão das candidaturas presidenciais. A asserção recebeu no dia 22 de fevereiro público e formal desmentido assinado pelo secretário-geral do bispado, Monsenhor José Thomaz.[6]

De 20 a 27 de março, na Catedral, se procedeu ao cerimonial da Semana Santa com todos os ofícios e solenidades: sagração dos Santos Óleos, Lava-Pés, Canto da Paixão, etc. Os sermões do Mandato, da Paixão e da Ressureição foram pronunciados, respectivamente, pelos Monsenhores José Thomaz, Manuel Paiva e Cônego Odilon Coutinho.[7]

A convite de D. Ulrico, prior do Mosteiro de S. Bento, chegou do Recife a 28 Frei Matias Tewes, O F M, para fazer na igreja do mesmo mosteiro uma série de conferências religiosas, série que o jovem e erudito franciscano iniciou logo no dia 29 pela manhã e à tarde com o brilho que já demonstrava a sua oratória.[8]

Em 10 de abril assistiu o bispo diocesano com o Presidente João Machado à colação de grau das professorandas de 1910 na Escola Normal Oficial.

No dia 19 publicou o prelado um mandamento sobre as "Fábricas"[9], expondo e defendendo os direitos da Igreja aos seus bens patrimoniais – posse, usufruto e administração. O documento estriba-se na Constituição Federal, no Código Civil, de Teixeira de Freitas, na Consolidação das Leis Civis, do Conselheiro Carlos de

Carvalho, nas Leis da Provedoria, do Dr. Ferreira Alves, em sentenças e acórdãos dos Tribunais de Justiça dos Estados e do Supremo Tribunal Federal. O Cônego F. Severiano, na sua obra "Anuário Eclesiástico da Paraíba", traslada-o por extenso.

O mȩs de maio foi celebrado na Catedral e em todas as matrizes da diocese com a piedade e a concorrȩncia de costume.[10]

"A União" de 4 de junho publicou em destaque o resumo da oração gratulatória do Pe. Inácio de Almeida, proferida em Natal por ocasião do *Te Deum* ali celebrado em regozijo pela criação da diocese.[11]

Em 21 de junho abriu o visitador diocesano, Monsenhor José Thomaz, a visita pastoral na freguesia de Taperoá. Auxiliaram-no durante os trabalhos os Padres Manuel Cristóvão e Floro Diniz, respectivamente vigário de São João do Cariri e Teixeira.

No dia 30 fundou a diretoria do Colégio Diocesano "Pio X" um curso gratuito para meninos, estabelecendo-o em um dos salőes da Ordem 3ª de S. Francisco com o nome de Aula Primária "S. José"[12]

Por decreto diocesano de 14 de julho, foram alterados os limites da paróquia de Alagoinha, pelo lado da paróquia de Serraria, determinando-se novo traçado que consta dos registros da Cúria.

No decorrer do mȩs de julho, publicou o Pe. Inácio de Almeida em rodapé na "A União" vários artigos de combate ŕs teorias haeckelianas: "Invençőes de Haeckel: Moneras e Protistas" (20 de julho), em que mostra a fantasia do catedrático de Iena tomando o lugar da exatidão científica; "Antropogenia de Haeckel" (24 de julho), contra a doutrina haeckeliana da não distinção real entre os seres orgânicos e inorgânicos e contra a doutrina igualmente haeckeliana da permanȩncia da família híbrida; "Antropogenia Evolucionista" (27 de julho), destruindo os argumentos dos evolucionistas a respeito da origem simiesca do homem.[13]

Por intermédio da Cúria, ainda em julho, se entendeu D. Adauto com todos os vigários da diocese, dando-lhes normas para facilitarem o serviço do recenseamento empreendido pelo Governo Federal.[14]

No término da Festa das Neves, 5 de agosto, houve missa

com assistęncia pontifical na Catedral, às 10 horas, e às 4 e meia da tarde procissão e *Te Deum*. Foram oradores da missa e do *Te Deum*, respectivamente, o Cônego João Castro e Pe. Inácio de Almeida.(15)

"A União" de 10 de agosto estampou o artigo de D. Ulrico Sontang "A Astronomia e os Historiadores", rebatendo com erudita argumentação os ataques a vários papas por pretensos anátemas contra os cometas.(16)

No dia 21 presidiu o bispo diocesano a 1ª comunhão na Catedral às 7 e meia, e às 4 e meia a renovação das promessas do batismo.(17)

Honroso editorial saiu na "A União" de 30 de agosto em homenagem ao aniversário natalício de D. Adauto:

"Faz anos hoje o Príncipe da Igreja Católica, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, mui digno Bispo desta Diocese da Paraíba.

Esta auspiciosa data natalícia é um acontecimento celebrado festivamente entre os dois povos irmãos que constituem a vasta messe aclesiástica paraibana, a qual abrange os dois Estados do Norte que não somente pelo vínculo diocesano e pelos limites territoriais se acham ligados, mas também pelos laços de estreita fraternidade e recíprocos interesses econômico-sociais.

Antístite – o festejado de hoje reúne ao conjunto brilhante de suas acrisoladas virtudes, o característico primordial de sua personalidade evangélica: o alto e nunca descurado interesse pelo bem espiritual do seu rebanho, característico que já o sagrou um dos membros mais dignos do invicto episcopado brasileiro.

Sacerdote – o eminente paraibano pode orgulhar-se de merecer da parte de todos os seus diocesanos o mais elevado conceito, porque a tanto tem incontestável direito pelas suas excelsas virtudes cristãs, virtudes que o colocam no nível dos homens superiores e adornam a sua individualidade com o brilhantismo relevo da veneração mais profunda e do mais profundo respeito.

Cidadão – o nosso excelentíssimo amigo tem sabido fomentar, no Estado do seu nascimento, o verdadeiro progresso social, fundando institutos de ensino, religião e caridade, institutos que florescem em

diversos pontos da diocese graças à clarividência do seu patriotismo e ao seu dedicado amor a este pedaço da pátria.

Por tão justo motivo esta cidade em peso movimenta-se hoje para levar ao bondoso prelado, numa glorificação edificante ao seu mérito e no religioso cumprimento a um belo dever, as manifestações carinhosas de muito júbilo e estima pela passagem do seu natalício.

Esta folha associa-se a todas essas justas manifestações, fazendo votos pela longa existência do venerando pastor".[18]

Em 15 de setembro, a bordo do "Jequitinhonha", regressou D. Adauto de Natal, para onde se dirigira em dias de agosto com o fim de providenciar medidas atinentes à instalação da Diocese.[19]

A 17 o visitador diocesano, Monsenhor José Thomaz, procedeu à abertura dos trabalhos da visita pastoral na freguesia de Conceição do Piancó, terminados os quais, se dirigiu com o mesmo fim ao povoado de S. Boaventura, da freguesia de Misericórdia.[20]

No dia 18, 30° aniversário de sua ordenação sacerdotal, presidiu D. Adauto à 1ª comunhão de 200 alunos do Colégio Diocesano "Pio X" pela manhã, e à tarde a renovação das promessas do batismo. Foi um dia todo de festa no colégio, com músicas, cânticos, flores e discursos. Na manifestação a D. Adauto, saudaram-no o Cônego Jófili, diretor, e o aluno José Felix Alves de Sousa, representante do corpo discente.[21]

Por decreto do Núncio Apostólico, Monsenhor Alexandre Bavona, Arcebispo titular de Farsala, no uso de especiais faculdades a ele concedidas pelo S. S. Padre Pio X, foi D. Adauto eleito Administrador Apostólico da nova Diocese de Natal, ainda não preenchida. O decreto trazia a data de 12 de outubro.[22]

Em 18 de outubro, o visitador diocesano, Monsenhor José Thomaz, iniciou a visita pastoral na freguesia de Pombal, auxiliado pelos vigários Valeriano Pereira de Sousa e Joaquim Diniz, respectivamente de Pombal e Misericórdia. Já vinha S. R. de Corema, na freguesia de Piancó, onde realizara a visita.[23]

A 29 emanou da Nunciatura o decreto executório sobre a Diocese de Natal e foram enviados ao Administrador Apostólico todos

os documentos referentes à criação da diocese, documentos a serem arquivados na secretaria da mesma.(24)

No dia 22 perdeu o laicato católico da Paraíba um dos seus membros mais eminentes. Faleceu o Dr. Pereira Pacheco, médico e professor, orador e jornalista, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, encarregado da Repartição Agrícola do Estado. O Dr. Pereira Pacheco era um espírito vibrante, entusiasta das boas causas, propagandista incansável dos sãos princípios católicos que muitas vezes explanara e defendera em primorosos discursos e conferências. As missas do 7° dia que em sufrágio de sua alma foram celebradas, na Igreja de S. Bento, tiveram grande concorrência e entre os celebrantes do santo sacrifício se achava o bispo diocesano.(25)

Em 03 de novembro oficiou D. Adauto a bênção do novo altar-mor da capela do Seminário, seguindo-se a missa celebrada por S. E. R. e acompanhada pelo coro dos seminaristas, na qual comungaram todos os alunos do estabelecimento, das mãos do Sr. Bispo.

A 13 ministrou o Ordinário Diocesano, na Catedral, o sagrado presbiterato aos diáconos Manuel Martins de Morais e Vicente Ferreira Rodas; o diaconato aos subdiáconos Antônio Augusto Pereira de Sousa, Firmino Cavalcanti de Albuquerque, João Soares Bilro, José Mendes, José Vital e Manuel Gadelha; o subdiaconato aos menoristas Antônio Gomes de Brito, Artur Enéas Cavalcanti, José Trigueiro de Brito e Ulisses Maranhão; as primeiras menores aos clérigos Constantino Vieira, Joaquim Magno de Morais e Manuel Tobias Vitório.(26)

No dia 14 assistiu o bispo diocesano em companhia do Presidente do Estado às festividades de encerramento do ano letivo no Colégio de N. S. das Neves. Discursou por essa ocasião saudando às duas ilustres autoridades a aluna Alice de Azevedo Melo, respondendo D. Adauto. O hino ferial cantado por todas as alunas e acompanhado a piano por Alice de Azevedo Melo foi o último número do programa. No dia 20 assistiu ainda o prelado diocesano ao encerramento do ano letivo no Colégio de N. S. da Conceição dirigido pelas irmãs Correia de Sá. Ao vasto programa de comédias, cançonetas

e números de piano seguiu-se uma saudação ao Sr. Bispo pela aluna Hercilia Pinho que lhe ofereceu um "bouquet" de flores naturais. Agradeceu D. Adauto em expressão de filial carinho concedendo a todas as alunas a bênção pastoral.(27)

Em 28 de novembro deu D. Adauto início à visita pastoral da paróquia de N. S. da Conceição de Areia.

Prestaram os seus serviços na visita com o vigário, Cônego Odilon Coutinho, padre Inácio de Almeida, o padre Francisco Bandeira, o diácono Firmino Cavalcante, os subdiáconos Antônio Gomes de Brito e Manuel de Almeida.(28)

Ainda em dias de novembro chegou à Paraíba o Pe. Pedro Anísio, do clero diocesano, que por motivo de saúde voltara de Roma, interrompendo brilhante curso na Universidade Gregoriana, onde já obtivera o grau de licenciado em Teologia Dogmática.(29)

No dia 4 de dezembro benzeu o Sr. Bispo em Areia a Capela de S. Rita, que o Cônego Odilon Benvindo construíra para substituir a antiga igreja do mesmo nome, no centro do edifício em que funcionaria mais tarde o Colégio dirigido pelas irmãs da Sagrada Família e onde funciona hoje o Ginásio "S. Rita".

Em 8 de dezembro, por ocasião da Festa da Padroeira de Areia, houve ali missa com assistência pontifical de D. Adauto, servindo no altar o Cônego Odilon Coutinho, o Pe. Francisco Bandeira e o diácono Firmino Cavalcanti; servindo no sólio o Monsenhor Manuel Paiva e os subdiáconos Antônio Gomes de Brito e Manuel de Almeida. O Presidente João Machado, presente em sua terra, compareceu à solenidade ocupando lugar de destaque. À tarde, depois da procissão, pregou o Cônego Odilon Coutinho. No *Te Deum*, à noite, oficiou o Monsenhor Paiva, tendo como ministros o Pe. Bandeira e o diácono Firmino.

D. Adauto regressou de Areia no dia 10 com o Presidente João Machado.(30)

"Com data de 25 de dezembro, escreve o Cônego F. Severiano, publicou o Sr. D. Adauto uma carta pastoral, seguida de um mandamento, transmitindo selonemente aos filhos do Estado do Rio

Grande do Norte o decreto da criação da Diocese de Natal pela bula *Apostolicam in singulis,* de 29 de dezembro de 1909, do S. S. Padre Pio X. Mostra-lhe S. E. R. o grande fato da paternal solicitude do santo e todo providencial pontífice dando-lhes uma Cátedra Episcopal; declara que, como penhor de sua eterna afeição para com os fiéis da nova Igreja natalense, conservaria nas suas armas episcopais a Estrela do S. Natal; não só indicaria sempre o Menino Jesus, nos braços de N. S. das Neves, mas também a data da fundação daquela cidade; abençoa a todos os fiéis da nova diocese, para quem, diz S. E. R., terá sempre a mesma ternura de sincera estima; finalmente ordena que, na Catedral de Natal, seja cantado solene *Te Deum* em ação de graças pela criação da diocese, observadas as disposições litúrgicas.

Se bem que a Diocese de Natal esteja perpetuamente separada e desligada da Diocese da Paraíba, todavia, continua a direção *ad tempus* de S. E. R. o Sr. D. Adauto, seu Administrador Apostólico".(31)

De 14 de dezembro de 1910 a 10 de janeiro de 1911 o visitador diocesano, Monsenhor José Thomaz, fez a visita pastoral às freguesias de Cuité, Picuí e Araruna.(32)

Durante as grandes férias de 1910 – 1911, a diretoria do Colégio Diocesano "Pio X" deu começo à construção do novo edifício do colégio, pelo primeiro pavilhão, cuja planta elaborara o jovem engenheiro conterrâneo Dr. Mateus de Oliveira, e que ainda hoje continua inalterada.(33)

No episcopado de D. Adauto, é impossível deixar de focalizar como maior relevo a pessoa e a ação do Padre, do Cônego, do Monsenhor José Thomaz Gomes da Silva – o 3° bispo que o clero paraibano ofereceu à Igreja, o 1° sagrado por D. Adauto.

Pela síntese biográfica que dele traçou a redação do Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, número de junho de 1911, nós podemos ajuizar a multiforme, a onímoda capacidade de trabalho desse padre lépido, vivaz, bem humorado sempre, com quem o bispo contava para tudo; podemos aquilatar o seu espírito de organização, o seu talento:

"Monsenhor José Thomaz Gomes da Silva nasceu a 4 de agosto de 1873, no município de Martins, Estado do Rio Grande do Norte, sendo filho legítimo do Dr. Thomaz Gomes da Silva, juiz de direito aposentado da comarca de S. Bernardo de Russas, no Estado do Ceará, e da Exma. Sra. D. Ana Constança da Silva, ambos vivos e residentes na vila de Santa Rita deste Estado (em 1940). Recebeu o sacramento do batismo a 16 do mesmo mês de agosto, sendo seus padrinhos o professor público Trajano Álvares da Silva e D. Cândida Rosa Gomes da Silva, ainda vivos; o sacramento da crisma a 27 de maio de 1880, na cidade do Pereiro, Ceará, sendo padrinho o Major Joaquim Xavier; fez a primeira comunhão na matriz de Catolé do Rocha, a 17 de junho de 1890, das mãos do Pe. Tertuliano Fernandes, vigário então dessa paróquia. A 5 de setembro de 1891 matriculou-se no Seminário Episcopal de Olinda, onde tomou batina a 28 de fevereiro do ano seguinte e recebeu a primeira tonsura a 15 de agosto de 1892, das mãos do invicto bispo D. João Esberard, de gloriosa memória.

Abrindo-se em 1894 o Seminário Episcopal da Paraíba, para aqui se transferiu e recebeu todas as ordens sacras; sendo: menores a 28 de outubro de 1895; diaconato, a 1° de novembro do mesmo ano, e presbiterato a 15 de novembro de 1896, das mãos do Exmo. Sr. D. Adauto que lhe conferiu todas as ordens. No dia 8 de dezembro de 1896, celebrou a primeira missa, na cidade de Iguatu, Estado do Ceará. Retornando à sua diocese, mereceu as seguintes nomeações: secretário do bispado, escrivão da câmara eclesiástica e mestre de cerimônia do sólio episcopal, a 24 de fevereiro de 1897; professor de Eloqüência Sagrada do Seminário, de 1897 a 1900; cônego catedrático da Sé, a 8 de agosto de 1895; lente de Direito Canônico, de 1904 até 1911; diretor espiritual do Seminário, durante o ano de 1904; camareiro de honra do Santo Padre Pio X, a 12 de março de 1907; visitador diocesano no Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1909 e no Estado da Paraíba, em 1910; e bispo eleito de Aracaju, segundo comunicação oficial da Nunciatura Apostólica de 14 de maio de 1911, fazendo a profissão de fé e juramento na capela do Seminário desta diocese a 2 de junho corrente, perante o Sr. Bispo Diocesano, sendo

testemunhas o Monsenhor Manuel Paiva e o Cônego João Irineu Jófili".[34]

Sempre lhano, expansivo, o seu tanto pilhérico, exuberante de vida e de saúde, propagador de uma alegria sadia no ambiente onde trabalhava, o Monsenhor José Thomaz atraía e entusiasmava o povo rústico do sertão, o Monsenhor José Thomaz destruía os preconceitos contra o clero porventura existentes nos grãfinos do tempo.

Era um padre popular no sentido mais puro da expressão, descendo até a planície proletária da época, não para se contaminar com suas máculas possíveis, mas para levá-la à altura do cristianismo prático, integral.

O futuro biógrafo do 1º Bispo de Sergipe, se quiser elaborar uma obra perdurante pelos traços vivos que dela se irradiarem no tempo e no espaço, terá de estudar a ação do Monsenhor José Thomaz denunciando os sulcos luminosos abertos por D. Adauto.

"A 19 de novembro de 1911, registra o Cônego F. Severiano, teve lugar na Catedral a sagração episcopal do Monsenhor José Thomaz Gomes da Silva, eleito bispo da nova diocese de Aracaju a 7 de março. Assistiram às cermônias, que tomaram o maior realce, o Cabido Diocesano, muitos membros do clero e fiéis de todas as classes. Foi sagrante o Exmo. Sr. D. Adauto, Bispo Diocesano, assistido pelos Srs. Bispos D. Joaquim de Almeida, de Natal, e D. Augusto Álvaro, de Floresta. Representou a Diocese de Aracaju o Revmo. Pe. Antônio dos Santos Cabral, digno vigário de Propriá".[35]

"A União", de 18 de novembro, trouxera a explicação detalhada de todas as cerimônias litúrgicas da sagração: a preparação, os prelúdios, o exame, o começo da missa, a ladainha, a sagração, a imposição do Evangelho, a imposição das mãos, as unções, a entrega das primeiras insígnias, a continuação da missa, a entrega das últimas insígnias, a conclusão.[36]

De grande realce foram com efeito as solenidades da sagração do 1º Bispo de Sergipe.

Além dos bispos presentes, representou ainda ao Sr. D. Santino, Arcebispo de Belém do Pará, o Pe. João Coutinho.

O Presidente João Machado compareceu pessoalmente com o seu secretariado.

Dos 40 padres presentes registramos os nomes dos Monsenhores Luiz Sales, Manuel Paiva e Francisco Severiano; dos Cônegos Sabino Coelho, Moisés Coelho, Francisco de Assis, Estevão Dantas, João Milanez, João Irineu Jófili, José Paulino e Odilon Coutinho; dos padres Agnelo Fernandes, Jerônimo César, João Gomes, João Maranhão, Matias Freire, Leão Fernandes, Pedro Anísio, José Cabral, Aprígio Espínola, Gabriel Toscano, Belizário Dantas, Eliseu Diniz, Lúcio Gambarra, José Betâmio, Manuel Morais, Manuel Gervásio, João Coutinho, Antônio Cabral, Lourenço Giordani, D. Ulrico Sontag e D. Gaspar Lefebvre.

Foram paraninfos do neopontífice o Monsenhor Luiz Sales e o Pe. Manuel Gervásio.

A Banda do Batalhão de Segurança, que proporcionou grande brilho à festa, tocou o hino pontifício no adro da Catedral quando ali chegaram os Srs. Bispos acompanhados pelo clero, pelo Cabido e pelo Seminário Diocesano.

No banquete oferecido às 12 horas por D. Adauto, no Palácio do Carmo, aos bispos e sacerdotes presentes, D. Joaquim de Almeida e D. Augusto Álvaro foram saudados pelo Pe. Matias Freire, em nome do clero paraibano.

D. José Thomaz recebeu as saudações da sua diocese pela palavra do jovem sacerdote Pe. Antônio dos Santos Cabral, e as saudações do Rio Grande do Norte, seu Estado natal, pelo verbo singelo e expressivo do Pe. Agnelo Fernandes.

D. Adauto levantou no final o brinde de honra ao S. S. Padre Pio X.

À noite, antes do *Te Deum*, pronunciou magnífica oração gratulatória o recém-sagrado Bispo de Floresta, D. Augusto Álvaro da Silva.

Às 7 da noite ofereceu o Dr. Izidro Gomes um banquete ao seu digno irmão, D. José Thomaz, no qual tomaram parte elementos destacados do clero e da sociedade paraibana.

No dia 20, ao meio-dia, na residência do mesmo Dr. Izidro, ofereceu D. José Thomaz um almoço íntimo a todos os padres que assistiram à sua sagração.

Em 21 de novembro recebeu D. José Thomaz calorosa manifestação dos sodalícios religiosos da sede episcopal, salientando-se os vicentinos, em cujo nome falou o Dr. Irineu Jófili; o Apostolado da Oração, do qual foi orador o Pe. Manuel Morais, Vigário da Catedral, e as Mães Cristãs.

A posse de D. José Thomaz na Diocese de Sergipe fora marcada para o dia 27 de novembro.[37]

Passemos às outras efemérides notáveis de 1911:

No dia 15 de janeiro, apresentou o visitador diocesano, Monsenhor José Thomaz, a D. Adauto circunstanciado relatório da missão de que o incumbira S. E. R.

"Entoando um cântico fervoroso de ação de graças – começa S. E. R. – pelo término da honrosa comissão que V. E. R. se dignou confiar-me por ato de 10 de maio do ano próximo findo, na qualidade de visitador a 24 paróquias do divino rebanho nesta diocese, após 8 penosos meses de incessante labor, sob a inclemência das fortes canículas, num percurso de 453 léguas a cavalo, inspirando-me na diretriz que V. E. R. imprimiu nas visitas pastorais que já realizou em todo o Bispado – apresento a V. E. R. o relatório dos resultados espirituais"[38].

Com as respectivas capelas de maior movimento foram visitadas pelo Monsenhor José Thomaz as freguesias de Umbuzeiro, Cabaceiras, S. João do Cariri, Batalhão, Alagoa do Monteiro, Teixeira, Princesa, Piancó, Misericórdia, Conceição, S. José de Piranhas, Cajazeiras, Sousa, Pombal, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Patos, Sta. Luzia do Sabugi, Soledade, Pedra Lavrada, Cuité, Picuí e Araruna. O Monsenhor José Thomaz iniciou a visita pela freguesia de Umbuzeiro em 22 de maio de 1910 e terminou pela freguesia de Araruna, capela de Tacima, em 11 de janeiro de 1911.[39]

"Em janeiro do corrente ano, citamos o Cônego F. Severiano,

na capela de N. S. da Conceição do Seminário, presidido pelo Rev. Pe. Teófilo Levignani S J, realizou-se o 5° retiro espiritual do clero".

A ele compareceram em número de 79 os sacerdotes das duas Dioceses – Paraíba e Natal.

Como os anteriores, foi assistido pelo Exmo. Sr. D. Adauto, cujo esforço tem sido sempre ardente em prol da causa católica no Brasil e especialmente na arregimentação do clero de sua querida diocese tão próspera e tão feliz.

Esse retiro foi o último que o clero das duas mencionadas dioceses fez antes de sua separação.

No mesmo dia em que se terminou o retiro (27 de janeiro), o clero da nova diocese natalense, dignamente representado pelo Cônego João Castro, que se manifestou em frases eloqüentes e repassadas de emoção, agradeceu ao Exmo. Sr. D. Adauto o paternal desvelo com que sempre o houvera tratado e patenteou-lhe, então, as saudades e recordações que levara de sua sagrada pessoa, deixando a Diocese da Paraíba. E, como prova material do quanto sentiam os seus corações sacerdotais, apresentou ao mesmo Exmo. Sr. Bispo uma mui significativa e valiosa oferta que lhe foi agradecida com expressão de afeto paternal e gratidão. S. E. R. o Exmo. Sr. D. Adauto dirigiu ao Exmo. Sr. Núncio o seguinte telegrama que foi imediatamente respondido:

"Exmo. Sr. Núncio Apostólico. Clero Paraíba e Rio Grande terminando hoje retiro e renovando absoluta obediência à S. Sé e sua devoção ao Vigário de Jesus Cristo, pede bênção para perseverança dos sentimentos sacerdotais".

Eis a resposta:

"Exmo. Bispo da Paraíba. Agradecendo penhorado sentimentos expressos telegrama, peço Deus derrame abundantes bênçãos sobre digno prelado e clero paraibano e Rio Grandense".(40)

Organizado na Paraíba o Partido Republicano Conservador, sob a presidência do Senador Álvaro Machado, ocupou-lhe a vice-presidência o Monsenhor Walfredo Leal que representava também a Paraíba na alta Câmara Federal (24 de fevereiro).(41)

Em 8 de março provisionou D. Adauto para diretor e secretário,

respectivamente, do Colégio Diocesano "S. Antônio" de Natal aos padres Manuel de Almeida Barreto e Jéferson Urbano Rodrigues da Rocha.(42)

A 31 regressou o bispo diocesano do interior do Estado, onde tivera ocasião de fazer a visita pastoral nas freguesias de Guarabira e Alagoinha com um movimento religioso de mais de 2.000 comunhões e quase 4.000 crismas. "Durante essa visita, anota o Cônego F. Severiano, realizou-se em Guarabira a bênção da nova Matriz, reconstruída obedecendo aos moldes do estilo moderno e apresentando um aspecto majestoso.(43)

No intuito de acautelar os seus jurisdicionados dos funestíssimos efeitos das diatribes, calúnias, expressões pornográficas, etc. acintosamente estampadas em certos jornais e revistas cínicos, para varrer das almas boas e ingênuas o que elas têm de mais nobre e santo, escreve o Cônego F. Severiano, S. Excia. o Exmo. Sr. D. Adauto dirigiu aos párocos da sua diocese a seguinte carta-circular:

"Revmos. Srs. Vigários:

Considerando a grave responsabilidade que pesa sobre nossos ombros de velar pela preservação do nosso rebanho da contaminação das más doutrinas, as quais infelizmente nos tempos hodiernos se difundem por todos os meios e principalmente pela imprensa má a serviço do maçonismo corrutor: julgamos dever chamar a atenção de V. V. R. R. para essa parte do múnus pastoral e recomendar-lhe com todas as veras de nossa alma e toda a autoridade de que nos revestiu o Divino Pastor, que, a par do zelo na propaganda da boa imprensa, empreguem o maior cuidado e esforço em extirpar da sua paróquia, e especialmente do seio das famílias e das mãos da mocidade, as publicações que ostensiva ou veladamente propagam doutrinas subversivas da ordem, da moral ou da religião e preguem insistentemente aos fiéis sobre o perigo das más leituras, fazendo-lhes ver a gravidade da culpa dos que por esse meio se expõem ao perigo de perder a fé e desviar-se dos bons costumes.

Dentre as circulações nocivas que circulam em nossa diocese cumpre mencionar como a mais perniciosa de todas uma revista caricata

intitulada "Malho," editada no Rio de Janeiro, a qual de há muito vem-se fazendo arauto de teorias deletérias e atentórias contra o princípio divino de autoridade, de preconceitos e injustiças contra a Igreja, de incoveniências contra a moral, atirando o ridículo e o desrespeito sobre os depositários do poder público, chasqueando dos dogmas, do culto e dos sacramentos, enxovalhando com o iodo da difamação aos sacerdotes católicos e tudo maculando com o vírus da pornografia.

Urge, pois, premunir os incautos e afastá-los de tão poderoso elemento de corrução.

Com esse intuito levem V. V. R. R. ao conhecimento dos seus paroquianos que, usando nós da nossa autoridade pastoral, resolvemos proibir a todos os fiéis de nossa diocese a leitura do "O Malho", bem como que o comprem ou assinem, o que seria amparar e proteger o campo inimigo".(44)

A reação do maçonismo anticlerical contra essa oportuna e enérgica circular de D. Adauto foi mover a S. E. R. uma campanha em que o ridículo tomava larga parte. As expressões do Bispo da Paraíba passavam como filhas do pretenso obscurantismo eclesiástico, ofereciam azo a novas diatribes e caricaturas ainda mais torpes, ainda mais desrespeitosas!

Uma arrancada de leão, a dos adversários...

Mas o verbo de D. Adauto ecoou forte e longe. O episcopado nacional solidarizou-se com ele.

E "O malho" teve de mudar de orientação.

Recuaram as hostes do mal...

Em vista da lei orgânica de 5 de abril, diz o Cônego F. Severiano, O Colégio Diocesano "Pio X" foi destituído do privilégio da equiparação. Não obstante isto, continuou a ser freqüentado por um avultado número de alunos e até superior ao da matrícula dos anos anteriores, constatando assim, mais uma vez, a sua ordem e disciplina.(45)

De 9 a 16 de abril se celebraram na Catedral com a pompa e a concorrência de costume os atos da Semana Santa.(46)

No dia 27 terminou a União do Clero a reorganização dos seus estatutos, que a 3 de maio receberam a aprovação do bispo

diocesano.[47]

Todo o mês de maio de 1911 foi de grande agitação na Paraíba, agitação provocada pela atitude do bacharel Augusto Santa Cruz, que à frente de 200 homens invadira e subjugara a cidade de Alagoa do Monteiro (6 de maio) para se vingar de reais ou imaginárias desconsiderações que sofrera da justiça local.

Prendeu o prefeito e chefe político do muncípio, Coronel Pedro Bezerra, alvo principal do seu ódio; o promotor público, Dr. José de Inojosa Varejão, e outros vultos de relevo na sociedade, seus adversários.

Permitiu que o Juiz de Direito, Dr. Pereira Gomes, se dirigisse à capital (7 de maio), trazendo uma carta que ele Santa Cruz enviava ao presidente João Machado expondo as suas queixas.

Temendo a reação do governo, transportou-se com os prisioneiros, já constituídos reféns, para a sua fazenda Areal (15 de maio), onde ia dispor-se para entrar em negociações com os poderes públicos, ou para resistir, se tais negociações não lhe surtissem o desejado efeito...

E até o dia 26 de maio, quando o reduto do Areal foi atacado e tomado, pondo-se em fuga Santa Cruz com sua família, seus "cabras" e seus míseros cativos, a população de Alagoa do Monteiro sofreu os maiores vexames, retirando-se muitos dos seus habitantes para as fazendas, para as grotas, na tentativa de escapar à ferocidade da malta...

Mas que tem isto a ver com a História da Diocese e da ação do seu primeiro bispo? Perguntará alguém.

Tem muito, porque os dois representantes do bispo diocesano na infeliz cidade, os padres João Gomes e João Onofre, respectivamente vigário e cooperador, escreveram por sua conduta no conflito uma página de verdadeiro heroísmo cristão. Arriscaram a vida pelas suas ovelhas ao sibilar das balas, afrontando com as armas da fé e da

a sua garantia".

Foi ao Pe. João Onofre que o Dr. Inojosa, bem certo de ser sacrificado – o que felizmente não aconteceu – entregou um dia o anel de grau e o relógio de ouro de seu uso para serem transmitidos à veneranda genitora.

Desde 22 de maio, dormia o Dr. Santa Cruz no mato com os prisioneiros, temendo o ataque da polícia do Estado ao seu fortim.

Tomado o Areal pelas forças da Paraíba e de Pernambuco – que enviara um contingente a fim de defender e guarnecer suas fronteiras – fugiu Santa Cruz em demanda do Ceará, via Pernambuco, e pelo caminho lhe foram fugindo os reféns. O Dr. Inojosa, de Vila Bela (Pernambuco), telegrafou aos parentes noticiando o seu salvamento e o Coronel Pedro Bezerra recuperou a liberdade em Milagres (Ceará) quando o chefe fugitivo e torturado pela derrota entregou os pontos.[48]

daquela população dolorida e angustiada em dias tão trágicos.

"A União" de 21 de maio registra a estada do Pe. João Gomes na capital com os seguintes termos:

"Acha-se nesta capital o virtuoso sacerdote cujo nome serve de epígrafe a esta notícia. Estava o estimado cavalheiro em Alagoa do Monteiro, em cuja freguesia exerce com desprendimento excepcional a missão nobilíssima de representante da Igreja Católica, quando se deram os tristíssimos fatos que tanto têm contristado o povo paraibano. A sua atitude heróica na dolorissima emergência recomenda-o à gratidão imperecível dos seus conterrâneos. Não fora a coragem, a impavidez com que o Pe. João Gomes enfrentou os bandidos na sua fúria desesperada, fiado unicamente na força moral que lhe decorre da posição que tanto tem sabido enaltecer, e os assassinatos dos atuais prisioneiros teriam sido realizados naquele instante terrível pelos facínoras que cercavam o Dr. Augusto Santa Cruz.

Cumprimentamos afetuosamente o digno paraibano, afirmando-lhe a nossa admiração e o nosso respeito".

O "Diário de Pernambuco" por sua vez, em sua edição de 24 de maio, assim se refere ao Pe. João Onofre:

"O Pe. João Onofre, na sua piedosa missão evangélica, digna de seu sacerdócio, vive agora de Areal para S. Tomé e de S. Tomé para Areal, levando ao Tenente-Coronel Álvaro Monteiro as missivas que Santa Cruz dita aos prisioneiros. O Pe. Onofre quer salvá-los, desconhece razões de Estado, princípios intangíveis de autoridade que obrigam os homens públicos muitas vezes a cerrarem os ouvidos à voz da consciência para ouvir somente os ditames de deveres frios e impiedosos".

"Quando marchávamos para o Areal presos, confessa o

Capitão Albino Alves em entrevista a "A União" de 8 de junho, o

piedoso Pe. João Onofre, uma consolação para todos, marchava conosco. E voltando à sede paroquial, até o fim, nunca deixou o Pe. João Onofre de nos visitar fortemente se interessando em nossa defesa. Insistentes pedidos fez ao Dr. Santa Cruz para nos ser restituída a liberdade, mas em vão. Respondia-lhe o Dr. Santa Cruz que nós éramos

do episcopado brasileiro.(64)

Às 6,30 do dia 30, o Seminário assistiu à missa de D. Adauto na Igreja do Carmo, acompanhando-a o coro dos seminaristas. Seguiu-se à missa a manifestação dos docentes e discentes do Seminário a S E R.

Às 9 horas, compareceu ao Palácio do Carmo o clero da capital, recebendo o prelado as saudações de que foi porta-voz o Monsenhor Manuel Paiva. No banquete que D. Adauto ofereceu ao clero, no Palácio Episcopal, saudaram-no ainda o Monsenhor José Thomaz e o Dr. Heráclito Cavalcanti.

À tarde, foi S. E. R. cumprimentado pela Sociedade de S. Vicente de Paulo e pela Pia União das [illegible]

a sua garantia".

Foi ao Pe. João Onofre que o Dr. Inojosa, bem certo de ser sacrificado – o que felizmente não aconteceu – entregou um dia o anel de grau e o relógio de ouro de seu uso para serem transmitidos à veneranda genitora.

Desde 22 de maio, dormia o Dr. Santa Cruz no mato com os prisioneiros, temendo o ataque da polícia do Estado ao seu fortim.

Tomado o Areal pelas forças da Paraíba e de Pernambuco – que enviara um contingente a fim de defender e guarnecer suas fronteiras – fugiu Santa Cruz em demanda do Ceará, via Pernambuco, e pelo caminho lhe foram fugindo os reféns. O Dr. Inojosa, de Vila Bela (Pernambuco), telegrafou aos parentes noticiando o seu salvamento e o Coronel Pedro Bezerra recuperou a liberdade em Milagres (Ceará) quando o chefe fugitivo e torturado pela derrota entregou os pontos.(48)

No dia 14 de maio, a Nunciatura Apostólica fez ao Monsenhor José Thomaz a comunicação oficial de sua eleição para Bispo de Sergipe. A 2 de junho emitiu S. E. R. a profissão de fé e o juramento exigido nos cânones perante o bispo diocesano, sendo testemunhas o Monsenhor Manuel Paiva e o Cônego João Irineu jófili. A cerimônia teve lugar na Capela do Seminário.(49)

Em 4 de junho, domingo de Petencostes, houve pontifical na Catedral, com sermão do Revmo. Frei Martinho Jansweid O F M, que pregou também na Catedral à noite em todos os domingos do dito mês.(50)

No dia 5 de junho enviou D. Adauto ao clero uma circular recomendando com muito carinho "a utilíssima instituição da Liga da Boa Imprensa fundada em Petrópolis, Estado do Rio, com o fim de auxiliar o Centro da Boa Imprensa".

"Quando todas as potências do mal, doutrina S. E. R.,conspiram contra o fundamento moral e religioso da sociedade e, nesse nefando empenho, não descuram nenhum meio de propaganda, explorando com maior esforço o mais poderoso deles – a imprensa, seria vergonhoso que nós, a quem Jesus Cristo confiou o cuidado do seu rebanho, assistíssemos indiferentes à perdição das almas remidas

com o sangue do Homem-Deus, deixando-as perecer na torrente avassaladora das más doutrinas, porque não soubemos evitar os males que se lhes deparam; porque não quisemos agir para defendê-las; porque, sentinelas de Israel, não vigiamos do alto de suas ameias, lobrigando nas sombras do horizonte a aproximação do inimigo; porque, pastores das almas, não as guardamos do lobo devorador; porque, pais dos fiéis, os não alimentamos com o leite são da palavra divina".[51]

No dia 15 assistiu D. Adauto com o Pe. Manuel Morais, vigário da Catedral, e o Monsenhor Manuel Paiva, reitor do Seminário, à colação de grau das professorandas de 1911 da Escola Normal Oficial, tomando parte na mesa ao lado do presidente João Machado e entregando os anéis às jovens diplomandas. Foi oradora da turma a professoranda Eudésia Vieira e paraninfo o Dr. João da Silva Porto.[52]

Aos 15 de junho desse ano, comunica D. Adauto aos seus diocesanos que tomou posse da nova Diocese de Natal o Exmo. Sr. D. Joaquim Antônio de Almeida, transferido por decreto do S. S. Padre Pio X de 23 de outubro de 1910, da Diocese do Piauí, onde exercera o múnus pastoral desde março de 1906.

O ato da posse revestiu-se de grande solenidade notando-se a presença das principais autoridades do Estado.[53]

Por ocasião do banquete que foi oferecido às 9 da noite, no Palácio do Governo, a D. Joaquim, saudou-o em nome do clero o vigário da Catedral, Cônego João Castro; em nome do povo do Rio Grande do Norte, saudou-o o Governador Alberto Maranhão e em nome de D. Adauto o Monsenhor Manuel Paiva.

D. Joaquim agradeceu levantando o brinde de honra ao S. S. Padre Pio X.

Em companhia de D. Joaquim vieram do Piauí os padres Alfredo Pegado, Amâncio Ramalho e Natanael de Vasconcelos que se incardinaram na Diocese de Natal.[54]

"A União" de 27 de junho noticiou a visita de D. Augusto Álvaro, Bispo eleito de Floresta, a D. Adauto, vindo agradecer-lhe a sua indicação para o múnus episcopal.[55]

Por ter de ir ao Ceará tomar parte na reunião do Episcopado do Norte, despediu-se D. Adauto dos seus diocesanos em 5 de julho.[56]

A 6 recebeu em Campina Grande expressiva manifestação de apreço o Monsenhor José Thomaz, por motivo de sua eleição episcopal. O vigário, Monsenhor Luiz Sales, lhe ofereceu um jantar, durante o qual foi ele saudado pelo advogado campinense Dr. Afonso Campos.[57]

No dia 7, em companhia do padre João Onofre, secretário interino do bispado, e do diácono Manuel de Almeida, seguiu o bispo diocesano para a fazenda "Gomes", município de Guarabira, onde se achava em vilegiatura a sua veneranda genitora, daí para Serra da Raiz, a fim de rever parentes e amigos; daí para Natal, em visita a D. Joaquim de Almeida, e daí para Fortaleza.[58]

No docorrer da ausência do bispo diocesano, governou a Diocese o Monsenhor Manuel Paiva, que em seu impedimento seria substituído pelo Cônego João Irineu Jófili.[59]

A 16 realizou-se no Colégio de N. S. das Neves a solenidade da 1ª comunhão, presidida pelo Monsenhor Manuel Paiva, com a renovação das promessas do batismo. Às 7 horas da manhã do dia seguinte, no mesmo educandário, celebrou o Cônego Jófili missa de ação de graças pelo piedoso evento.[60]

Em 5 de agosto, dia da Festa de N. S. das Neves, tiveram lugar as solenidades de costume: missa rezada às 7 horas e comunhão geral na Catedral-Matriz, missa solene às 10 com sermão do Monsenhor Manuel Paiva ao evangelho, procissão às 4,30 e *Te Deum*.[61]

No dia 11, a bordo do "Aragon" chegou de Roma o Pe. Dr. Florentino Barbosa, recém-titulado em Filosofia pela Universidade Gregoriana.[62]

Passageiro do "Ceará", desembarcou em Cabedelo, no dia 14, o bispo diocesano, que voltava de Fortaleza acompanhado do Monsenhor José Thomaz.[63]

Como nos anos anteriores, "A União" deu em destaque a notícia do aniversário de D. Adauto, em 30 de agosto: "Em data igual a que hoje aqui registramos com desvanecimento, inúmeras têm sido as provas de alto apreço tributadas ao bondoso prelado pelos elementos católicos,

pelo povo, pela família desta auspiciosa Diocese que D. Adauto superiormente dirige, a ponto de fazê-lo um dos bispos mais cotados do episcopado brasileiro.[64]

Às 6,30 do dia 30, o Seminário assistiu à missa de D. Adauto na Igreja do Carmo, acompanhando-a o coro dos seminaristas. Seguiu-se à missa a manifestação dos docentes e discentes do Seminário a S E R.

Às 9 horas, compareceu ao Palácio do Carmo o clero da capital, recebendo o prelado as saudações de que foi porta-voz o Monsenhor Manuel Paiva. No banquete que D. Adauto ofereceu ao clero, no Palácio Episcopal, saudaram-no ainda o Monsenhor José Thomaz e o Dr. Heráclito Cavalcanti.

À tarde, foi S. E. R. cumprimentado pela Sociedade de S. Vicente de Paulo e pela Pia União das Filhas de Maria. À noite, o Colégio Diocesano Pio X homenageou-o com discursos e recitativos. A todos agradeceu D. Adauto com expressão de paternal carinho.[65]

Em 19 de setembro, regressou da Alemanha o venerando beneditino D. Ulrico Sontag, prior do Mosteiro de S. Bento. O grato acontecimento foi festivamente comemorado pelos seus amigos que lhe ofereceram um jantar no mesmo Mosteiro.[66]

Em virtude de uma disposição diocesana assinada pelo Cônego Odilon Coutinho, Secretário do Bispado, ficou proibida em benefício da higiene e saúde pública a permanência de caixões mortuários nas sacristias ou dependências das igrejas, em 6 de outubro.[67]

No dia 12 do mesmo mês, promoveu o Colégio Diocesano Pio X interressante festival celebrando o feito do descobrimento da América. Discursaram o diretor, Cônego Jófili, e os alunos Joaquim de Melo e José Saldanha. Foram distribuídos prêmios de estímulo aos alunos mais esforçados do ano – José Bastos, Francisco Miranda, Joaquim Monteiro, José Borges, Pedro Mota, Joaquim Cirilo, José Pereira Lira e Severino Pires Ferreira.[68]

Vindo do Recife, aonde fora assistir à sagração episcopal de D. Augusto Álvaro, esteve em ligeira visita a D. Adauto, em 24 de outubro, o Bispo Diocesano de Natal, D. Joaquim de Almeida. No

mesmo dia, a bordo do "Ceará", D. Joaquim rumou para a sua diocese.(69)

Em 1° de novembro presidiu o bispo diocesano a 1ª comunhão que na Igreja da Mãe dos Homens promovera o Cônego João Milanez. As crianças foram ainda crismadas por S. E. R. antes da renovação das promessas do batismo que ele mesmo igualmente presidira à tarde.

Em 1° de novembro, conferiu também D. Adauto o subdiaconato ao menorista José Rodrigues Viana.(70)

No dia 12, realizou-se na Catedral a ordenação geral. Promoveu D. Adauto ao presbiterato os diáconos Antônio Augusto Pereira de Sousa, Firmino Cavalcanti de Albuquerque, José Vital Ribeiro Bessa, José Rodrigues Viana e Manuel de Almeida e Albuquerque; ao diaconato os subdiáconos Luiz Gonzaga de Araújo e José Trigueiro de Brito Júnior; ao subdiaconato os menoristas Constantino Vieira, José Tibúrcio e Manuel Tobias Vitório; às últimas menores o menorista Júlio Bezerra e às primeiras os cléricos Nicodemus Neves e Nicolau Leite.(71)

"Por portaria de 15 de novembro desse ano (1911), testemunha o Cônego Francisco Severiano, foi transferida a sede paroquial de Alagoa do Monteiro para a povoação de S. Sebastião do Umbuzeiro da mesma freguesia, observados, porém, os antigos limites. Ficou a Capela de S. Sebastião gozando de todos os privilégios, prerrogativas, direitos e isenções, segundo os cânones e disposições do Sagrado Concílio de Trento, com pleno direito à residência do respectivo pároco e à permanência do S. S. sacramento.(72)

No dia 23, assistiu D. Adauto ao encerramento do ano letivo no Colégio de N. S. das Neves, em companhia de D. José Thomaz, distribuindo ambos às alunas mais distintas variados prêmios. Ao findar o vasto programa lítero-musical do dia, receberam os dois prelados as saudações do colégio, agradecendo D. Adauto e inaugurando a seguir a exposição dos trabalhos.(73)

Levantada a candidatura do Monsenhor Walfredo para o quatriênio governamental 1912- 1916, inúmeras foram as adesões recebidas, num movimento de vero entusiasmo a traduzir o prestígio

do velho político. Walfredo, porém, do Rio telegrafou aos seus amigos da Paraíba para cerrarem fileiras em torno das candidaturas que o PRC apresentava com todo o assentimento dele: Castro Pinto, Antônio Pessoa e Pedro Bandeira, respectivamente, presidente, 1° e 2° vice-presidentes, em 13 de dezembro.(74)

"Sob os auspícios do Exmo. Sr. D. Adauto, registra o Cônego F. Severiano, foi fundado este ano na cidade de Areia, pelo Cônego Odilon Benvindo, zeloso pároco da freguesia, o Colégio de Sta. Rita, destinado ao sexo feminino, confiado às religiosas da Sagrada Família, que com toda a competência o dirigem. É um estabelecimento de instrução que incalculáveis benefícios há de fazer às zonas serrana e sertaneja do Estado. Funciona em prédio próprio. Seu programa de ensino é o mesmo do Colégio de N. S. das Neves. Tem como diretora a Irmã Maria Hortense".(75)

Em 1912 ouviu a sede episcopal da Paraíba uma série de conferências apologético-religiosas, as "santas missões", pregadas por um religioso franciscano, que, sem os surtos de erudição científica do Pe. Júlio Maria, não lhe ficava atrás na eloqüência e, sobretudo, na lógica dos argumentos e na unção sobrenatural de que se revestiam as suas palavras.

Convidado pelo Sr. Bispo, Frei Eduardo Herberhold, O F M, iniciou as "santas missões" na Catedral, às 7 da noite de 10 de março de 1912, perante um numeroso auditório para o qual não eram indiferentes as suas virtudes e o seu talento. Estavam presentes o Sr. Bispo, o Seminário e o clero.(76)

"O pregador é um homem simples – registrava a reportagem de "A União", alemão de origem, brasileiro naturalizado, conhecendo com perfeição o nosso idioma e já afeito às lides da tribuna religiosa nos sertões de nosso país.(77)

Frei Eduardo tratou, em sua primeira conferência, da existência de Deus provada pelas suas obras. "Os mares, dizia, as montanhas, os pássaros, todos os seres animados e inanimados, com o homem – o rei da criação, dizem harmoniosamente num só hino todos os predicatos divinos do Todo-Poderoso, do Senhor dos Exércitos. Tudo compele

o homem para o culto à Divindade".

Só no cumprimento da lei divina, doutrinava o pregador, pode o homem encontrar a felicidade neste mundo e na eternidade.(78)

Frei Eduardo fez, com muita felicidade, "o paralelismo do homem virtuoso e do homem sem virtudes, caminhando ambos na mesma linha da vida presente para a vida futura, distanciados e antagônicos".

Terminou com a prova do texto "a fé sem as obras é morta", pela estigmatização de Jesus aos hipócritas, e, citando o texto "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", com o apelo a todos os habitantes da cidade para que fossem assíduos na assistência às práticas subseqüentes.(79)

Conforme a reportagem de "A União", focalizou o orador na sua segunda conferência, realizada na noite de 11, a figura de Jesus – caminho, verdade e vida – *via, veritas et vita.* Percorrer esta via luminosa, desenvolvia ele, é abeberar-se da verdade sempiterna, é possuir a vida que não morre. Dela desviar-se é cair naquela vaidade letal de que fala Salomão: "Vaidade das vaidades e tudo é vaidade, exceto amar e servir a Deus".

Frei Eduardo relacionou com o assunto central de sua prédica a veracidade dos livros santos, a disciplina da Igreja e a verdade divina da religião católica pela qual os mártires sacrificaram a própria vida.(80)

Na noite de 12 de março, abordou o conferencista a certeza da morte e a incerteza da sua hora. "Estai preparados, porque numa hora em que não esperais virá o Filho do Homem". Demonstrou como a morte era o castigo do pecado. Demonstrou igualmente a necessidade e a utilidade da confissão sacramental e exaltou as grandes confissões do Evangelho nos seus imortais portadores – o paralítico, Maria Madalena, o bom ladrão. Concluiu excitando os seus numerosos ouvintes à prática da lei divina, confortando os que vivem na pobreza material, mas têm o coração rico dos tesouros da fé, e garantindo em nome de Deus que a morte do justo era a aurora esplendente da sua ressurreição.

"Ninguém que tenha lido as sagradas páginas do Novo

Testamento, perorava, pode ficar vacilante sobre esta bem dura e ao mesmo tempo bem consoladora verdade religiosa: os maus terão um suplício eterno e os bons serão eternamente recompensados. Não há motivo para tristeza. Preciosa é a morte dos justos. *Pretiosa in conspectu domini mors sanctorum ex jus.*[81]

A conferência do dia 13 já constituiu um atestado flagrante do interesse que despertava o missionário pregador na população da cidade. Frei Eduardo deixava antever no semblante a alegria que lhe inundava a alma, por ver que a sua palavra de semeador do Evangelho não estava caindo em terreno sáfaro ou pedregoso.

A afluência cada vez maior dos ouvintes é um sinal positivo do bom êxito de sua missão.

"Por que propaga o catolicismo o sacramento da confissão? Pergunta S. R.e responde: porque a confissão sacramental é a grande piscina redentora a que se abeberam os corações para se purificarem das impurezas do mundo, para adquirirem a paz interior, para se reconciliarem com Deus". Estendeu-se Frei Eduardo sobre o preconceito contra a confissão e sobre as falsas razões com que muitos se eximem da confissão.

"Não me confesso, porque não creio na confissão".

"Melhor seria, conclui, que dissessem a verdade:

"Não me confesso, porque não posso deixar a vida em que estou; porque sou amasiado; porque sou mau esposo; porque sou casado apenas no civil e não me quero casar no religioso; porque devo e não quero pagar; porque o frade me pode passar uma grande descompostura; porque os homens de elevada posição não se confessam...".

Para terminar, ressaltou os admiráveis tesouros da misaricórdia divina encerrados no sacramento da penintência.[82]

O auditório da 5ª conferência, na noite de 14, ultrapassava o da véspera.

A Catedral estava completamente cheia e a multidão em silêncio prestava religiosa atenção à palavra do eloqüente franciscano.

Voltando ao assunto do sacramento da confissão, dividia Frei

Eduardo os homens em duas grandes correntes: a corrente dos cumpridores da lei e a corrente dos inimigos da lei; a corrente dos cristãos e a corrente dos fariseus.

Combatem os fariseus a confissão, acrescentava, porque não querem deixar os seus desmandos...

Ocupando-se da utilidade social da confissão, afirmava S. R.: "a maior média dos suicídios é encontrada entre os povos que não praticam o sacramento da confissão, segundo as estatísticas".

"A confissão tranqüiliza o espírito. E é para plenificar as almas dessa felicidade indizível que Deus Nosso Senhor arranca o pecador das malhas do pecado, acolhendo-o como o velho pai ao filho pródigo, como o pastor à ovelha desgarrada...".

Remata Frei Eduardo concitando os presentes para que experimentem as "benesses" do tribunal da penitência.

O Sacramento da Eucaristia, escreve o repórter de "A União", foi o tema da conferência de anteontem (15 de março), pronunciada por Frei Eduardo no púlpito da catedral, perante compacta multidão que era toda ouvidos para a explanação de um dogma que é o mais importante para a crença católica.(83)

Frei Eduardo se referiu à instituição da eucaristia na última ceia e mostrou como duvidar da sua existência era duvidar de toda a Revelação; como a eucaristia fora profetizada e anunciada no Antigo Testamento; como negar a transubstanciação equivale a negar a encarnação. Encarou o milagre da multiplicação dos pães como preparação para o milagre eucarístico e exaltou a hóstia triunfante nos congressos eucarísticos internacionais e no culto universal da eucaristia.

A eloqüência de Frei Eduardo culminou ao afirmar ele que derramaria mil vezes o seu sangue, que daria mil vidas, se mil vidas tivesse, para confessar a sua ardente fé na eucaristia.(84)

Na 7ª conferência, a da noite de 16 de março, continuou Frei Eduardo o assunto da eucaristia. Considerando-a na vida da Igreja Católica, assegurou que pela força da eucaristia Deus não destruíra ainda o mundo, presa de tantos pecados; que a comunhão era a garantia da inocência nas crianças; da vitória contra as paixões nos jovens, da

conservação dos sentimentos puros nas donzelas. Desenvolveu o texto bíblico – *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos*. "Vinde a mim todos que trabalhais e que estais cansados e eu vos aliviarei."

Desta palavra de Cristo, anota a reportagem de "A União", fez o orador uma eloqüente peroração, convidando os pequenos e humildes da terra ao banquete dos anjos, para o qual de ninguém se exige ouro nem pedrarias, roupas do último figurino ou perfumes de Paris, mas tão-somente a veste cândida da inocência que nos dá o sacramento da confissão, e o odor suave da piedade cristã que nos dá o arrependimento das culpas cometidas.(85)

Comentando a 8ª conferência, de 17 de março, registra "A União":

"Quem esteve no meio daquela grande massa compacta de povo experimentou certamente a convicção de que a religiosidade é o sentimento predominante, é o grandioso e profundo sentimento que domina o espírito popular e fá-lo acorrer pressuroso e quase automaticamente ao templo sagrado, para o culto à Dinvidade".

O dogma do inferno foi o assunto central da conferência, sustentando Frei Eduardo a tese de que a existência do inferno era um corolário da existência do céu, como o castigo é um corolário do prêmio.

"A verdade da existência do inferno, continuava o pregador, é uma verdade tão formal como a verdade da existência do Messias. É uma verdade revelada que se impõe à inteligência. Uma verdade útil à sociedade e ao homem. Uma verdade imperativa da justiça divina...".

"Cumpri as leis do vosso país, prosseguia; respeitai as autoridades competentes; trabalhai pela moralização dos costumes; contribuí para o progresso da vossa grandiosa pátria, pois que tudo isso Deus exige de nós, porque somente assim podereis todos vós vos colocardes à dextra de Jesus Cristo e ouvir de seus divinos lábios esta palavra de eterna ventura: "Vinde, benditos de meu pai, possuir o reino que vos está preparado desde toda a eternidade". E com este texto rematava Frei Eduardo a sua prédica".(86)

A reportagem de "A União" se refere ao corpo da 9ª conferência (18 de março):

A família - sua organização e seus deveres, eis o objetivo do estudo de Frei Eduardo.

Falou sobre o "grande sacramento" constituidor da família cristã, tecendo um panegírico a essa instituição, a mais formosa da sociedade, e se estendendo ainda no concernente às graves obrigações dos cônjuges.

Não podemos ocultar as vantagens do contrato civil, que embora não seja casamento, é instituto das leis do país que merece obediência e acatamento. Na realidade, porém, asseverava, são concubinários aqueles que se acham ligados apenas pelo vínculo civil. Não podem ser padrinhos, nem têm direito a sufrágio público e à sepultura eclesiástica.

Passando a tratar da educação dos filhos, citou S. R. o texto de S. Paulo: "Pais, educai vossos filhos na disciplina e na correção do Senhor", desenvolvendo magistralmente o sentido dessa prescrição paulina em confronto com o "Deixai vir a mim as criancinhas" do Evangelho.

Lamentou não ser obrigatório o ensino da religião em nosso país, como o é na Alemanha e em outros muitos países da Europa, porque o homem sem religião fica reduzido a pura animalidade.

"É a religião o maior sentimento, doutrinava o pregador, a maior lei que nos domina o espírito, o coração. Arrancai do vosso ser esta idéia congênita que nos prende à Dinvidade, e nós seremos sem crença na vida, sem temor para praticar o mal, sem estímulo para fazer o bem".

Às últimas palavras de Frei Eduardo, continua o repórter, sentiu-se que o povo queria fremir de entusiamo. Mas no templo sagrado os aplausos são proibidos e é o silêncio o sinal de respeito que qualquer, mesmo de religião diferente, deve dar à Igreja".[87]

A conferência de 19 de março, 10ª da série, foi precedida de um dia invernoso.

"Apesar da chuva copiosa, menciona a reportagem de "A União", que desde o meio-dia caía barulhentamente sobre a cidade, afluiu muita gente à Catedral, para ouvir o verbo inflamado do simpático e fervoroso missionário.

Frei Eduardo tomou como ponto de partida o 4º mandamento da lei de Deus – honrar pai e mãe, e dedicou essa prédica aos pais, esposas e filhos.

Patenteou a importância do citado mandamento na antiga lei, que mandava apedrejar os filhos desobedientes aos seus pais.

Publicou o exemplo de Salomão, o mais sábio, o mais rico, o mais esplendente monarca do mundo, descendo do seu trono para receber a genitora que se aproximava e fazendo-a sentar em um trono que mandara erguer ao lado do seu.

Aos esposos, aos filhos, em síntese, a todos a conferência de Frei Eduardo serviu como uma grandiosa e ilustrada lição de moral que impressionou vivamente aos ouvintes", termina a reportagem.[(88)]

Ressaltava o repórter de "A União" que a 11ª conferência teve um auditório calculado em 3.000 pessoas.

Nessa conferência, pronunciada em 20 de março, exaltou o orador a santa virtude de castidade. No elogio da pureza, da castidade, relembrou os claros exemplos dos primeiros cristãos, muitos deles mártires da bela virtude.

A vigilância dos pais sobre os filhos, em benefício da pureza dos mesmos, é um gravíssimo dever de consciência, recordava.

Eloquentíssimo foi o contraste que o pregador frisou com maestria entre a decadência física, moral e intelectual do homem afogado nos prazeres proibidos e a sublimidade do homem casto, expoente de força e de vigor integral pela pureza de sua vida.[(89)]

A 12ª e última conferência, do dia 23 de março, foi consagrada pelo orador à Virgem Santíssima.

"A peroração, confessa a reportagem, foi um belíssimo panegírico àquela que é o conforto dos sacerdotes caluniados, que é a esperança dos desprotegidos da fortuna e advogada dos cristãos junto ao trono do Altíssimo. Ave Maria, cheia de graça, bendita sois vós

entre as mulheres – foram as derradeiras palavras do orador".[90]

As prédicas de Frei Eduardo terminaram no dia 24 de março, com a procissão do S. S. Sacramento às 4 horas da tarde, que saindo da Catedral percorreu a rua Nova e voltou pela rua Direita.

Ao recolher-se a procissão, fez S. R. as suas despedidas, num ambiente de intensa emoção, concedendo por fim a bênção papal.[91]

Noticiando as "Santas Missões" de Frei Eduardo, assim se externava o Boletim Eclesiástico do Diocese:

"A convite do Exmo. Sr. Bispo, Frei Eduardo Herberhold, vindo da Bahia, deu ultimamente uma missão nesta paróquia.

Foi incansável o digno e ilustrado franciscano no desempenho da difícil tarefa de que se incumbira. Enquanto com a sua palavra autorizada e cheia de unção convencia aos que iam ouvi-lo, instruía ao grande auditório, que enchia literalmente a Catedral, não se esquecia das crianças, dedicando-lhes também sua atividade. Conseguiu Frei Eduardo reunir, nos poucos dias que esteve entre nós, quatrocentos meninos, e bem dispô-los para a solenidade da 1ª comunhão. Foi esta distribuída pelo Exmo. Sr. Bispo, que lhes falou com carinho e autoridade de pai espiritual, se regozijando com eles pela felicidade que sentiam n'alma e pela imponência da solenidade. No último dia, mais de duzentos homens receberam, das mãos do nosso virtuoso pastor, a sagrada comunhão. Além desses frutos espirituais, houve mais de sessenta casamentos de pessoas ilegalmente unidas.

Foram muito concorridas as "Santas Missões", notando-se grande número de fiéis diariamente, a assistência do Exmo. Sr. Bispo, de sacerdotes e de pessoas outras de elevada posição em nossa sociedade"[92]

Outros fatos ocorridos em 1912 na vida da diocese assinalamos a seguir:

Aos 30 de janeiro desse ano, faleceu na Capital Federal o senador Álvaro Machado, chefe do partido dominante na política paraibana desde 1892.[93] Foi presidente do Estado, cuja vida pública organizou e integrou na comunhão do novo regime – durante dois

períodos governamentais. Grande amigo de D. Adauto, seu conterrâneo e seu colega nos primeiros bancos escolares, Álvaro Machado teve ocasião de afirmar muitas vezes essa amizade, prestigiando a ação do primeiro antístite paraibano, facilitando-lhe os meios para o apostolado e advogando, direta ou indiretamente, no Rio de Janeiro os interesses da diocese, num tempo em que o laicismo estreito de certos políticos procurava freqüentemente entravar a obra da Igreja.

Com a morte do senador Álvaro Machado, assumiu a direção política do Estado o Monsenhor Walfredo Leal, igualmente nosso representante na Câmara Alta do país e subchefe do partido situacionista (P R C).

No dia 5 de fevereiro, o Estado promoveu, na Catedral, solenes exéquias em sufrágio da alma do senador Álvaro Machado.

Às 7 horas celebraram o santo sacrifício os Mosenhores Walfredo, Paiva e Assis; os Cônegos Moisés, Odilon, Jófili e Sabino; os padres Francisco Coelho, João Bilro, Matias, Marcelino e Pedro Anísio.

Às 8 horas teve lugar a missa de *requiem* solene, com assistência pontifical, sendo ministros do altar os padres Gabriel Toscano, Francisco Coelho e João Bilro; cerimoniário o Cônego Odilon Coutinho.

Uma orquestra de dezenove maestros ocupou o coro, salientando-se os cantores Camilo Ribeiro e Sabino de Luna Freire.

Fez a oração fúnebre o Pe. Matias Freire.

O catafalco, armado no centro da nave principal, obedeceu à planta do engenheiro Dr. Miguel Raposo.(94)

O Boletim Eclesiástico de fevereiro registra o necrológio do Monsenhor Alexandre Bavona, Arcebispo titular de Farsália, Núncio Apostólico do Império Austro-Húngaro e ex-Núncio do Brasil, falecido em Viena d'Áustria no mês de janeiro.

Ressalta a atuação do Monsenhor Bavona na Nunciatura brasileira, observando que S. E. R. havia encontrado no Brasil, em 1907, vinte sedes episcopais mais uma prelazia e três prefeituras apostólicas, quando daqui saiu transferido, em março de 1911.

Focaliza ainda o descortino do Monsenhor Bavona como presidente de dois tribunais arbitrais que em Petrópolis se reuniram, e nos quais eram partes contestantes o Peru e a Bolívia, nações interessadas a respeito de seus limites com o Brasil.[95]

14 de março de 1912. Inauguração da luz elétrica na capital.

Às 7 horas da noite, diante do quadro da distribuição, o presidente João Machado ligou a chave geral. A usina se ilumunou feericamente. Girândolas espoucaram em vários pontos da cidade.

Os serviços elétricos da capital foram contratados pelo Governo com a Empresa Tração, Luz e Força, sediada, em S. Paulo, sendo primeiro fiscal do governo junto à empresa o Coronel João Lira.

D. Adauto se fez representar na solenidade pelo Secretário-Geral do Bispado, Cônego Odilon Coutinho.[96]

Em 15 de março, seguiu D. Adauto para o Recife, a fim de impor o sagrado pálio ao primeiro Arcebispo de Olinda, D. Luiz Raimundo da Silva Brito, e de assistir como consagrante à sagração episcopal do recém-eleito Bispo de Uruguaiana, D. Hermeto José Pinheiro.[97]

No dia 31 de março, Domingo de Ramos, tiveram início na Catedral as cerimônias da Semana Santa, que se processaram nos trâmites litúrgicos de costume.

Foram pregadores dos santos mistérios celebrados os padres Pedro Anísio (Quinta-Feira Santa), Monsenhor Francisco Severiano (Sexta-Feira Santa) e Cônego Dr. Florentino Barbosa (Domingo de Páscoa).[98]

No dia 31, às duas da tarde, realizou-se também a inauguração do abastecimento dágua da capital.

Àquela hora, o presidente João Machado abriu a válvula da máquina, pondo em movimento as poderosas bombas propulsoras.

Os serviços foram executados sob o controle dos engenheiros Miguel Raposo e Victor Kromenaker.

Após a inauguiração várias festividades se seguiram.

Representou o bispo diocesano o Cônego Odilon Coutinho.[99]

Respigamos do editorial de 7 de abril, publicado em "A União",

o seguinte trecho:

"Neste dia do teu triunfo, ó divino Ressuscitado, que frases poderemos escrever de ti que não estejam aquém da tua sublimidade e não revelem a mesquinhez de nossa inteligência na contemplação dos teus mistérios!

Cabe-nos apenas adorar os teus poderes, adorar os desígnios do teu amor para a salvação da humanidade, adorar a suavidade esplendorosa da tua doutrina e , no recolhimento interior do nosso espírito, bendizer a cada instante o teu nome sacratíssimo.

Salve, Cristo!"[100]

Por decreto diocesano de 11 de abril, foi desmembrada da freguesia de N. S. das Dores de Alagoa do Monteiro a povoação de Umbuzeiro, criando-a a erigindo-a *ad perpetuum* em paróquia e instituindo canonicamente a Igreja de S. Sebastião em Matriz da nova freguesia na forma do Sagrado Concílio de Trento.

Concedeu também a essa paróquia plenos direitos e faculdades para ter em sua sede o sacrário, em que permanentemente conserve o S. S. Sacramento, e todas as honras, prerrogativas e distinções de Igreja Paroquial.

Foi-lhe dado também o respectivo traçado de limites que ficou registrado na cúria".[101]

18 de maio de 1912.

A Paraíba enlutou-se com o falecimento do grande apóstolo da caridade, o beneditino D. Ulrico Sontag.

D. Ulrico nascera em Weingarten, na Alemanha, em 24 de maio de 1847. Recebeu o presbiterato em 1° de agosto de 1873 e ingressou na Ordem de S. Bento em 30 de maio de 1878, tendo permanecido na Abadia de Emaús, em Praga, ao tempo pertencente à Áustria, até 1897, quando veio para o Brasil. Desde 1907, residia no Mosteiro de S. Bento da Paraíba, cujo priorato desempenhara com zelo e efeciência. A epidemia de varíola, que grassou assustadoramente na capital entre 1907 e 1908, fez de D. Ulrico a providência viva dos míseros variolosos, nos mocambos onde eles penavam a sua dor e carpiam a sua indigência.

D. Ulrico foi assistido, nos seus últimos momentos, pelo prior de S. Bento, D. Gaspar Lefebvre, por Frei Agostinho O F M e pelos Cônegos Morais e Assis.

O corpo ficou em exposição na Igreja de S. Bento até o dia 19, quando se procedeu à inumação às 9 horas, no cemitério do Senhor da Boa Sentença.

Na manhã de 19 houve missa de corpo presente e várias outras missas em sufrágio da alma do saudoso beneditino, oficiando D. Adauto na encomendação do cadáver.

D. Ulrico, que tinha grande amor às pesquisas históricas, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e do Instituto Arqueológico de Pernambuco.(102)

Do seu necrológio, publicado no Boletim Eclesiástico da Diocese, extraímos o trecho: "Muitas vezes sacrificava sua saúde, já combalida pela velhice, para atender as necessidades espirituais, fazendo a pé viagens penosas de 2, 3 e 4 léguas. Tinha o hábito de não viajar em carros, bondes e a cavalo, por isso era mais admirável vê-lo no rigor da canícula ou da chuva, palmilhar grandes distâncias, com mais sacrifício para sua existência e maior realce para o seu zelo.

Era todo bondade para os desvalidos e as crianças desfavorecidas da sorte que nele encontravam um amparo e um pai extremoso: curvavam-se para beijar a fímbria da sua estringe, porque a paz e a esperança entravam em todas as moradas sobre que desciam as bênçãos dele.

Com os parcos rendimentos do patrimônio do Mosteiro, sustentava ali uma escola para meninos pobres, ministrando-lhes, a par do ensino primário, a educação cristã.

Uma enfermidade que durou cerca de 20 dias, contraída em uma viagem, na qual, com sacrifício, montou a cavalo, fazendo depois a pé, o percurso de duas léguas, o levou ao túmulo".(103)

Muito concorridas foram as exéquias de D. Ulrico, no 7° dia do seu falecimento, celebradas na Igreja do Mosteiro de S. Bento. Cantou a missa solene o prior , D. Gaspar Lefebvre, auxiliado pelo diácono José Trigueiro, subdiácono Manuel Tobias e menorista Júlio

Bezerra.

A parte coral foi executada pela *Schola Cantorum* do Seminário sob a regência do Cônego Odilon Coutinho.

Achavam-se presentes o Exmo. Sr. Bispo, que deu a absolvição, e o Exmo. Sr. Presidente do Estado.

Compareceu também a Banda da Polícia para o funeral.

No catafalco viam-se suspensas várias coroas mortuárias.(104)

No domingo, 9 de junho, teve lugar a procissão de *Corpus Christi*, cuja festa transcorrera no dia 6. A procissão saiu da Catedral às 4 da tarde e recolheu-se às 6, percorrendo o itinerário de praxe.(105)

Registrando a festa do S. S. Coração de Jesus, ocorrida em 14 de junho, anota o Boletim Eclesiástico:

"A missa do dia 14, dia próprio da festa do Sagrado Coração de Jesus, foi celebrada na Catedral pelo Exmo. Sr. Bispo, que distribuiu a sagrada comunhão a 80 crianças de um e de outro sexo, entre as quais muitas recebiam o bom Deus pela primeira vez.

À tarde o Cônego Francisco de Assis recebeu a renovação das promessas do batismo destes inocentes comungantes que, unidos a Jesus para sempre, em meio de grande número de fiéis, publicamente renunciavam a Satanás e as suas obras.

Neste mesmo dia houve no Colégio Diocesano Pio X, a 1ª comunhão de 16 alunos devidamente preparados por um piedoso retiro pregado pelo Revmo. Pe. Pedro Anísio. Na tarde deste dia o Exmo. Sr. Bispo na capela do colégio crismou estes novos comungantes ávidos de fazerem parte da milícia do Senhor, pelo sacramento da confirmação.

O Centro do Apostolado da Oração da Catedral promoveu solene novenário que terminou no último dia do mês. O Revmo. Frei Agostinho, padre franciscano, fez-se ouvir nos dois últimos dias.

Por ocasião da missa solene cantada pelo Cônego Manuel Morais, cura da Sé, que teve lugar às 7 horas da manhã do dia 30, pregou o Revmo. Frei Agostinho.

À tarde o vasto templo estando quase repleto de fiéis, o Revmo. Vigário, Cônego Morais, fez a solene consagração daquele povo ali reunido ao Divino Coração de Jesus, depois de mostrar as grandezas

infinitas, que se acham naquela fonte inesgotável de misericórdia e perdão.

Ainda uma vez mais nos convencemos de que esta Diocese é e será sempre do Sagrado Coração."[106].

Durante todo o mês de julho se trabalhou intensamente na restauração das oficinas de "A Imprensa", que reapareceu no dia 15 de agosto, com sua orientação exarada no editorial:

"É nosso primeiro dever defendermos a causa e os direitos do nosso bom Deus e fazermo-nos arautos de suas leis e dos preceitos de sua Igreja, de cuja obediência depende a paz e o verdadeiro progresso entre as nações.

A pátria, que não é só o lugar, o sítio onde nascemos – é também o lar, a família, a língua que falamos, os costumes herdados dos nossos pais, a religião que professamos e o céu azulado que foi nosso encanto nos dias felizes de nossa infância.

A pátria para a imprensa cujo único enlevo e *desideratum* é oferecer à publicidade ensinamentos úteis ao bem comum, é ainda mais a integridade do seu solo, a observância de suas leis justas, a sua indústria e o seu comércio, as suas riquezas e as suas produções, as suas escolas e a sua justiça, a defesa dos sãos princípios por que se regem a família, a autoridade pública e privada e o povo nos seus comedidos e razoáveis anseios pela liberdade.

Tudo isso se nos aparece como um dever de primeira monta para o jornal católico, dever que desejaríamos cumprir por amor a Deus e a pátria, tanto pudessem as nossas forças".[107]

Reapareceu "A Imprensa" em publicação bi-semanária, "munida de um prelo a vapor em tudo completo, e como um jornal católico que ela é" – registra o Cônego F. Severiano.

Era o seguinte o seu corpo redacional: redator-chefe – Monsenhor Manuel Paiva; diretor-gerente – Subdiácono Manuel Tobias; redatores – Monsenhor João Irineu Jófili, Monsenhor Francisco Severiano, Cônego Moisés Coelho, Cônego Odilon Coutinho, Cônego João Milanez, Cônego Leão Fernandes, Pe. Matias Freire, Pe. Pedro Anísio, Pe. Dr. Florentino Barbosa e Dr. José Américo de Almeida.

Colaboradores assíduos no início dessa fase foram: J. Soares de Azevedo, Pe. Melo Lula, Dr. Irineu Jófili, Pe. Manuel Otaviano, Dr. Paulo Afonso, D. Gaspar Lefebvre, Dr. Mateus de Oliveira, Pe. José Tibúrcio, D. Eudésia Vieira e Prof. Juvenal Coelho.[108]

Saía às quartas e domingos com uma tiragem de dois mil exemplares.

"Não vamos fazer um jornal simplesmente católico, confessava o editorialista num dos primeiros números – este periódico, sendo francamente católico, será por isto mesmo francamente popular.

Acentuamos desde já que "A Imprensa" não tem índole partidária na política regional. Na defesa dos bons princípios, na propaganda das idéias sãs, no combate a todo mal, parta este de onde partir, estaremos de atalaia, firmes, destemidos, irredutíveis, como sentinelas insontes da ordem, do progresso e da moralidade, colimando sempre a salvação pública, que é a suprema lei, e escudados sempre neste lema sublime: "Amar os homens e combater os seus erros", lema que foi a norma de conduta de uma das glórias mais extraordinárias da humanidade.

Em pleno jornalismo estamos, pois. Nestas colunas francamente abertas às idéias patrióticas, contamos com a coadjuvação preciosa dos que amam as lutas espirituais. Aqui esperamos ver a mocidade conterrânea tão entusiasta e inteligente terçando as armas transluminosas da palavra escrita.

Neste prélio dignificador do jornalismo, que é o apostolado moderno por exelência – *ad augusta per angusta"*.[109]

As oficinas e a redação de "A Imprensa" continuavam funcionando no pavimento térreo da Palácio do Carmo.

Dentre as seções do órgão diocesano, ao começar esse segundo período, destacamos a "Vespertina", de J. A. A. (José Américo de Almeida), redator-secretário da folha, pelo estudo de importantíssimas questões de ordem moral-social em plena atualidade na época.[110]

30 de agosto de 1912.

57º aniversário natalício de D.Adauto.

Ressaltava o editorial de "A Imprensa" nesse dia:

"O observador desapaixonado que passar em revista os 18 anos da administração espiritual do venerando antístite, verá os frutos reais de uma ação fecunda e nobre, colhidos com dispêndios de esforços extraordinários e muita abnegação, qualidades estas que sabem ter somente os espíritos de escol.

A multiplicação da diocese em duas outras: a de Natal e a de Cajazeiras em vias de operar-se; as cartas pastorais escritas com proficiência e erudição; a instrução da mocidade – das escolas primárias paroquiais aos ginásios; o ensino do catecismo a crianças e adultos".(111)

Em bem lançado artigo, se referia o Dr. Irineu Jófili ao "pastor que jamais poupou esforços em chamar para a fé – aprisco seguro da religião e guarda avançada da moral dos homens e da sociedade a ovelha desgarrada e imersa no gelo do indiferentismo ou na soalheira da dissolução".(112)

O Dr. José Rodrigues de Carvalho, futuro Secretário-Geral do Estado, foi pessoalmente à "Graça" apresentar as saudações do senador Castro Pinto, presidente eleito, a S. E. R., e inúmeras pessoas para lá se dirigiram também com a mesma finalidade.

Às 4 horas da tarde ofereceu o Sr. Bispo um jantar ao clero.(113)

Exaltando a personalidade de D. Adauto, dizia o editorial de "A União":

"A homenagem que "A União" vai nestas linhas prestar não objetiva um paraibano que se tenha alcandorado na política, mas dirige-se a um paraibano ilustre, cujas virtudes excepcionais elevaram-no às altas dignidades na carreira que abraçou, sendo hoje o Bispo da Paraíba, e neste posto de destaque mais se têm evidenciado suas virtudes, sua grande capacidade de trabalho, revelando-se dia a dia um grande evangelizador do povo, um completo na sua missão".(114)

No "O Estado da Paraíba", escrevia o Dr. Bôto de Menezes:

"18 anos de serviços, de dedicação abnegada à Igreja Paraibana, assinalam as virtudes que tanto elevam o mérito do ilustre

Cândido Pinho, Presidente do Superior Tribunal de Justiça; Desembargador Heráclito Cavalcanti, membro do mesmo tribunal; Dr. José Américo de Almeida, Procurador-Geral do Estado; Major Artur Carlos Gouveia, Delegado Fiscal; Pe. Matias Freire, Presidente da Assembléia Legislativa; Capitão-Tenente João Bonifácio de Carvalho, Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros; Major Aprígio Mindelo, Guarda-Mor da Alfândega; Coronel Manuel Henriques de Sá, Tesoureiro da Delegacia Fiscal; Dr. Izidro Gomes, Secretário da Assembléia Legislativa; Coronéis João Lira e Martins Viegas, deputados; Major Genuíno de Albuquerque, Ajudante de Ordens da presidência do Estado; Alfeu Rosas, Oficial de Gabinete da mesma; Dr. Valfredo Guedes Pereira, médico e muito mais.

A solenidade constou da proclamação dos nomes dos alunos laureados com o "Grande Prêmio" do ano: Francisco de Assis Miranda e Francisco Sobral; do discurso do Dr. Mateus de Oliveira, docente do Colégio, saudando aos alunos e agradecendo a presença das autoridades; do discurso do aluno Francisco Sobral, saudando ao Sr. Bispo e ao Sr. Presidente do Estado; de uma festa lítero-dramática levada pelos alunos.

O Presidente Castro Pinto pronunciou no final um belo discurso, desenvolvendo o tema: "o ideal divino e o ideal patriótico devem ser a base *sine qua non* da formação do espírito da mocidade". Depois da festa, o Presidente do Estado com as demais autoridades percorreram as dependências do estabelecimento, cuja matrícula subira nesse ano a 219 alunos.(124)

No dia 17, realizou o Seminário por sua vez o encerramento do ano letivo com a premiação geral dos alunos.

Pela manhã promovera o Sr. Bispo, na Catedral, ao presbiterato os diáconos José Tibúrcio de Miranda e José Trigueiro de Brito Júnior; ao diaconato os subdiáconos Constantino Vieira e Manuel Tobias Vitório; ao subdiaconato o menorista Nicolau de Sousa Leite; à primeira tonsura o seminarista Pedro Cardoso.(125)

Durante todo o mês de dezembro foi feita pelas páginas de "A Imprensa" a maior propaganda em prol da criação da Diocese de

30 de agosto de 1912.

57º aniversário natalício de D.Adauto.

Ressaltava o editorial de “A Imprensa” nesse dia:

“O observador desapaixonado que passar em revista os 18 anos da administração espiritual do venerando antístite, verá os frutos reais de uma ação fecunda e nobre, colhidos com dispêndios de esforços extraordinários e muita abnegação, qualidades estas que sabem ter somente os espíritos de escol.

A multiplicação da diocese em duas outras: a de Natal e a de Cajazeiras em vias de operar-se; as cartas pastorais escritas com proficiência e erudição; a instrução da mocidade – das escolas primárias paroquiais aos ginásios; o ensino do catecismo a crianças e adultos”.(111)

Em bem lançado artigo, se referia o Dr. Irineu Jófili ao “pastor que jamais poupou esforços em chamar para a fé – aprisco seguro da religião e guarda avançada da moral dos homens e da sociedade a ovelha desgarrada e imersa no gelo do indiferentismo ou na soalheira da dissolução”.(112)

O Dr. José Rodrigues de Carvalho, futuro Secretário-Geral do Estado, foi pessoalmente à “Graça” apresentar as saudações do senador Castro Pinto, presidente eleito, a S. E. R., e inúmeras pessoas para lá se dirigiram também com a mesma finalidade.

Às 4 horas da tarde ofereceu o Sr. Bispo um jantar ao clero.(113)

Exaltando a personalidade de D. Adauto, dizia o editorial de “A União”:

“A homenagem que “A União” vai nestas linhas prestar não objetiva um paraibano que se tenha alcandorado na política, mas dirige-se a um paraibano ilustre, cujas virtudes excepcionais elevaram-no às altas dignidades na carreira que abraçou, sendo hoje o Bispo da Paraíba, e neste posto de destaque mais se têm evidenciado suas virtudes, sua grande capacidade de trabalho, revelando-se dia a dia um grande evangelizador do povo, um completo na sua missão”.(114)

No “O Estado da Paraíba”, escrevia o Dr. Bôto de Menezes:

“18 anos de serviços, de dedicação abnegada à Igreja Paraibana, assinalam as virtudes que tanto elevam o mérito do ilustre

varão a quem saudamos hoje pela data auspiciosa do seu aniversário natalício".(115)

Nesse mês de agosto de 1912, anotamos a campanha intensa contra o projeto do divórcio apresentado à Câmara Federal. "A Imprensa", encabeçando o movimento, veiculava artigos magistrais dos seus colaboradores a respeito, e opiniões autorizadas de eminentes juristas como Lacerda de Almeida, Odilon Nestor e outros.

"A Imprensa" de 19 de setembro noticiou o aparecimento do opúsculo "Contra o Divórcio", saído das oficinas de "A União", publicado pelo Dr. José Américo de Almeida, um dos mais brilhantes advogados do foro.

"O magnífico folheto, reza a apresentação, é um brinde valioso às letras paraibanas e um atestado irrefutável da segurança dos princípios que ornam o espírito privilegiado do Dr. José Américo de Almeida".(116)

No dia 22 presidiu D. Adauto a 1ª comunhão de 300 crianças dos centros de catecismo da capital.

Realizou-se a cerimônia na Igreja Catedral, e logo depois ministrou o Sr. Bispo aos neocomungantes o sacramento da confirmação.

Seguiu-se uma manifestação das crianças a S. E. R., no Palácio do Carmo, falando o Pe. Pedro Anísio, e respondendo com carinhosa unção o homenageado.(117)

Por decreto diocesano de 2 de outubro, foram alterados os limites paroquiais das freguesias de S. Rita, N. S. das Neves, Livramento e Espírito Santo, com registro na Cúria.(118)

Em 5 de outubro, na residência da Exma. Sra. D. Alexandrina de Azevedo Melo, com a máxima solenidade, celebrou o bispo diocesano, *intra missam*, o enlace matrimonial do seu afilhado Dr. José Américo de Almeida e D. Alice de Azevedo Melo. Ajudaram à missa, às 8 horas, o Cônego Odilon Coutinho, Secretário - Geral do Bispado, o Diácono José Tibúrcio de Miranda, secretário particular do Sr.Bispo, e o Pe. Manuel de Almeida, professor do Seminário.(119)

Por decreto diocesano de 10 de outubro, foram alterados os

limites da freguesia de N. S. do Bom Conselho, de Esperança, com a de N. S. da Conceição, de Areia, registrando-se na cúria a respectiva alteração.(120)

A fim de tomar posse do Governo do Estado, por força da vitória obtida nas últimas eleições, chegou do Rio de Janeiro, em 13 de outubro, o Dr. João Pereira de Castro Pinto, sendo brilhantemente recepcionado.

Ao banquete que o corpo comercial da cidade lhe ofereceu no dia 19, compareceu D. Adauto acompanhado do Cônego Odilon Coutinho.(121)

No dia 20, ministra o Sr. Bispo a 1ª comunhão a 71 crianças do centro de catecismo da Igreja da Mãe dos Homens, dirigindo-lhes eloqüente fervorino.(122)

Realizou-se em 22 de outubro a posse do Dr. Castro Pinto no Governo de Estado, com o cerimonial de praxe: prestação de compromisso na Assembléia Legislativa e recepção do Governo no Palácio Presidencial.

Tiveram lugar ainda no mesmo dia a inauguração do retrato do ex-Presidente João Machado, no salão de honra do palácio, e a inaugração da avenida João Machado.

Finalizou a solenidade o *Te Deum*, celebrado na Catedral às 7 da noite, pelos benefícios do governo passado e pela felicidade do novo governo.

Assistiram ao *Te Deum* o Presidente Castro Pinto, o ex-Presidente João Machado, o Cabido, o clero, o Seminário, colégios, agremiações civis, sodalícios religiosos e povo.

Fez a oração gratulatória o Cônego Odilon Coutinho.(123)

No dia 14 de novembro, promoveu o Colégio Diocesano Pio X a sua premiação anual com o encerramento dos trabalhos escolares.

Notava-se a presença, na sessão magna realizada em salão adrede preparado do mesmo estabelecimento, dos Exmos. Srs. Bispo Diocesano e Presidente do Estado. E ainda dos Srs. Dr. Antônio Massa, Chefe de Polícia; Dr. Xavier Júnior, Diretor da Instrução Pública; Dr. João Suassuna , Procurador da Fazenda Federal; Desembargador

Cândido Pinho, Presidente do Superior Tribunal de Justiça; Desembargador Heráclito Cavalcanti, membro do mesmo tribunal; Dr. José Américo de Almeida, Procurador-Geral do Estado; Major Artur Carlos Gouveia, Delegado Fiscal; Pe. Matias Freire, Presidente da Assembléia Legislativa; Capitão-Tenente João Bonifácio de Carvalho, Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros; Major Aprígio Mindelo, Guarda-Mor da Alfândega; Coronel Manuel Henriques de Sá, Tesoureiro da Delegacia Fiscal; Dr. Izidro Gomes, Secretário da Assembléia Legislativa; Coronéis João Lira e Martins Viegas, deputados; Major Genuíno de Albuquerque, Ajudante de Ordens da presidência do Estado; Alfeu Rosas, Oficial de Gabinete da mesma; Dr. Valfredo Guedes Pereira, médico e muito mais.

A solenidade constou da proclamação dos nomes dos alunos laureados com o "Grande Prêmio" do ano: Francisco de Assis Miranda e Francisco Sobral; do discurso do Dr. Mateus de Oliveira, docente do Colégio, saudando aos alunos e agradecendo a presença das autoridades; do discurso do aluno Francisco Sobral, saudando ao Sr. Bispo e ao Sr. Presidente do Estado; de uma festa lítero-dramática levada pelos alunos.

O Presidente Castro Pinto pronunciou no final um belo discurso, desenvolvendo o tema: "o ideal divino e o ideal patriótico devem ser a base *sine qua non* da formação do espírito da mocidade". Depois da festa, o Presidente do Estado com as demais autoridades percorreram as dependências do estabelecimento, cuja matrícula subira nesse ano a 219 alunos.(124)

No dia 17, realizou o Seminário por sua vez o encerramento do ano letivo com a premiação geral dos alunos.

Pela manhã promovera o Sr. Bispo, na Catedral, ao presbiterato os diáconos José Tibúrcio de Miranda e José Trigueiro de Brito Júnior; ao diaconato os subdiáconos Constantino Vieira e Manuel Tobias Vitório; ao subdiaconato o menorista Nicolau de Sousa Leite; à primeira tonsura o seminarista Pedro Cardoso.(125)

Durante todo o mês de dezembro foi feita pelas páginas de "A Imprensa" a maior propaganda em prol da criação da Diocese de

Cajazeiras, cujas principais cidades disputavam a primazia da sede; Patos com o seu invejável progresso econômico; Pombal com a sua posição topográfica e bem construído templo paroquial; Sousa com o espírito generoso de sua gente e com a sua majestosa matriz possuidora de lindo e artístico altar-mor; S. José de Piranhas oferecendo o patrimônio necessário ao bispado; Cajazeiras, próspera, com seu clima ótimo e sua inestimável situação fronteiriça, contígua ao brejo cearense".(126)

"No presente ano, escreve o Cônego F. Severiano, S. E. R. visitou apenas duas paróquias: Itabaiana e Alagoa Grande. Nesta visita, cujos frutos espirituais foram mui abundantes, realizaram-se 8.014 crismas, 10.000 comunhões e grande número de casamentos de pessoas que viviam ilicitamente.(127)

Poucas vozes episcopais no Brasil se equiparam à de D. Adauto, na luta contra o agnosticismo, o laicismo, o ateísmo oficial da 1ª República.

Atribuindo com verdade e razão os males sociais do Brasil a esse afastamento intensivo de Deus, pregava D. Adauto pela palavra falada e escrita a volta do homem e da sociedade para Aquele que é o seu princípio supremo e o seu último fim.

E não se contentando com isto, pessoalmente se dirigia aos poderes públicos, patenteando-lhes o absurdo do divórcio entre a sociedade brasileira e o seu Criador, divórcio que falsos intérpretes da Constituição Federal de 1891 mais agravavam – confundindo os conceitos *contra legem* e *praeter legem* num bisonhismo hermenêutico de primários.

De um encontro entre D. Adauto e uma autoridade pública federal, estadual ou municipal, inclusive presidente da República e governadores de Estados, seguir-se-ia fatalmente um doutrinamento seguro e oportuno do bispo ao seu patrício – muitas vezes luminar nas letras humanas e desapontadorosamente ignorante nas letras divinas.

Frutos reais desse apostolado ele chegou a colher, até com repercussão nacional, como o dia de "Graça a Deus" (25 de dezembro) oficialmente estabelecido.

A intolerância agnóstica na Paraíba chegara a ponto de retirar a imagem do Divino Crucificado do lugar de honra que ela ocupava no Tribunal do Júri.

D. Adauto conseguiu a reposição da imagem, e quis revestir o acontecimento da máxima solenidade, demonstrando o desarrazoado da atitude nos cristófobos da terra e a influência marcadamente benéfica do cristianismo na direção e orientação do corpo social.

Para esse ato de vero desagravo à pessoa divina de Jesus Cristo, fora escolhido o dia 1º de novembro de 1913.

Às 4,30 da tarde, o Exmo. Sr. Bispo, diante de uma grande multidão, na Catedral, procedeu à bênção do crucifixo, circundado pelos paraninfos, cujos nomes a reportagem de "A Imprensa" registrou:

"Desembargadores Gonçalo Bôto de Menezes e Inácio Brito; Drs. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Irineu Jófili, José Américo de Almeida, Joaquim Vasco de Toledo, Leonardo Smith, Lauro Cândido Pinho, Mateus de Oliveira, Olavo de Magalhães e Euitíquio Autran; Srs. Coronel Antônio Pinho, Augusto Espínola, Minervino Cruz, André de Paiva, Brasiliano Pereira Vanderlei, Carlos Moreira, Coronel Augusto Gomes, Carlos Machado, Francisco Vale Melo, Coronel Francisco Coutinho, Francisco de Assis, Francisco Eugênio de Medeiros, Francisco das Neves, Francisco Navarro, Coronel Genuíno de Almeida, Joaquim Coelho Maia, Joaquim Guimarães, João Ferreira Dias, João Lourenço, Coronel Jacinto Cruz, João de Brito Lima, João Ribeiro Pessoa, João Brasilino, José Peregrino de Medeiros, José Clementino de Oliveira, José Soares Rangel, Luis Lucas de Melo, Leônidas Castro, Maximiniano da Franca Filho, Rogério Pereira da Silva, Rodolfo Espínola, Sérgio Barros, Teodoro Sodré, Augusto Santa Rosa, Coronel José de Barros e outros".(128)

A seguir, foi a imagem conduzida processionalmente pelo Monsenhor Francisco Severiano, ao qual ladeavam os padres Firmino Cavalcanti e Constantino Vieira. Após estes, vinham o Sr. Bispo, o Cabido, o clero, o Seminário, o Colégio Diocesano Pio X, magistrados, funcionários públicos, cavalheiros, pessoas gradas, Filhas de Maria, corporações religiosas, grande massa popular. A Banda da Polícia

acompanhou o cortejo, e de espaço a espaço foguetões estrugiam no ar.

O juiz de direito da 1ª Vara, revestido de beca, recebeu a imagem das mãos do Monsenhor Severiano. O Sr. Bispo ocupou o lugar de honra no Tribunal, e teve a palavra o orador oficial da solenidade, o Procurador-Geral do Estado, Dr. José Américo de Almeida, que pronunciou um brilhante discurso, belíssimo na forma, profundo nos conceitos, o qual mereceu os mais calorosos aplausos.[(129)]

"A Imprensa" de 6 de novembro publicou na íntegra a memorável oração da qual extraímos os seguintes trechos:

"Quanta vez, afirmava o orador, o tribunal do júri tem sido o balcão, onde tine a moeda da venalidade! Quanta vez a balança da justiça tem servido para pesar graças e privilégios pessoais! Quanta vez se tem feito entre os jurados a cabala das forças eleitorais! Quanta vez a passividade dos poltrões e dos aduladores tem feito suas mesuras aqui dentro! Quanta vez, finalmente, a espada da lei tem sido o cutelo da inocência imolada!"

Qualquer que seja o critério da pena na diversidade das escolas – a liberdade moral, a defesa social, a coação psicológica – o conceito de justiça é sempre uma emanação ética.

Mas entre todos os sistemas filosóficos e entre as diversas religiões não sabemos de mais sólida justiça do que aquela que propõe Jesus de Nazaré, vítima da mais clamorosa iniqüidade humana que nunca se viu!

A escola jônica, conceituando a justiça como "a emanação daquele elemento de ordem que mantém a harmonia universal;" a escola eleática, como "a necessidade superior à ordem física, que torna impossíveis as cousas absurdas;" a escola pitagórica, como "o igual multiplicado pelo igual;" a escola sofística, como "um mero produto da opinião de cada um;" a escola socrática, como "a sapiência enquanto conhece e obedece às leis que regulam as relações do homem com o seu semelhante;" a escola de Aristóteles, como "o produto de uma necessidade do organismo social;" Zenon, como "uma das manifestações da razão universal;" os romanos, como "a vontade firme

e constante de dar a cada um o que lhe pertence;" Kant, como "as injunções do imperativo categórico em relação ao livre arbítrio de cada um;" Spencer, como "certas relações entre os homens fora das quais não pode haver aquela correspondência das condições internas com as externas que constituem o princípio da vida." Nenhum conceito de justiça na multiplicidade dos princípios tem aquela divina simplicidade do "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus."

"A justiça precisa ser iluminada por essa tocha divina. Sim, os propósitos de regeneração devem-se abeberar nessas fontes de tão sadia moral; esses seculares preceitos divinos devem ser o guião das consciências; a invocação desses pios influxos deve ser o critério dos nossos atos de tão subida gravidade!"

Argumentando contra o sectarismo liberal, nas suas interpretações visânicas da Constituição, dizia o orador:

"Agora, atinando um pouco com a responsabilidade do meu discurso, lembro-me que, sob o falso pretexto da liberdade do culto tão felizmente assegurada pelo estatuto constitucional, alguém talvez se moleste com essa solenidade!

Mas, valha-me Deus! Que é isto senão a liberdade do culto no impulso religioso de quase toda esta Paraíba em peso!"

Depois de citar a autoridade de eminentes constitucionalistas que asseveram não poder ser, absolutamente, proscrito da sociedade o fator religioso, por quaisquer determinações legais, cita o comentário de Viveiros de Castro sobre o sectarismo brasileiro:

"Felizmente a nossa República já vai se libertando do sectarismo estreito e enfezado que por tanto tempo a dominou. O nome de Deus voltou a aparecer em documentos oficiais e há de ressurgir em breve, vigoroso e fecundo, o sentimento religioso, como um dique oposto à onda de lama que está arruinando os alicerces da sociedade brasileira." E acrescenta:

"Demais, sobre não contrariar ao preceito constitucional, a reposição do Cristo no júri, há aí os prestigiosos pareceres dos mais abalizados jurisconsultos pátrios, desde Rui Barbosa a Lacerda de Almeida."

"Pois bem – concluía o Dr. José Américo de Almeida o seu discurso. Mártir da mais desalmada iniqüidade de todos os séculos, deste canto onde estás com o rosto desfigurado e as carnes rotas, incuti aos homens de minha terra a suprema virtude que é a coragem de fazer justiça."

"Um republicano leitor da Bíblia", pelas colunas de "O Norte," se insurgiu contra a reposição da imagem de Cristo no Tribunal do Júri, chamando-a de jesuitismo, dizendo diatribes contra o culto das imagens e terminando com o argumento infantil:

"A imagem de Cristo não muda o coração dos juízes, logo foi inútil a reposição".

"A Imprensa" respondeu à altura, com o editorial "Cristo no Júri", de 6 de novembro.[130]

Acontecimentos outros de absoluta ou relativa importância transcorreram em 1913 no âmbito diocesano:

Por ofício, de 18 de janeiro, ao Revmo. pró-pároco de Alagoa Grande, Pe. Francisco Hermenegildo de Lucena Sampaio, publicado no órgão oficial da Diocese, o Sr. Bispo lhe recorda as normas diocesanas quanto à ingerência dos párocos na política. Documento do mais alto valor doutrinário, onde se ressaltam por igual a prudência e a caridade do antístite. Transcrevemo-lo na íntegra:

"Governo da Diocese. Paço Episcopal da Paraíba, em 18 de janeiro de 1913".

Ao Revmo. pró-pároco de Alagoa Grande, Pe. Francisco Hermenegildo de Lucena Sampaio.

Terminando no dia 2 deste a provisão pela qual nomeamos V. R. pró-pároco dessa freguesia, deliberamos que continui a exercer o mesmo cargo, até que seja nomeado seu substituto, a não ser que V. R. faça declaração formal de não envolver-se na política local, observando fielmente as recomendações diocesanas.

Acrescentamos ainda uma vez esta condição ao paroquiato, porque a política, como infelizmente é entre nós, bem longe de aproximar-nos do bom povo, para ensinar-lhe também seus direitos e

deveres sociais, guiando-o nas reivindicações de sua dignidade de homens e de cristãos; bem longe de ensinar-lhe a romper os laços que o prendem muitas vezes a uma escravidão econômica e moral, e evitar que se lance na anarquia dominado pelo espírito de desobediência e de destruição; bem longe de tudo isto e de fazer reinar entre todos a justiça e a caridade, como é do nosso dever e de nossa ação social – nos faz perder de vista nossos gravíssimos deveres de pastor de almas e a sua inteira confiança. A política, como é entendida nos tempos que correm, afasta-nos do bom povo que, como tal, só quer ver-nos como realmente devemos ser – Ministros de Deus e dispensadores dos seus mistérios.

Fazemos também ciente de que até hoje ninguém pediu a exoneração de V. R. dessa freguesia, mas por vezes recebemos reclamações de sua interferência em questões da política local.

Mandamos que este nosso ato seja lido à estação da missa paroquial e arquivado na forma do costume.

Deus guarde a V. R.

† Adauto, Bispo Diocesano".(131)

"Em 26 de janeiro pelas seis horas da tarde noticia a "A Imprensa" de 20 de janeiro – reunir-se-ão no Palácio do Carmo as senhoras católicas, que acedendo ao apelo que lhes foi dirigido pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, vão fundar uma associação denominada "Associação das Senhoras de Caridade", cujo fim é imitar Jesus Cristo visitando os doentes pobres e socorrendo-os espiritual e corporalmente pela prática das virtudes cristãs, principalmente pela humanidade, simplicidade e caridade.

Esta associação não é uma novidade no seio das obras católicas. Ela foi estabelecida por S. Vicente de Paulo em Paris e acha-se disseminada por toda a Europa e demais países civilizados do mundo, de tal sorte que a Paraíba, entrando no círculo dos outros grandes centros de caridade, vai agora ter na capital uma instituição generosamente caritativa para servir os desvalidos, principalmente as crianças pobres.

A direção geral desta obra tem sua sede em Paris, onde funciona

o Conselho Geral pelo qual ela se exerce, mas serão constituídas sessões locais em todas as freguesias do interior da Paraíba, à proporção que a boa semente da caridade for frutificando e congregando as senhoras paraibanas para um tão alevantado fim.

Em nosso meio, nesta cidade de 25.000 habitantes, tão necessitada de um serviço sistematizado de assistência à pobreza, onde há uma legião de miseráveis sem teto e sem pão e outra legião que vagabunda pelas ruas e desvãos da cidade, explorando hipocritamente a caridade pública, é mister, é urgente que os corações bem informados se congreguem como vão fazer domingo próximo as exmas. senhoras paraibanas com o fim nobilitante de servir aos pobres".(132)

Realmente se verificou a reunião anunciada no dia 26. D. Adauto expôs às senhoras a alta finalidade da associação e, declarando-a fundada na diocese, lhe deu para diretor o Pe. Manoel de Almeida, sendo a primeira mesa constituída pelas senhoras D. Alexandrina de Azevedo Melo, presidente; D. Alice Salgado Bastos, vice-presidente; D. Sara Jófili, secretária; D. Maria Torreão Ribeiro, tesoureira.(133)

Em 5 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, procedeu o Sr. Bispo, na Catedral, à bênção e à distribuição das cinzas ao clero e ao povo. Houve missa com assistência pontifical, pregando ao Evangelho o Pe. Gabriel Toscano.(134)

No dia 6 publicou "A Imprensa" a pauta dos sermões quaresmais a se realizarem em todas as domingas, na Catedral, às 6 horas da tarde, com a seguinte ordem:

9 de fevereiro. "Necessidade da fé firme, profunda e eficiente". Cônego Sabino Coelho.

16 de fevereiro. "A instrução religiosa mui necessária para salvar a sociedade; o catecismo e sua importância". Pe. Pedro Anísio.

23 de fevereiro. "Mandamentos da Igreja; obrigação de cumpri-los exatamente." Cônego João Milanês.

2 de março. "O sacramento da Penitência". Pe. Manoel de Almeida.

9 de março. "O sacramento da Eucaristia; comunhão pascoal". Cônego Moisés Coelho.(135)

No dia 10 de fevereiro, recebeu a cidade festivamente ao Dr. Epitácio Pessoa, senador federal pela Paraíba e uma de suas glórias mais lídimas na magistratura e no parlamento, em visita ao Estado natal, depois de 12 anos de ausência. A Paraíba, pelo seu mundo oficial e por todas as suas classes, lhe fez calorosa recepção, a começar das cidades e vilas por onde passou o trem que o conduziu do Recife à nossa capital. Aqui chegado, as provas de apreço ao ilustre visitante continuaram no jantar que o Presidente do Estado lhe ofereceu em um dos salões do Palácio do Governo às 7 da noite. Findo o jantar, em brilhante discurso, Castro Pinto exaltou o talento e a personalidade de Epitácio, referindo-se este, emocionado, na resposta, à velha amizade que o unia a Castro Pinto.

Culminaram as festas, no banquete de 150 talheres com que a cidade o homenageou no Teatro Santa Roza, já nas vésperas de sua volta. Discursou oferecendo o banquete o Dr. Otacílio de Albuquerque. Castro Pinto fez o panegírico de Epitácio e este, agradecendo, levantou o brinde de honra ao Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República. "Dicção metálica, sonora, impecável, o fecundo orador conterrâneo não deixa perder uma palavra de suas buriladas frases. Não oculta uma sílaba dos seus vocábulos compassados". Foi esta a impressão que ao repórter de "A Imprensa" deixou o discurso de Epitácio.

D. Adauto visitou pessoalmente ao senador Epitácio Pessoa na residência do Dr. Venâncio Neiva, que o hospedara. Epitácio Pessoa lhe retribuiu o gesto de cortesia, visitando-o no Palácio do Carmo um dia antes de partir para o Rio de Janeiro, em 18 de fevereiro.(136)

No dia 23, noticiava "a Imprensa" a chegada do documento pontifício elevando o Cônego João Irineu Jófili, diretor do Colégio Diocesano Pio X, a Monsenhor Antístite Urbano e assinado pelo Secretário de Estado da Santa Sé, o Cardeal Merry Del Val.(137)

Em 27 avisava "A Imprensa" aos interessados que o Revmo. Frei Martinho, O F M, faria uma série de conferências para os homens na Igreja do Carmo, nos dias 13, 14 e 15 de março, às 7 da noite.(138)

No dia 2 de março celebrou o Sr. Bispo na cadeia pública,

distribuindo a sagrada comunhão a 70 presidiários dos 80 então existentes, fruto de um retiro pregado na detenção pelo apostólico missionário franciscano Frei Martinho Jansweid.

D. Adauto voltando da Europa em agosto de 1914. Fotografia batida em Bordeaux, França, vendo-se os Cônegos Emídio Cardoso e Francisco de Assis, seus companheiros de viagem.

No mesmo dia se fez D. Adauto representar na inauguração do Asilo de Mendicidade, recomendando aos fiéis católicos o seu concurso para a manuntenção do pio estabelecimento.(139)

4 de maio de 1913 – 19° aniversário de instalação da diocese.

"Aquele que durante quase quatro lustros nada se poupou para teu benfício (da diocese), rezava o editorial de "A Imprensa", é sempre o mesmo. Trabalha infatigalvemente em teu proveito, acompanha todos os teus transes, estuda a tua vida íntima e absorve-se todo em santificar as preciosas almas de teus filhos, em aperfeiçoar a moral do teu povo, propugnando ainda com positivo e eficiente apoio o teu progresso material".(140)

No dia 13 seguiu para o sertão o Cônego Sabino Coelho, delegado pelo Sr. Bispo para agenciar e organizar o patrimônio da futura Diocese de Cajazeiras.(141)

De 16 a 23 realizaram-se na Catedral os atos da Semana Santa, sob a presidência do prelado diocesano, com notável concorrência de fiéis e a maior solenidade litúrgica.(142)

Noticiando em seu número de 27 de março a conversão de Eudésia Vieira, assim se expressa "A Imprensa":

"Talentosa professora diplomada pela Escola Normal do Estado, que desde a idade de dez anos seguia o protestantismo. Não obstante ser filha de pais protestantes, D. Eudésia, uma vez convencida da verdade católica, não hesitou em abraçá-la e escolheu o dia em que se comemora a Ressureição de Jesus Cristo dentre os mortos (23 de março) e seu triunfo sobre a morte e pecado, para ressuscitar também dentre o erro em que estava por muitos anos e triunfar dos obstáculos que naturalmente terá encontrado".(143)

Por decreto diocesano de 19 de abril foi a povoação de Sta. Ana dos Garrotes, da freguesia de S. Antônio do Piancó, elevada à categoria de paróquia, e a igreja de Sta. Ana constituída em Matriz na forma do sagrado Concílio Tridentino e mais leis vigentes. Pelo mesmo decreto foram traçados os limites com as freguesias fronteiriças de Teixeira, Piancó e Misericórdia.(144)

De 28 a 30 de abril, realizou-se na Catedral o tríduo do

Coração Eucarístico, com missa às seis e meia, exposição, adoração e bênção do S. S. Sacramento diariamente. No dia 30 houve missa e comunhão geral às seis e meia, bênção e exposição das insígnias a serem conferidas às novas associadas, com alocução do oficiante.(145)

Durante o mês de abril publicou o Pe. Pedro Anísio, na "A Imprensa", vários artigos de crítica ao Dr. Alcides Bezerra, e de polêmica com o mesmo – por motivo de uma crítica do Dr. Alcides a "Base Física do Espírito," de Farias Brito.

Criticando a Farias Brito, defendia o Dr. Alcides Bezerra as correntes do naturalismo e do materialismo contra o espiritualismo de Farias Brito, emplumando-se nas teorias dos inimigos da metafísica.

Pedro Anísio, com grande poder dialético e farta erudição, mostrava a sem-razão da crítica, os seus lados falhos e parciais, em face dos princípios da filosofia aristotélico-tomista e das próprias doutrinas filosóficas perfilhadas pelo autor.(146)

Foi celebrada a 22 de maio a solenidade de *Corpus Christi*, saindo a procissão no domingo, 25, da Catedral, às 4 horas da tarde e ali se recolhendo depois de percorrido o itinerário de costume. Tocou durante o trajeto a Banda da Polícia entoando hinos eucarísticos e, nos intervalos, a *Schola Cantorum* do Seminário. Elementos da guarda-civil da cidade grandemente auxiliaram na manutenção da ordem.(147)

No dia 22 teve lugar também no Colégio de N. S. das Neves a festa da Obra dos Tabernáculos, com missa celebrada às 7 horas pelo bispo diocesano, bênção e exposição dos paramentos sacerdotais e de outras peças destinadas à celebração do Santo Sacrifício, ofertados pela Obra às igrejas pobres. Terminou a festa às 5 da tarde, com uma alocução do Cônego Odilon Coutinho e a palavra estimulante do Sr. Bispo no final.(148)

De passagem em Cabedelo, a bordo, com destino ao Rio de Janeiro, esteve na sede episcopal visitando a D. Adauto o Sr. Bispo do Maranhão, D. Francisco de Paula e Silva (8 de junho), em companhia do seu secretário, Pe. José Maria Lemercier. O Cônego Leão Fernandes, representando o bispo diocesano, acompanhou S. E. R. de volta ao porto.(149)

Em 21 de junho a "Mocidade Católica" celebrou a festa de seu patrono, S. Luís de Gonzaga. Houve missa às 7 horas, bênção do S. S. Sacramento à tarde, e às 7 da noite sessão magna no Palácio do Carmo, sob a presidência de honra de D. Adauto, discursando por esta ocasião o Pe. Manuel de Almeida e o orador oficial do grêmio, Luís Gonzaga Buriti.(150)

No dia 24, por decreto diocesano, criou o Sr. Bispo a freguesia de S. João Batista de Fagundes, com partes desmembradas das freguesias de Umbuzeiro e Campina Grande.(151)

29 de junho. Pontifical da festa de S. Pedro, na Catedral, com sermão ao Evangelho do Cônego Vicente Pimentel.(152)

De 1 a 3 de julho teve lugar o tríduo solene do S. S.Coração de Jesus, na Catedral, pregando no 1°, 2° e 3° dias, respectivamente, o Pe. Manuel de Almeida, o Mons. Manuel Paiva e Frei Martinho, OFM. No dia 4 houve missa solene, comunhão geral e exposição do S. S. Sacramento. À noite, conferência do Pe. Pedro Anísio sob o tema "O Coração de Jesus e a sua influência na sociedade", encerramento e bênção do S. S Sacramento.(153)

Em 3 de julho, por iniciativa por Sr. Bispo e do Apostolado da Oração, foram celebradas, na Catedral, solenes exéquias em sufrágio da alma do Pe. Bartolomeu Taddei S J, grande propagador da devoção ao S. S. Coração de Jesus e fundador do 1° Centro do Apostolado da Oração no Brasil, em Itu, Estado de S. Paulo. O Pe. Taddei chegara ao Brasil, enviado pelo Geral dos Jesuítas, Pe. Bechex, em 1871, falecendo em São Paulo, Itu, em junho de 1913.(154)

No dia 9, o Governo do Estado promoveu solenes exéquias na Catedral, em sufrágio da alma do ex-presidente Campos Sales. Compareceram o Exmo. Sr. Presidente do Estado, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, o Juiz Seccional, autoridades, o Cabido Metropolitano, o clero, o Seminário e numerosa assistência. Os altares estavam desnudados. A igreja revestida internamente de crepe. O catafalco circundado de colunas com ricas grinaldas suspensas. Serviram no altar os Cônegos Vicente Pimentel, João Milanez e o Pe. Matias Freire. Fez a oração fúnebre o Pe. Pedro Anísio. A Banda da Polícia executou por

ocasião marchas fúnebres do seu repertório.(155)

O Sr. Bispo, acompanhado do seu secretário particular, Pe. Manuel de Almeida, assistiu a todos os atos da Festa do Carmo, encerrada em 16 de julho, na igreja da respectiva invocação. Nos quatro últimos dias do novenário falaram, exaltando as glórias da Virgem do Carmo, o Cônego Vicente Pimentel, o Pe. José Tibúrcio, o Pe. Manuel de Almeida e o Cônego Odilon Coutinho.(156)

Em 20 de julho presidiu D. Adauto a 1ª comunhão no Colégio de N. S. das Neves, celebrando a santa missa às 7 horas, e pregando para as crianças. Às 5 da tarde o Cônego Milanez presidiu a renovação das promessas do batismo.(157)

No dia 23, visitou ao sr. Bispo o Mons. Raimundo Gil, Administrador Apostólico da Diocese do Piauí. Passando em Cabedelo com destino ao Rio de Janeiro, o Mons. Gil veio até a cidade, hospedando-se no Palácio do Carmo.(158)

Faleceu no Recife, em 25 de julho, o Mons. Marcolino Pacheco do Amaral. Nascera em 1846 no Estado de Sergipe e se ordenara na Bahia em 1867. Foi vigário de Bom Conselho, Vitória e Bom Jardim (Pernambuco), reitor do Seminário de Olinda, e seu lente de Teologia Moral por muitos anos, vigário-geral, provisor do bispado e vigário capitular após a morte do Bispo D. Manuel dos Santos Pereira. Escreveu "Anotações à Teologia Moral do Pe. Gury S J", em três volumes, obra que no seu gênero teve a maior divulgação e aceitação por parte do mundo eclesiástico contemporâneo. O Mons. Marcolino fora colega de D. Adauto como lente do Seminário de Olinda, sendo reitor, quando D. Adauto chegara de Roma, em 1882, iniciando ali o seu magistério.(159)

No dia 29 assumiu a reitoria do Seminário, nomeado pelo Ordinário Diocesano, o Cônego João Batista Milanez, por ter o reitor efetivo, Mons. Manuel Paiva, seguido para a Europa como membro da Peregrinação Brasileira a Lourdes e a Roma, no caráter de representante da Diocese.(160)

"A Imprensa" de 31 de julho noticia a estada, na sede episcopal, do Mons. Manuel Raimundo de Melo, Vigário-Geral da Diocese de

Sergipe, em visita a D. Adauto. S. E. R. foi hóspede do Palácio do Carmo.

No mesmo número, anuncia o órgão oficial da diocese que, em face da organização do patrimônio da Diocese de Cajazeiras, fruto em grande parte do esforço e da abnegação do Cônego Sabino Coelho, resolvera o Sr. Bispo pedir à Santa Sé a bula da criação daquela Diocese.(161)

A Festa das Neves de 1913 cercou-se de invulgar esplendor durante todo o novenário, culminando no dia da Festa (5 de agosto). Às 11 horas do dia 5 de agosto, na Catedral, houve missa solene, cantada pelo Cônego Vicente Pimentel, com assistência pontifical do Sr. Bispo Diocesano, pregando ao Evangelho o Cônego Odilon Coutinho. Estrepitosa e prolongada girândola fendeu os ares na hora da elevação. As solenidades da manhã terminaram à 1,30 da tarde. Às 4 horas da tarde saiu a procissão com nove andores artisticamente ornados, longa fileira de crianças e donzelas com os estandartes das classes noiteiras, o clero, o Seminário, a Irmandade de N. S. das Neves presidida pelo Cônego João Milanez. A guarda-civil manteve impecavelmente a ordem. Recolheu-se a procissão às 6,30 da tarde. Já o pátio da Catedral estava feericamente iluminado à luz elétrica. Seguiu-se o sermão do Pe. Pedro Anísio, que falou sobre a plenitude da graça em Nossa Senhora, após o que, teve lugar o *Te Deum*, oficiado pelo Cônego Vicente Pimentel, a bênção do S. S. Sacramento e a descida solene da bandeira. Às 11,30 da noite, possante girândola rasgou o espaço, anunciando o término dos festejos externos, cuja assistência, segundo calcularam, foi orçada em 5.000 pessoas.

No mesmo dia 5, foram solenemente inaugurados pelo Governo do Estado o Mercado da Beaurepaire Rohan e a Praça D. Ulrico, discursando a respeito o Presidente Castro Pinto. Os assistentes em cortejo atingiram o Colégio Diocesano Pio X, onde o Dr. Ascendino Cunha, orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, falou sobre a data, em que portugueses e índios firmaram a aliança, da qual surgiu a fundação da Paraíba e a colonização desse trecho do domínio português na América. O representante do Sr. Bispo assistiu a

todas as festas.[162]

Carinhosas manifestações de estima e apreço recebeu D. Adauto por ocasião da passagem do seu natalício em 30 de agosto.

Destacamos do editorial de "A Imprensa": "O vulto episcopal do nosso inspirado timoneiro, sorrindo abençoadoramente sobre nós, nunca cessará de ser, para os guerreiros marujos de "A Imprensa", o fúlgido pálio espiritual a que nos acastelaremos seguros nas horas calmas de bonança rosicler, ou nos transes febris da tempestade brava.

Sempre ele, o guião auspicioso, iluminará a nossa jornada a caminho das conquistas evangélicas, como a coluna de fogo de Moisés ante as sagradas legiões israelitas".[163]

Transcrevemos do editorial de "A União": "A auspiciosa data de hoje dá um eloqüente motivo às classes paraibanas para um testemunho de insofismável amizade ao digníssimo prelado, que como chefe da Igreja Católica neste Estado, tem sabido manter uma inalterável linha de superioridade moral, manifestando-se o apascentador misericordioso, o administrador magnânimo de grande descortino, revelando-se um espírito eminentemente progressista dentro do círculo luminoso que lhe é traçado por sua augusta carreira".[164]

O Palácio do Carmo esteve repleto de visitantes durante todo o dia, recebendo S. E. R. as manifestações de respeitoso afeto do Cabido, do clero, do Apostolado da Oração, das Mães Cristãs, das Filhas de Maria, da Associação de S. Luís de Gonzaga, do Colégio Pio X, dos Colégios das Neves, da Conceição etc.

Em nome do Presidente do Estado cumprimentou-o o Oficial de Gabinete Alfeu Rosas, destacando-se entre os demais visitantes os Drs. Antônio Massa, Chefe de Polícia, Caldas Brandão, Bôto de Menezes, José Novais e Heráclito Cavalcanti, desembargadores; Xavier Júnior, Diretor da Instrução Pública; José Américo de Almeida, Procurador-Geral do Estado; Guedes Pereira, Pedro Pedrosa, Francisco Nóbrega, Irineu Jófili, José Frutuoso, Otacílio de Albuquerque, Mateus de Oliveira, Manuel Tavares, Coronel João Lira e outros.[165]

Com muita pompa e não menos piedade, efetuaram-se de 11

a 15 de setembro, na cidade episcopal, as Festas Constantinianas, promovidas em todo o orbe católico segundo as prescrições do S. S. Padre Pio X: A comemoração soleníssima do 16° centenário da paz e da liberdade concedida pelo imperador Constantino, o Grande, à Igreja de Jesus Cristo, após 300 anos de perseguições galhardamente vencidos à sombra da cruz.

Como preparação ao tríduo constantiniano, os padres jesuítas Bento Justino e Felipe Pinheiro pregaram, a convite do Sr. Bispo, uma "Santa Missão" na Catedral, de 31 de agosto a 10 de setembro.

Apresentamos o apanhado das Festas Constantinianas na publicação de "A Imprensa":

"Por entre as manifestações de alegria e santo entusiasmo ocorreram as solenidades religiosas celebradas nesta capital por ocasião das Festas Constantinianas.

No dia 11 do corrente (setembro), conforme fora determinado, começou o tríduo, durante o qual se deviam realizar as práticas religiosas para se lucrarem as indulgências do jubileu. Pela manhã daquele dia celebrou o Santo Sacrifício da Missa o Revmo. Cônego Manuel Morais,Cura da Sé, distribuindo a sagrada comunhão a grande número de pessoas, em sua maioria crianças.

À tarde organizou-se com muita ordem a marcha processional das escolas de catecismo e colégios da capital, presidida pelo Revmo. Cônego Moisés Coelho. Compareceram todos os centros acompanhados dos respectivos presidentes e catequistas. Elevou-se a mais de mil o número de crianças que, obedecendo às prescrições diocesanas, visitaram as igrejas de N. S. das Neves (Catedral), do Carmo e de S. Francisco. Recolhida a procissão, subiu ao púlpito o Pe. João Bento Justino S J, que falou sobre o tema "A Igreja e a sua Doutrina", prendendo o auditório por algum tempo com sua palavra cheia de fé e de unção.

Seguiu-se a bênção papal, dada pelo mesmo sacerdote, como término da missão que vinha de pregar.

No dia 12 celebrou o Santo Sacrifício da Missa o Exmo. Sr. Monsenhor João Irineu Jófili distribuindo a sagrada comunhão a crescido

número de fiéis. À tarde realizou-se a marcha processional das associações femininas, presidindo-a o Revmo. Cônego Francisco de Assis. Compareceram todas as associações da capital, incorporadas, com os respectivos estandartes. Feitas as visitas com edificante piedade e muita ordem, a procissão recolheu-se à Catedral, onde a aguardava o Exmo, Sr. Bispo Diocesano, que ali fizera a sua entrada um pouco antes. Logo após assumiu a tribuna sagrada o Revmo. Cônego Moisés Coelho, que falou sobre o tema "A Igreja e o Papa". O ilustrado orador desenvolveu com estilo claro e segura orientação a sua bela conferência, agradando em geral ao imenso auditório que o ouvia. Terminada a conferência, houve a bênção do S. S. Sacramento, encerrando-se a solenidade.

No dia 13, pela manhã, celebrou o Santo Sacrifício da Missa o Revmo. Cônego Odilon Coutinho, distribuindo a sagrada comunhão a umas 5.000 pessoas. À tarde realizou-se a marcha processional das associações e irmandades do sexo masculino, tendo a ela se incorporado o Exmo. Sr. Bispo Diocesano e o Seminário. Presidiu-a o Revmo. Cônego João Milanez. Feito o percurso e visitadas as igrejas acima referidas, voltaram todos à Catedral, onde o Exmo. Sr. Bispo foi recebido por membros da comissão encarregada das festas. Em seguida subiu ao púlpito o distinguido orador sacro, Pe. Pedro Anísio, que discorreu com muita eloqüência e entusiasmo sobre o tema "A Igreja e a Civilização". Após a brilhante conferência deu-se a bênção do S. S. Sacramento como término da solenidade.

No dia 14, último das grandes festas, celebrou o Santo Sacrifício da Missa, às 6h30 da manhã, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, que distribuiu a comunhão geral a extraordinário número de fiéis de ambos os sexos. Às 10 horas celebrou-se a missa solene com assistência pontifical. Foi oficiante o Revmo. Cônego Morais, cura da Sé, com os Revmos. padres José Trigueiro e Manuel de Almeida.

Ao Evangelho pronunciou um substancioso e eloqüente sermão o Revmo. Cônego Odilon Coutinho, tomando como assunto da sua bonita peça oratória a "Exaltação da Santa Cruz".

Terminada a missa solene ficou exposto o S. S. Sacramento à

Em 14 de novembro realizou o Colégio Diocesano Pio X a premiação de seus alunos no ano letivo de 1913 e o encerramento dos trabalhos escolares. O Sr. Bispo assistiu, acompanhado do Oficial de Gabinete da Presidência do Estado, representando o Presidente, do Chefe de Polícia, Dr. Antônio Massa e de outras autoridades. Obtiveram o "Grande Prêmio" do ano os alunos Fausto Cacambo Maciel (5° ano), Otávio de Oliveira (4° ano) e Francisco Coutinho Filho (1° ano). Na hora lítero-dramática foi levado o drama "Duque de Norfolk", a comédia "Fotógrafo em Apuros" e dentre os números variados, como de maior destaque, a cançoneta "O Serafim", no desempenho de Cacambo Maciel.[(181)]

De 16 de novembro em diante, por iniciativa do Sr. Bispo, passou a cadeia pública a ter a sua missa dominical semanalmente, como as missas dos dias santificados.[(182)]

Em 16 conferiu D. Adauto, na Igreja Catedral, o presbiterato aos diáconos Constantino Vieira da Costa, Luís Gonzaga de Araújo e Manuel Tobias Vitório; o diaconato ao subdiácono Nicolau Leite; o subdiaconato ao menorista Nicodemus Neves; as ordens menores aos clérigos Pedro de Oliveira Cardoso, Francisco Lopes de Sousa e João Carlos Bezerril; a primeira tonsura aos seminaristas Francisco Lopes de Sousa e João Carlos Bezerril.[(183)]

Em 18, 19 e 23 de novembro respectivamente presidiu S. E.R. o encerramento do ano letivo nos colégios "Ana Borges", da "Conceição" e das "Neves", respondendo com paternal carinho as saudações que lhe foram *feitas*.[(184)]

Em 23 de novembro, por ocasião da visita pastoral à povoação de Sapé, é elevado pelo Sr. Bispo ao diaconato, na igreja daquela localidade, o subdiácono Nicodemus Neves.[(185)]

No dia 28 seguiu para o Rio de Janeiro a bordo do "Manaus" o Pe. Matias Freire, como representante da Paraíba ao 5° Congresso de Esperanto, designado para tal comissão pelo Presidente Castro Pinto.[(186)]

Em 30 de novembro conferiu o bispo diocesano o presbiterato ao diácono Nicodemus Neves, na Igreja de N. S. do Carmo, às 6,30.

número de fiéis. À tarde realizou-se a marcha processional das associações femininas, presidindo-a o Revmo. Cônego Francisco de Assis. Compareceram todas as associações da capital, incorporadas, com os respectivos estandartes. Feitas as visitas com edificante piedade e muita ordem, a procissão recolheu-se à Catedral, onde a aguardava o Exmo, Sr. Bispo Diocesano, que ali fizera a sua entrada um pouco antes. Logo após assumiu a tribuna sagrada o Revmo. Cônego Moisés Coelho, que falou sobre o tema "A Igreja e o Papa". O ilustrado orador desenvolveu com estilo claro e segura orientação a sua bela conferência, agradando em geral ao imenso auditório que o ouvia. Terminada a conferência, houve a bênção do S. S. Sacramento, encerrando-se a solenidade.

No dia 13, pela manhã, celebrou o Santo Sacrifício da Missa o Revmo. Cônego Odilon Coutinho, distribuindo a sagrada comunhão a umas 5.000 pessoas. À tarde realizou-se a marcha processional das associações e irmandades do sexo masculino, tendo a ela se incorporado o Exmo. Sr. Bispo Diocesano e o Seminário. Presidiu-a o Revmo. Cônego João Milanez. Feito o percurso e visitadas as igrejas acima referidas, voltaram todos à Catedral, onde o Exmo. Sr. Bispo foi recebido por membros da comissão encarregada das festas. Em seguida subiu ao púlpito o distinguido orador sacro, Pe. Pedro Anísio, que discorreu com muita eloqüência e entusiasmo sobre o tema "A Igreja e a Civilização". Após a brilhante conferência deu-se a bênção do S. S. Sacramento como término da solenidade.

No dia 14, último das grandes festas, celebrou o Santo Sacrifício da Missa, às 6h30 da manhã, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, que distribuiu a comunhão geral a extraordinário número de fiéis de ambos os sexos. Às 10 horas celebrou-se a missa solene com assistência pontifical. Foi oficiante o Revmo. Cônego Morais, cura da Sé, com os Revmos. padres José Trigueiro e Manuel de Almeida.

Ao Evangelho pronunciou um substancioso e eloqüente sermão o Revmo. Cônego Odilon Coutinho, tomando como assunto da sua bonita peça oratória a "Exaltação da Santa Cruz".

Terminada a missa solene ficou exposto o S. S. Sacramento à

adoração dos fiéis durante todo o dia. Obedecendo ao estatuído no programa, visitaram N. S. Sacramentado o Seminário, o Colégio Diocesano Pio X, irmandades e associações católicas do sexo masculino e feminino, conforme a ordem e o horário estabelecidos.

Pelas cinco e meia horas da tarde, o Exmo. Sr. Bispo, acompanhado do Cabido e Seminário Diocesano, fazia a sua entrada na Catedral para assistir ao *Te Deum* com que se iam concluir as solenidades religiosas.

S. E. R. foi recebido pela comissão das festas ao som do hino pontifício executado pela Banda do Corpo Policial.

Em seguida ocupou a tribuna sagrada o Revmo. Cônego João Milanez, que em luminoso discurso ofereceu a Deus Nosso Senhor, em nome do povo católico, aquele tributo de adoração e homenagem sincera do mesmo povo.

Após o sermão seguiram-se o *Te Deum* solene e a bênção do S. S. Sacramento, sendo oficiante o Revmo. Cura da Sé acolitado pelo Pe. Matias Freire e Diácono Constantino Vieira.

Não podemos apreciar ao certo o número de pessoas que receberam os sacramentos da penintência e comunhão durante as festas jubilares. Apraz-nos, porém, dizer que era de admirar a afluência dos católicos às diferentes igrejas, especialmente à Catedral.

Dentre estes, milhares receberam aqueles sacramentos, gozando assim do grande privilégio da indulgência plenária concedida pela Igreja.

Principalmente no último dia, a Catedral mal pudera comportar a grande massa de fiéis que para ali acorrera a fim de assitir aos atos religiosos e dignificar a Deus e a sua Igreja aquele testemunho espontâneo de fé e piedade cristã".

Na tarde de 14 de setembro, o Colégio Pio X juntou às solenidades constantinianas o brilho da sua cooperação, numa festa lítero-artístico-musical que deixou a mais funda impressão.

Salientaram-se ao piano as senhorinhas Edazima, Isaura e Maria José Pires, Eugênia Mindêlo, Amável Guedes e Maria Rosa Lira, sobretudo na "Ouverture de Tancréde", com 2 pianos a 8 mãos, e na

"Serenata de Braga" – dueto de bandolim e piano.

O aluno Dustan Miranda arrancou vivos aplausos no recitativo "Deus", e o desembargador Bôto de Menezes fez uma conferência de 60 minutos, "síntese brilhante e filosófica dos sucessos que procederam o aparecimento do Grande Constantino".

A festa do "Pio X" se iniciou com o canto do hino pontifício, e a ela compareceram o Exmo. Sr. Bispo Diocesano e o Exmo. Sr. Presidente do Estado, representado pelo Oficial de Gabinete Alfeu Rosas e pelo Ajudante de Ordem Major Genuíno Bezerra, com muitos outros elementos de destaque social.(166)

No dia 24 de setembro, chegava a Pombal, vindo de Jericó, o Revmo. Cônego Sabino Coelho, no caráter de visitador diocesano. Em 25 teve início a visita pastoral com pregação, crisma, etc., expondo o Cônego Sabino o fim daquela visita: com a evangelização da verdade, a campanha pela organização do patrimônio da futura Diocese de Cajazeiras. Aí esteve o visitador até 29 de setembro, quando viajou para Corema.(167)

Em 27 de setembro criou o bispo diocesano e freguesia de N. S. de Lourdes, com sede na Igreja do Senhor Bom Jesus dos Martírios, no bairro de Trincheiras, da capital, desmembrada da freguesia de N. S. das Neves. Tal criação representava o coroamento dos esforços do capelão do Bom Jesus, Revmo. Pe. Pedro Anísio.(168)

No dia 29 os padres jesuítas Bento Justino e Felipe Pinheiro se dirigiram a Campina Grande, a fim de pregarem ali uma "Missão", como preparação para a visita pastoral. Os zelosos filhos de S. Inácio haviam passado a última semana de setembro pregando "missões" em Cabedelo e em Ponta de Lucena.(169)

Em 5 de outubro embarcou com destino a Campina Grande em visita pastoral o Sr. Bispo Diocesano, acompanhado pelo Pe. João Gomes Maranhão e pelo diácono Luís Gonzaga de Araújo. Além destes, auxiliaram na visita os padres Simão Fileto, Cirilo de Sá, José Cabral, Antônio Galdino, João Borges, Jerônimo César e João Batista, respectivamente vigários de Itabaiana, S. João do Rio do Peixe, Cabaceiras, Pocinhos, Ingá, Alagoa Nova e Batalhão. S. E. R. ministrou

quase 9.000 crismas e foram distribuídas quase 9.000 comunhões. No dia 13 voltou D. Adauto à capital, presidindo no dia 19 a distribuição de prêmios aos alunos de catecismo da Catedral.

De 13 a 19 de outubro os padres jesuítas Bento Justino e Felipe Pinheiro pregaram "Santas Missões" na paróquia de Fagundes.(170)

Em 23 de outubro celebrou D. Adauto, em sua capela episcopal, missa de ação de graças pela premiação e 1ª comunhão de 150 crianças, realizadas na Catedral, e por essa ocasião mais de 100 crianças renovaram a sua comunhão. A elas dirigiu o prelado palavras carinhosamente estimulantes. Após a consagração das mesmas ao S. S. Coração de Jesus, S. E. R. lhes ministrou o sacramento da confirmação.(171)

No dia 14 seguiu o Sr. Bispo para Pilar, em visita pastoral. Acompanharam-no o Pe. Joaquim Cirilo de Sá e o diácono Luís Gonzaga de Araújo. Regressou S. E. R. no dia 27, com os padres jesuítas João Bento Justino e Felipe Pinheiro, auxiliares que foram também na visita.(172)

No dia 26, procedeu o Cônego Odilon Coutinho à bênção do prédio sede da Associação de S. Luís de Gonzaga, entronizando também ali a imagem do S. S. Coração de Jesus e inaugurando a biblioteca.

"A Imprensa" em sua reportagem considera o edifício um prédio elegante e sólido, mencionando-lhe os jardins e os salões arejados. Ficava situado na Travessa do Rosário.(173)

Durante o mês de outubro publicou o Pe. Pedro Anísio, na "A Imprensa," uma série de artigos em polêmica com o Dr. Álvaro de Carvalho, sobre o sentido da Renascença,a influência do cristianismo na civilização e o papel da Igreja na Idade Média – estendendo-se na refutação dos que julgam ser a raça o fator único da civilização; mostrando com fartos argumentos o influxo civilizador da Igreja no mundo recentemente conquistado pelos bárbaros; considerando a Renescença como uma resultante de causas múltiplas diversas e não como "o triunfo do gênio greco-latino empanado no pesadelo místico da Idade Média". Em favor de suas asserções citava autores

especializados no assunto como Graubner, Bernhard, Ankermann, Schimidit, Harnack, Guizot, Kurth, Wuff e muitos outros.[174]

1° de novembro de 1913 – inauguração da freguesia de N. S. de Lourdes e posse do seu primeiro vigário, Pe. Manuel Maria de Almeida.

Às 7 horas da manhã chegava à Igreja do Bom Jesus, elevada agora a Matriz de N. S. de Lourdes, o Exmo. sr. Bispo com uma romaria vicentina que partira do Carmo.

Seguiu-se a missa de S. E. R. com a comunhão geral, e depois da missa, a posse do novo vigário. À uma hora da tarde realizou-se a premiação dos alunos de catecismo da paróquia e às 6h30 o *Te Deum* no qual oficiou o Pe. Manuel de Almeida.

Precedeu ao *Te Deum* a oração gratulatória do Pe. Pedro Anísio.[175]

No dia 2, às 7 horas, foi cantada missa de "*requiem*" solene na Catedral, com assistência do Sr. Bispo.[176]

Em 5 de novembro o Governo do Estado promoveu na Catedral solenes exéquias em sufrágio da alma do ex-presidente José Peregrino, falecido em 5 de outubro. O Sr. Bispo assistiu pontificalmente. O Presidente Castro Pinto compareceu com as demais autoridades. A oração fúnebre foi pronunciada pelo Cônego Odilon Coutinho. O Seminário interpretou no coro a missa de Cherubini. A Banda da Polícia executou as marchas fúnebres de praxe.[177]

6 de novembro de 1913. Os amigos e admiradores do Cônego Dr. Leonardo Antunes Meira Henriques, veneranda figura do clero paraibano e destacado vulto na política, no foro e no magistério da Paraíba imperial, lhe promovem manifestações de apreço pela passagem do seu 93° aniversário natalício.[178]

No dia 9 de novembro regressou da Europa o Monsenhor Manuel Paiva, reitor do Seminário,reassumindo a reitoria, a 17.[179]

Por decreto diocesano de 10 de novembro de 1913, o Curato de Soledade foi elevado a paróquia, e a igreja de Sta. Ana, sua padroeira, constituída em Matriz na forma dos sagrados cânones. O cura, Pe. José Betâmio, foi promovido a vigário encomendado.[180]

Em 14 de novembro realizou o Colégio Diocesano Pio X a premiação de seus alunos no ano letivo de 1913 e o encerramento dos trabalhos escolares. O Sr. Bispo assistiu, acompanhado do Oficial de Gabinete da Presidência do Estado, representando o Presidente, do Chefe de Polícia, Dr. Antônio Massa e de outras autoridades. Obtiveram o "Grande Prêmio" do ano os alunos Fausto Cacambo Maciel (5° ano), Otávio de Oliveira (4° ano) e Francisco Coutinho Filho (1° ano). Na hora lítero-dramática foi levado o drama "Duque de Norfolk", a comédia "Fotógrafo em Apuros" e dentre os números variados, como de maior destaque, a cançoneta "O Serafim", no desempenho de Cacambo Maciel.(181)

De 16 de novembro em diante, por iniciativa do Sr. Bispo, passou a cadeia pública a ter a sua missa dominical semanalmente, como as missas dos dias santificados.(182)

Em 16 conferiu D. Adauto, na Igreja Catedral, o presbiterato aos diáconos Constantino Vieira da Costa, Luís Gonzaga de Araújo e Manuel Tobias Vitório; o diaconato ao subdiácono Nicolau Leite; o subdiaconato ao menorista Nicodemus Neves; as ordens menores aos clérigos Pedro de Oliveira Cardoso, Francisco Lopes de Sousa e João Carlos Bezerril; a primeira tonsura aos seminaristas Francisco Lopes de Sousa e João Carlos Bezerril.(183)

Em 18, 19 e 23 de novembro respectivamente presidiu S. E.R. o encerramento do ano letivo nos colégios "Ana Borges", da "Conceição" e das "Neves", respondendo com paternal carinho as saudações que lhe foram feitas.(184)

Em 23 de novembro, por ocasião da visita pastoral à povoação de Sapé, é elevado pelo Sr. Bispo ao diaconato, na igreja daquela localidade, o subdiácono Nicodemus Neves.(185)

No dia 28 seguiu para o Rio de Janeiro a bordo do "Manaus" o Pe. Matias Freire, como representante da Paraíba ao 5° Congresso de Esperanto, designado para tal comissão pelo Presidente Castro Pinto.(186)

Em 30 de novembro conferiu o bispo diocesano o presbiterato ao diácono Nicodemus Neves, na Igreja de N. S. do Carmo, às 6,30.

Em 1° de dezembro celebrou este neo-sacerdote a sua 1ª missa na Capela do Colégio de N. S. das Neves.(187)

No dia 6 de dezembro chegou pelo paquete "Ceará", que aportou em Cabedelo, o Exmo. Sr. Arcebispo de Belém do Pará, D. Santino Maria da Silva Coutinho, em visita ao seu Estado natal. Festivamente recebido, assitiram ao seu desembarque na estação da "Great Western" o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, o Oficial de Gabinete Alfeu Rosas, em nome do Presidente do Estado, e inúmeros amigos. Abrilhantou o ato a Banda da Polícia, e o carro oficial da Presidência do Estado o transportou à residência do Cônego Odilon Coutinho, onde ficou S. E. R. hospedado. D. Santino veio acompanhado do Pe. Joaquim Magno de Morais, redator de "A Palavra", do Pará.(188)

Em 7 de dezembro ofereceu D. Adauto ao Arcebispo de Belém do Pará um almoço íntimo no Palácio do Carmo. No dia 9 estiveram os dois prelados em visita ao Presidente Castro Pinto, no Palácio do Governo; no dia 12 seguiu D. Santino para o engenho Avarzeado, dos seus genitores, a fim de repousar um pouco das lides episcopais.(189)

No dia 12 regressou de sua peregrinação a Roma e a Lourdes o Pe. José Betâmio, vigário de Soledade.(190)

Telegrama de 14 de dezembro, vindo do Rio, anuncia que o Pe. Matias Freire, redator-chefe de "A Imprensa" e presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba, fora aclamado Presidente do Congresso de Esperanto, reunido no Rio de Janeiro.(191)

17 de dezembro. Aniversário natalício do Sr. D. Santino Coutinho, ao tempo em gozo de férias no seio de sua família. Noticiando o grande evento, assim se externa "A Imprensa":

"Os trabalhos resultantes da administração de uma arquidiocese tão vasta quanto escassa de sacerdotes, não raro, definham e abatem os ânimos mais bem dispostos. Não obstante isto e o quinhão amargo de sofrimentos morais que ferem os desinteressados apóstolos do bem e os reformadores dos costumes, o Sr. Arcebispo continua impávido na sua trajetória, robusta de saúde e firme no cumprimento do dever.

Se de um lado se desencadeiam lutas ingratas, nascidas do despeito e da indisciplina, do outro surgem manifestações de filial adesão

acompanhando a constância, a prudência e o zelo do homem manso e enérgico que aprouve à Divina Providência colocar à frente do governo da importante Arquidiocese do Pará".(192)

No dia 17 de dezembro faleceu em Roma o Cardeal Mariano Rampolla, Secretário de Estado que foi do S. S. Padre Leão XIII e um dos candidatos mais votados para a cadeira do S. Padre no último conclave – muito ligado à fundação e à organização da Diocese da Paraíba.(193)

Em dezembro de 1913 publicou o Pe. Dr. Florentino Barbosa um opúsculo intitulado "O Problema do Norte", amplamente divulgado.

"O Problema do Norte", registra "A Imprensa", por ser um trabalho de valor científico por tratar de um assunto que se prende às ciências naturais, é de grande utilidade prática para os habitantes da zona flagelada, cujas condições climatéricas e econômicas constituíram o objeto principal do acurado estudo.(194)

19 de fevereiro de 1914.

"A Imprensa" estampa na 1ª página o clichê da D. Adauto em duas colunas, encimado pelo título "Arquidiocese da Paraíba" e os subtítulos "D. Adauto, 1º Arcebispo." "Cajazeiras Diocese".

"O preito de reconhecimento, escreve o editorialista, que prestamos hoje ao Exmo. e Revmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, estampando o seu retrato na coluna de honra de "A Imprensa", é pequena homenagem àquele em quem todos reconhecemos o sábio e providente pastor de almas a cuja ação sempre forte, prudente e eficaz são devidos a criação das dioceses do Rio Grande do Norte e de Cajazeiras e a organização, o incremento e a prosperidade dos negócios católicos na Paraíba, desde 20 anos e este agora novo título com que o Chefe da Cristandade exalça a Igreja paraibana elevando-a a arquidiocese.(195)

Na obra do Cônego Francisco Severiano, "Anuário Eclesiástico da Paraíba," vem publicada por extenso a bula pontifícia *Majus catholicae religionis incrementum*, com a qual o S.S. Padre Pio X houve por bem criar a Diocese de Cajazeiras e elevar a Diocese

da Paraíba a Arquidiocese.(196)

Sob a epígrafe "Igreja Metropolitana da Paraíba e seu 1° Arcebispo," registra o Cônego Francisco Severiano:

"A Diocese da Paraíba, criada pela Bula A*d universas orbis ecclesias*, de 27 de abril de 1892, foi elevada à categoria e dignidade de Igreja Metropolitana pela Bula M*ajus catholicae religionis incrementum,* de 6 de fevereiro do corrente ano (1914). A mesma Bula constituiu Metropolitano da nova Província Eclesiástica o Exmo. Sr. D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, seu primeiro bispo.

Ficou ainda por disposição da Santa Sé a Arquidiocese compreendendo toda a parte oriental do Estado, atingindo 64.000 quilômetros quadrados com uma população de 450.000 almas aproximadamente. São sufragâneas a Diocese de Cajazeiras, situada na parte ocidental do Estado, abrangendo 43.000 quilômetros quadrados e uma população de 250.000 almas, e a de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, com 57.730 quilômetros quadrados e 400.000 almas pouco mais ou menos.

Convém notar que em todo o episcopado brasileiro só a Igreja da Paraíba teve por seu 1° arcebispo o seu primeiro bispo, e também que, dentre todas as dioceses criadas e providas de 20 anos até hoje, coube à Paraíba a glória de ser a primeira que passou a Província Eclesiástica.

É indiscutivelmente uma glória para o rebanho católico da Paraíba que conseguiu ver na sua Igreja e na pessoa de seu digno antístite tão elevada honra.

O fato é que o zeloso e desvelado pastor não podia ser esquecido da Santa Sé Apostólica, que se dignou conceder-lhe esse alto título como tributo de reconhecimento a seus imensos serviços à Igreja Católica no Brasil".(197)

Volumus pariter ut venerabilis frater noster Adauctus Aurelius de Miranda Henriques hodiernus parahybensis antistite, modo in archepiscopum constitutus ipsam metropolitanum ecclesiam parahybensem in posterum regat, expressa Pio X no magno documento.

Com os próprios destinos estreitamente ligados aos destinos da diocese que fizera e vira progredir no espiritual e no temporal – mercê dos seus ingentes esforços, era justo que D. Adauto a ela se ligasse também na hora da sua justa elevação a Metrópole Eclesiástica.

O episcopado de D. Adauto, desde o 1º instante, se mostrava aos olhos de Roma, sempre bem informada pela Nunciatura Apostólica, possuidor de todos os caracteres que lhe ornavam a personalidade invulgar de apóstolo, de mestre, de diretor de almas, de administrador temporal. Zelo e cultura, conhecimento dos homens e equilíbrio financeiro, atividade e clarividência, profundo senso prático e invejáveis dotes de economista, eis o que D. Adauto ofereceu à sua diocese. Eis o capital que ele pôs em movimento sem reserva alguma. Eis os instrumentos com que ele arroteou o campo, o adubo com que tornou a terra feraz, o fogo com que incinerou muitas vezes o joio introduzido pelo "homem inimigo" no trigal de sua seara.

Ensinam os mestres da vida interior a arte de se aproveitarem as próprias faltas na grande obra do aperfeiçoamento das almas, o que não fazem, absolutamente, por amor ao paradoxo. As nossas quedas freqüentes, com efeito, descobrindo-nos os pontos fracos da natureza, nos levam a maior vigilância sobre os mesmos, o que é meio caminho andado para a vitória.

O arcebispo nunca esqueceu este ponto da ascética na filosofia do governo de si mesmo e do governo do seu rebanho.

"Os meus erros, confessava ele, me têm sido muito proveitosos, pois me têm facultado um grande coeficiente de experiência. Aprender pela experiência alheia é bem cômodo, mas só o aprendizado da própria experiência é sólido e duradouro".

Não era possível que tamanho espírito de renúncia, servido por uma retidão sobrenatural a toda prova e por uma humildade capaz de levá-lo à vida, à ação sempre no plano da eternidade – não era possível que deixasse de ser coroado mesmo no tempo com a mais esplendente das vitórias.

A semente da Verdade Divina foi lançada carinhosamente por montes e vales. Florestas e desertos receberam tratamento adequado

e logo após semeaduras abundantes. Aos pés do lavrador infatigável loirejavam agora as searas em messes opimas – reclamando levas de operários para a colheita que sob o peso da glória, da glória do trabalho, fazia vergarem os ombros robustos do lavrador.

E D. Adauto nunca ocultou a ninguém, com seu temperamento aberto e expansivo nos limites da "performance" episcopal, nunca ocultou o desvanecimento que sentia em ter sido o 1° bispo e 1° arcebispo da Paraíba.

Merecera a fartar esta pequena compensação terrena, desproporcional, é claro, com o galardão que o seu tipo de verdadeiro israelita, à maneira de Natanael, há de ter recebido no céu.

Fatos notáveis ocorridos na diocese em 1914, afora o auspicioso fato de sua elevação a arquidiocese:

"Uma bela carta pastoral, escreve o Cônego F. Severiano, publicou S. E. R. o Sr. D. Adauto em 7 de janeiro, no 20° aniversário de sua sagração episcopal, sobre a santidade e o ministério sacerdotal.

Nesse precioso escrito S. E. R. faz ver ao seu clero quanto é formidável o mal com que a sociedade hodierna tenta arruinar por completo a religião católica; mostra-lhe o grande progresso resultante da combinação do ateísmo da sociedade civil com a maçonaria internacional; recomenda-lhe muita santidade, muito zelo, muita prudência em todos os seus atos".[198]

Assim se expressa o digno prelado:

"Não basta que sejais digno da graça da vocação; não basta que a vossa vida seja fiel reflexo da própria santidade; não basta que a vossa Matriz seja digna morada de Nosso Senhor Sacramentado; não basta que a casa do vigário seja um modelo de ordem, de paz, de respeito, e isenta de toda suspeita; não basta que aí se evitem conversas ruidosas contra a caridade ou sobre política de aldeia e tudo o que possa desmerecer da compostura e santidade do pastor; não basta perder o vigário o seu tempo precioso em diversões e visitas frívolas; não assistir a cinemas públicos, a bailes, embora simplesmente como espectador; numa palavra, não basta ao vigário mostrar-se sempre na altura do seu caráter e ministério pastoral: é mister, hoje mais que nunca,

ter o vigário muito zelo, com todas as suas qualidades necessárias, pelo bem das almas".

Lembra a cada vigário, a cada sacerdote o sagrado dever de tudo fazer, tudo envidar pela propaganda perfeita da imprensa católica e particularmente da diocese – "A Imprensa". Na segunda quinzena de janeiro, continua o Cônego F. Severiano, na capela do Seminário de N. S. da Conceição da cidade episcopal, realizou-se o sexto retiro espiritual do clero, pregado pelo reverendo Pe. José da Lapa S J e assistido por S. E. R. o Sr. Bispo Diocesano.

A estes santos exercícios compareceram 55 sacerdotes, todos da Diocese da Paraíba e cujos nomes vão publicados.

Monsenhores Manuel Antônio de Paiva, João Irineu Jófili e Francisco Severiano de Figueiredo. Cônegos Moisés Coelho, João Batista Milanez, Odilon Coutinho, Leão Fernandes, Francisco de Assis Albuquerque e Sabino Coelho. Párocos, pró-párocos e coadjutores – Monsenhor Luís Francisco de Sales, Cônegos Manuel M. Morais, Manuel G. Ferreira, João Medeiros e Vicente F. Pimentel. Padres Dr. João Guimarães, Francisco Coelho de Albuquerque, Aprígio Espínola, Joaquim F. Agra da Silva, Antônio Augusto, Antônio Galdino, Abdias Leal, Manuel Otaviano de Moura Lima, Manuel Cristóvão Ribeiro Ventura, Joaquim Pereira Diniz, Florentino Diniz, Simão Fileto da Costa, José Betâmio de Gouveia Nóbrega, Joaquim Cirilo de Sá, Valeriano Pereira de Sousa, João Borges de Sales, José Rodrigues Viana, Artur Enéas Cavalcanti, Anselmo Rolim, João Cruz, Belisário Dantas, João Gomes Maranhão, João Onofre Marinho, João Batista de Albuquerque, Francisco H. de Lucena Sampaio, Antônio F. de Barros Ramalho, Jerônimo César, J. Vital, J. J. Pessoa da Costa, Vicente Ferreira Rodas, Antônio Cabral, Antônio Aires de Melo, Manuel Maria de Almeida. Avulsos: professores e capelães – Cônego José Paulino Duarte, Pe. Dr. Florentino Barbosa, padres Nicodemus Neves, Pedro Anísio Bezerra Dantas, Gabriel Toscano, João Maranhão, José Trigueiro de Brito, Joel Esdras Lins Fialho, Abel Pequeno e Luís Gonzaga de Araújo.(199)

No início do retiro o Sr. Bispo endereçou ao S. S. Padre Pio

X um telegrama pedindo em nome do clero uma bênção para os exercícios espirituais e, antes de terminarem estes, recebeu de Roma a seguinte comunicação:

"Ao Sr. Bispo da Paraíba:

O S. S. Padre, penhorado pela devota e filial homenagem expressa por V. E.R. em nome do clero diocesano reunido no retiro espiritual, concede de coração a bênção apostólica, implorando a graça do sempre crescente zelo pela santificação própria e das almas, Cardeal Merry Del Val".(200)

Em 23 de janeiro morria na capital o Coronel Bento Pais, ex-comandante da Polícia Militar no governo Gama e Melo (1896-1900), quando, na campanha que a maçonaria promoveu contra D. Adauto e o clero, formou ao lado do bispo diocesano. Católico de sincera e esclarecida convicção, deixou aos pósteros o exemplo de um cristão fervoroso e de um cidadão exemplar.(201)

Em carta de Petrópolis, datada de 28 de janeiro, o Núncio Apostólico D. José Aversa, comunicou a D. Adauto ter levado ao conhecimento da Santa Sé a reposição do Cristo no Salão do Júri sob os auspícios de S. E. R. O Santo Padre, dizia, se informara de tudo minuciosamente, com o máximo interesse, e tivera magnífica impressão do discurso "cheio de fé e doutrina" pronunciado pelo Sr. Dr. José Américo de Almeida, pelo que, querendo Sua Santidade dar ao mesmo um atestado de sua paternal benevolência, se dignava enviar-lhe um diploma com a bênção apostólica autografada.(202)

"A Imprensa" de 2 de fevereiro, noticiando o levante do Juazeiro contra o governo Franco Rabelo, do Ceará, levante chefiado pelo Pe. Cícero, verbera em expressões candentes a atitude do velho sacerdote fomentador e aproveitador do fanatismo das turbas. "Felizmente o pobre caudilho, sem vista, trôpego e surdo, não está com o pensamento da Igreja da qual tem sempre andado em obstinado divórcio por vários atos de formal desobediência à autoridade – escreve o articulista, e agora, a anarquia que a Igreja repele e condena é o seu ideal. Não está nem com a Igreja nem com o clero. É um rebelado comum que se levanta sem o apoio da sua classe.

Triste instrumento servil da política o Pe. Cícero".[203]

De volta do Congresso de Esperanto realizado no Rio de Janeiro, chega a bordo do "Manaus", em 14 de fevereiro, o Pe. Matias Freire.[204]

"A Imprensa" de 19 de fevereiro noticia a nomeação feita pelo Sr. Arcebispo, do Cônego João Milanez para diretor do Colégio Diocesano Pio X em substituição ao Monsenhor Jófili, com justos encômios à administração do Monsenhor Jófili, que dera ao Colégio Pio X uma fase verdadeiramente áurea, fazendo surgir das bases o novo edifício do Colégio, introduzindo melhoramentos de alto vulto na parte intelectual e moral, como novos métodos pedagógicos, implantando modernos sistemas disciplinares de acordo com a evolução do ensino e mormente estabelecendo o estímulo, a vigilância e a ordem em que tornou modelar o Colégio.[205]

No dia 19 de fevereiro foi inaugurada na capital a tração elétrica. Realizou-se a solenidade na usina elétrica de Tambiá, comparecendo o Presidente Castro Pinto, os Drs. Antônio Massa e Cunha Pedrosa, o Cônego Odilon Coutinho, representante do arcebispo metropolitano, os Drs. Venâncio Neiva, Colares Moreira, José Américo de Almeida, Izidro Gomes, João Suassuna, Seixas Maia e Mateus de Oliveira; os desembargadores Cândido Pinho, Trajano Caldas, Heráclito Cavalcanti e Vasco de Toledo; os padres Pedro Anísio e Matias Freire; o Sr. Celso Mariz e inúmeras pessoas outras de real destaque.

Ao *champagne* no escritório da empresa, discursou o Dr. Leonardo Smith saudando o Presidente Castro Pinto, que respondeu em significativa e eloqüente oração.[206]

Com o fim de bem instruir os fiéis, publicou "A Imprensa" do dia 23 de fevereiro um artigo sobre a autoridade e os direitos do arcebispo em face do Direito Canônico, a grandeza, a honra e o privilégio de suas funções, a sua precedência sobre os sufragâneos, os casos que justificam a sua intervenção em todas as dioceses da província, etc.[207]

No dia 26, recebeu o arcebispo a visita dos ilustrados jesuítas

padres João Batista Golçalves e Joaquim da Silva Tavares – o 1° provincial da província portuguesa no Brasil. O 2°, diretor da "Brotéria", uma das mais importantes revistas científicas do mundo.

Durante todo o mês de fevereiro, os jornais da terra - "A União", o "Estado da Paraíba", o "Jornal do Comércio", - noticiaram a ascensão hierárquica de D. Adauto e lhe teceram os mais justos encômios.(208)

4 de março, 20° aniversário da posse episcopal de D. Adauto.

"Uma senda rastreada de luz, escreve o editorialista de "A Imprensa", e obstruída de frutos em bem dos homens, é o selo indelével da passagem do verdadeiro ministro do Evangelho, bem compenetrado do seu papel de pastor feito por Deus para o povo".(209)

No dia 8 embarcou em Cabedelo, regressando ao Pará, o Exmo. Sr. Arcebispo de Belém, D. Santino Coutinho. Seu bota-fora foi assistido pelo Arcebispo D. Adauto, pelo Oficial de Gabinete Alfeu Rosas, em nome do Presidente do Estado, e por grande número de amigos e admiradores seus, do clero e do laicato. Acompanhou-o o seu secretário, Pe. Joaquim Magno de Morais.(210)

Com data de 25 de março, o Cônego Sabino Coelho apresentou ao Exmo. Sr. Arcebispo bem acabado relatório de suas atividades no sertão, como agenciador e organizador do patrimônio da futura Diocese de Cajazeiras.

"No desempenho da comissão, escreve o Cônego Sabino Coelho, que V. Excia. se dignou confiar-me por ato de 12 de março do ano próximo findo, para agenciar donativos e fundar o patrimônio da Diocese de Cajazeiras, recentemente criada, e revestido do caráter de visitador diocesano, percorri as freguesias que compõem a referida Diocese. Devo dar muitas ações de graças ao adorável Coração de Jesus por me haver desempenhado de tão importante quão dificílima missão, após onze longos e penosos meses de incessante labutar sob a inclemência de um sol ardente, num percurso de quinhentas e tantas léguas a cavalo, inspirando-me sempre nas sábias instruções que recebi de V. E. R. para realizar tão alevantado e justo tentamen".

O Cônego Sabino visitou as paróquias sertanejas de S. José

de Piranhas, Conceição, Misericórdia, Piancó, Sta. Ana dos Garrotes, Princesa, Patos, B. do Cruz, Sta. Luzia do Sabugi, Pombal, Sousa e Cajazeiras. Deixou de visitar S. João do Rio do Peixe, por causa da varíola que ali grassava, desaconselhando aglomerações. Ministrou 13.303 crismas. Distribuiu 14.865 comunhões. Promoveu 128 santificações de união pelo sacramento do matrimônio. Arrecadou para o patrimônio da jovem Diocese 36.763$400 (trinta e seis contos, setecentos e sessenta e três mil e quatrocentos réis).(211)

De 4 a 11 de abril se relizaram na Catedral Metropolitana as cerimônias da Semana Santa, presididas por D. Adauto, com as solenidades litúrgicas de praxe.

Foram pregadores, respectivamente, do Mandato (5ª Feira-Santa), da Paixão (6ª Feira-Santa) e da Ressureição (Domingo de Páscoa), o Mons. Manuel Paiva, o Pe. Pedro Anísio e o Cônego Moisés Coelho.(212)

"Com data de 3 de maio, registra o Cônego F. Severiano, publicou o Exmo. Sr. D. Adauto mais outra importante carta pastoral, anunciando aos seus diocesanos a elevação da Paraíba a Metrópole, a nomeação do 1º Arcebispo, a criação da Diocese de Cajazeiras e a sua visita *"ad limina apostolorum"*, com a apresentação de suas despedidas.

Em traços seguros e claros, S. E. R. expõe aos fiéis o conteúdo da Bula Pontifícia; deixa um testemunho da sua gratidão aos que muito o auxiliaram na formação do patrimônio da Diocese de Cajazeiras; agradece as sinceras congratulações e demonstrações de regozijo recebidas por motivo da crição da Província Eclesiástica da Paraíba e pela elevação de seu 1º Bispo à honra e dignidade de Arcebispo; comunica aos seus jurisdicionados a sua breve partida para a Cidade Santa em visita *"ad limina apostolorum"*, isto é, às venerandas relíquias de S. Pedro e S. Paulo, e a dar conta do estado de sua Igreja ao representante de Jesus Cristo na terra; e finalmente, despediu-se de todos, lançando-lhes a sua santa bênção".(213)

"Por decreto da Nunciatura Apostólica do Brasil, de 19 de maio de 1914, escreve o Cônego F. Severiano, foi S. E. R. o Exmo.

como há muito tempo não fazia, numa confortável rede, deferência da administração do Colégio, conhecedora desse gesto bem brasileiro de S. E. R..(221)

No dia 5 de julho, o menorista Antônio Afonso da Silva, súdito da Arquidiocese da Paraíba, recebia pela Universidade Gregoriana de Roma a láurea de doutor em filosofia.(222)

Telegrama do Rio anuncia ter sido D. Adauto recebido em audiência especial pelo Sumo Pontífice (Pio X) em 14 de julho, impondo-lhe o Santo Padre, pessoalmente, por essa ocasião, o sagrado pálio arquiepiscopal. Pedira D. Adauto tão insigne favor a Pio X, que na sua grande benevolência não lho negara, outorgando-lhe ali mesmo, com sua encantadora simplicidade, sem fórmulas nem cermônias. Ainda nessa audiência, o arcebispo tomou carinhosamente a liberdade de trocar o solidéu de Pio X por outro novo que levara, trazendo consigo a valiosa lembrança, hoje preciosíssima relíquia. Com o arcebispo se achavam seus secretários – Cônegos Francisco de Assis e Emídio Cardoso e mais o menorista Antônio Afonso, que recebeu os cumprimentos do papa pela sua aprovação *cum laude* no exame do doutorado em filosofia.

Pio X, na majestade de sua figura alta, cheia, simples e paternal, estava triste. Triste e pálido. Previa talvez o conflito da guerra que lhe apressaria os passos para o túmulo.

A última imagem do Pontífice que se gravou na retina dos peregrinos foi aquela do pátio de São Dâmeo, dias depois. O papa aparecera em um dos janelões do Vaticano acompanhado por dois "suíços" que não tiravam os olhos da multidão apinhada em baixo. *"viva il papa re"*, prorrompeu o povo.

160 músicos atacam o *"vene sancti spiritus"*.

Adjutorium nostrum in nomine Domini, canta o Pontífice, iniciando a bênção que todos recebem de joelhos. Retira-se Pio X depois de benzer com o sinal da cruz os terços, as medalhas, os santinhos, os lenços que se agitavam no ar.

Daí a pouco mais de um mês (20 de agosto), ingressaria na eternidade.(223)

16 de julho de 1914. Falecimento na capital do Cônego Dr. Leonardo Antunes Meira Henriques, na avançada idade de 94 anos. Nascera aos 6 de novembro de 1820, filho legítimo do Brigadeiro Cirurgião-Mor Feliciano José Henriques e D. Ana Joaquina de S. José Henriques. Fizera humanidades no Liceu Paraibano e curso superior (Filosofia e Teologia) no Seminário de Olinda, ordenando-se presbítero em novembro de 1843 e celebrando a sua primeira missa em 8 de dezembro do mesmo ano. Bacharelara-se em Direito pela Academia do Recife em 31 de outubro de 1845, tendo desempenhado o magistério como lente de Teologia do Seminário de Olinda, de Francês e Filosofia do Liceu Paraibano, onde conseguiu aposentar-se na última cadeira. Fora ainda deputado provincial em Pernambuco (1853-1857) e na Paraíba (1858-1889).

Era Cônego Honorário da Capela Imperial, Comendador da Ordem de Cristo e da Imperial Ordem da Rosa.(224)

Conforme comunicação recebida, o arcebispo e os seus secretários chegaram a Paris no dia 31 de julho, vindos de Lourdes, onde haviam assistido ao Congresso Eucarístico Internacional, de 22 a 26 do mesmo mês.

Em Paris os surpreendeu o deflagrar da guerra (agosto), acontecimento que lhes trouxe os maiores embaraços na volta para o Brasil.(225)

Feita a visita *ad limina*, D. Adauto rumara para Lourdes, via Marselha, com seus companheiros, a fim de assistir ao grande Congresso Eucarístico Internacional presidido pelo Legado Pontifício, o eminentíssimo Cardeal Granito Pignatello di Belmonte. Os Cônegos Assis e Emídio, nos dando impressões sobre tão magno certame de fé, não se cansavam nas referências mais entusiásticas à magnífica procissão eucarística; ao soleníssimo pontifical em frente à Basílica do Rosário;à harmonia dos cânticos casando-se com o pitoresco dos trajes típicos de variegadas cores; dos sinos-carrilhões do campanário entoando a Ave-Maria a todas as horas; ao terço que os peregrinos em massa rezavam na gruta do Gave, ao sussurrar das águas mansas, das águas serenas do rio; à cruz luminosa dominando um dos píncaros dos Pirineus

como há muito tempo não fazia, numa confortável rede, deferência da administração do Colégio, conhecedora desse gesto bem brasileiro de S. E. R..(221)

No dia 5 de julho, o menorista Antônio Afonso da Silva, súdito da Arquidiocese da Paraíba, recebia pela Universidade Gregoriana de Roma a láurea de doutor em filosofia.(222)

Telegrama do Rio anuncia ter sido D. Adauto recebido em audiência especial pelo Sumo Pontífice (Pio X) em 14 de julho, impondo-lhe o Santo Padre, pessoalmente, por essa ocasião, o sagrado pálio arquiepiscopal. Pedira D. Adauto tão insigne favor a Pio X, que na sua grande benevolência não lho negara, outorgando-lhe ali mesmo, com sua encantadora simplicidade, sem fórmulas nem cermônias. Ainda nessa audiência, o arcebispo tomou carinhosamente a liberdade de trocar o solidéu de Pio X por outro novo que levara, trazendo consigo a valiosa lembrança, hoje preciosíssima relíquia. Com o arcebispo se achavam seus secretários – Cônegos Francisco de Assis e Emídio Cardoso e mais o menorista Antônio Afonso, que recebeu os cumprimentos do papa pela sua aprovação *cum laude* no exame do doutorado em filosofia.

Pio X, na majestade de sua figura alta, cheia, simples e paternal, estava triste. Triste e pálido. Previa talvez o conflito da guerra que lhe apressaria os passos para o túmulo.

A última imagem do Pontífice que se gravou na retina dos peregrinos foi aquela do pátio de São Dâmeo, dias depois. O papa aparecera em um dos janelões do Vaticano acompanhado por dois “suíços” que não tiravam os olhos da multidão apinhada em baixo. *“viva il papa re”*, prorrompeu o povo.

160 músicos atacam o *“vene sancti spiritus”*.

Adjutorium nostrum in nomine Domini, canta o Pontífice, iniciando a bênção que todos recebem de joelhos. Retira-se Pio X depois de benzer com o sinal da cruz os terços, as medalhas, os santinhos, os lenços que se agitavam no ar.

Daí a pouco mais de um mês (20 de agosto), ingressaria na eternidade.(223)

16 de julho de 1914. Falecimento na capital do Cônego Dr. Leonardo Antunes Meira Henriques, na avançada idade de 94 anos. Nascera aos 6 de novembro de 1820, filho legítimo do Brigadeiro Cirurgião-Mor Feliciano José Henriques e D. Ana Joaquina de S. José Henriques. Fizera humanidades no Liceu Paraibano e curso superior (Filosofia e Teologia) no Seminário de Olinda, ordenando-se presbítero em novembro de 1843 e celebrando a sua primeira missa em 8 de dezembro do mesmo ano. Bacharelara-se em Direito pela Academia do Recife em 31 de outubro de 1845, tendo desempenhado o magistério como lente de Teologia do Seminário de Olinda, de Francês e Filosofia do Liceu Paraibano, onde conseguiu aposentar-se na última cadeira. Fora ainda deputado provincial em Pernambuco (1853-1857) e na Paraíba (1858-1889).

Era Cônego Honorário da Capela Imperial, Comendador da Ordem de Cristo e da Imperial Ordem da Rosa.(224)

Conforme comunicação recebida, o arcebispo e os seus secretários chegaram a Paris no dia 31 de julho, vindos de Lourdes, onde haviam assistido ao Congresso Eucarístico Internacional, de 22 a 26 do mesmo mês.

Em Paris os surpreendeu o deflagrar da guerra (agosto), acontecimento que lhes trouxe os maiores embaraços na volta para o Brasil.(225)

Feita a visita *ad limina*, D. Adauto rumara para Lourdes, via Marselha, com seus companheiros, a fim de assistir ao grande Congresso Eucarístico Internacional presidido pelo Legado Pontifício, o eminentíssimo Cardeal Granito Pignatello di Belmonte. Os Cônegos Assis e Emídio, nos dando impressões sobre tão magno certame de fé, não se cansavam nas referências mais entusiásticas à magnífica procissão eucarística; ao soleníssimo pontifical em frente à Basílica do Rosário; à harmonia dos cânticos casando-se com o pitoresco dos trajes típicos de variegadas cores; dos sinos-carrilhões do campanário entoando a Ave-Maria a todas as horas; ao terço que os peregrinos em massa rezavam na gruta do Gave, ao sussurrar das águas mansas, das águas serenas do rio; à cruz luminosa dominando um dos píncaros dos Pirineus

defronte da basílica profusamente iluminada.

Regressando por Ville-Franche, atingiram Paris no momento mesmo em que o caldeirão político da Europa fervia, prenunciando o cataclismo político-social que foi a guerra de 14.(226)

Assassinado em Serajevo, cidade de Bósnia-Herzegovina pertencente à Áustria, o príncipe herdeiro da coroa austríaca, Arquiduque Francisco Fernando, foi o governo sérvio acusado pela Áustria de cumplicidade no atentado (junho de 1914).

A Rússia se arvorou em defensora do pequeno Estado balcânico. Considerando oficialmente a atitude da Rússia uma provocação, a Alemanha lhe declarou guerra (1° de agosto de 1914), e sob o pretexto de terem aviões franceses jogado bombas em seu território, teve para com a França o mesmo procedimento (3 de agosto de 1914).

"No dia 4 de agosto tropas alemãs forçavam a fronteira da Bélgica, cuja neutralidade todas as nações se haviam solenemente comprometido a respeitar. Estribada no seu compromisso de defender tal neutralidade, a Inglaterra entrou em luta contra a Alemanha. Rompera-se o tão falado "equilíbrio europeu", e o mundo estava envolvido numa grande conflagração".

Horas amargas passaram os nossos peregrinos em Paris, diante da intimação a todos os estrangeiros para deixarem a cidade dentro de 24 horas.

Em companhia do Cônego Emídio, procurou D. Adauto o cônsul brasileiro, mas debalde. O diplomata estava na Suíça em vilegiatura. Tomam enfim o comboio para Bardeaux o Arcebispo e o Cônego Emídio, ficando o Cônego Assis à espera de outro transporte, com a maior parte da bagagem. Em Tours o comboio é dividido em dois, separando-se os dois viajantes, que chegaram a Bordeaux em horas diferentes, procurando diferentes hotéis – tarefa aliás, dificílima, pois todos estavam superlotados.

O Cônego Emídio, em carta com papel timbrado do hotel onde se achava, pede garantias ao cônsul brasileiro, e este veio pessoalmente entender-se com S. R. modificando-se para melhor a situação dos

ordenou que, como manifestação de pesar, se encerrasse o expediente nas repartições públicas, tomando o Estado luto oficial por sete dias, com os três primeiros feriados. Logo que foi confirmada a notícia pela Nunciatura, os sinos da capital começaram a dobrar finados e a bandeira pontifícia foi hasteada à meia verga na fachada do Palácio do Carmo. Os jornais no dia seguinte publicaram sentidos necrológios e o Governo do Arcebispado recebeu os pêsames do presidente do Estado por intermédio do Oficial de Gabinete, Alfeu Rosas.[228]

No dia 25 de agosto "A Imprensa" noticiava a eleição do Cônego Moisés Coelho para Bispo de Cajazeiras e do Monsenhor João Irineu Jófili para Bispo Titular de Sufétula e Auxiliar do Arcebispo de Olinda, D. Luis de Brito. "Temendo, porém, acrescenta "A Imprensa", por escrúpulos de consciência ou por influência da nítida compreensão da grande responsabilidade inerente ao múnus pastoral, não querem ambos aceitá-lo, declinando da elevada honra e dignidade de que se fizeram capazes por suas virtudes, zelo e ilustração. Resta-nos saber se serão atendidos os motivos de renúncia apresentados pelos eleitos".[229]

"A imprensa" de 1° de setembro homenageia D. Adauto, cujo aniversário passara na véspera, 30 de agosto.

"Ausente da Paraíba, o Sr. Arcebispo, escreve o editorialista, e de luto a Igreja, as manifestações dos católicos patrícios se cingiram a íntimos atos de piedade em benefício do insigne pastor.

Nas diversas igrejas desta cidade, continua, se fizeram mais de mil comunhões, sendo a maioria delas na Catedral".[230]

Procedente de Fernando de Noronha e a bordo do vapor "Leão XIII", chegou em 1° de setembro o seguinte telegrama do Sr. Arcebispo:

"Saúdo e abençôo, minha Paraíba – Arcebispo".[231]

Aproximava-se D. Adauto de sua terra, voltando da Europa sacudida em todos os quadrantes pelo furacão da guerra.

Numa demonstração de respeito e afeto ao seu desvelado pastor, o clero e a sociedade paraibana resolveram fazer-lhe condigna recepção. Da comissão organizada para promovê-la, faziam parte o

defronte da basílica profusamente iluminada.

Regressando por Ville-Franche, atingiram Paris no momento mesmo em que o caldeirão político da Europa fervia, prenunciando o cataclismo político-social que foi a guerra de 14.[226]

Assassinado em Serajevo, cidade de Bósnia-Herzegovina pertencente à Áustria, o príncipe herdeiro da coroa austríaca, Arquiduque Francisco Fernando, foi o governo sérvio acusado pela Áustria de cumplicidade no atentado (junho de 1914).

A Rússia se arvorou em defensora do pequeno Estado balcânico. Considerando oficialmente a atitude da Rússia uma provocação, a Alemanha lhe declarou guerra (1° de agosto de 1914), e sob o pretexto de terem aviões franceses jogado bombas em seu território, teve para com a França o mesmo procedimento (3 de agosto de 1914).

"No dia 4 de agosto tropas alemãs forçavam a fronteira da Bélgica, cuja neutralidade todas as nações se haviam solenemente comprometido a respeitar. Estribada no seu compromisso de defender tal neutralidade, a Inglaterra entrou em luta contra a Alemanha. Rompera-se o tão falado "equilíbrio europeu", e o mundo estava envolvido numa grande conflagração".

Horas amargas passaram os nossos peregrinos em Paris, diante da intimação a todos os estrangeiros para deixarem a cidade dentro de 24 horas.

Em companhia do Cônego Emídio, procurou D. Adauto o cônsul brasileiro, mas debalde. O diplomata estava na Suíça em vilegiatura. Tomam enfim o comboio para Bardeaux o Arcebispo e o Cônego Emídio, ficando o Cônego Assis à espera de outro transporte, com a maior parte da bagagem. Em Tours o comboio é dividido em dois, separando-se os dois viajantes, que chegaram a Bordeaux em horas diferentes, procurando diferentes hotéis – tarefa aliás, dificílima, pois todos estavam superlotados.

O Cônego Emídio, em carta com papel timbrado do hotel onde se achava, pede garantias ao cônsul brasileiro, e este veio pessoalmente entender-se com S. R. modificando-se para melhor a situação dos

peregrinos.

Partindo de Paris 25 minutos depois do Arcebispo e do Cônego Emídio, o Cônego Assis chegou primeiro a Bordeaux. A seguir, chegou o Cônego Emídio, pelo incidente já referido, e só algum tempo depois, o Arcebispo.

Não sem muito trabalho encontrou D. Adauto o hotel do Cônego Emídio, onde saciou a fome com os únicos alimentos disponíveis: pão, açúcar e água.

O Pe.Godoi, um sacerdote brasileiro, sulista, se achava em Bordeaux, e fortes suspeitas recaíram sobre sua pessoa por parte da polícia de vigilância – uma vez que ora trajava ele à secular, ora se apresentava de batina. Preso como um possível espião, lá se ia o Pe. Godoi entre dois militares armados que lhe gritavam: "Vá na frente e não corra".

A intervenção oportuna de D. Adauto defendeu e salvou daquele vexame ao Pe. Godoi.

Rendendo mil graças a Deus embarcou D. Adauto com seus companheiros, de Bordeaux para Madrid, num trem de mobilização pejado de soldados – todos em atitude muito respeitosa para com os nossos viajantes, honra lhes seja. Pouco antes, uma jovem francesa, voluntária da guerra, se ajoelhara diante do arcebispo pedindo-lhe a bênção e partira para o *front*.

Em Madrid se hospedaram num dos inúmeros hotéis da *Puerta del Sol*, iniciando as *demarches*, trabalhosas *demarches* para a volta, sobretudo porque os viajantes, sem poder sacar no momento, se achavam sem numerário. As cartas de crédito haviam perdido praticamente todo o valor.

Soube D. Adauto que a nobre matrona espanhola, a Marquesa de Comilas, era proprietária de uma companhia de vapores espanhóis. Dirigiu-se ao seu solar com os companheiros e depois da apresentação lhe fez com polida bonomia a proposta: "Senhora Marquesa, facilite-nos a volta para o Brasil ou nos aceite como seus capelães". A marquesa se entendeu com o filho, à frente dos negócios da empresa, ordenando-lhe que arranjasse no primeiro navio, a partir de Cadiz, passagem até o

Rio de Janeiro para o arcebispo e sua comitiva.

Após a resposta favorável, seguiram os peregrinos para S. Sebastião, onde o rei da Espanha, Afonso XIII, veraneava com a corte, e daí para Bilbau e Cadiz, donde regressaram ao Novo Mundo a bordo do "Leão XIII", do Loide Espanhol. Era 25 de agosto.

Foi por essa ocasião que D. Adauto tomou conhecimento da morte de Pio X e da ida do cardeal Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, para o conclave donde saíra eleito o novo pontífice. A visita *ad limina* do Cardeal tomara, em face das circunstâncias, aquele caráter.

No dia 30, aniversário de S. E. R. houve festiva comemoração a bordo: missa acompanhada a cânticos, recepção a *champagne*.

A 7 de setembro ancorava o "Leão XIII" no Rio de Janeiro, efetuando cada um dos viajantes o pagamento de 18 pesetas à empresa que tão grande favor, de resto, lhes prestara.

Não obstante a hora – pois a polícia marítima permitira o desembarque pela madrugada - os repórteres assediaram o arcebispo esperançosos de declarações sensacionais, vindo ele, como vinha, da fornalha da Europa: sobre o estado de espírito das populações, a responsabilidade pelo conflito, a guerra dos gabinetes, as possibilidades dos beligerantes em armas, munições e víveres...

"Eu não entendo nada disto, meus amigos", dizia D. Adauto passando, e assim escapou da turma de plumitivos.

Hóspede oficial da Arquidiocese, ficou o arcebispo com os seus companheiros no Palácio da Conceição, então residência do Cardeal-Arcebispo.[227]

"A Imprensa" de 25 de agosto noticiou em destaque o lutuoso fato da morte de Pio X, publicando na primeira página o clichê do Pontífice extinto com fartos informes sobre a última moléstia e o desenlance de Sua Santidade. Ressaltou os seus traços biográficos de maior relevo, focalizando a luta contra o modernismo, o decreto da 1ª

Monsenhor Manuel Paiva, os Desembargadores Caldas Brandão e Heráclito Cavalcanti, os Coronéis Jacinto Cruz e Carlos Alverga, os Drs. Francisco de Gouveia Nóbrega, Flávio Maroja, Manuel Tavares, Valfredo Guedes Pereira e Irineu Jófili, o Cônego Manuel Morais e os padres Matias Freire e Manuel de Almeida.[232]

"A Imprensa" de 4 de setembro noticiou a eleição do cardeal Tiago Della Chiesa, pelo conclave cardinalício reunido no Vaticano, para suceder a Pio X, na Cátedra Suprema da Igreja, com o nome de Bento XV.

Nascera o novo Pontífice em 1854 (21 de novembro). Fora educado no Colégio dos Nobres.

Exercera o relevante posto de secretário do cardeal Rampolla, ex-Secretário de Estado de Leão XIII, e atingira o cardinalato no último consistório de Pio X.[233]

"A Imprensa" de 8 de setembro registrou a chegada de D. Adauto no Rio de Janeiro (7 de setembro), em companhia dos Cônegos Francisco de Assis e Emídio Cardoso, e a de 11, a partida do arcebispo para a sua arquidiocese, marcada para o dia 13, a bordo de um paquete da Companhia "Lage".[234]

No dia 17 o Cabido e o clero promoveram na Catedral solenes exéquias em sufrágio da alma do saudoso Pontífice Pio X. Todas as classes e poderes estavam representados: o Presidente do Estado com seu Oficial de Gabinete, o Chefe de Polícia e outras autoridades.

Crepes simbólicos envolviam as colunas, pendiam das tribunas e emolduravam o catafalco. Oficiou no altar o Monsenhor Paiva, sendo diácono, subdiácono e mestre de cerimônias, respectivamente, o Cônego Morais, o Pe. Manuel de Almeida e o Cônego Moisés, que pronunciou também a oração fúnebre. A missa foi executada pela *Schola Cantorum* do Seminário, sob a regência do beneditino D. Vicente Blied. Compareceram ainda uma guarda de honra da Força Policial em 1º uniforme, sob o comando do Major Rodolfo Ataíde; 20 guardas-civis também em 1º uniforme; a oficialidade da Polícia em

ordenou que, como manifestação de pesar, se encerrasse o expediente nas repartições públicas, tomando o Estado luto oficial por sete dias, com os três primeiros feriados. Logo que foi confirmada a notícia pela Nunciatura, os sinos da capital começaram a dobrar finados e a bandeira pontifícia foi hasteada à meia verga na fachada do Palácio do Carmo. Os jornais no dia seguinte publicaram sentidos necrológios e o Governo do Arcebispado recebeu os pêsames do presidente do Estado por intermédio do Oficial de Gabinete, Alfeu Rosas.[228]

No dia 25 de agosto "A Imprensa" noticiava a eleição do Cônego Moisés Coelho para Bispo de Cajazeiras e do Monsenhor João Irineu Jófili para Bispo Titular de Sufétula e Auxiliar do Arcebispo de Olinda, D. Luis de Brito. "Temendo, porém, acrescenta "A Imprensa", por escrúpulos de consciência ou por influência da nítida compreensão da grande responsabilidade inerente ao múnus pastoral, não querem ambos aceitá-lo, declinando da elevada honra e dignidade de que se fizeram capazes por suas virtudes, zelo e ilustração. Resta-nos saber se serão atendidos os motivos de renúncia apresentados pelos eleitos".[229]

"A imprensa" de 1° de setembro homenageia D. Adauto, cujo aniversário passara na véspera, 30 de agosto.

"Ausente da Paraíba, o Sr. Arcebispo, escreve o editorialista, e de luto a Igreja, as manifestações dos católicos patrícios se cingiram a íntimos atos de piedade em benefício do insigne pastor.

Nas diversas igrejas desta cidade, continua, se fizeram mais de mil comunhões, sendo a maioria delas na Catedral".[230]

Procedente de Fernando de Noronha e a bordo do vapor "Leão XIII", chegou em 1° de setembro o seguinte telegrama do Sr. Arcebispo:

"Saúdo e abençôo, minha Paraíba – Arcebispo".[231]

Aproximava-se D. Adauto de sua terra, voltando da Europa sacudida em todos os quadrantes pelo furacão da guerra.

Numa demonstração de respeito e afeto ao seu desvelado pastor, o clero e a sociedade paraibana resolveram fazer-lhe condigna recepção. Da comissão organizada para promovê-la, faziam parte o

---

Compareceram ainda o Seminário e o Colégio Diocesano Pio X.

"A Imprensa" de 17 de setembro informou a chegada de D. Adauto para o dia 21, publicando o programa das homenagens e convidando as autoridades e o povo para a recepção às 4 e meia do referido dia 21, na estação da Great Western, para o cortejo que conduziria o arcebispo até a Catedral e para o *Te Deum* a realizar-se ali.[236]

S. E. R. chegou ao Recife às 7 e meia do dia 18, a bordo do "Itaquera". Foi recebido por uma comissão de sacerdotes paraibanos que para isto se transportara até Recife no dia 18, constituída do Cônego Sabino Coelho e do Pe. Manuel Tobias; pelo representante do arcebispo D. Luís de Brito e por grande número de sacerdotes do clero olindense. Daí rumou para o Palácio da Soledade, onde ficou hospedado, seguindo para sua sede na manhã de 21, em carro de luxo atrelado ao camboio da Great Western, gentileza do governo do Estado da Paraíba.

Em Timbaúba, o Vigário Simão Fileto, à frente do povo, o recebeu festivamente. Após o estrugir de possante girândola, foi S. E. R. saudado pelo Dr. Barreto Campelo, recebendo a seguir as boas vindas da família itabaianense, concretizadas num lindo ramalhete. Estavam presentes ainda o Monsenhor Luís Sales, Vigário de Campina Grande, o Pe. Abdias Leal, Vigário de Umbuzeiro, que foi portador também das saudações do 1° Vice-Presidente do Estado, Cel. Antônio Pessoa. A "Euterpe itabaianense" abrilhantou a recepção.

Em Coitezeiras espoucaram duas grandes girândolas na passagem do trem.

Em Entroncamento recebeu S. E. R. os cumprimentos de uma comissão vinda da capital integrada pelos Revmos. Padres Pedro Anísio e Frei Agostinho, O F M; pelos Drs. Antônio Massa, Chefe de Polícia, Venâncio Neiva, Juiz de Direito, Francisco Nóbrega, Juiz Federal Substituto, Frutuoso Dantas e Irineu Jófili, advogados; pelos Coronéis

Rio de Janeiro para o arcebispo e sua comitiva.

Após a resposta favorável, seguiram os peregrinos para S. Sebastião, onde o rei da Espanha, Afonso XIII, veraneava com a corte, e daí para Bilbau e Cadiz, donde regressaram ao Novo Mundo a bordo do "Leão XIII", do Loide Espanhol. Era 25 de agosto.

Foi por essa ocasião que D. Adauto tomou conhecimento da morte de Pio X e da ida do cardeal Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, para o conclave donde saíra eleito o novo pontífice. A visita *ad limina* do Cardeal tomara, em face das circunstâncias, aquele caráter.

No dia 30, aniversário de S. E. R. houve festiva comemoração a bordo: missa acompanhada a cânticos, recepção a *champagne*.

A 7 de setembro ancorava o "Leão XIII" no Rio de Janeiro, efetuando cada um dos viajantes o pagamento de 18 pesetas à empresa que tão grande favor, de resto, lhes prestara.

Não obstante a hora – pois a polícia marítima permitira o desembarque pela madrugada - os repórteres assediaram o arcebispo esperançosos de declarações sensacionais, vindo ele, como vinha, da fornalha da Europa: sobre o estado de espírito das populações, a responsabilidade pelo conflito, a guerra dos gabinetes, as possibilidades dos beligerantes em armas, munições e víveres...

"Eu não entendo nada disto, meus amigos", dizia D. Adauto passando, e assim escapou da turma de plumitivos.

Hóspede oficial da Arquidiocese, ficou o arcebispo com os seus companheiros no Palácio da Conceição, então residência do Cardeal-Arcebispo.[227]

"A Imprensa" de 25 de agosto noticiou em destaque o lutuoso fato da morte de Pio X, publicando na primeira página o clichê do Pontífice extinto com fartos informes sobre a última moléstia e o desenlance de Sua Santidade. Ressaltou os seus traços biográficos de maior relevo, focalizando a luta contra o modernismo, o decreto da 1ª comunhão das crianças em tenra idade e a nova codificação do Direito Canônico.

Ao ter conhecimento da morte de Pio X, o governo do Estado

ordenou que, como manifestação de pesar, se encerrasse o expediente nas repartições públicas, tomando o Estado luto oficial por sete dias, com os três primeiros feriados. Logo que foi confirmada a notícia pela Nunciatura, os sinos da capital começaram a dobrar finados e a bandeira pontifícia foi hasteada à meia verga na fachada do Palácio do Carmo. Os jornais no dia seguinte publicaram sentidos necrológios e o Governo do Arcebispado recebeu os pêsames do presidente do Estado por intermédio do Oficial de Gabinete, Alfeu Rosas.(228)

No dia 25 de agosto "A Imprensa" noticiava a eleição do Cônego Moisés Coelho para Bispo de Cajazeiras e do Monsenhor João Irineu Jófili para Bispo Titular de Sufétula e Auxiliar do Arcebispo de Olinda, D. Luis de Brito. "Temendo, porém, acrescenta "A Imprensa", por escrúpulos de consciência ou por influência da nítida compreensão da grande responsabilidade inerente ao múnus pastoral, não querem ambos aceitá-lo, declinando da elevada honra e dignidade de que se fizeram capazes por suas virtudes, zelo e ilustração. Resta-nos saber se serão atendidos os motivos de renúncia apresentados pelos eleitos".(229)

"A imprensa" de 1° de setembro homenageia D. Adauto, cujo aniversário passara na véspera, 30 de agosto.

"Ausente da Paraíba, o Sr. Arcebispo, escreve o editorialista, e de luto a Igreja, as manifestações dos católicos patrícios se cingiram a íntimos atos de piedade em benefício do insigne pastor.

Nas diversas igrejas desta cidade, continua, se fizeram mais de mil comunhões, sendo a maioria delas na Catedral".(230)

Procedente de Fernando de Noronha e a bordo do vapor "Leão XIII", chegou em 1° de setembro o seguinte telegrama do Sr. Arcebispo:

"Saúdo e abençôo, minha Paraíba – Arcebispo".(231)

Aproximava-se D. Adauto de sua terra, voltando da Europa sacudida em todos os quadrantes pelo furacão da guerra.

Numa demonstração de respeito e afeto ao seu desvelado pastor, o clero e a sociedade paraibana resolveram fazer-lhe condigna recepção. Da comissão organizada para promovê-la, faziam parte o

Monsenhor Manuel Paiva, os Desembargadores Caldas Brandão e Heráclito Cavalcanti, os Coronéis Jacinto Cruz e Carlos Alverga, os Drs. Francisco de Gouveia Nóbrega, Flávio Maroja, Manuel Tavares, Valfredo Guedes Pereira e Irineu Jófili, o Cônego Manuel Morais e os padres Matias Freire e Manuel de Almeida.[232]

"A Imprensa" de 4 de setembro noticiou a eleição do cardeal Tiago Della Chiesa, pelo conclave cardinalício reunido no Vaticano, para suceder a Pio X, na Cátedra Suprema da Igreja, com o nome de Bento XV.

Nascera o novo Pontífice em 1854 (21 de novembro). Fora educado no Colégio dos Nobres.

Exercera o relevante posto de secretário do cardeal Rampolla, ex-Secretário de Estado de Leão XIII, e atingira o cardinalato no último consistório de Pio X.[233]

"A Imprensa" de 8 de setembro registrou a chegada de D. Adauto no Rio de Janeiro (7 de setembro), em companhia dos Cônegos Francisco de Assis e Emídio Cardoso, e a de 11, a partida do arcebispo para a sua arquidiocese, marcada para o dia 13, a bordo de um paquete da Companhia "Lage".[234]

No dia 17 o Cabido e o clero promoveram na Catedral solenes exéquias em sufrágio da alma do saudoso Pontífice Pio X. Todas as classes e poderes estavam representados: o Presidente do Estado com seu Oficial de Gabinete, o Chefe de Polícia e outras autoridades.

Crepes simbólicos envolviam as colunas, pendiam das tribunas e emolduravam o catafalco. Oficiou no altar o Monsenhor Paiva, sendo diácono, subdiácono e mestre de cerimônias, respectivamente, o Cônego Morais, o Pe. Manuel de Almeida e o Cônego Moisés, que pronunciou também a oração fúnebre. A missa foi executada pela *Schola Cantorum* do Seminário, sob a regência do beneditino D. Vicente Blied. Compareceram ainda uma guarda de honra da Força Policial em 1° uniforme, sob o comando do Major Rodolfo Ataíde; 20 guardas-civis também em 1° uniforme; a oficialidade da Polícia em traje de gala, destacando-se o comandante Coronel Mário Barbedo, o Tenente-Coronel Aquiles Coutinho, o Major Abdon Leite, o Capitão

Elísio Sobreira, o Tenente Camilo Ribeiro e o Alferes Vicente Jansen. Compareceram ainda o Seminário e o Colégio Diocesano Pio X.(235)

"A Imprensa" de 17 de setembro informou a chegada de D. Adauto para o dia 21, publicando o programa das homenagens e convidando as autoridades e o povo para a recepção às 4 e meia do referido dia 21, na estação da Great Western, para o cortejo que conduziria o arcebispo até a Catedral e para o *Te Deum* a realizar-se ali.(236)

S. E. R. chegou ao Recife às 7 e meia do dia 18, a bordo do "Itaquera". Foi recebido por uma comissão de sacerdotes paraibanos que para isto se transportara até Recife no dia 18, constituída do Cônego Sabino Coelho e do Pe. Manuel Tobias; pelo representante do arcebispo D. Luís de Brito e por grande número de sacerdotes do clero olindense. Daí rumou para o Palácio da Soledade, onde ficou hospedado, seguindo para sua sede na manhã de 21, em carro de luxo atrelado ao camboio da Great Western, gentileza do governo do Estado da Paraíba.

Em Timbaúba, o Vigário Simão Fileto, à frente do povo, o recebeu festivamente. Após o estrugir de possante girândola, foi S. E. R. saudado pelo Dr. Barreto Campelo, recebendo a seguir as boas vindas da família itabaianense, concretizadas num lindo ramalhete. Estavam presentes ainda o Monsenhor Luís Sales, Vigário de Campina Grande, o Pe. Abdias Leal, Vigário de Umbuzeiro, que foi portador também das saudações do 1° Vice-Presidente do Estado, Cel. Antônio Pessoa. A "Euterpe itabaianense" abrilhantou a recepção.

Em Coitezeiras espoucaram duas grandes girândolas na passagem do trem.

Em Entroncamento recebeu S. E. R. os cumprimentos de uma comissão vinda da capital integrada pelos Revmos. Padres Pedro Anísio e Frei Agostinho, O F M; pelos Drs. Antônio Massa, Chefe de Polícia, Venâncio Neiva, Juiz de Direito, Francisco Nóbrega, Juiz Federal Substituto, Frutuoso Dantas e Irineu jófili, advogados; pelos Coronéis Jacinto Cruz e Alfredo Espínola.

Em Espírito Santo recebeu a homenagem do povo católico e

do seu vigário, Pe. José João.

Em Santa Rita recebeu os cumprimentos do vigário, Cônego Manuel Gervásio, à frente de luzida comissão.

O comboio penetrou na estação da Paraíba ao som do hino pontifício executado pela Banda da Polícia. Logo após recebeu D. Adauto os votos de feliz regresso do seu povo, representado pelo orador escolhido, Desembargador Heráclito Cavalcanti.

O Cônego Odilon Coutinho organizou o cortejo, que se dirigiu para a Catedral, ladeando ao arcebispo o presidente Castro Pinto, o Chefe de Polícia, Dr. Antônio Massa e o Monsenhor Manuel Paiva.

A Catedral regurgitava. Aos acordes do "Ecce Sacerdos", S. E. R. ingressou no templo, demorando-se por alguns minutos em oração na Capela do Santíssimo. Seguiu-se a oração gratulatória do Cônego Coutinho, o *Te Deum*, oficiado pelo Cônego Morais, sendo diácono e subdiácono, respectivamente, os Padres Florentino Barbosa e Nicodemus Neves. Grandes girândolas epilogaram o ato e, ao repicar festivo dos sinos da Catedral e do Carmo, o Sr. Arcebispo se recolheu ao seu palácio.

"A Imprensa" de 21 de setembro consagrou o seu editorial à chegada do arcebispo:

"Hosana"! Da cidade Eterna, a Metrópole do mundo católico, em cujas ruas milenárias centenas de mártires derramaram o seu sangue generoso em testemunho cruento da divindade de Cristo – da imortal Roma dos papas retorna hoje entre magníficas demonstrações de júbilo, ao seio carinhoso do seu rebanho, o nosso extremoso e desvelado pastor!".

A seguir, o editorialista fazia uma grande resenha das realizações do arcebispo em seus vinte anos de governo episcopal; a organização da Diocese, do Cabido, do Seminário e da Cúria Diocesana; as brilhantes cartas pastorais; os retiros do clero e as ordenações de dezenas de presbíteros; as visitas pastorais, a imprensa católica, as associações de âmbito diocesano; as escolas primárias, os colégios, a campanha pela cristianização do ensino.

Trazia ainda "A Imprensa" o resumo biográfico dos bispos

paraibanos D. Joaquim de Almeida, D. José Thomaz, D. Santino Coutinho, e dos recentemente eleitos D. Moisés Coelho e D. João Irineu Jófili.

Em nítidos clichês figuravam o pálio arquiepiscopal; o arcebispo como simples padre, Cônego do Cabido Olidense e Bispo da Paraíba; a Catedral, o Colégio Diocesano Pio X, o Palacete Abiaí, a 1ª residência episcopal à Praça S. Francisco, e o Palácio do Carmo.

No dia seguinte, 23 de setembro, às 6 e meia, S. E. R. celebrou missa de ação de graças na Igreja de N. S. do Carmo, à qual assistiu o Seminário, que viera apresentar ao prelado os cumprimentos de boas-vindas e receber a sua bênção.

Após a missa, foi o arcebispo saudado pelo menorista Francisco Lopes, representando os seus colegas.

Durante o dia, o Palácio do Carmo esteve aberto para os inúmeros visitantes que iam cumprimentar o Sr. Arcebispo.

Às 12 e meia, teve lugar o almoço que no mesmo palácio ofereceu o clero a S. E. R., no qual tomaram parte elementos de relevo do clero e da sociedade: os Monsenhores Moisés Coelho, Manuel Paiva, João Irineu Jófili e Luiz Sales; os Cônegos Manuel Morais, Sabino Coelho, João Milanez e Francisco de Assis; os Padres Matias Freire, João Gomes e Manuel de Almeida; o Presidente do Estado Dr. Castro Pinto; os Drs. Antônio Massa Cunha Pedrosa, Gouveia Nóbrega, Tavares Cavalcanti, Vasco de Toledo, Valfredo Guedes, Flávio Maroja, José Américo de Almeida, Alfeu Rosas, Irineu Jófili, Caldas Brandão, Olavo de Magalhães, Heráclito Cavalcanti, Bôto de Menezes e vários outros cidadãos.

O brinde do Dr. José Américo de Almeida ao arcebispo foi uma jóia de fino lavor literário. O Monsenhor Manuel Paiva falou em nome do clero. O presidente Castro Pinto saudou ao arcebispo em nome do Estado, considerando D. Adauto "o mais ilustre dos atuais filhos da Paraíba". O arcebispo agradeceu levantando o brinde de honra a Sua Santidade o Papa Bento XV.

Às 16,30, estiveram no Palácio do Carmo em visita ao arcebispo a Pia União das Filhas de Maria, do Colégio das Neves, e a

Obra dos Tabernáculos; às 17,30, o Colégio Diocesano Pio X externou a S. E. R. os seus sentimentos de júbilo, pela voz do aluno José Pereira Lira.

No dia 23, visitaram o arcebispo, cumprimentando-o pelo feliz regresso, os vicentinos, as associações religiosas da Catedral, tendo à frente o Vigário, Cônego Morais, as associações religiosas e o Círculo Operário Católico de Cabedelo, acompanhados do capelão, Pe. Pedro Anísio, as senhoras de caridade, a Santa Casa de Misericórdia com o seu porta-voz, Pe. Matias Freire, e as catequistas da Matriz de N. S. de Lourdes, com o Vigário Pe. Manuel de Almeida.

No dia 24, compareceram ao Palácio do Carmo os alunos de catecismo da Catedral com o mesmo fim, e no dia 25, o Apostolado da Oração de S. Pedro Gonçalves, com o seu diretor Frei Agostinho O F M.[237]

Os primeiros atos do arcebispo ao chegar de Roma foram: a determinação da oração imperada *pro pace*, em face do conflito europeu, em 22 de setembro, e a designação do primeiro domingo posterior a essa data para as homenagens da arquidiocese ao novo Pontífice reinante, por motivo de sua ascensão: exposição do S. S. Sacramento e *Te Deum* em todas as matrizes como ação de graças pelo feliz evento.[238]

Em 23 de setembro levantou S. E. R. a proibição que lançara sobre a leitura do "Malho", "atendendo à confiança que lhe merecia o atual censor nomeado pela autoridade eclesiástica, Dr. Plácido de Melo, um dos mais zelosos defensores dos princípios católicos".[239]

A "Imprensa" de 13 e 18 de outubro, respectivamente, noticia a morte do cardeal Domingos Ferrata, Secretário de Estado de Bento XV, e a nomeação do cardeal Pedro Gasparri para substituí-lo no alto posto.[240]

Após três dias de retiro pregado pelo Monsenhor Jófili, fizeram sua primeira comunhão trinta e dois alunos do centro de catecismo de N. S. Mãe dos Homens, 18 de outubro.

Presidiu o ato o arcebispo metropolitano, que dirigiu aos neocomungantes eloqüente fervorino. À tarde, tomou-lhes a renovação

das promessas do batismo o Cônego João Milanez, diretor daquele Centro de Doutrina Cristã.[241]

No dia 22, presidiu D. Adauto a 1ª comunhão de 70 alunos de catecismo da Catedral, distribuindo-lhes a S. S. Eucaristia e lhes falando em paternal alocução. A seguir, lhes ministrou o sacramento da confirmação. À tarde, o Monsenhor Francisco Severiano presidiu a renovação das promessas do batismo dos neocomungantes.[242]

23 de outubro. Publica "A Imprensa" em destaque:

"Ontem a Paraíba comemorou o segundo ano de governo do Exmo. Sr. Dr. Castro Pinto. Em tão curto espaço de tempo o que fez S. Excia. pela paz do Estado, pelo comércio, e de reformas e melhoramentos nas repartições e prédios públicos é um atestado assaz convincente da profícua atividade do seu governo. Mas o afã do nosso eminente patrício em elevar a magistrura ao sumo grau de valioso conceito e justa respeitabilidade pelo mérito e independência; a dedicação que vota S. Excia. aos princípios da democracia; o respeito que lhe merecem a opinião e o direito dos adversários; a lição de hermenêutica judiciária que veio, falando ou escrevendo, ministrar, verberando a desmoralizada instituição do júri, é o que mais sobreleva o nome do atual Presidente da Paraíba.

E por esse conjunto de facetas do prisma de sua administração em meio caminho, devemos esperar de S. Excia. tudo o que em delineamento nos prometeu no seu programa de governo".[243]

Às 13 horas do dia 22 noticia "A Imprensa", a Assembléia Legislativa recepcionou ao Presidente do Estado, que recebeu as saudações da casa pela palavra do seu Presidente, Pe. Matias Freire, agradecendo em formoso discurso. O arcebispo visitou no mesmo dia ao Presidente Castro Pinto, acompanhado do Cônego Odilon Coutinho, Secretário-Geral do Arcebispado.[244]

No dia 25, se realizou a 1ª comunhão dos alunos da Escola Noturna Gratuita S. José, anexa ao Seminário. As aulas de catecismo lhes foram ministradas pelos alunos teólogos do Seminário Nicolau Leite e João Bezerril. Pregou-lhes o retiro de preparação o Monsenhor Moisés Coelho. No mesmo dia da 1ª comunhão, na Igreja do Carmo,

foram crismados por D. Adauto e receberam as insígnias do Apostolado da Oração.[245]

Cônego Francisco Lima, último sacerdote da Arquidiocese da Paraíba ordenado por D. Adauto, aos 12 de março de 1932.

No dia 25, teve lugar ainda a Festa da Caridade, promovida por D. Maria Pecheco, no Teatro Sta. Roza, em benefício do Orfanato D. Ulrico – uma sessão lítero-musical que começou às 16 horas, iniciando-se com o canto do Hino Católico Brasileiro, composição musical de D. Vicente Blied, OSB. D. Adauto assistiu à festa no camarote da Presidência do Estado.(246)

"A Imprensa" de 27 de outubro noticia a láurea de Teologia Gregoriana de Roma ao sacerdote paraibano Pe. Inácio de Almeida.(247)

Em 8 de novembro, na Igreja Catedral de N. S. das Neves, o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano conferiu o presbiterato ao diácono Nicolau de Sousa Leite; o subdiaconato aos menoristas Pedro Cardoso, Francisco Lopes e João Bezerril; a primeira tonsura e as primeiras ordens menores aos seminaristas José Borges, José Coutinho, Luís Gonzaga de Lira, Severino Pires e Teodomiro de Queiroz.(248)

No dia 15, o Colégio Diocesano Pio X encerrou festivamente o seu 21° ano letivo. Fez o discurso oficial o Cônego Odilon Coutinho e a saudação às autoridades o aluno José Pereira Lira.

A parte recreativa constou da encenação do drama: "Um falso amigo", e da farsa: "Quem faz mal espere outro mal", por um grupo de colegiais; do "Canto do Adolescente", levado pelo aluno Rodrigo S. Duque-Estrada e de vários outros recitativos. A nota da festa foi o discurso do Presidente Castro Pinto, cuja voz, afirma "A Imprensa", "ecoou naquela casa de um modo emocionante e profundo, como se fosse o verbo evangelizador de um tribuno sagrado".

No dia 23, realizou-se o encerramento do ano letivo no Colégio de N. S. das Neves e a exposição dos trabalhos de agulha e pintura confeccionados pelas alunas.(249)

Em 26 de novembro, por volta de 12 horas, no Palácio do Carmo, ao levantar-se o arcebispo da rede em que descançava, para atender a uma visita, escorregou no assoalho encerado, fraturando a perna direita. Chamado com urgência, o Dr. Valfredo Guedes Pereira prestou-lhe os necessários socorros médicos, ficando S. E. R. em repouso até a consolidação da fratura. O Presidente do Estado visitou-o pessoalmente no mesmo dia e, até o seu restabelecimento, inúmeros

foram os amigos que lhe foram levar o conforto de sua presença e a expressão de seu carinho.[250]

"A União" de 1º de dezembro transcreveu dos jornais de Pernambuco o noticiário sobre a prisão do célebre bandoleiro Antônio Silvino, prisão efetuada no lugar "Lagoa da Lage", do município de Taquaritinga, Pernambuco, pela força da polícia pernambucana, sob o comando do Tenente Teófanes Ferraz Torres, grupo do sargento José Alvino (28 de novembro).[251]

Dias antes, na residência paroquial de Pocinhos, o temível facínora com seu malfadado bando injuriara a fartar o virtuoso vigário daquela paróquia, Cônego Antônio Galdino de Sales, obrigando-o a servir à mesa e lhe dirigindo por essa ocasião soezes pilhérias.[252]

"A Imprensa" de 4 de dezembro traz a confirmação do Cônego Moisés Coelho como Bispo de Cajazeiras, e a de 22, o agradecimento de D. Adauto às manifestações de amizade, amor filial e admiração que lhe vinham sendo prestadas por todos os diocesanos, desde sua volta da Europa e por ocasião do acidente de que fora vítima.[253]

Durante o ano de 1914, ocuparam freqüentemente as colunas de "A Imprensa" os padres Pedro Anísio e Florentino Barbosa versando com proficiência sobre assuntos filosóficos e pedagógicos, históricos e econômicos. Haja vista o alentado estudo do Pe. Florentino sobre a cultura do café na Paraíba, com interessantes e preciosas observações.[254]

Notas

(1) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estab. Graf. "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, 2º vol., pág. 730.

(2) Em agosto de 1910, o Pe. Álvaro César seguiu licenciado para o Rio de Janeiro, frisando bem, ao despedir-se dos seus paroquianos, que continuava vigário de Bananeiras. Voltando em setembro de 1911, reassumiu a paróquia, para deixá-la definitivamente em outubro do mesmo ano. Foi seu substituto o Pe. João Onofre.

(3) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 371.

(4) Ibidem, pág. 719.
(5) "A União". Coleção de 1910.
(6 a 20) Ibidem.
(21) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 728 e 729.
(22) "A União". Coleção de 1910.
(23) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 726, 727 e 728.
(24) "A União". Coleção de 1910.
(25) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 731.
(26 a 29) "A União". Coleção de 1910.
(30) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 729 e 730.
(31e 32) "A União". Coleção de 1910.
(33 a 35) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano v, nº 6, junho de 1911.
(36) "A União". Coleção de 19 11.
(37) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano V, nº 1, janeiro e fevereiro de 1911.
(38) Ibidem.
(39) Cônego F. Severiano, obra citada, págs. 774 e 775.
(40) "A União". Coleção de 1911.
(41) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 780.
(42 a 44) Ibidem, págs. 775 - 777.
(45) "A União". Coleção de 1911.
(46) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 775.
(47) "A União". Coleção de 1911.
(48) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano V, nº 6, junho de 1911.
(49) "A União". Coleção de 1911.
(50) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano V, nº 6, junho de 1911.
(51) "A União". Coleção de 1911.
(52) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 777.
(53 a 69) "A União". Coleção de 1911.
(70) "A União". Coleção de 1911.
(71) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 779.

(72) Ibidem, pág. 777.

(73 e 74) "A União". Coleção de 1911

(75) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 775. As irmãs da Sagrada Família estiveram no Colégio Sta. Rita de Areia até 1919, quando se retiraram. Com a grande dificuldade de transporte e comunicações, era difícil manter um colégio feminino, em regime de internato, distante da capital. De 1919 a 1936 funcionou no prédio o Curso "Júlia Leal" dirigido por esta conhecida educadora areiense. Em 1937 uma congregação de Madres Franciscanas Alemãs ali instalou, sob os auspícios arquidiocesanos, a "Escola Normal Sta. Rita", hoje Ginásio Sta. Rita, com curso pedagógico do 2° ciclo anexo – estabelecimento de ensino dos maiores e dos mais eficientes do Estado.

(76 a 91) "A União". Coleção de 1912.

(92) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano VI, n° 3, março de 1912.

(93) "A União". Coleção de 1912.

(94 e 95) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano VI, n° 2, fevereio de 1912.

(96 a 98) "A União". Coleção de 1912.

(99) Cônego F. Severiano. Anuário Eclesiástico da Paraíba. Estab. Graf. "Torre Eiffel". Paraíba do Norte, 2° vol. pág. 805.

(100 e 101) Cônego F. Severiano, ibidem, pág. 806.

(102 a 104) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano VI, n° 5, maio de 1912.

(105 e 106) Boletim Eclesiástico da Diocese da Paraíba, ano VI, n° 6, junho de 1912.

(107 a 113) "A Imprensa". Coleção de 1912.

(114) "A União". Coleção de 1912.

(115) "O Estado da Paraíba". Coleção de 1912.

(116 e 117) "A Imprensa". Coleção de 1912.

(118) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 807.

(119) "A Imprensa". Coleção de 1912.

(120) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 807.

(121 a 126) "A Imprensa". Coleção de 1912.

(127) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 808.
(128 a 143) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(144) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 837.
(145 a 167) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(168) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 842.
(169 a 179) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(180) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 844.
(181 e 182) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(183) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 845.
(184) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(185) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 845.
(186) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(187) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 845.
(188 a 195) "A Imprensa". Coleção de 1913.
(196 e 197) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 881.
(198 e 199) Ibidem, pág. 883, 884 e 885.
(200 a 212) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(213 e 214) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 885.
(215 a 220) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(221) Impressões dos Monsenhores Francisco de Assis e Emídio Cardoso, companheiros de viagem de D. Adauto à Europa em 1914.
(222) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(223) Impressões dos Mons. Francisco de Assis e Emídio Cardoso.
(224 e 225) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(226) Impressões dos Mons. Francisco de Assis e Emídio Cardoso.
(227) Ibidem.
(228 a 247) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(248) Cônego F. Severiano, obra citada, pág. 886.
(249 e 250) "A Imprensa". Coleção de 1914.
(251) "A União". Coleção de 1914.
(252 a 254) "A Imprensa". Coleção de 1914.